



PROGRAU-UFPEL

SERES LENTOS E VIDA URBANA

caminhografia pelas ruas de
Montevideo, Porto Alegre e Pelotas

Taís Beltrame dos Santos
Orient. de Eduardo Rocha

Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Dissertação (mestrado)

SERES LENTOS E VIDA URBANA
caminhografia pelas ruas de Montevideo,
Porto Alegre e Pelotas

Taís Beltrame dos Santos

Pelotas, inverno de 2021.

Taís Beltrame dos Santos

SERES LENTOS E VIDA URBANA
caminhografia pelas ruas de Montevideo,
Porto Alegre e Pelotas

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S237s Santos, Taís Beltrame dos

Seres lentos e vida urbana : caminhografia pelas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas / Taís Beltrame dos Santos ; Eduardo Rocha, orientador. — Pelotas, 2021.

360 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Urbanismo contemporâneo. 2. Filosofia da diferença. 3. Caminhografia. 4. Centro. 5. América subtropical. I. Rocha, Eduardo, orient. II. Título.

CDD : 711.4

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Eduardo Rocha

Pelotas, inverno de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Rocha | orientador

Professor no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Doutor em Arquitetura pela UFRGS (2010).

Prof. Dra. Adriane Borda Almeida da Silva | membro interno

Professora no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Doutora em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidad de Zaragoza (2001).

Prof. Dr. David Moreno Sperling | membro externo

Professor no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela USP (2008).

Prof. Dr. Fernando Freitas Fuão | membro externo

Professor no Programa de Pesquisa e Pós Graduação em Arquitetura da UFRGS. Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1992).

AGRADECIMENTO

À minha família, Pai, Mãe e Bubu, pela coragem de criar uma criança curiosa. Obrigada por terem me ensinado a beleza da dúvida e força do cuidado. Agradeço pela esperança, amor, incentivo e acolhimento que nos fazem nós.

Aos meu avós, obrigada pela atenção, coragem e permanência. Obrigada pelas saudosas memórias.

Ao dindo e à dinda obrigada pela segurança, pelo encantamento com os livros e pela sabedoria das viagens.

Ao meu companheiro, Humberto Levy, agradeço pela cumplicidade dos dias. Pela jornada inquietante e criativa. Obrigada por me ensinar tanto sobre o tempo da experiência. Obrigada por insistir no tempo da lentidão. Você me ensina e me aprende muito. Obrigada pelas conversas e pela calma.

Aos meus amigos do peito, que me ensinam a importância da rede de afeto, em especial à Nina, Rafa, Pache, Mathe, Paulo, Eduardo, Leti, Cancan, Bruna, Marina, Criles, Amanda, Gabi e Guile, pelas sempre pertinentes discussões sobre o presente, o passado e o futuro.

Ao meu orientador, Eduardo Rocha, obrigada pelas dúvidas, espreitas e inventividade. Obrigada pela complexidade do simples, pelo olhar da incerteza e pela imprecisão. Tu me ensina sobre a educação e a cidade em cada conversa. Obrigada pela sempre parceria e presença.

À Deka, professora-bailarina-urbanista-pesquisadora, que me ensinou primeiro à trilhar caminhos abertos e costuráveis de uma pesquisa, obrigada pelos encontros de corpo, movimento e alma.

Ao grupo de pesquisa Cidade e Contemporaneidade, pela partilha, esperança e pelo processo de pensamento. Em especial à Lorena, Vanessa, Carol Sebalhos, Carol Clasen, Luana, Rafa, Valentina, Bárbara, Shirley, Gustavo e Emanu. Vocês deixaram com certeza esse percurso mais leve e sinuoso. Obrigada por me ensinarem a desconstruir, a construir e reconstruir.

À Faculdade de Artes, pelo modo de ver as coisas. Ao Ateliê de cerâmica, em especial ao Damé e a Angélica pela circularidade, simplicidade e pelo fazer em processo.

À todos educadores que passaram pelo meu caminho e me ensinaram as possibilidades do pensamento e da imaginação.

À FeNEA, que me ensinou o poder do encontro.

Ao PROGRAU e à FAUrb, por terem sido lar. E a todos os colegas que compartilharam essa estada.

Aos meus primeiros leitores, Fuão e Paulinho pelos apontamentos feitos durante a qualificação dessa pesquisa que reverberam no caminhar. E agora, também a David e Adriane, por terem aceito o convite da leitura e presença. Obrigada pela generosidade e tempo.

À CAPES, pela bolsa que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O centro das cidades contemporâneas é composto por temporalidades e dinâmicas que condicionam um cenário múltiplo, aberto e em constante disputa. Buscando compreender algumas forças que tecem a experiência urbana no tempo lento – no sentido proposto por Milton Santos- essa pesquisa se desloca em três ruas de três cidades: A Avenida 18 de Julio em Montevideo; A Rua dos Andradas em Porto Alegre e a Rua Andrade Neves em Pelotas. Investiga as práticas e inventividades urbanas através do corpo em diversos cenários da estética do frio, se atentando aos atores, arquiteturas e dispositivos que conformam o encontro e o acolhimento. Os encaminhamentos são possibilitados pela Pedagogia da Viagem - e pela Caminhografia que propõe imersão no território investigado. A prática coleciona fotografias, mapas do acolhimento e anotações em um diário de campo, que quando revisitados e combinados, geram uma espécie de atlas sobre a temática. O resultado dessas andanças é cheio de provocações e reflexões e conta com a disposição do espectador para percorrê-lo. Por fim, gera-se algumas inventividades e pistas para o urbanismo contemporâneo que acolha a coexistência dos tempos e vivências urbanas ao sul da América subtropical.

Palavras-chave: urbanismo contemporâneo, filosofia da diferença, caminhografia, centro, América Subtropical.

RESUMEN

El centro de las ciudades contemporáneas está compuesto por temporalidades y dinámicas que condicionan un escenario múltiple, abierto y constantemente disputado. Buscando comprender algunas fuerzas que tejen la experiencia urbana en el tiempo lento - en el sentido propuesto por Milton Santos - esta investigación se mueve a lo largo de tres calles en tres ciudades: Avenida 18 de Julio en Montevideo; Rua dos Andradas en Porto Alegre y Rua Andrade Neves en Pelotas. Investiga las prácticas urbanas y la inventiva a través del cuerpo en diferentes escenarios de estética fría, prestando atención a los actores, arquitecturas y dispositivos que componen el encuentro y la recepción. Las derivaciones son posibles gracias a la Pedagogía del Viaje y al Camino, que propone la inmersión en el territorio investigado. La práctica recoge fotografías, mapas de la recepción y anotaciones en un diario de campo, que revisadas y combinadas generan una especie de atlas sobre el tema. El resultado de estos vagabundeos está lleno de provocaciones y reflexiones y cuenta con la voluntad del espectador para transitarlo. Finalmente, genera cierta inventiva y pistas para el urbanismo contemporáneo que acoge la convivencia de tiempos y experiencias urbanas en el sur de América subtropical.

Palabras clave: urbanismo contemporáneo, filosofía de la diferencia, caminografia, centro, América Subtropical.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: ACONTECIMENTO.....17

1. DO QUE SE TRATA ESSE TEXTO.....21

2. DAS CIDADES, DOS ATORES E DOS TEMPOS.....41

 O TEMPOS E AS LÓGICAS DO ESPAÇO.....46

 O ESPAÇO LISO E O ESPAÇO ESTRIADO.....51

 OS DISPOSITIVOS DE SUBJETIVAÇÃO.....54

 PRÁTICA DE RUA: ESPAÇO EM COMUM?.....56

Os artistas do banal.....63

A lentidão da deriva.....66

Os feirantes e os vendedores para-formais.....74

E quem são os seres lentos para nós?.....75

3. GRAFIAS E A CONSTRUÇÃO DE PROCESSOS.....79

 A CARTOGRAFIA.....82

A cartografia e a filosofia da diferença.....83

A cartografia como método de pesquisa-intervenção.....85

 A CARTOGRAFIA URBANA.....89

A caminhografia urbana.....90

 A PEDAGOGIA DA VIAGEM.....92

As etapas da pedagogia da viagem.....95

 OS MAPAS MOVENTES.....97

O diário de bordo.....99

A fotografia: partes de um mapa seriado.....101

Os mapas do acolhimento.....103

Mas como agenciar esses mapas?.....108

SEGUNDA PARTE: AS TRÊS RUAS E AS TRÊS CIDADES.....115

4. A AVENIDA 18 DE JÚLIO EM MONTEVIDEO.....119

 A RUA DE MUITAS RUAS.....121

5. A RUA DOS ANDRADAS: BERÇO DE PORTO ALEGRE...177

 ARUADAS DOBRAS.....182

6. ANDRADE NEVES: ARUANO MEIO DE PELOTAS.....225

 A RUA DE MÚLTIPLAS CAMADAS.....228

TECEIRA PARTE: AGENCIAMENTOS.....281

7. COLEÇÕES E INVENÇÕES.....283

 OS AGENTES DOS TEMPOS.....286

Os vendedores sedentários.....286

Os vendedores feirantes.....288

Os vendedores nômades.....289

Os moradores de rua, os guardadores de carro.....292

e os catadores

Os seres com tempo.....294

 OS CENÁRIOS DO ACOLHIMENTO.....295

Oscalçadões-penínsulas.....289

As praças-ilhas.....297

As esplanadas-espera.....301

As ruas de calçada oscilosa.....302

As enseadas perto da água.....302

 COLEÇÕES E MOVIMENTAÇÕES.....304

8. PISTAS E RASTROS.....333

 O QUE FICA PARA O PLANEJAMENTO.....334

 SOBRE A EXPERIÊNCIA E OS ACONTECIMENTOS..341

 A CAMINHOGRAFIA E SUAS POSSIBILIDADES.....344

 PRÓXIMOS PASSOS.....346

REFERÊNCIAS.....349

Esse escrito é um meio-entre-durante
pandêmico. Como uma escrita
cartográfica, requer corpo para
acompanhar os acontecimentos ainda
em curso.

ACONTECIMENTO

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, 1996, p.60.

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?

Clarice Lispector, em *a Hora da Estrela*, 1985.

Não sei muito bem quando os seres lentos me encontraram, ou quando deixei de ser parte. Cresci criança espoleta e atenta, de rua sem saída e fim de semana na casa da vó – no interior. Sempre fui de constituir territórios e subjetividades, mesmo antes de saber o que viria a ser isso. Curiosa e entusiasmada, fiz de tijolo - goleira, de lixeira- prisão e de sala vazia - império. Pulei muro, raspei o joelho, toquei campainha. A rua sempre foi meu chão: o paralelepípedo e a pedra de basalto, a grama, a areia e o concreto batido. Desde os 5 anos, o bairro que eu morei era perímetro inesgotável. E gastávamos horas depois da aula, ou até anoitecer em tempos de férias, pra descer pelo novo beco, pra cruzar o terreno baldio e andar de bicicleta...

Sempre precisei de espaço, e tinha meu quintal na calçada de casa, das casas. Não lembro bem com que idade comecei a sair sozinha, mas lembro bem que sozinha mesmo eu nunca estava. Andávamos em bando. E não tinha perigo, pois os caminhos eram rizomas. Em cada quadra morava uma criança, ou duas, ou três. Sempre acobertadas pelo olho da mãe, da tia, da vó, que dava um lanche e estendia o abrigo. Sabia o nome dos cães e gatos, as flores, os números, os atalhos e as linhas das calçadas. O bairro era meu, e nada me escapava.

Entrei na escola particular aos treze, e desde então o ir e voltar pra aula, de carro, mudou minha rotina. Passei a caminhar mais pelo centro, a pegar mais ônibus e a subir mais o morrão a pé. Não que eu morasse tão longe do centro. Duas ruas, dois morros. Cidade da serra. Quadrícula quase perfeita, vai entender... Aos poucos fui fazendo outros amigos

e percorrendo outros lugares. Passei a subir mais elevadores e a descobrir outras coisas. Mais rápidas. Caminhava com o intuito momentâneo de quem ocupa um lugar querendo estar em outro. A rua ficou ligeira. E continuou. Aos poucos meu corpo ganhou também a noite. Cheia de conversas boêmias e corridas apostadas na Júlio iluminada. Outros lugares, outras pessoas e outros assuntos. Mais deslocamentos sobre quatro rodas. Mais deslocamentos pra lugar nenhum. E todos.

Parei em Pelotas. Na Universidade Federal de Pelotas. Na cidade plana das bicicletas. Onde a calçada alta se encontra com a janela de peitoril. Um pavimento, dois, no máximo três. Ruas de chão alagáveis. Gabarito estreito. Tons pastéis. Chuva e cinza. Categorizei em eclético, nouveau e moderno. Aprendi a ver outras coisas. A dar outros sentidos. A rua, território efêmero, voltou a ser inesgotável. Virou encontro, compartilhamento e apropriação. Gostei. Comecei a olhar pra cima, de cima, pra baixo, entre. Comecei a descobrir a planta da casa pelas fachadas, a patologia pelas fissuras e a altura pelos andares. Meu corpo virou bailarino, artista, planejador. Meu corpo virou feminista. Meu corpo virou, mudou e tropeçou: berço de caóides agitadas, e novamente, curiosas. Merece. Fui passear.

Conheci Buenos Aires, Montevideo, Punta de Leste, Bogotá, Medellín, Cali, Villa de Leyva, Pereira, Barranquilla, Cartagena, Salento, Quito, Guayaquil, Corrientes, Córdoba, Salta, Jujuy, San Pedro do Atacama, Uyuni. Passei por Natal, Goiânia, São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Manaus. E vi, acima de tudo, um gosto latino americano de (des)constituir cidade. O sangue que ferve, o corpo que vibra, o encontro que acontece. Reconheci as gentes, os sotaques, as formas e os esbarros. Percebi: há tempo na rotina de quem acha na rotina um tempo.

As coisas começaram a operar. Os conceitos começaram a dar conta – e já não dar mais. E dividi a cidade em dicotomias.

Não é como se existisse o bem e o mal. Mas existe a ordem e a diferença. A estrutura e o vazamento. A norma e o ilegal. O público e o privado. Existem. Coexistem. Se interpelam, se atraem e se configuram. Quando me dei por conta estava cheia de dúvidas. Que já não cabiam mais no meu corpo arquiteto e urbanista. Que não cabiam mais no meu corpo, bailarina. Que não cabiam mais no meu corpo, Taís. A vida fez-se vazão. E comecei a espalhar, as angústias e pretensões por aí. Lambes. Performances. Acontecimentos. Encontros. Fiz da arte alegria. Cheguei na Filosofia, ou voltei a ela.

Encontrei-me com as grafias. As cartografias, as caminhografias, as corpografias, as coreografias. Deixem que me inscrevessem, me invadissem, me comunicassem. Pensei em algo pra dizer. Dancei a cidade. Esqueci. Escrevi, inscrevi e transcrevi. Achados. Sigo livro, leve. livre. Até onde? Modifiquei dúvidas. Dúvidas. Me formei. Um suspiro para seguir a diante. Um respiro que quer olhar pro outro. Uma arfada de pulção. Cheguei aqui. Formada, informada, in com formada. Pronta pra desinformar, pra desformar, pra re formar, trans formar, per formar. Não sei se sou arquiteta e urbanista. O que mais quero é ser arquiteta e urbanista. Bailo, sigo, volto. Me entremeio. Longitudinal.

Pausa.

Essa pesquisa é de mim para a Taís curiosa e viajante. Mas também é para os outros corpos que como eu, não querem fazer caber. É para aqueles todos que insistem em ressignificar, ultrapassar e transpassar as bordas, os limites, as fronteiras. É para aqueles que ainda vem na academia a oportunidade de pensar nas coisas. E questionam. E desconstroem. E se apegam. E querem estar no entre, sempre com as portas – e olhos, abertos. Lenta e perspicaz. Curiosa.

Escreve-se a história, mas ela sempre foi escrita do ponto de vista dos sedentários, e em nome de um aparelho unitário de Estado, pelo menos possível, inclusive quando se falava sobre nômades. O que falta é uma Nomadologia, o contrário de uma história. [...] Os nômades inventaram uma máquina de guerra, contra o aparelho de Estado. Nunca a história compreendeu o nomadismo [...].

Deleuze e Guattari, 1995, p.46.

DO QUE SE TRATA ESSE TEXTO?

Falar do tempo é discutir um problema que nasce junto com a filosofia. Utilizado como um marco de transcurso dos acontecimentos, o tempo foi contabilizado de formas distintas pelas diferentes comunidades que habitaram o espaço no transcorrer da história da humanidade. A proposição de tempo sempre esteve vinculada ao espaço, e mais do que isso, aos transcursos que se davam nesse sistema¹. Uma das razões que justifica essa associação é o fato de necessitarmos materializar o caráter transitivo próprio do tempo para compreendê-lo. Podemos considerar que o tempo como uma sucessão de eventos abstratos, desde que tenhamos em vista que o tempo como simultaneidade é palpável, porque interfere na vida cotidiana. “O espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço relacionadas com possibilidades diferentes de uso do tempo”².

O tempo e o espaço são ideias que imperam cotidianamente na vida em sociedade e que por ela são definidos. Pode-se definir, de certa forma, uma tríade histórica, que é interdependente: o tempo, o espaço e os acontecimentos. “O tempo seria uma ordem universal capaz de relacionar todas as alterações (acontecimentos em um dado espaço) umas com

1 WHITROW, Gerald James. O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Editora Za, 1993.

2 SANTOS, Milton. A natureza do espaço. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

as outras”³.

Se antes da invenção do relógio o tempo era um mecanismo da intuição, ele foi sendo globalizado e acelerado na medida em que a tecnologia foi inovada. A invenção do relógio de pulso, e a determinação de fusos horários em 1883, permitiu a sincronização das ações. O avanço tecnológico, marco desse mesmo período, possibilitou que mais coisas se sucedessem em uma menor lacuna de tempo. A partir da concepção das fábricas, com a primeira revolução industrial, a tecnologia se tornou o dispositivo determinante para as operações que configuram a produtividade em um tempo-espço. Em busca de uma maior eficiência, o homem passou a obedecer ao tempo das máquinas.

Se já existiam algumas cidades estruturadas na América Latina antes do século XIX, é no final do mesmo, e principalmente no início do século XX que o êxodo rural, a chegada de imigrantes e o surgimento de indústrias configura um novo tipo de cidade: a cidade moderna⁴. “A cidade começa a ser vista como motor da modernização social, em íntima relação com as forças produtivas e com a consolidação dos poderes políticos centralizados”⁵. A nova densidade populacional e à ascensão de um novo estilo de vida são amparados pela solução em

3 Yasuhira Kanayama, filósofo e professor no departamento de filosofia da Universidade de Nagoya (Japão), em seminário sobre o Tempo, nas conferências da Intercontinental Academia (ICA) realizada em Nagoya, Japão. Disponível em: <http://intercontinental-academia.ubias.net/nagoya/media-center/videos/intercontinental-academnia-second-phase-nagoya-thursday-march-10-lecture-by-yasuhira-kanayama>. Acesso em 09 jun. 2020.

4 Além das instalações industriais, a cidade modernizada requeria instalações educativas, como escolas e faculdades, bancos, mercados e ainda instituições de cuidado, como asilos, orfanatos e hospitais. A malha da cidade também era modificada por um novo gabarito de via, planos sanitários e instalações elétricas.

5 GORELIK, Adrián. A produção da “cidade latino-americana”. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 111–133, 2005, p.118. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-20702005000100005>

massa de modelos de desenvolvimento industrial, resultando em uma configuração de cidade muito próxima da que vivenciamos hoje, sempre em busca do melhor funcionamento.

Em contrapartida à funcionalidade praticada nos bairros centrais das emergentes cidades, o déficit habitacional e a precariedade gerados pelos tempos não convencionados às tais atualizações resultou em bairros residuais e não planejados. Uma série de peripécias coletivas foram inventadas nessas novas cidades: cortiços, barracos, favelas. Cultura! Presença que foi levada para os centros em busca de sustento. Enquanto a vida urbana passou a consumir o tempo e a inventividade rumo ao futuro em progresso, a periferia proferiu sua própria verdade, subordinada à estética acelerada, e adotou seus próprios conceitos ressignificados.

A manualidade, banalizada pelos parâmetros acelerados, regrados e padronizados foi escanteada pelos tempos rápidos⁶, muito embora sempre tenha deixado rastros e marcas de sua presença. Esse sistema de massa aliado ao planejamento, produziu significações em esferas da subjetividade. A inventividade foi ordenada pela rapidez da reprodução, e o processo criativo respaldado por um produto consumível. Na cidade moderna se produz mais coisas, mas acontecem menos. Fabrica-se mais, cria-se menos. Vive-se mais, Experencia-se menos⁷. Entretanto, mesmo com o empenho normatizador, ainda podemos destacar ações que condizem a essa prática acelerada e funcional, e ações que se relacionam com um tempo menor, mais lento.

6 SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo*. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

7 Assim como a produtividade, a quantidade de informação não denuncia experiência, e mais, é contrária a ela por consumir o tempo que seria necessário para tê-la. Sem experiência, entende-se aqui, que não há acontecimento. BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, 2002, p. 20-28.

Como atores de espaços não modernizados, ou ainda na contemporaneidade, espetacularizados, onde a alteridade continua sendo uma força de produção de território, encontram-se os seres lentos⁸. Por não alcançarem ou não quererem participar da aceleração exaltada pelos tempos rápidos, produzem diferença na contiguidade do lugar. Praticantes de um espaço nômade, efêmero e sem traçados formais, os seres lentos resistem.

Os espaços do tempo rápido são os espaços sedentários esquadrihados, predefinidos. O esquadrihamento do espaço estriado ou luminoso se rebate também no esquadrihamento do tempo, do tempo rápido. Nos espaços lisos, espaços indeterminados ou espaços opacos – que também são zonas de resistência, de insistência e de sobrevivência –, os tempos são mais lentos e livres⁹.

São livres porque profanam as leis, as normas e a própria ordem autoritária. Porque subvertem o tempo máquina das grandes produções. Porque precisam buscar outras formas urbanas de vivenciar os espaços que lhe são negados. O ser lento, sujeito de suas próprias carências, é mais do que as suas necessidades, ou melhor, do que a escassez a que se encontra submetido. Ele é, “em sua inteireza, cotidiano e espaço corporificado (lugar), necessidade e luta e anseio de liberdade¹⁰”. Os seres lentos são agentes das próprias regras que criam e deslizam.

8 Milton Santos propõe os termos *homens rápidos e homens lentos*, entretanto aqui se adotará a forma *seres lentos e seres rápidos*, pois a palavra homem é por si só generalista e hegemônica.

9 Paola Jacques utiliza a exemplificação em Elogio aos Errantes, livro em que tece uma história exaltando os movimentos e corpos nômades da cidade. JACQUES, Paola. Elogio aos Errantes. Salvador: Editora UFBA, 2012.

10 RIBEIRO, Ana Clara Torres. Corpo e imagem: alguns enredamentos urbanos. Cadernos PPGAU UFBA, Salvador, v. 5, 2007, p. 105–117.

Já os seres rápidos são agentes do estriamento, das normas e das operações de definição e fomento de uma estética global¹¹. São multinacionais, políticos, planejadores, estados e grandes empresários que necessitam o estriamento para manter o sistema que compõem, como um processo que necessita de uma padronização para realizar seu fim.

Como uma propriedade dos tempos rápidos, as ações aceleradas não possuem fronteiras e sustentam de certa forma o sistema do obsoleto, do abandonado e do indesejado, pois na contrariedade desses atrasos que reservam seu próprio locus no tempo-espaço. O tempo rápido é o tempo das pré-definições.

Os seres lentos são, portanto, responsáveis pelas práticas inventivas que insistem em reterritorializar¹² os espaços e produzir alteridade¹³. Os seres lentos são obrigados a criar suas próprias táticas ordinárias, que não seguem as leis abstratas dos tempos rápidos, mas que buscam utilizá-las, manipula-las e alterá-las¹⁴. São eles: ambulantes, artistas de rua, prostitutas, catadores, andarilhos, lavadores de carro, skatistas, pedintes,

11 “A estética global é uma sustentação de generalização dos desejos e necessidades, que pode, teoricamente, ser alcançada, de qualquer lugar desde que se tenha as condições necessárias”. SANTOS. Op. cit., nota 6.

12 “Reterritorializar é um movimento do Ritornelo. O ritornelo tem os três aspectos, e os torna simultâneos ou os mistura: ora, ora, ora. Ora o caos é um imenso buraco negro e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro. Ora organizamos em torno do ponto uma pose (mais do que uma forma) calma e estável: o buraco negro deveio em um em-casa. Ora enxertamos uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro. [...] O papel do ritornelo é territorial, é um agenciamento territorial – de um território existencial (uma forma de existir e produzir subjetividade)”. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.4. São Paulo: editora 34, 1997.

13 A alteridade como o que margeia dois territórios existenciais e é produzida pela diferença. GUATTARI, Felix. Caosmose: um novo paradigma estético. 4ªed. São Paulo: editora 34, 1992.

14 CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 87.

crianças, velhos, loucos etc¹⁵. Corpos outros, que reinventam os territórios¹⁶, os acontecimentos e os usos das cidades.

Beirando o ilegal, enquanto modificadores da cidade formal, podem ser considerados para-formais¹⁸.

O para-formal se apropria de categorias alternativas para explorar o campo do meio, as zonas intersticiais da cidade ordinária. Para-formal, nesse sentido, é algo artificial e provisório, algo relativo à forma, mas que ao mesmo tempo não se configura como tal. É um lugar do cruzamento entre o formal, no sentido de formado, e o informal, no sentido de em formação, entre o previsível e o imprevisível. Para-formal embaralha, assim, os conceitos tradicionais do formal, como o que é amparado pela legislação, e o informal, como o não protegido por leis, estabelecendo-se sobre o que habita a fresta entre eles¹⁹.

O para-formal também da conta de explicitar as outras

15 SANTOS. Op. cit., nota 6.

16 O território não é visto aqui como um território somente físico, mas como um território existencial, que apresenta um modo de ser, ou ainda um modo de expressividade. É definido por Deleuze e Guattari como o que marca a distância entre dois seres da mesma espécie. Sendo a distância não uma medida, mas um ritmo. DELEUZE; GUATTARI. Op. Cit. Nota 12.

17 No mesmo sentido, Paola Jacques propõe as corpografias, também como territórios existenciais, que particularizam os sujeitos, enquanto os incluem em grupos de semelhanças. JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. 08, São Paulo, 2008.

18 O conceito de para-formalidade, é de originário no Gris Público Americano (GPA) por um grupo de arquitetos argentinos com sede em Buenos Aires e propõe investigações que tem como ponto central as situações de controvérsias urbanas, polêmicas e/ou complexas.

19 ALLEMAND, Débora Souto.; ROCHA, Eduardo.; PINHO, Rafaela Barros de. Descobrimos a cidade para-formal: controvérsias e mediações no espaço público. Virus 10, São Carlos, 2014. O grupo de pesquisa brasileiro Cidade + Contemporaneidade, o qual faço parte, é orientado pelo prof. Dr. Eduardo Rocha, e localiza-se em Pelotas. Estudou Os Lugares do Para-formal: marquises, abandonos e vazios no processo de planejamento urbano, possui ainda trabalhos publicados em: <https://paraformalnafronte.wixsite.com/fronreira/para-formal->.

regras, ou ainda linguagens, que compõem de outra forma esses atores. O fato de esses não se adequarem aos tempos rápidos, e não conseguirem cumprir as regras incoerentes à sua realidade não significa que não exista uma outra estrutura que fomenta esse território. Ao passo que essa outra estrutura é menos impositiva, também é vinculada às organizações, e também permite o desvendamento de aspectos sobre a vida das cidades.

Os para-formais não são só agentes das ruas centrais. Mas produtores das solidariedades e modificações em seus próprios bairros, condomínios e edifícios. Se nos bairros de maior poder aquisitivo, inclusive em condomínios fechados, seguem-se regras de planejamento e necessidades produzidas pela estética global e seu mercado de consumo, nos bairros mais pobres, reinventam-se as formas de morar e produzir. Adaptam-se edifícios, praças, goleiras, paradas de ônibus. Reinventam-se caminhos, transportes e demandas de acordo com uma necessidade que beira a solidariedade e tem em vista a sobrevivência daqueles que habitam o lugar. O tempo é outro. O espaço é outro.

Se essas correspondências se repetem, mesmo que com diferenças, nas cidades grandes, não são desdobradas da mesma forma em cidades pequenas, ou em cidades da fronteira. Como apresentado nas dissertações de Luana Pavan Detoni, “Cidades Pequenas: território de um devir menor na contemporaneidade”²⁰ e Lorena Maia Resende: “Cartografia urbana na linha de fronteira: travessias nas cidades-gêmeas

20 DETONI, Luana Pavan, Cidades pequenas: territórios de um devir menor na contemporaneidade. Dissertação (mestrado). Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Pelotas, 2018.

Brasil-Uruguay”²¹, mesmo que os desejos perpassem a lógica de estética global, a aceleração dos espaços que configura essas cidades não é suficiente para produzir a velocidade almejada. E, portanto, essas cidades, quando comparadas com capitais, por exemplo, podem ser dadas como cidades lentas. As táticas investidas são outras, pois os problemas são outros. O que nos remete à afirmação de Milton Santos: os tempos nunca são absolutos.

Logo, é necessário colocar, que embora a tecnologia e as políticas globais venham se empenhando para designar um tempo universal e hegemônico, ativamente é impossível que esse exista. Pois o tempo se relaciona diretamente com a prática do espaço.

O que existe são temporalidades hegemônicas e temporalidades não hegemônicas, ou hegemônicas. As primeiras são o vetor da ação dos agentes hegemônicos da economia, da política e da cultura, da sociedade enfim. Os outros agentes sociais, hegemônicos pelos primeiros, devem contentar-se de tempos mais lentos²².

Uma temporalidade não existe sem a outra, afinal, são necessárias as temporalidades lentas para que se concebiam as temporalidades rápidas, e vice-versa. E sobretudo, ambas podem coexistir no mesmo lugar. Essas temporalidades se interferem e se adequam, se encontram, se afetam²³. Os territórios se moldam, transformando e consolidando uma

21 RESENDE, Lorena Maia. Cartografia urbana na linha de fronteira: travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel.. Pelotas. 2019.

22 SANTOS. Op. cit., nota 6, p.13.

23 SPINOZA, Benedictus. Ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

rede entremeada e totalmente rizomática²⁴ a qual costumamos denominar cidade.

Se o urbanismo consolidado e planejado é homogeneizador, coexiste com o urbanismo praticado que todos os dias busca técnicas de profanação e novos dispositivos de adaptação às leis que o estabelecem. Entendendo que a estrutura que foge do estriamento e o ressignifica pode suscitar saídas criativas para a compreensão e a formulação de uma cidade mais múltipla e territorializada, diversos estudiosos vem reconhecendo a importâncias desses agentes minorizados.

Paola Jacques, em Elogio aos Errantes, os define como “Outros Urbanos: aqueles que escapam – resistem e sobrevivem, da anestesia pacificadora, que tende a espetacularizar as cidades”²⁵. Certeau os define como praticantes ordinários da cidade: corpos inviabilizados e ignorados que compõem uma história múltipla, sem autor ou espectador e desenvolvem táticas cotidianas de resistência²⁶. Podemos ainda citar o importante estudo de Ana Clara Torres Ribeiro²⁷, estudiosa de Milton Santos, que vincula aos sujeitos corporificados não só a resistência perante um poder hegemônico, mas também sobre a resiliência contrária à exacerbada iluminação e militarização dos espaços.

Entendendo a vida urbana como um processo ativo de

24 “O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada. São mais do tipo rizoma, com múltiplas entradas, heterogêneos neles mesmos. Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva-daninha”. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.1. 2. ed. São Paulo: editora 34, 1995, p.15..

25 JAQCUES. Op. cit., nota 9, p.25.

26 CERTEAU. Op. cit., nota 14.

27 RIBEIRO. Op. Cit. nota 10.

produção de subjetividade coletiva²⁸, e, portanto, de cidade psicogeográfica, que margeia as velocidades mais lentas em busca da experiência do acontecimento, busca-se investigar os seres lentos e suas práticas e táticas de astúcias cotidianas, procurando um novo ordenamento que dê abertura aos tempos não universalizados e acolha as coexistências. Pauta-se por um urbanismo da vida urbana, que procure reverter as práticas que o projeto urbanístico procura excluir.

Celma Paese pontua a importância de:

Refletirmos sobre os modos atuais de experiência urbana, onde diariamente as potências do por vir do cotidiano transgredem e ressignificam os usos espaciais propostos, como uma forma de compreender e refletir sobre as próprias práticas do arquiteto e urbanista²⁹.

Como esses agentes utilizam os espaços normativos no centro das cidades? Como os subvertem? Como nós, como arquitetos e urbanistas podemos pensar e planejar os lugares públicos nos centros das grandes cidades que acolham o bom-encontro³⁰ entre os tempos?

28 A subjetividade é sempre uma produção individual, coletiva e institucional. São componentes que concorrem para produção de subjetividade, segundo Guattari: 1. componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. elementos fabricados pela indústria dos mídia, do cinema, etc. 3. dimensões semiológicas as significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então as axiomáticas propriamente linguística. GUATTARI. Op. cit., nota 13, p.11.

29 PAESE, Celma. Contramapas de acolhimento. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Arquitetura – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016, p. 24.

30 Os bons encontros são sempre um momento onde nos tornamos mais próximos do mundo e de nós mesmos, ampliando a nossa capacidade de afectar e ser afectado ativamente, em busca da felicidade. SPINOZA. Op. Cit. nota 23.

Buscando compreender as dinâmicas que compõem e qualificam a vida urbana, a presente pesquisa se propõe a experimentar, três ruas:

Avenida 18 de Júlio em Montevideo, a Rua dos Andradas em Porto Alegre e a Rua Andrade Neves em Pelotas. A proposta se expande em territórios destintos e complexos: três ruas históricas e centrais, consequências das ligações e afastamentos gerados em territórios domesticados que sofrem a hegemonização da globalização, mas ainda assim resistem, guardando uma profunda heterogeneidade nos processos sociais que nelas ocorrem³¹. As ruas escolhidas possuem gabaritos, fluxos, temporalidades e centralidade distintas, mas são reconhecidas por abrigarem as coexistências. E não é essa a característica da Sul-América?

As três cidades, compartilham a experiência do clima subtropical úmido e o que Vítor Ramil propõe como estética do frio:

Somos a confluência de três culturas, encontro de frialdade e tropicalidade. Qual é a base da nossa criação e da nossa identidade se não essa? Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história³².

A cultura condicionada pelo clima também é combinação das práticas que já estavam aqui quando os colonizadores chegaram, da própria colonização e dos imigrantes e escravizados que consolidaram as cidades. A história de guerras e revoluções, de entraves políticos e sociais, marcadas por vestígios materiais e imateriais configura a vida urbana e os encontros projetados na rua, suporte de múltiplos usos.

31 NUNES, Brasilmar Ferreira. NOTAS SOBRE SOCIEDADES METROPOLITANAS NA ERA GLOBAL. Cadernos PPGAUFBA, Salvador, 2007 p. 1–120, p.12.

32 RAMIL, Vítor. A estética do frio, conferência de Genebra. 1. ed. Pelotas: Satolep Livros, 2004, p. 24.

A escolha de ruas localizadas em centros comerciais de grande importância patrimonial é proposital, e por si só apresenta uma grande perversidade: enquanto são ruas importantes e pressupostamente rápidas – pois são verticalizadas e sedentárias, também são bens históricos - ultrapassados, e por isso mesmo lentas. Tendem a um urbanismo consolidado, mas permitem a alteridade dos tempos lentos por serem localizadas num local síntese das coexistências. O centro é o local das trocas e dos encontros por excelência, que segue à risca os princípios de espetacularização capitalista, mas também o subverte.

Em tempos onde a estética veloz é atrelada ao virtual, subverter esse tempo é também buscar o físico. De modo a compreender as dinâmicas que perpassam a história e prática desse território, e refletir sobre uma prática de cidade em devir, acompanharemos o processo a partir da cartografia urbana.

A cartografia como proposta de composição de pensamento, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, se dá de forma rizomática, e é condicionada pelo próprio percurso da experiência por transitar em um caminho ditado por afectos e perceptos³³, que são vivenciados por um corpo que experimenta da subjetividade, e se deixa deslocar por ela. Assim, os mapas moventes, resultados dessa prática, são registros de um percurso que se permite errar e se qualifica nessa errância. Procuram desconstruir a ordem consolidada em busca de uma nova ordem, da diferença.

A cartografia não possui regras ou prescrições e se constrói

33 Os perceptos e afectos são sensações, são seres, que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Os afectos são os devires não humanos do homem, algo que passa de um ao outro. Enquanto os perceptos são as paisagens não humanas da natureza, são seres de sensação que conservam em si a hora de um dia, o grau de calor de um momento. DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze, entrevista a Claire Parnet, em 1988, em vídeo, transcrito e traduzido por Tomás Tadeu da Silva.

enquanto acontece, pois é sempre uma invenção singular e individual, mesmo que arraigada em condições coletivas. A investigação da rua, como, elemento responsável pelo abrigo de diferentes identidades, amparada pelo método cartografia, se dá como uma pesquisa-intervenção³⁴. A pesquisadora, que vai pra rua caminhar e cartografar, exerce uma metodologia que vem sendo intitulada Caminhografia Urbana. O termo, cunhado pelo grupo de pesquisa Cidade e Contemporaneidade³⁵, entende:

O caminhar como prática social e estética; o método de ler a cidade; o dispositivo de apropriação, de criação de significado espacial, de lugar. Caminhar errando, derivando, performando. Caminhar para encontrar, para se perder, para (re)significar. E o cartografar acolhendo e escrevendo a cidade, o território, o lugar. Cartografar como acontecimento. Ação cartográfica para o encontro, ao encontro, para perceber mundos sobrepostos, o diferente, a diferença. Cartografar (des)controlando, errando, caminhografando³⁶.

Somando-se a caminhografia, a Pedagogia da viagem propõe

34 A intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência – o que podemos designar como plano da experiência. A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano de experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisadora e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação. PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da (org.). Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17–31.

35 Grupo de pesquisa, ensino e extensão que faço parte. É vinculado ao Laboratório de Urbanismo (LabUrb), Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPel), e vem desdobrando propostas e caminhos metodológicos da caminhada como prática estética e da cartografia. Mais informações em: <https://wp.ufpel.edu.br/cmaisc/>.

36 Texto retirado da chamada da 11ª edição da Píxo: Revista de Cidade e Contemporaneidade, que propõe como tema a Caminhografia Urbana. Mais informações em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo>.

uma vivência estrangeira nas diversas cidade trabalhadas, visando retirar a cartógrafa de seu cotidiano para incorporá-la em um território outro. A proposta de se aventurar como uma viajante em um outro lugar se estabelece em três etapas: o ir - preparar as malas, as direções, os afazeres; o estar - a própria imersão, a viagem; e o voltar - reordenar as bagagens, os aprendizados e as memórias. Nesse sentido, a pesquisadora vivencia um outro cenário para então falar sobre ele, experienciando o fazer-saber, da cartografia.

A metodologia escolhida traça uma nova perspectiva para o campo da pesquisa em arquitetura e urbanismo que se aproxima da cidade vivida para dizer sobre ela, e por isso se faz contemporânea. O tema, embora já tenha sido trabalhado em outros territórios, ainda não foi aplicado nessa outra estética, subtropical, sobretudo a partir das temporalidades propostas. Se faz necessária a formulação de pistas para a arquitetura e o urbanismo nesse outro centro da América Latina, mais ao sul, bem como da formulação de recomendações que fortaleçam os tempos menores nos centros dessas grandes cidades. Acredita-se que dar vazão a essas problemáticas é reconhecer a potência de corporeidades que vem sendo ignoradas, colonizadas, domesticadas e higienizadas.

É sempre importante, que como arquitetas e urbanistas pesquisemos e pensemos formas mais plurais e democráticas de interferir num território e que planejemos cidades mais abertas para a alteridade, que oportunizem e acolham vivências não espetacularizados. **Objetivando produzir pistas para um urbanismo contemporâneo que acolha os tempos lentos e se adeque às vivências urbanas da américa subtropical esse estudo tem o intuito de compreender outras formas de produzir cidade para suscitar outras formas de planejar o centro dessas cidades.**

Em consonância ao propósito de tal pesquisa busca-se, para

os três casos abordados:

- Discutir o conceito de seres lentos e derivações empregadas por diferentes autores em diferentes contextos, como Paola Jacques, Milton Santos, Michel de Certeau, Ana Clara Torres Ribeiro, Beatriz Sarlo, Daniel Mittmann entre outros, bem como dos espaços, tempos e dispositivos nas e das cidades, também suscitados pelos autores o por Gilles Deleuze e Félix Guattari, afim de definir o âmbito dessa pesquisa;
- Mapear os dispositivos e táticas de subversão utilizados pelos seres lentos nas diferentes cidades, através da pedagogia da viagem + caminhografia urbana, compreendendo esse outro ordenamento do espaço e as correlações entre os tempos e o acolhimento.
- Produzir mapeamentos a partir de registros fotográficos, diário de campo e mapas do acolhimento, com o intuito de compreender como coexistem os agentes e temporalidades nas diferentes ruas, e como esses agentes rompem com a estrutura veloz;
- Mapear os acolhimentos (hospitalidades e hostilidades) e as relações entre a vida urbana, a arquitetura e urbanismo experienciados nesse território de alteridade, buscando entender as redes de afecto que regem os usos proporcionados pelos espaços abertos e construídos;
- Compreender alguns projetos e planos bem como, as políticas adotadas nas diferentes cidades, para o planejamento dos espaços lisos e estriados, afim de indicar outras formas de abordagem que possam servir para que se fortaleça os bons encontros acolhedores entre os tempos.

No capítulo das cidades, dos atores e dos tempos,

adentraremos ao conceito de homens lentos, proposto por Milton Santos, aqui recriados como seres lentos. Entendendo as horizontalidades e verticalidades, discutiremos os tempos que regem a vidas nas cidades, e seus entremeios. Divagaremos pelos espaços lisos e estriados, configurados pelos tempos lentos e rápidos, para dizer sobre os dispositivos de fazer ver e falar e suas relações com o controle e profanação do cotidiano. Por fim, falaremos sobre a rua, um espaço em comum. Percorrendo a literatura, nos encontraremos com alguns caminhantes que teceram a prática estética da caminhada, tanto na França como no Brasil. E por fim, definiremos quem são os seres lentos no âmbito dessa pesquisa.

No segundo capítulo, Grafias e a construção de processos, compreenderemos o caminho que tecemos agenciando a filosofia da diferença, a cartografia e a psicogeografia, que culminou na caminhografia urbana. Também nos deteremos em compreender os dispositivos utilizados na metodologia, que possibilitaram a pedagogia da viagem e a criação dos mapas moventes, próprios da metodologia adotada: o diário de campo, a fotografia e os mapas do acolhimento. Ao final entenderemos: será que temos um atlas? Pra que tudo isso? Como agenciar essas cartas sobre a cidade?

Em As três ruas e as três cidades, segunda parte dessa dissertação, delinearemos uma tessitura entre as histórias das ruas, e das experiências possibilitadas pela Pedagogia da Viagem.

Primeiramente, no quinto capítulo, daremos conta da Avenida 18 de Julio, a rua da Independência de Montevideo. Tecendo uma narrativa entre o contexto político e histórico da mesma, percorreremos uma experiência de sete dias, com chuva e sol, frio e calor, que começa na Calle Sarandí e chega até o Parque Battle, por vezes se perdendo pela cidade. A experiência que

abre nossas viagens conta sobre as imersões e estados de ser estrangeira.

Já no sexto capítulo mergulharemos rapidamente na Rua da Praia, politicamente registrada como Rua dos Andradas. Da mesma forma, percorreremos em tempos já pandêmicos o calçadão dessa cidade, buscando dizer sobre o desordenamento de uma rua de muitas ruas, que começa no gasômetro e se estende até a Santa Casa. Em tempos calorosos – pleno janeiro, falamos sobre uma estética do frio no verão.

Já no sétimo capítulo, encerraremos nossa perambulação em casa, na cidade de Pelotas. Reconhecendo como a história do centro acompanha o carrossel político-econômico da Princesa do Sul, vivenciaremos algumas particularidades e potências do eixo norte-sul da cidade. Nessa rua, entenderemos um pouco das saudosas e progressistas ideias que configuram um centro lento da cidade de Pelotas e desbravaremos um pouco das muitas camadas que compõe essa reta-enseada nos dias de sol e noites de frio.

No oitavo capítulo, que abre a terceira parte desse texto, se apresentarão alguns agenciamentos a partir dos agentes dos tempos e dos cenários do acolhimento. Como uma nova ordenação do que foi lido, vivenciado e compreendido, comporemos a partir de semelhanças e diferenças alguns apontamentos possíveis. Ainda intrigados, proporemos as coleções movimentações, um exercício que usa dos mapas reunidos e do processo de encontro possibilitado pela *collage* a criação de mapas sempre emergentes.

Pensaremos, para conclusão do trabalho, pistas e rastros: novas possibilidades, particularidades e projeções para o planejamento do e sobre a rua no centro das cidades ao sul do sul. Procurando redigir também, comentários sobre essa experiência meio pandêmica de corpo todo, falaremos sobre

o método, seus procedimentos, e outras possibilidades de ser e projetar no centro dessas cidades. Como conclusão, não pretendemos receitar soluções, mas apenas indicar algumas pistas para que possamos repensar o centro de nossas cidades a partir do acolhimento dos tempos que coexistem na vida urbana.

Talvez você perceba, no delinear dos capítulos, que o texto é escrito em diferentes temporalidades e narrativas. E de fato o é. A pesquisa se estende por trinta meses e é tumultuada por diversos acontecimentos e conjugações, as vezes no plural, outras no singular e tantas do passado, pelo presente e ao futuro. O que você vai ler é a verdade, ou ao menos uma delas.

DAS CIDADES, DOS ATORES E DOS TEMPOS

O devir minoritário é um caso político, e apela a todo um trabalho de potência, uma micropolítica ativa

Guilles Deleuze e Félix Guattari, 1997, p.78.

As tentativas de construção de um mundo só sempre conduziram a conflitos, porque se tem buscado unificar e não unir.

Milton Santos, 1997, p.36.

Chamamos cidade a densa aglomeração urbana cujos princípios e percursos são permanentemente dirigidos e colocados à prova. Esquadrinhada por ruas e conformada por limites representacionais a cidade é produto da sedentarização, do controle e da materialização dos encontros. Sua escrita é revelada por meio do ordenamento e de diretrizes materiais e sua política é consolidada pelo viés praticado do território³⁷. A rua, palco dessa prática, é elemento morfológico fundamental da cidade, constituinte da divisão dos espaços e da conexão entre eles, da definição de limites e do vínculo entre as unidades.

A rua é um corte no interior de uma aglomeração, que serve, específica ou simultaneamente para atravessar uma zona da aglomeração, para ingressar em lugares situados na via ou próximos a ela, e para produzir espaço coletivo utilizado em diversos tipos de atividade³⁸. A rua é uma relação direta entre o assentamento da cidade e o território. Como eixo urbano, é parte de uma relação que propõe escala e hierarquia em diversas perspectivas. A rua é o elemento urbano que define a forma da cidade, possibilitando a circulação e impondo sua funcionalidade como uma permanência. Por ser tão

37 ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Editora Brasiliense – Série Primeiros Passos, 1988.

38 ASCHER, François. Las dos formas de compartir la calle. In: BORTHAGARAY, Andrés. (org.). ¡Ganar la calle! Compartir sin dividir. Buenos Aires: Infinito, 2009.

emblemática, enquanto princípio e forma, a rua pode ser considerada como um gesto criador da cidade³⁹. É a partir dela que se fundamentam outros espaços determinados.

Carlos Santos, indica que as ruas e os elementos urbanos que a assemelham, como as avenidas, as travessas e as ladeiras, são espaços públicos e abertos, que interligam propriedades coletivas e privadas. Mas mais do que isso, são territórios de ninguém e de todo mundo, suportes dos múltiplos usos que configuram uma sociedade. Às vezes vitrine, às vezes palco, a rua é posto de trabalho e também lugar de encontro. Com tudo o que oferece de troca e mistura, surge como elemento fundamental para o entendimento da vida urbana⁴⁰.

Abarcando vários fins, além de comportar veículos e abrigar pedestres, a função da rua remonta a um aspecto social, vinculado principalmente ao passeio, capaz de ampliar qualquer predefinição dessas vias⁴¹. Cada rua tem seu modo de ser, que tende a abrigar ou excluir uma série de acontecimentos. Tais sentimentos e pertencimentos diferem as diferentes vias, bem como os aspectos que acolhem ou hostilizam as inúmeras práticas cidadinas. Uma rua é uma conformação de simples ações corriqueiras, vivenciadas coletivamente. E por isso mesmo pode ser narrada como um corpo coletivo que diz sobre a cidade⁴².

Tendemos a classificar às ruas de acordo com suas funções

39 SANTOS, Carlos Nelson F. dos. A cidade como um jogo de cartas. Niterói: EDUFF, 1988.

40 FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson; VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 4 ed. ed. Rio de Janeiro: Eduff, 1980.

41 JACOBS, Jane. Morte e vida das grandes cidades. 3 edição ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

42 ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. In: Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. p. 21–46.

na cidade: arteriais, coletoras, locais; residenciais, industriais, comerciais. E por vezes nos esquecemos que além de uma ordem, as ruas têm vocação:

Algumas dão para Malandras outras para austeras; umas são pretensiosas, outras riem aos transeuntes e o destino as conduz como conduz o homem, misteriosamente, fazendo-as nascer sob uma boa estrela ou sob um signo mau, dando-lhes glórias e sofrimentos, matando-as ao cabo de um certo tempo. Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, ouras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue⁴³.

Sim, as ruas tem alma! Tem corpo. Mais do que a paisagem da vida como um todo, ou uma linha definida por um plano maior, as ruas são práticas menores, singulares e heterogêneas. Por excelência, e até genuinidade, são receptáculo da coexistência na cidade. Mais do que os parques e praças, as ruas são a própria vitalidade do meio, são a ordem da desordem, o planejamento do efêmero. As ruas são forma e fluxo do aspecto fundamental no processo identitário das cidades e na construção coletiva da subjetividade. Rua é território praticado. Ou melhor, rua é um conjunto de territórios praticantes.

O território é na verdade uma superposição de sistemas diferentemente datados, e usados, hoje, segundo tempos diversos. As diversas estradas, ruas, logradouros, não são percorridos igualmente por todos. Os ritmos de cada qual, empresas ou pessoas — não são os mesmos⁴⁴.

43 RIO, João do. A alma encantadora das ruas: crônicas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

44 SANTOS. Op. Cit., nota 6, p.22.

Isso porque há três grandes conjuntos responsáveis pela formulação de forças subjetivas, que configuram os sujeitos identitários sociais, e como esses praticam cada lugar, ou rua. O primeiro, é a subjetividade por ela mesma: instâncias intersubjetivas, cargas afectivas contagiosas que ultrapassam as reivindicações ideológicas ou políticas; o segundo, é parte da ordem do aparato social, da cultura de massa, da reprodução de significados; e o terceiro, é referente ao comportamento da espécie em um meio⁴⁵. Quando andamos nas ruas, somos afectados por todas essas camadas que compõe uma grande estrutura.

As variantes de um lugar, a linguagem corporal praticada, e as re-ações dos sujeitos nos espaços referem-se a um território existencial. Esse, é um modo de existir, que perdura por um espaço de tempo e que não é necessariamente atrelado a um espaço geográfico. O território é um modo de expressividade, produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos⁴⁶. É uma circunscrição do caos⁴⁷, o traçado de um domínio.

Em uma rua, sobretudo no centro de uma cidade, se encontram diversos territórios. Os múltiplos domínios que coexistem se provocam, se afectam, e esse contato é compreendido como alteridade. A alteridade é carregada por forças de afectão capaz de movimentar esses domínios subjetivos. Por isso ela é imprescindível para uma vida em sociedade. Sem alteridade, e as forças que dela emergem, não há movimento

45 Guattari expressa como aspectos comportamentais os etológicos e ecológicos. A etologia é o estudo do comportamento animal referente ao modo de vida de carácter transubjetivo, (como o sonho, o delírio e o amor). Por exemplo, embora um cavalo do campo e um cavalo de corrida pertençam a mesma espécie taxológica, não são etologicamente iguais. A ecologia é o estudo das relações entre os seres vivos ou entre os seres vivos com o meio em que vivem. GUATTARI, Op. Cit. Nota 13.

46 DELEUZE; GUATTARI. Op. Cit. Nota 12.

47 Segundo essa filosofia, o caos é tudo o que existe e ainda não foi organizado. Do caos é que nascem os meios e os ritmos e dos meios e dos ritmos que nascem os territórios.

de pensamento. E entendemos a rua como espaço propício para o bom encontro entre diferentes territorialidades e pensamentos.

A coexistência de diferentes é a chave da pluralidade e da criação na e da cidade. O encontro entre territórios distintos pode produzir um agenciamento⁴⁸, uma mudança de certezas necessária para heterogeneização da prática urbana. Na prática de rua, as forças homogeneizadoras estão todo tempo em alteridade com as forças de resistência e diferenciação, infinitamente redefinindo os sujeitos e seus modos de ser e habitar o espaço.

Analisando esse sistema dinâmico que chamamos cidade, e buscando compreender a transversalidade dos diversos processos inerentes a ela, Milton Santos propõe dois tempos indissolúveis e imprescindíveis ao sistema atual: os tempos acelerados, responsáveis pela reprodução de uma identidade padrão; e os tempos lentos, homogeneizados e inquietos, responsáveis pela pluralidade e criatividade. A esses tempos condiz o território, o espaço praticado e os agentes que o praticam, bem como as provocações e interferências.

Nessas relações, nos interessa discutir como esses dois tempos tensionam as ruas dos centros das cidades. Desvendando algumas das novas ordens geradas na configuração desses territórios, e compreendendo também alguns fluxos de forças que permitem a coexistência, e consequentemente a experiência de alteridade produzida por esses encontros. Entendendo a resistência e a subversão produzida e produção dos seres lentos como um importante dispositivo de subjetivação, busca-se discutir a importância da pluralidade nos espaços públicos, provocada pela intersecção dos diversos tempos, espaços e atores.

48 “O agenciamento é precisamente o crescimento das dimensões numa multiplicidade”. DELEUZE; GUATTARI. Nota 24. p.17.

OS TEMPOS E AS LÓGICAS DO ESPAÇO

Todos os lugares existem em relação com um tempo do mundo, embora nem todos os lugares sejam, diretamente, atingidos por ele. Ao contrário, os lugares se diferenciam, pelo fato de que são diversamente alcançados, seja quantitativamente, seja qualitativamente, por esses tempos do mundo. O tempo do mundo é o tempo, ou ainda a temporalidade, externa, que abrange todos os espaços independente de escala. É o tempo maior, avesso ao tempo menor, o tempo dos lugares. O tempo do mundo é uma sucessão abstrata de fatos, enquanto o tempo dos lugares é o tempo concreto, do desdobramento da vida e dos encontros⁴⁹.

Dessas relações de temporalidade, extraímos que o tempo verticalizado, veloz e da ordem mundo pode ser descrito como tempo rápido. Tempo acelerado das grandes empresas multinacionais, dos organismos internacionais e das ações políticas governamentais. Esse tempo global, não reconhece as fronteiras, as particularidades e os territórios subjetivos. É de uma ordem maior, que hoje se difunde rapidamente com as novas engenharias, por redes de internet e por contratos financeiros de capital mundial. É o tempo da exploração dos desejos de consumo e de controle, é o tempo de uma estética produto, a estética global.

Já o tempo lento, horizontalizado e opaco, é o tempo do acolhimento. Resultado de tudo o que não se encaixa, não cabe, não convém, ou ainda, não serve aos tempos rápidos. É o tempo das brechas e rupturas, do esquecimento. Do espaço praticado: o espaço banal. É o tempo da diferença, do encontro e da alteridade. Do que não sabemos reproduzir e não conseguimos entender. É o tempo da coexistência, que pratica

49 SANTOS, Milton. A natureza do espaço. 4 ed. 1 re ed. São Paulo: EDUSP, 2002, p. 122.

suas próprias regras e ocasiões. Milton Santos, nos propõem que é o tempo dos hegemonizados, mas arrisco dizer que é o tempo daqueles que a hegemonia não consegue moldar, e que por isso mesmo ignora. É o tempo da heterogeneidade.

Sendo assim, lento e rápido não são graus quantitativos, de movimento, mas dois tipos de movimentos qualificados, sejam quais forem as velocidades ou os atrasos, ou ainda as desacelerações. As verticalidades estão conectadas por vetores de racionalidades, permeadas por discursos pragmáticos e unitários. Criam regras a seu próprio benefício. As horizontalidades são coletivas, empenham união. São solidárias. Seguem as regras verticais, são teatro de “um cotidiano conforme, mas não conformista, e simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta⁵⁰”.

Em uma escala de produção, conveniente ao sistema do capital, essas temporalidades podem ser compreendidas também como circuitos. O circuito superior, dos tempos velozes, é de domínio daqueles que possuem o capital financeiro e produtivo, que sustenta os monopólios de produção. É o circuito das multinacionais que visam ao lucro e o investimento, sem prender-se a fronteiras. É o circuito das grandes corporações. Já o segundo, o inferior é o circuito dos empregados e consumidores. Daqueles que são abastecidos pelos empregos, produtos e ofertas do circuito superior. Diferentemente do primeiro, o circuito inferior gira o capital em uma escala territorializada, que aceita negociações e práticas menores. É ligado à escala banal, vinculada a sobrevivência e não à soberania⁵¹.

50 SANTOS, Milton. Da totalidade do Lugar. São Paulo: EDUSP, 2005, p.193.

51 SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

Por não considerarmos uma escala absoluta, pode-se falar de um circuito misto, que não domina os meios de produção ou de representação, mas domina a técnica: a classe média⁵². Em um tempo ainda lento, e de subordinação, mas não obsoleto, a classe média presta serviços aos tempos rápidos, e ambiciona o consumo de uma estética global. Talvez aqui se poderiam falar dos tempos médios. Os tempos dos agentes em aceleração, que embora exerçam certo domínio, não possuem poder de homogeneização, porque obedecem às regras dos tempos rápidos, como os tempos lentos.

Michel de Certeau também traz contribuições para essas reflexões, expandindo-as para a ordem do aparato social. O autor afirma que as instituições de poder dominam os meios de representação. Essas, podendo escolher o que será normatizado, reproduzido e planejado, negam e exploram, através de um discurso ideológico tudo o que foge de sua lógica de compreensão⁵³. Para o autor, a cidade habitada: um sistema conformado por fragmentos de trajetórias e ações da cidade real, que preza por alterações de espaços que indefinidamente permanecem outras, parte de uma mobilidade opaca e cega⁵⁴, que não quer ver as dinâmicas tal como realmente ocorrem. Assim, ignoradas por aqueles que dispõem dos meios de representação, as práticas dos tempos lentos são vistas como ordinárias, não legitimadas. Enquanto as práticas maiores são legitimadas por elas mesmas.

Há de se compreender que a divisão dos tempos nunca é absoluta, ela se aproxima, na verdade, a uma espécie de estado transitório. Os tempos se encontram, se convergem, e

52 Embora esses tempos não sejam necessariamente condizentes com as classes sociais, os circuitos em que os seres se inserem servem como um tipo de moldura, que direciona as pessoas para um lado ou outro da rede. Ibid..

53 CERTEAU. Op. Cit. , nota 14, p.83.

54 Ibid. p.159.

como alteridade se interseccionam. A divisão que se faz é uma proposta teórica de compreensão de dinâmicas, e como uma ação acadêmica é parte de uma apresentação. Fala-se de um tempo mundial, de atores hegemônicos e hegemonizados, mas têm-se a consciência de que em todos os lugares coexistem diferentes temporalidades. Pois mesmo nos tempos mais rápidos, se encontram as máquinas de produção de subjetivação⁵⁵. É impossível racionalizarmos completamente todos os sentidos, e muito embora os tempos mais rápidos sejam menos suscetíveis a diferenciação, justamente por que se ordenam dentro de uma estética planejada, são consumidores de exclusividades limitadas.

Todos esses conceitos, ordenanças da prática vivida: tempo, espaço, território e ainda representação, são administrados por espécies de redes, para Milton Santos, ou ainda rizomas, para Deleuze e Guattari. Dada a complexidade, conceito também explorado por Edgar Morin⁵⁶, sistemas de vetores tensionam as práticas, e por ela são tensionados, caracterizando os estados e temporalidades não singulares, amplos e coexistentes. Esses conceitos não são abstratos e isolados, e se movem como um todo moldando a práxis de desigualdades, principalmente através da técnica.

“A técnica é a grande banalidade e o grande enigma, e é como enigma que ela comanda nossa vida, nos impondo relações, modelando nosso entorno e, administrando nossas relações para com ele⁵⁷”. O espaço geográfico é mercadoria universal por excelência, é a técnica a ferramenta

55 DELEUZE; GUATTARI. Op. Cit. , nota 12, p.9.

56 MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado (org.). Para navegar no século XXI/21: tecnologias do imaginário e cibercultura. 3. ed. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2003. p. 13–36.

57 A técnica, capaz de revolucionar a operação dos tempos, também é artifice fundamental para compreendermos a lógica de subordinação. SANTOS. Op. Cit., nota 6.

indispensável de apropriação do espaço, e, portanto, critério de validação dos tempos. Os tempos rápidos, que dominam os mercados produtivos e financeiros, dominam também as técnicas. Os seres lentos, pensando em uma diferenciação extrema, seriam os seres sem técnica: totalmente obsoletos para os tempos rápidos. Pois ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais não incluídos, é como se apenas fossem arrastados a participar incompletamente da produção da história⁵⁸.

Não portadores das técnicas de aceleração os seres mais lentos reforçam a força própria do lugar, articulando ações espontâneas e culturalmente territorializadas, frequentemente baseadas em objetos tecnicamente menos modernos que permitem o exercício da criatividade⁵⁹. Intercalam-se, nos tempos mais lentos, técnicas e inventividades minorizadas, e ambas se fazem essenciais para a criação de táticas de apropriação e profanação dos territórios mais velozes. São sujeitos da experiência e da prática do saber-fazer. Criadores das gambiarras.

São os seres lentos que podem estar vinculados ao estado alternativo aos tempos rápidos. Podem, no sentido que a lentidão, configurada como princípio da experiência e inventividade, pode ser alcançada pelos tempos rápidos se esses bem quiserem. Assim, entende-se que a lentidão pode ser uma preferência; ou obrigação. Se os seres rápidos, correm, os seres lentos não possuem ou não querem usar os artifícios para se enquadrarem na hegemonia. Ou seja, mesmo que de posse dos artifícios necessários para desfrutar dos territórios mais acelerados, alguns agentes preferem submeter-se aos tempos menos velozes. Talvez como uma

58 SANTOS, Milton. Elogio da lentidão. trabalho necessário, [S. l.], v. 2, p. 1–4, 2004.

59 SANTOS. Op. Cit., nota 50, p.152.

prática de alteridade, de recriação de espaço e tempo, de imersão e diferença.

O ESPAÇO LISO E O ESPAÇO ESTRIADO

Dadas as qualidades dos tempos, ainda há de se discutir sobre os espaços. Não ao espaço físico propriamente dito, mas às práticas de território. Como já vimos, os tempos rápidos são configurados por um ordenamento racional (logos), sedentarizado, estriado, enquanto os tempos lentos são coerentes à nomadologia (nomos) dos espaços lisos. Entretanto, ambos são coexistentes, e devemos lembrar que os dois espaços só existem graças às misturas entre si: “o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado, e o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso”⁶⁰.

A homogeneidade, que pode ser medida, regrada, é a forma do espaço estriado, que reproduz e implica na permanência de um referencial, sempre fixo. Já o espaço liso é o espaço:

que só possui homogeneidade entre pontos infinitamente próximos, e a conexão das vizinhanças se faz independentemente de qualquer via determinada. É um espaço de contato, de pequenas ações de contato, tátil ou manual, mais do que visual, como era o caso do espaço estriado de Euclides. O espaço liso é um campo sem condutos nem canais. Um campo, um espaço liso heterogêneo, esposa um tipo muito particular de multiplicidades: as multiplicidades não métricas, acentradas, rizomáticas, que ocupam o espaço sem medi-lo, e que só se pode explorar avançando progressivamente⁶¹.

60 DELEUZE; GUATTARI. Op. Cit., nota 12, p.179.

61 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.5. 1. ed. São Paulo: editora 34, 1997 b.

A nomadologia do caminho liso, entretanto, não significa um constante movimento. O espaço liso e o estriado se diferem principalmente em torno do seu objetivo. Enquanto o primeiro é praticado por atores do espaço aberto, indefinido, informal, efêmero, o segundo distribui-se por territórios segmentados, fechados, passíveis de terem uma comunicação regulada. “O espaço sedentário é estriado por muros, cercados e caminhos entre os cercados, enquanto o espaço nômade é liso, marcado apenas por traços que se apagam e se deslocam com o trajeto”⁶². É mais marcado por afectos do que por propriedades, mais por intensidade do que por medidas.

O espaço estriado depende de uma perspectiva central, universal, determinada pelos tempos rápidos, de longe. Enquanto o espaço liso é de visão aproximada, e está em continuo agenciamento, em um processo de ritorno, que sempre dispõe de uma potência de desterritorialização⁶³. O mar é um espaço liso por excelência, pois está em constante movimento e não convoca eixos, ou referências.

A cidade, espaço que nasce estriado, especialmente na América do Sul, deixa brechas que cotidianamente a alisam. As ruas, e as grandes avenidas são essas caóides, que por horas são regulamentadas, por hora rompem com o planejamento. O pensamento é ação desviante – liso, a ciência, espaço estriado. Nessas ramificações do que é nomos e do que é logos, a vida urbana se compõe, ordenando e transgredindo. O espaço estriado é integral, matemático, e supõe sempre uma resposta pronta, que permite sempre o encontro entre a ação pretendida e o espaço ou objeto disponível com a melhor eficácia possível. São estriamentos: a bússola, a astronomia, a geografia e o ordenamento cidade. O espaço liso é do singular, do que se desenvolve horizontalmente, de

62 Ibid. p.52.

63 Ibid. p. 187.

forma fluante. Assim, o saber técnico, hegemônico se dá nas verticalidades⁶⁴, enquanto o saber-fazer, nas horizontalidades. Os seres lentos são alisadores do espaço praticado, estriado.

Enquanto as verticalidades convergem para um cotidiano obediente, com discursos e práticas pragmáticas, as horizontalidades assumem contra finalidades localmente geradas, que se empenham em um cotidiano conforme (afinal é preciso sobreviver) mas não conformista (afinal é preciso sobreviver), que abriga a cegueira e a descoberta, a complacência e a revolta⁶⁵. Que gerem o que a racionalização não é capaz de conceber, tampouco de compreender ou ordenar.

Em vista de Milton Santos, o estriamento está próximo à luminosidade, enquanto o alisamento, próximo a opacidade. Em regimes de visibilidade, podemos compreender porque os espaços iluminados são servidos aos tempos rápidos e os espaços opacos aos tempos lentos. Das áreas opacas “emanam discursos que costumam ser obscurecidos ou calados, por serem irracionais para usos hegemônicos, por comprometerem a aparência funcional do sistema criado pelo circuito superior”⁶⁶. São nas áreas opacas que encontram os aspectos negativos que o sistema reproduz, ancorado em desigualdades. As zonas opacas são assim chamadas pois nela não chega a luz do espetáculo. Pois não é permitido a instalação de holofotes que denunciem as manifestações de resistência que confrontam a hegemonização.

O sistema de tempos e espaços, é sobretudo, novamente afirmando, um sistema de representação, em que aqueles que estão autorizados a falar, e a reger as leis, também possuem o

64 Verticalidades adotadas no sentido de Milton Santos, e não de forças verticais como se posicionam Deleuze e Guattari.

65 SANTOS. Op. Cit. nota 3, p.46.

66 Ibid., p.210.

poder de criar estereótipos e discursos por aqueles que não o podem.

O discurso hegemônico anula aquilo que não consegue controlar, furtando seus movimentos, suas gingas e suas habilidades, limitando suas intensidades, enquadrando suas táticas e pintando de cinza suas cores vivas. Enunciado por locutores previamente definidos, invalida as demais vozes e narrativas para definir o curso da história e os modos como está deve ser contada. Escolhe suas vozes das quais emana todo o saber e toda a consciência, ainda que de modo ilusório e falso⁶⁷.

Utilizado como um dispositivo de controle, a representação estria tudo aquilo que pode, e ignora tudo aquilo que não consegue dominar. Assim, os espaços iluminados são necessariamente vinculados ao estriamento, enquanto os espaços opacos não necessariamente pertençam aos tempos lisos, pois de uma certa forma, estão sempre buscando, na contingência da solidariedade e resistência, um discurso que os contemple, um lugar de fala. A rua, como palco de disputas, ocupa o limiar da visibilidade, a fronteira, e abriga uma incessante produção de significação (logos) e estranheza (nomos).

OS DISPOSITIVOS DE SUBJETIVAÇÃO

Como parte das significações, que estriam os espaços, temos os dispositivos. Dispositivos são os meios que permitem a expressão de uma territorialidade, e que contingenciam uma subjetividade coletiva. São meios de ver, falar e ocupar o espaço, e são operados tanto por quem detém o poder, como

67 DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

por quem o questiona.

Foucault, ao levantar o conceito de dispositivo, o entende como um agenciamento não discursivo de poder que é definido por um conjunto amplo e heterogêneo: discursos, instituições⁶⁸, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas⁶⁹. Um dispositivo implica linhas de força que operam as idas e vindas, atualizando constantemente os vetores de acordo com a racionalidade que o regula. É regido por linhas que atravessam funções limiares como a estética, a ciência e a política e conferem um domínio a alguém ou algo, em detrimento de um dominado. Em Foucault, um dispositivo é um conjunto que promulga a ideologia conformista à uma estrutura, e profere meios de embalá-la, encaminhá-la e adequá-la conforme a verdade instituída.

Ampliando à questão, e considerando diversas dimensões, que não só a do poder, Deleuze propõe que um dispositivo é modificado por curvas de visibilidade e de enunciação⁷⁰, que determinam o que é mostrado excessivamente e apagado excessivamente. “Cada dispositivo tem seu regime de luz, a maneira em que esta cai, se esvai, se difunde ao distribuir o visível e o invisível [...]”⁷¹, mantendo assim, a luminosidade e a opacidade, por exemplo de alguns elementos. Trata-se da dimensão do poder que se compõe com o saber, pois é relativa a representação.

68 Geralmente se chama instituição todo comportamento mais ou menos coercitivo, aprendido. Tudo que em uma sociedade funciona como sistema de coerção, sem ser um enunciado, ou seja, todo o social não discursivo é a instituição.

69 FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 137–162. p.138.

70 DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: Michel Foucault. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155–161.

71 Ibid.

Outra dimensão dos dispositivos é parte essencial da subjetividade: as linhas de subjetivação. Atreladas ao impalpável, são capazes de inventar modos de existência⁷². Fazem parte de um processo de individuação que diz respeito à grupos ou pessoas. Não é nem um poder nem um saber⁷³. Por ser uma dimensão abstrata, não compõe diretamente todos os dispositivos, embora esteja relacionada com uma agência maior ou menor. As linhas de subjetivação são indispensáveis para promoção de sistemas opressores como o racismo, a lgbtfobia, a intolerância religiosa e o machismo, principalmente quando utilizadas com outras dimensões, porque são capazes de alterar o que é íntimo na construção do território individual. Atrelada aos regimes de visibilidade e enunciação, as linhas de subjetivação são identidades nunca concluídas, sempre em por vir, identificações em curso, em processo.

Deleuze ainda coloca que as linhas de um dispositivo podem ser de dois grupos: “linhas de estratificação ou de sedimentação, linhas de atualização ou de criatividade”⁷⁴. As primeiras sendo ligadas ao curso da história, e a últimas as inventividades produzidas constantemente. Quase como uma espécie de linhas, que habitam o espaço estriado e liso, ao mesmo tempo.

Pertencemos a certos dispositivos e neles agimos. A novidade de um dispositivo em relação aos anteriores é o que chamamos sua atualidade, nossa atualidade. O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas aquilo em que vamos nos tornando, o que chegamos a ser, quer dizer, o

72 KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76–91, p.78.

73 DELEUZE. Op. Cit. Nota 70

74 Ibid.

outro, nossa diferente evolução. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: a parte da história e a parte do atual. A história é o arquivo, é a configuração do que somos e deixamos de ser, enquanto o atual é o esboço daquilo em que vamos nos tornando. Sendo que a história e o arquivo são o que nos separa ainda de nós próprios, e o atual é esse outro com o qual já coincidimos⁷⁵.

Um dispositivo não pode ser obsoleto, pois assim ele perde sua função, sua urgência. Ele é sempre uma relação. Se um dispositivo é alisado, logo ele volta a ser regulado, estriado, tornando-se um outro dispositivo: uma nova lei, uma nova fábrica, uma nova bíblia, uma nova verdade. O dispositivo é sempre uma série de práticas e de funcionamentos que produzem efeitos⁷⁶.

Agambem entende que os dispositivos são qualquer coisa que tenha de algum modo “à capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”⁷⁷, ou seja, que tenha capacidade de causar subjetivação. Não estando necessariamente interligados a uma noção de controle, poder ou urgência histórica, um dispositivo pode ser uma caneta, uma escritura, um computador, um telefone celular ou a linguagem nela mesma. Qualquer coisa que resulte na criação do sujeito.

Talvez possamos comparar a ideia de dispositivos, de Foucault e Deleuze, ao objeto, de Milton Santos. Para o geógrafo, toda criação de objetos responde a condições sociais e técnicas presentes num dado momento histórico.

75 Ibid. p.150.

76 KATRUP; BARROS. Op. Cit. nota 72, p.81.

77 AGAMBEM, Giorgio. O que é um dispositivo. In: O que é contemporâneo? - e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009, p. 27–51, p.13.

Sua reprodução também obedece a condições sociais⁷⁸. Os objetos de Milton Santos teriam papel simbólico e funcional, assim como os dispositivos, dependendo de sua prática para legitimação. Os seres rápidos nesse sentido, dominariam preponderantemente objetos abstratos, enquanto os seres lentos objetos de materialidade. Ambos seriam interligados por redes complexas. E serviriam a legitimação de algumas ações.

Estabelece-se que os dispositivos são meios de possibilitar, alterar, controlar ou até mesmo desafiar a subjetivação. Entenderemos, portanto, como dispositivos, todos os meios de fazer ver e de fazer falar, de modificar e transgredir as normas fixas de homogeneização, ou de mantê-la. Objetos ativos, objetos de ação.

A investigação desses dispositivos como modo de ser, ocupar ou transformar o espaço comum é parte da potência dessa pesquisa, que investiga as dinâmicas possibilitadas pelos dispositivos de alisamento de um espaço em constante relação entre os tempos e os meios utilizados para que aconteçam esses movimentos e transformações. Quais os dispositivos utilizados para alisar e estriar os espaços?

PRÁTICA DE RUA: ESPAÇO COMUM?

A rua, como espaço de encontro é modificada por tempos, práticas e diferentes dispositivos de subjetivação. Esse encontro entre tantos entes é possibilitado pelas diversas esferas que se relacionam no espaço social e é amplificado pelo encontro dos diferentes sistemas. As ruas, mesmo que embriagadas de estriamentos, possibilitam uma infinidade de dobras lisas: vazios que são efemeramente preenchidos, ressignificados e corrompidos.

⁷⁸ SANTOS. Op. Cit. nota 3, p.43.

Embora arquitetos e planejadores se empenhem em organizar a cidade como um todo, as intervenções que subvertem e irritam o planejamento, alterando sua ordem, são inseparáveis da dinâmica que caracteriza a vida coletiva⁷⁹. Mesmo que se orquestre um sistema idealizado sempre emergirá um sistema praticado para retomar o caos. Um exemplo disso são as diversas tentativas de deslocamento de vendedores para-formais em diversas cidades, incluindo Porto Alegre, para “centros comerciais”, o que Moisés Kopper chama de transição de camelô à lojista⁸⁰.

Embora realocações permitam uma expansão do comércio para alguns, os menos velozes acabam por retomar seus postos nas ruas, dividindo-os com novos integrantes. Lembremos que a velocidades aqui conspiradas são intrínsecas ao espaço e a técnica, e, portanto, ao capital circulado, e nem todos os para-formais possuem capital para se instituir em um lugar sedentarizado. Nesse sentido que a rua, como espaço público de convergência, sempre abrigará os diversos movimentos, justamente porque mantém um recorrente público possivelmente consumidor ao mesmo tempo que permite essas transformações lisas, controladas mais por dispositivos de intervenção do que de controle.

A rua central possui como característica genuína a coexistência. Embora algumas sejam mais livres, ou mais sitiadas que outras, no cerne de seu estabelecimento, a rua ampara qualquer tipo de acontecimento. As arquiteturas comerciais das multinacionais são também espaço de abrigo para o pequeno vendedor. Verticalidades da especulação

⁷⁹ SARLO, Beatriz. A cidade vista: mercadorias e cultura urbana. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

⁸⁰ KOPPER, Moisés. DE CAMELÔS A LOJISTAS Etnografia da transição do mercado de rua para um shopping popular em Porto Alegre-RS. 196 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012.

figuram também casa para aqueles que fazem da rua lar. Temos ruas que terminam em muros ou em projetos espetaculares, mas que se entremeiam e se modificam na criatividade de quem gera a própria luz. Os diferentes lugares que se abrem na rua são sinônimos e fragmentos de uma identidade histórica e de uma prática contemporânea. A rua é essa polivalência. Pois é espaço e brecha, para os diferentes movimentos de controle e resistência que podem se estabelecer em um território que por si só, é contraditório, e por isso mesmo, tão potente.

Os caminhos perambulados e discutidos por esse trabalho que investiga ruas centrais é entremeado pela discussão e entendimento dos agentes do tempo lento. Refletir junto aos errantes é debater a partir do teor crítico, político e conceitual, as fórmulas adquiridas que não desvirtuam da com-formidade dos processos homogeneizadores.

Para chegar nos tempos atuais, onde temos artistas, skatistas, pichadores, feirantes, moradores de rua e vendedores para-formais, percorremos um pouco da história dos movimentos que nos permitiram refletir sobre a experiência lenta e dissidente na cidade. Relacionando os diferentes vetores tempo-espaço provocados por uma lógica não vertical, apresentamos as figuras que retomam o perder tempo como uma tática possível em um circuito urbano continuamente em com-formação⁸¹.

Se você já conhece os Flaneurs, João do Rio, os situacionistas, Flávio de Carvalho, os skatistas, pichadores e alguns interventores contemporâneos que orquestram o fazer nada como prática poética, ou ainda, a caminhada como uma prática estética, talvez possa pular essa parte. Mas por que tanta pressa?

81 CERTEAU. Op. Cit. Nota 14.

Os caminhantes da multidão: Flâneurs

Quando a cidade moderna-higienista começa realmente a se estabelecer, em Paris no final do século XIX, desenvolve-se a figura do flâneur recriado por Baudelaire em 1863⁸². Ao lado dos seres indesejados, prostitutas, trapeiros, mendigos e escroques, o flâneur caminha pelas ruas em busca do choque.

Contra a abertura de grandes avenidas para a circulação rápida e contra a divisão e especialização de trabalho taylorista, por exemplo, ele reage levando tartarugas para passear em suas flanâncias. Contra a velocidade imposta pela modernidade positivista, o flâneur traz a questão da lentidão e também a da ociosidade⁸³.

Protesta pela possibilidade de perder-se na cidade. Pela experiência da alteridade, do encontro com o diferente no espaço público da cidade grande. A figura do flâneur em Baudelaire é um movimento pela multidão e pela não homogeneização dos espaços, pela não espetacularização das cidades. Defende o encontro entre os corpos, que nas novas avenidas se esbarram, se acotovelam. Proclama por estar sozinho em um mar de desconhecidos, de diferentes bairros, classes, que juntos formam uma massa humana. “Um só dentre vários, muitos, uma multidão sem rosto, abarrotada de possibilidades de conflitos, desaparecimentos e surgimentos⁸⁴”.

Flâneur é a figura que vivencia o surgimento da produtividade, de uma aceleração maquínica, fruto da segunda revolução industrial, que atinge o projeto urbano das cidades e a domina desde então. O personagem se maravilha com tais inovações ao mesmo tempo que as critica. Quase em uma lógica da

82 JAQCUES, Op. Cit. Nota 9.

83 Ibid. p.47.

84 Ibid. p.56.

não compreensão, o flâneur vaga, vagabundeia, buscando na errância pelas ruas, outros sentidos, que não o da ordem e da normatização.

No Rio de Janeiro, o processo de embelezamento urbano não é diferente. Pereira Passos, no famoso movimento Bota-Abaixo, remove diferentes pessoas do centro da cidade respaldado no discurso sanitário. Com argumentos semelhantes aos utilizados em Paris, remove cortiços habitações coletivas do centro e expulsa as pessoas indesejadas, para periferia. “O seu projeto, além de mero embelezamento urbano, tinha um caráter civilizatório, a frase de maior circulação no momento era “O Rio civiliza-se”⁸⁵.

Retratando os amantes da rua, em a Alma Encantadora das Ruas, João do Rio compõe:

Flanar! Ai está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e refletir é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, [...] é vagabundagem? Talvez; Flanar é a distinção de perambular com inteligência⁸⁶.

Apaixonado pelas ruas, dita em seu livro, uma ode à todas as almas das ruas e nas ruas. Caminha com ela, as observa. Exalta as pequenas profissões: os ciganos, os carroceiros, os vendedores ambulantes, bombeiros, tatuadores, tropeiros, mercadores de livro, urubus (que vendem coroas de luto), pintores, os vigaristas, as cartomantes, as mulheres mendigas. Figuras que sempre estiveram vinculadas à vida urbana nas cidades. Além disso, enaltece as ruas que fazem o indivíduo, que provocam o encontro, os agenciamentos, a experiência.

85 Ibid. p.64.

86 RIO. Op. Cit., nota 43, p.05.

A rua, para João, possui personalidade, e força. É capaz de modificar o homem.

João do Rio escreve sobre sua flâncias pelo Rio de Janeiro, assumindo sempre uma postura dúbia, de fascínio e crítica acerca das obras de modernização. Reconhecia, assim como Baudelaire, que embora as obras fossem inevitáveis em um tempo da modernidade, eram radicais e autoritárias⁸⁷.

Flâneur é, portanto, o homem, da multidão. Um ser que não sofre, necessariamente com as consequências da aceleração, que não é obsoleto. Mas que escolhe, por vontade própria, os tempos lentos. Flanar é se colocar num tempo e se dispor a um território do espaço banal. É caminhar junto com os indesejáveis, com os ordinários. Mesmo que de forma indireta, é a crítica moderna da própria modernidade, ao empobrecimento causado pela mecanização da relação do corpo com a cidade. É a crítica a uniformização dos costumes⁸⁸.

Os artistas do banal

Outro movimento importante em prol da errância, é perpassado pelos reflexos e consequências da Primeira Guerra Mundial. Em busca de uma forma estética capaz de substituir a representação, e por isso, de atacar frontalmente o sistema de arte⁸⁹, os dadaístas realizam a passagem do desenhar, pintar ou descrever a cidade para o vive-la. Para os dadaístas a frequência e a visita a lugares insossos, no centro, periferias e brechas das cidades, como uma forma concreta de realizar a dessacralização total da arte, unindo arte e vida. “Elevando

87 JAQUES, Op. Cit. Nota 9.

88 Ibid. p. 71.

89 CARERI, Francesco. Walkscapes: a caminhada como prática estética. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013, p. 74.

as práticas já realizada pelas flanâncias à operação estética”⁹⁰.

Já os surrealistas, calcados na proposição dadá, não se encontravam em um local combinado, para ressignificá-lo. Mas percorriam, às vezes por dias, um vasto território. A viagem surrealista era muito mais ligada com o processo de pensamento, ao inconsciente, não possuía meta ou caminho, e era realizada diretamente no mapa de um território mental: “uma exploração pelos limites entre a vida e o sonho”⁹¹. Uma investigação psicológica da relação do eu com o urbano em pleno ápice industrial, durante o crescimento desregulado das cidades.

Assim como os dadaístas, e depois surrealistas, os modernistas brasileiros também realizaram excursões pelos lugares banais. A prática de rua nas grandes cidades de São Paulo e Rio de Janeiro era vista como uma anti-aceleração. O descobrimento desse outro sistema, lento, se dava fora das avenidas e Bulevares projetadas na era da modernização.

Novamente temos aqui a ambiguidade moderna nacional: a favela, que poderia ser vista como a própria antítese de tudo o que poderia ser considerado como moderno, passou a ser uma expressão de certa brasilidade procurada e glorificada por artistas modernos brasileiros, e reconhecida pelos estrangeiros⁹².

O saber-fazer da cidade habitada é visto e percorrido. Esse outro circuito é reconhecido, e em voga no cotidiano artístico, passa a ser explorado por Flávio de Carvalho, por exemplo.

A favor do contra-movimento, o engenheiro surrealista-tropical, realizou uma série nominada “Experiências”. Na

90 Ibid.

91 Parinaud. André Breton. *Entretientes*. Apud CARERI. Op. Cit. Nota 68.

92 JAQCUES, Op. Cit. Nota 9, p.97.

“Experiência número 2”, narrada em um livro⁹³, caminha contra uma procissão de Corpus Christi, nas ruas de São Paulo. Em meio à multidão contrária foi insultado e agredido, até que no final, é preso pela polícia. Quando a polícia consegue o tirar da multidão, ele argumenta que vem se dedicando ao estudo da psicologia das multidões e que tem desenvolvido trabalhos inéditos que necessitavam de uma “experiência sobre a capacidade agressiva de uma massa religiosa à resistência de força das leis civis, ou determinar se a força da crença é maior do que a força da lei e do respeito à vida humana”⁹⁴.

Flávio também percorre outras cidades brasileiras, e faz excursões no Nordeste do Brasil e na Amazônia. Veste trajes do “Novo Homem dos Trópicos” nas ruas da capital paulista, e vai ao velho mundo recuperar aos ossos. Suas travessias eram uma tentativa de aproximação do que hoje entendemos como cartografia. Partia da psicologia, da psicanálise e mergulhava na cidade, para entender ela, e os homens e mulheres que a compunham.

O que o errante surrealista e antropófago Flávio de Carvalho chamava de psicoetnografia, esse tipo de etnografia urbana antropofágico--surrealista, poderia ser vista como um presságio do que os errantes letristas, e em seguida os situacionistas, chamaram de psicogeografia⁹⁵.

Diferente do movimento das flanâncias, os modernistas já estavam habituados com a multidão. O crescimento acelerado da cidade já não era novidade, bem como as grandes transformações. Esses se propõem a uma outra prática, agora coletiva, que não é de observação aos seres lentos, mas é de uma lentidão de corpo como uma prática estética, que envolve os sentidos, o inconsciente. Nesse momento caminhar,

93 O livro é *Experiência nº2*, e foi lançado originalmente em 1931.

94 JAQCUES, Op. Cit. Nota 9, p.107.

95 Ibid., p.115.

perceber e pensar com o menor é visto como uma prática artística, que embora busque romper com a representação, busca na própria representação a validação da experiência efêmera.

A lentidão da deriva

Já na segunda metade do século, propõem-se as derivas. Perambular pela cidade passa a ser não só uma atividade observadora, ou de busca ao inconsciente, mas uma proposta coletiva capaz de investigar como a cidade produz o indivíduo. “O espaço urbano é visto como um terreno passional objetivo e não só subjetivo-inconsciente”⁹⁶. Entram outros vetores no mapa. A deriva torna a deambulação mais complexa, e mais potente. A caminhada passa ser uma ferramenta de contexto ativo, que possibilita a experimentação de situações na vida urbana afim de transformá-la⁹⁷.

A psicogeografia, ou geografia afetiva, que foi utilizada inicialmente pelos letristas, e depois pelos situacionistas em Paris, buscava narrar, mapear e explorar as errâncias. Criando situações ao perambular na cidade, jogando com o corpo e com a própria urbe, os situacionistas recriam as ruas. Imprimindo formulários e distribuindo folhetos, narram uma outra cidade por entre os fragmentos, ou as amnésias urbanas. Apresentando uma outra forma de percorrer a cidade, desconstroem e reverterem a ordenamento original, proclamando uma espécie de cidade lúdica.

Jogar significa sair deliberadamente das regras e inventar as próprias regras, libertar a atividade

96 CARERI, Op. Cit., nota 89, p.85.

97 “A psicogeografia seria o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” JAQCUES, Op. Cit. Nota 9, p.216.

criativa das constrições socioculturais, projetar ações estéticas e revolucionárias que ajam contra o controle social⁹⁸.

Em um jogo anticapitalista, os situacionistas subvertem a lógica produtiva ao propor caminhadas sem regras ou finalidades. Essas perambulações possuíam o intuito apenas de apreender a cidade, como uma forma de empoderamento, uma prática libertária.

De encontro aos artistas que criavam situações para vivenciar a cidade, se encontra Helio Oiticica. Hélio, de volta dos Estados Unidos para o Brasil nos anos 1970, decide explorar a Cidade Maravilhosa – Rio de Janeiro - ampliando os territórios limitados pela burguesia. Em suas incursões se encontra com a Mangueira, e com a pluralidade da favela. Relacionando Corpo e ambiente, cria os Parangolés: capas de vestir, experiências de vestir e descobrir o próprio corpo em encontro com o outro, e com a cidade⁹⁹.

Não há ideia de representação, imitação, mimese ou qualquer tipo de formalismo simplista ou estetizante, uma vez que o que o artista quer trazer é a própria temporalidade (precariedade / efemeridade / fugacidade) desses espaços urbanos e a experiência corporal de quem os vivencia, de quem faz a experiência¹⁰⁰.

Oiticica leva os favelados para o Museu de Arte Moderna, vestidos todos com os seus Parangolés. A arquitetura e o território informal se encontram ao território formal. Ao tentarem entrar ao espaço do circuito superior, Hélio, seus amigos e parangolés são barrados¹⁰¹. “[...] E agora o que se vê? Burgueses, subintelectuais, cretinos de toda espécie, a

98 CARERI, Op. Cit., nota 89, p.97.

99 JAQCUES, Op. Cit., nota 9 p.170.

100 Ibid. p.171.

101 Ibid, p.174.

pregar tropicalismo, tropicália (virou moda!)”¹⁰².

Podemos dizer que nesse ponto, com o Trabalho de Hélio e de outros tropicalistas, o encontro o corpo burguês que quer ser lento – protesto, não vai somente de encontro as massas. Mas também quer ser massa. Em vez de devorar [antropofagia], “Oiticica propõe incorporar e exagerar ao extremo essa imagem tropical para tentar ir além dela, para chegar ao estado de criação e de invenção [superantropofagia]”¹⁰³. Uma ideia de dessacralização total da arte, da provocação por uma arte popular, do povo.

Aqui, os seres lentos não são somente objeto de observação, mas corpos de ação coletiva. De certa forma, pode-se dizer que Hélio Oiticica reconhece que há outras produções, no campo da arte, que também devem ser legitimadas, e que são de fato, tipicamente brasileiras.

Do outro lado, empenhando as diretrizes da Carta de Atenas, estão os arquitetos e urbanistas¹⁰⁴, que inspirados em Le Corbusier, em o que podemos reconhecer, como um segundo momento das obras de modernização das cidades. Se na Europa cidades inteiras são reconstruídas visando a organização e planejamento dos setores, na América do Sul cidades e Bairros são construídos integralmente, visando a adaptação às novas demandas de um tempo ainda mais rápido.

Tamanha tenacidade de racionalização e ordenamento dos espaços, abertos e fechados – principalmente durante

102 Em Oiticica, 1968. Apud Ibid.

103 Ibid., p.174.

104 Com exceção de Lina Bo Bardi, que foi parte, mesmo que indiretamente do Movimento Tropicalista e se preocupava com a *Alma Popular da Cidade e suas práticas cotidianas e tradições* populares. Lina fez um tipo de arquitetura participativa, fundindo o desenho com o canteiro de obras e a experimentação com a participação popular. Ibid., p.196-198.

a ditadura militar, reforçou ainda mais a necessidade dos situacionistas e tropicalistas de reconhecer e praticar a cidade banal como uma prática emancipatória, ao lado dos que são escanteados do planejamento da cidade cenário. Os jogos, ou ainda a criação de situações, que perpassa as práticas de Guy Debord na França e Hélio Oiticica no Brasil, propõem um descobrimento desses lugares racionalizados. Uma expansão do ordenamento, uma tática ordinária, uma revolução em tempos de crise, que busca nas possibilidades com o outro suas regras.

Em meio ao endurecimento das práticas Militares na América Latina, diversos artistas e pensadores, inclusive os tropicalistas, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Glauber Rocha e o próprio Milton Santos foram obrigados a deixar o país. Na França, exílio de muitos brasileiros, a convergência do movimento popular, agitado principalmente por filósofos e artistas, entre eles Guy Debord, Foucault, e Guattari, encena a chegada de uma prática da contemporaneidade. A luta contra a monotonia e a alienação da vida cotidiana continuaram sendo necessárias, e mais do que isso, urgentes, principalmente, como entendiam os situacionistas, para uma prática emancipatória de cidadania, de cidade vivida.

Hoje, no cerne da aceleração diversos grupos reinventam o legado registrado. A não adequação aos tempos rápidos, ou ainda a contestação do controle e da aceleração continuam sendo debatidos pelo campo da arte, do teatro e da dança. Sobretudo no sul da América do Sul, movimentos populares e políticos continuam sendo ressignificados e desdobrados a cada dia por grupos e coletivos que adotam uma visão anti-colonialista e anti-capitalista necessária para construção de uma experiência plural e democrática.

A visão política e o debate sobre o corpo e suas diversas representações são questionados por artistas como Paulo

Nazareth¹⁰⁵, que em 2011, em um trabalho intitulado Notícias de América (2011), Paulo caminhou de Belo Horizonte até os EUA, questionando o mercado de arte, a experiência estética e tecendo uma contundente crítica anti-colonialista. Renata Marquez e Wellington Cançado também pensam sobre a temática, criando também em 2011 o Atlas Ambulante, um livro que apresenta a história de 6 artesãos em BH através de imagens, levantamentos e textos que dizem sobre o cotidiano desses agentes¹⁰⁶. Além de outros artistas individuais, diversos coletivos, espalhados pelo Brasil experimentam os limites e as possibilidades da intervenção urbana. Vale citar os trabalhos do Laboratório de Desobediência Urbana¹⁰⁷, Coletivo Pi¹⁰⁸, Grupo Avoa¹⁰⁹, GIA (Grupo de Interferência Ambiental)¹¹⁰, Grupo Poro¹¹¹, Corpos informáticos¹¹², grupos independentes que confrontam a hegemonização dos espaços e brincam de fazer outras cidades, experimentando e tensionando as conformidades.

Se formos falar de jogos com a cidade, e para a cidade, não podemos esquecer de dois movimentos que nascem na contemporaneidade: o picho e o skate de rua. Ambos, portanto dispositivos, se lançam na cidade vivida para apropriá-la. Desvendando territórios e subvertendo sentidos, decompõem a representação em arquitetura e urbanismo e agem de uma maneira política e pública, desvendando a cidade e colocando-a como uma espécie de tabuleiro.

105 (Governador Valadares, MG, 1977). <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa425936/paulo-nazareth>

106 MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington (org.). Atlas Ambulante. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2011.

107 <http://laboratoriodesobedienciaurbana.blogspot.com/>

108 <https://coletivopi.blogspot.com/>

109 <https://corpodancacidade.wordpress.com/>

110 <http://giabahia.blogspot.com/>

111 <https://poro.redezero.org/>

112 <http://corpos.blogspot.com/>

Em países como França e Estados Unidos, no final dos anos 1960, o Grafitti se difunde como uma importante ferramenta de apropriação territorial e comunicação. Utilizado por movimentos populares políticos, ressignifica os espaços da cidade e as formas de projeção de mensagens de luta, contra a homogeneização e gentrificação do sistema urbano.

O suporte urbano, muros e paredes, mostraram-se convenientes ao uso da propaganda de ideias políticas libertárias. Frases popularmente conhecidas como é proibido proibir, exija o impossível e faça amor não faça guerra são oriundas desse contexto e ganharam notoriedade pública quando apareceram pela primeira vez escritas em um muro da capital francesa¹¹³.

Na Argentina e no Uruguai, o picho também se estabeleceu como uma linguagem de luta. Popularizando-se 70 e 80 como um movimento político de expressão antimilitar. Em meio ao medo e à repressão, o grafitti passou a ser um sopro de liberdade, de uma geração detida pela violência. No meio do caos, uma forma de construir uma nova identidade, onde quem possui o direito de escrever, e ser lido, são pela primeira vez, os desclassificados: jovens, pobres, drogados, poetas, os punks.

No Brasil, o Picho¹¹⁴, começou a ser praticado durante a Ditadura Militar como uma expressão de resistência que busca a criação de uma identidade das minorias juvenis em um contexto de globalização das questões de lazer, consumo, mídia e produção artística e cultural. Como um contra movimento que questiona a complexa fragmentação do meio

113 MITTMANN, Daniel. O sujeito pixador: tensões acerca da prática da pichação paulista. 2012. 124 f. Dissertação (mestrado) - Instituto de Biociências de Rio Claro - Universidade Estadual Paulista. Rio Claro. 2012.
114 Inicialmente chamado de Picho o movimento que pintava frases contra a ditadura militar em muros e paredes.

urbano segregado, os grupos formados por jovens de origem humilde expressam a quebra de um padrão homogêneo da estética e da moda. A autenticidade entre esses grupos significa escapar do padrão massificador da mídia e do mercado, uma espécie de nomadização de um padrão hegemônico da própria cidade¹¹⁵.

A pichação não se coloca somente como uma prática estranha, que causa choque. Ela desafia as leis, o espaço privado, os bens públicos.

O sujeito, que sai às ruas para aplicar sua caligrafia marginal, quer ser conhecido e reconhecido pelos seus pares, e para que esse reconhecimento seja efetivado é necessário que seu pixo esteja decalcado nos lugares mais abstrusos. Não tardou para que o topo dos prédios de grandes centros urbanos configurasse como o território de interesse privilegiado desses escritores. Na pichação paulista o alto dos prédios é o que há de melhor, comenta Pigmeu, é o que dá mais lbope¹¹⁶.

Desafiando a normatização, a escrita é exercida muitas vezes através de tags, que se direcionam aos próprios atores do movimento. “É um código-território fechado: o pichador marca, apropria-se de um espaço físico, entretanto essa comunicação circula apenas entre os demais pichadores. Para quem não pixa é só ruído”¹¹⁷. Os rolês, deslocamentos pela cidade para

115 A ditadura Militar no Brasil iniciou com um golpe de estado em 1964, que se estenderia até 1985. Segundo Helena Wendel Abramo, os movimentos juvenis que surgem na margem do tropicalismo, nos anos 1950 e 1960 são centralmente de jovens de classe média, parte de um movimento estudantil organizado, enquanto os movimentos dos anos 1970 e 1980 surgem, indiscutivelmente dos setores populares. Segundo a autora, o espectro público da juventude muda, o movimento estudantil perde expressividade e começa a ganhar variedade em figuras que se expressam por diversos meios e identidades. ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scritta, 1994.

116 MITTIMAN. Op. Cit., nota 113, p. 28.

117 Ibid. p. 26.

realizar os pixos colocam em prova os territórios dos tempos rápidos.

Em diversos trabalhos, de filmes documentais a artigos acadêmicos, quando perguntado ao pichador sobre quais recados a pichação poderia deixar aos moradores da cidade, eram uníssonos ao afirmar que a pichação coloca o dedo na cara da sociedade e diz, que se eu cheguei aqui, outros também podem chegar¹¹⁸.

A pixação cria a necessidade de deslocamentos, como uma prática de mapeamento e território, uma experiência urbana que requer a lentidão de quem o pratica, e de quem é atingido. Move a cidade e cria brechas entre os circuitos da cidade. Faz com que corpos saiam das mais longínquas periferias urbanas em busca de lugares a serem escalados e pichados no centro¹¹⁹. Além disso, se empenha em uma outra relação entre o fazedor e o expectador, que não a da arte, pois é invasivo. O pixo te encontra, e não você vai ao encontro dele. O pixo requer essa invasão.

Já o skate, em sua versão street, se configura como uma apropriação ainda mais nômade: primeiramente porque se dá sobre rodas e depois porque se configura mais como uma prática do que como uma intervenção. Traçando novos trajetos na cidade, os skatistas se movem a procura de um mobiliário, uma praça, uma pista ou até mesmo um trajeto que possibilite a prática dessa dinâmica. Muitas vezes utilizando lugares que não haviam sido projetados para tal fim como obstáculos

118 A Letra e o Muro. Direção: Lucas Frentin. São Paulo: LISA – USP, 2002 (33min). Acessado em 03/04/2020. Disponível em: <https://vimeo.com/50698282>.

119 MITTIMAN. Op. Cit., nota 113, p. 47.

e suportes para suas manobras¹²⁰. Como uma espécie de cartografia, mapeiam a cidade, a fim de eleger os melhores lugares para a prática.

Os skatistas reagem a uma arquitetura muitas vezes segregadora e explicitam, por consequência, não apenas as dificuldades de externalizar o exercício de uma prática cidadina nas ruas, mas também os preconceitos cotidianos que sofre em decorrência de seus diferentes marcadores sociais, sejam eles de classe, raça, cor, idade/geração, e/ou gênero¹²¹.

Os feirantes e os vendedores para-formais

Se hoje perambular pela cidade pode ser tido por muitos com uma experiência de exploração e jogo urbano, a diferença entre os tempos ainda obriga muitos a fazerem isso como um meio de sobrevivência. A cidade é utilizada como meio de trocas desde seu princípio. Aliás pode-se dizer que é o comércio informal que configurou a cidade, mas o contrário também é possível. A partir do ordenamento do meio urbano, com o planejamento das casas de comércio e sistemas de consumo, a cidade configurou os sistemas de troca e outorgou formalidades que instituíram esse sistema de mercadorias. Obviamente, aqueles que não possuíam técnica para participar desse sistema, se tornaram informais.

Embora tenha-se tentado coibir o uso comercial das ruas, por diversos fatores que integram a legalização das atividades econômicas:

Ambulantes e objetos são inseparáveis da cidade

120 MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadinidade. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo.

121 Ibid., p.32.

a qual decoram com estilos que não foram decididos por ninguém; intervenções que irritam a ordem da cidade e que continuarão ali por duas razões: há gente na rua e há gente que só pode vender na rua¹²².

A alegoria e a vivacidade da cidade são provocadas por esse circuito inferior, que reiteramos como para-formal. Nesse âmbito, cabem atores mais ou menos imbricados, como os feirantes que organizam e se empenham na manutenção sazonal das feiras livres, com a venda de produtos alimentícios advindos da zona rural (ou atualmente comprado em Centrais de Abastecimento); Vendedores callejeros, que montam diariamente suas barracas nas ruas da cidade, para vender diferentes tipos de produtos (artesanatos, frutas, comidas, objetos importados, música...); e vendedores ambulantes, que usam uma estrutura vinculada ao próprio corpo para seu comércio.

Esses agentes do tempo lento, são fundamentais para o agenciamento da experiência urbana, pois propulsionam e fundamentam o encontro a partir de um ponto comum: o produto, gerando redes de afetividade (fluxos) que permitem a modificação do próprio lugar. Além de desempenharem papel fundamental na humanização do espaço urbano, oportunizam a territorialização contra hegemônica do capital sedentarizado, ao reinventarem os projetos urbanísticos ao deslocarem o planejamento usual das ruas.

E quem são os seres lentos para nós?

Poderíamos seguir a lista de exemplos de outros movimentos que transgrediram os espaços projetados. Poderíamos incluir boa parte dos moradores para-formais, que ocupam terrenos

122 SARLO. Op Cit. Nota 79, p.29.

nas diferentes localidades das cidades, escancarando o déficit habitacional e o abismo econômico entre os tempos; movimentos como o carnaval, os sound system de reggae e ainda o importante baile funk, que convertem ruas e calçadas em uma grande festa comunitária; praticantes de outros esportes, ainda mais populares que o skate, como o futebol ou o voleibol, que encontram em qualquer várzea espaço para os jogos; Ciclistas, patinadores, bailarinos de rua, praticantes do parkour; Outras múltiplas práticas de corpos nômades que possuem por característica primeira um modo de ser que foge da lógica limitada do projeto, que ressignifica o tempo e a experiência na cidade, inscrevendo outros meios de pensar urbanismo. Entretanto justamente por serem práticas plurais, principalmente no latino américa, são inesgotáveis. Infinitamente reinventáveis. Afinal, nada permite como a rua, a multiplicação de elementos¹²³.

Assim, dispondo algumas ordens, não afim de limitá-las, mas de cartografá-las, entende-se que no âmbito dessa pesquisa, que se posiciona em ruas centrais, são seres lentos: crianças, artistas, artesãos, andarilhos, viajantes, ambulantes, skatistas, moradores de rua, pichadores, lavadores e guardadores de carro, feirantes, idosos e loucos. Amantes da rua que encontram na prática de calçada a forma e o motivo da sobrevivência. Criadores das práticas e astúcias urbanas que territorializam a cidade conceito e praticam a cidade banal.

E aqui, próximos de investigar o que punge a alma das três diferentes ruas, nos colocamos a vivenciar as múltiplas facetas permeáveis por quem se dispõe a experiência urbana. Buscando a diferença, e o que expande a funcionalidade primeira da rua, e relacionando os diferentes tempos que culminam na cotidianidade. Acolhemos alguns vetores, alguns afectos, que vibram no corpo de uma arquiteta e urbanista,

que insiste na rua, como espaço múltiplo de errância, e de riqueza cultural capaz de suscitar pistas para um urbanismo da diferença, que é constantemente processo e resultado da aceleração e da desconstrução, do planejamento e da efemeridade.

¹²³ Ibid, p.51.

GRAFIAS E A CONSTRUÇÃO DE PROCESSOS

Um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos: por exemplo, a rua e suas matérias, como os paralelepípedos, seus barulhos, como o grito dos mercadores, seus animais, como os cavalos atrelados, seus dramas (um cavalo escorrega, um cavalo cai, um cavalo apanha...). O trajeto de confunde não só com a subjetividade dos que percorrer um meio mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrer. O mapa exprime a identidade entre o percurso e o percorrido. Confunde-se com seu objeto quando o próprio objeto é movimento.

Gilles Deleuze, 1997, p. 73.

Compreender as dinâmicas nômades vinculadas aos espaços lisos e aos tempos lentos, sobretudo na área da arquitetura e urbanismo, é um desafio que requer uma metodologia contemporânea. Rastrear práticas que se referem a um âmbito versátil é tarefa que não pode ser comportada por mapeamentos estáticos. O registro estacionado e matemático apenas representa uma temática através de pontos, linhas e polígonos, mas não conta sobre a vida que emerge e complica os centros das cidades. Os mapas clássicos, ou decalques, como as cartografias da geografia tradicional, são tidos como:

Ferramentas de materialização de ideologias que contêm dados e discursos vinculados a determinado espaço-tempo, sendo diretamente comprometidos pelas intenções do autor e pelas expectativas da audiência. Além [...] mapas são representações generalizadas e reduzidas da complexidade da realidade¹²⁴.

Os mapas clássicos e oficiais, foram fundamentais para toda história da humanidade, e continuam sendo. São registros de tempos, que podem ser dinamizados quando comparados, operados ou ainda ampliados. São mapas que seguem um protocolo normatizado na sua execução, uma metodologia que pode ser repetida inúmeras vezes, para diferentes casos. Podem ser encomendados, e traçados por máquinas,

124 FERRAZ, Camila Benezath Rodrigues. Mapas Oficiais e Cartografias do Cotidiano: Tensionamento das Experiências no Espaço. São Paulo: FAU Mackenzie, 2017, p.104.

câmeras, pessoas ou coletivos, mas tendem a dizer sobre um objeto estático, e distante. São chamados, por Celma Paese¹²⁵, de mapas oficiais porque são vinculados políticas reconhecidas dos órgãos controladores.

Embora indispensáveis para a compreensão e execução do mundo como o praticamos, os mapas oficiais tendem a uma visão incompleta e parcial. O mapa conta uma infinidade de pequenas mentiras, pois suprime a verdade para se fazer entender. Trabalha não só com os limites tecnológicos, mas com a própria intenção do cartógrafo ao desenhá-lo¹²⁶. Por serem utilizados como controle ou indicação, os mapas oficiais costumam ser esvaziados de coexistências e transversalidades. Sistematizam espaços materiais e físicos da cidade, mas não dizem sobre a experiência, o afecto ou o desejo.

Subvertendo a lógica clássica das cartilhas de representação dos aspectos funcionais e físicos das cidades, diversos movimentos artísticos do século XX se empenharam em desconstruir o mapa. “O grupo de Debord (situacionistas) se utilizava dos mapas turísticos para propor atitudes de exploração e descoberta em ambiências e tecidos urbanos conhecidos a fim de desnudar a cidade¹²⁷”. Obviamente os mapas de Debord não são bons manuais de localização, entretanto desempenham um papel fundamental de cognição e construção de novos agenciamentos.

Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos¹²⁸.

125 PAESE. Op. Cit. nota 29.

126 FARMAN, Jason. Mapping the digital empire: Google Earth and the process of postmodern cartography. *New Media & Society*, v. 12, n. 6, 2010, p- 869-888.

127 PAESE. Op. Cit., nota 29, p.106.

128 PASSOS; BARROS. Op. Cit. nota 34, p.30.

Ressignificando o papel da cartógrafa e abrindo, desdobrando, reinventado e remontando o conceito de mapa afim de ultrapassar as possibilidades conveniadas nos mapas oficiais, propõem-se uma caminhografia¹²⁹ (cartografia caminhada). Um registro que parte não da representação de objetos estáticos, mas de composição de processos subjetivos, que podem ser territorializados, sobrepostos, consumidos ou adaptados. Uma invenção que faz uso da geografia, da psicologia, das artes e da própria experiência na cidade para inscrever novos mapas. Procurando orientar os estímulos e desejos, a prática da Caminhografia expande a noção de mapeamento como método de pesquisa porque superpõe o decalque com a complexidade intempestiva.

Entende uma caminhógrafa não como uma desenhista qualquer, mas como autora do seu próprio mapa. Mapa que é único e singular, ainda que intermediado pela subjetividade coletiva. A cartógrafa, aqui revista caminhógrafa, revela os afetos que pedem passagens. Mergulha nas intensidades de seu tempo e devora as linguagens que lhe parecem elementos das cartografias necessárias. A cartógrafa se propõe a experimentar um meio, para dele falar, “é uma antropófaga”, que se dilui e se transforma junto com seu objeto de estudo¹³⁰. A caminhografia orienta os desejos durante a caminhada na rua, através da experiência imersiva de habitar as brechas e passagens do tempo lento. E nessa aproximação que registra as sobreposições e perversidades adotadas nas coexistências de espaços lisos e estriados, pistas que corroboram com o objetivo de uma investigação.

Mas retomando, de onde vem a ideia de caminhografia?

129 Alçada na cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, na Cartografia Urbana, dos Situacionistas e na transurbância do Grupo Stalker.

130 ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação liberdade, 1989. p. 15.

A CARTOGRAFIA

A cartografia, como perspectiva de construção de realidade, apresentada por Deleuze e Guattari, propõe uma forma aberta e rizomática de assimilação de pensamento e de posição de mundo. É rizomática pois parte do princípio de que tudo se conecta e de que as disciplinas que compõem a realidade possuem múltiplas entradas de agenciamentos¹³¹.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança. A árvore é o verbo ser, mas o rizoma tem como tecido a conjunção e...e...e....¹³².

Assim como um pensamento num devir revolucionário, é nômade, sempre em ação. Uma ferramenta de resistência, perante as máquinas hierárquicas.

A cartografia compreende o inconsciente como parte de um processo de subjetivação individual e coletivo, composto por inúmeras causas muito mais complexas que as propostas inicialmente por Freud na psicanálise. Ao se abrir para uma clínica analítica proposta como esquizoanálise, a cartografia pretende compreender as relações que constituem o território social e afectivo. Produz mapas processuais que constroem a conexão entre campos de pensamento, explorando desejos em busca de um corpo vibrátil.

A cartografia se afasta de tudo que se propõe como universal

131 “Dir-se-á portanto, numa primeira aproximação, que se está em presença de um agenciamento todas as vezes em que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente. Agenciar é criar. Todo agenciamento surge de um desejo”. ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze. versão dig ed. Rio De Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 08.

132 DELEUZE; GUATTARI. Op. Cit. nota 24..

e unitário, é do campo das multiplicidades. Uma subtração do totalitário (n-1). Se aproxima de um processo que já se encontra em curso (a vida) entrando em seu caminho para, a partir dele, redefinir suas metas e reorientar seus pensamentos. “A Cartografia é um convite que encontra seu sentido no acompanhamento de percursos, a implicação em processos de produção e na conexão de redes ou rizomas”¹³³.

Investiga-se como, produz-se com. Como faz aquilo que faz? Para cartografar é preciso, pois, querer o acontecimento, o lançar dos dados, estar aberto à afirmação do acaso, àquilo que faz problema no mesmo. Suportar um problema, uma sempre vizinhança com territórios de soluções. Estar a caminho. Caminhar em involução, nem de onde, nem para onde, mas habitar as múltiplas temporalidades em um único instante. E perguntar, que é que insiste aqui? Que é que pede passagem na língua? Que é que ganha verbo no que acontece?¹³⁴

O que faz desejar? O que rompe a estrutura? Desejar é querer transformações, e acompanha-las. Cartografar é acompanhar um acontecimento enquanto ele ocorre.

A cartografia e a filosofia da diferença

A cartografia é parte um movimento de pensamento filosófico pós estruturalista e anti-humanista, que propõe a noção de um sujeito desvinculado de um processo historicista e racional e que considera a verdade relativa e inesgotável¹³⁵. O movimento

133 Ibid.

134 MARASCHIN, Cleci; RANIERE, Édio. Bricolar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (org.). Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012, p.44.

135 FERRY, Luc; RENAUT, Alain. Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Editora Ensaio, 1988.

pós estruturalista buscou a desconstrução das estruturas, das certezas e da homogeneidade. Por isso é também parte da filosofia da diferença, pois percebeu a criação sob um aspecto minoritário, potente e revolucionário. A diferença, nesse sentido, é o que provoca um vazamento, uma ruptura, um movimento; é o caos da ordem, o que desconstrói unidades e certezas e formula impermanência e dúvidas.

Como parte de um pensamento francês da década de 1960, a filosofia da diferença é delineada por nomes como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida, e desconstrói a noção metafísica pré heideggeriana e rompe com a tríade signo-significado-significante. Propõe a interligação de conceitos, fórmulas e formas, e modos de pensar.

É o resultado de uma utilização, segundo combinações mais ou menos complexas, de temas e de teses emprestados de filósofos alemães, no essencial, de Marx, Nietzsche, Freud e Heidegger¹³⁶.

Sendo os últimos três autores os referenciais efetivos aos filósofos aqui trabalhados. Também visitam Sartre, Espinosa, Bergson e Lévi Strauss, muitas vezes em para contra argumentá-los.

Os filósofos desenvolvem propostas e análises sobre as diversas forças maquinicas que imperam e caracterizam o indivíduo e a vida contemporânea; discutem sobre os sistemas de poder e os dispositivos de controle como as leis, o cárcere, escola e outras instituições legitimadas por elas mesmas; questionam os homens que tecem verdades e o próprio saber científico ou cultural que as condiciona; abrem discussões sobre o inconsciente, a arte e a estética. Mas acima de tudo são filósofos que se ocupam de teorias acerca da produção de técnicas e táticas de subversão dessas estruturas

136 Ibid. p.48.

homogeneizantes e de práticas que individualizam o sujeito e potencializam.

O anti-humanismo manifesta-se em um cenário em que o homem moderno é domesticado pelas relações de trabalho, ou seja, se torna o vivente que trabalha¹³⁷, próximo do eterno retorno nietzschiano, e que perde sua subjetividade para um sistema que o obriga a cumprir com uma identidade ideal. Em um tempo acelerado e cheio de certezas, a filosofia da diferença rompe com a lógica racional que perdura as instituições e a concepção do sujeito e propõe um modelo descentrado e múltiplo. Caracterizando-se não pelas repostas que encontra, mas pelas novas perguntas que faz. É a filosofia do movimento.

A cartografia como método de pesquisa-intervenção

Desdobrando-se da proposta inicial feita por Deleuze e Guattari, a cartografia convoca uma posição metodológica em autores como Suely Rolnik, Paola Jacques, Virgínia Kastrup, Eduardo de Passos, entre outros. Esses propõem a pesquisa em um sentido hódos-meta, capaz de acompanhar as insurgências micropolíticas que se desdobram no cenário brasileiro. Revertendo o sentido original da pesquisa científica metás-hódo, a pesquisa cartográfica “consiste em uma aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude”¹³⁸. Um método que se aproxima das dinâmicas praticadas.

Passível de acompanhar processos, a cartografia traça uma nova perspectiva ao possibilitar múltiplos desdobramentos. Como uma pesquisa-intervenção a cartografia assimila fatores

137 Idib.

138 PASSOS; BARROS., Op. Cit. nota 34, p.10.

diversos e por isso mesmo precisa ser inventada enquanto ocorre. Como metodologia a cartografia não possui regras fixas ou restrições, embora deva ser vinculada a um objetivo. Entretanto, como aconselha Suelly Rolnik, como uma pesquisa que requer presença, pode estender limites, os desafiar, mas não se deve ultrapassá-los, é uma regra da prudência¹³⁹. Os limites que assolam os diferentes corpos – mulheres, pretos, indígenas, crianças... são também parte dos mapas traçados, e ajudam a narrar a experiência subjetiva.

Entende-se que a intervenção, a experiência do corpo, se dá em um plano, não em um campo:

Intervir e fazer esse mergulho no plano implicacional em que as posições de quem conhece e do que é conhecido, de quem analisa e do que é analisado se dissolvem na dinâmica de propagação das forças instituintes característica dos processos de institucionalização¹⁴⁰.

Se abrindo a uma direção política vinculada ao processo de subjetivação da própria realidade, a intervenção sempre parte de um território circunscrito, em que “quem eu sou e o modo como o mundo me vê” atua sobre mim e implica na experiência-intervenção e nas forças que constituem os processos de subjetivação. Por ser de parte de um plano experiencial a cartografia opera na transversalidade considerando que toda a realidade se interpela e é posicionada por dispositivos. Buscando desvendar as linhas de dizibilidade e as linhas de poder, mapeia os sedimentos e as fissuras que compõem uma prática e provocam agenciamentos:

Numa cartografia o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao

139 ROLNIK. Op. Cit. nota 130.

140 PASSOS; BARROS. Op. Cit. nota 34, p.26.

mesmo tempo. Daí nos interessa saber quais movimentos-funções o dispositivo realiza¹⁴¹.

Diferente de outros métodos, a cartografia não trabalha com pressupostos, pois não se orienta pelo que se supõe de antemão. Traça seus objetivos e os reorienta enquanto vai analisando a experiência investigativa e os dispositivos que encontra. Direção que supõe que a análise dos resultados é concomitante a produção dos mesmos. Analisar é um procedimento de multiplicação de sentidos e inaugurador de novos problemas¹⁴², capaz de suscitar novas perguntas e abrir novos caminhos, ou ainda, ocasionar o abandono de bagagens.

Os problemas, mudam consideravelmente no transcurso do pesquisar. À medida que mergulha nas intensidades do platô pesquisado, o corpo do pesquisador torna-se seu instrumento técnico, pois se utiliza de alguns conceitos – teoria – a fim de operacionalizá-los em seus encontros-análises. Dessa forma, os procedimentos e os métodos e as próprias questões de partida, adotados para realização da pesquisa, estão ligados à criação de elos, links, conexões entre o objeto pesquisado e o próprio pesquisador¹⁴³.

A compreensão dos diversos termos que interagem com a pesquisadora e o objeto pesquisado apontam caminhos a serem percorridos como em uma espécie de passo a passo que sugere desvendamentos. Elucidar alguns questionamentos e dar-se conta dos acontecimentos enquanto esses interagem

141 KASTRUP; BARROS. Op. Cit. nota 72, p.91.

142 BARROS, Leticia Maria Renault; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. *Fractal, revista de psicologia*, Niteroi, v. 25, p. 373–390, 2013.

143 MARASCHIN, Cleci; RANIERE, Édio. Bricolar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (org.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 39–42, p.40.

com o corpo pesquisador requer atenção. A cartógrafa precisa estar atenta a possíveis desvios, repetições ou criações, inclusive zelando por seu objetivo e verificando o seu território. “Analisar é também fazer um juízo sobre a experiência, para que se estabeleça a fronteira entre a nossa percepção de mundo e o que existe para além dessa aparência”¹⁴⁴.

Acompanhando as dinâmicas enquanto elas ocorrem, a cartografia requer uma atenção à espreita. Para que exista uma produção dos dados, um reconhecimento do que já estava lá mas não era enunciado, as informações precisam ser detectadas através dos signos e forças que as estruturam. “Os signos são especialmente interessantes quando nos expõem um problema e nos forçam a pensar”. Não se vai a campo para encontrar algo, mas para que algo te encontre, uma forma de suspensão, redireção e deixar vir. “A abertura da atenção da cartógrafa não significa que ele deva prestar atenção em tudo o que lhe acomete. A chamada redireção é, nesse sentido, uma resistência aos dispersores”¹⁴⁵.

Virgínia Kastrup propõe quatro variedades de atenção pertinentes à cartógrafa: o rastreio, uma espécie de acompanhamento do movimento; o toque, que visa a exploração do objeto pelo tato, pela sensação na pele da pressão, do ar, da respiração, no alcance de um sentido não ótico; o pouso, que é um movimento perceptivo de zoom, que prende a atenção, mas pode possuir uma variação de escala; e por último, o reconhecimento atento, que nos leva de volta ao primeiro dos gestos, nos lembrando que é mais importante acompanhar uma ação do que representa-la, criando uma espécie de território de observação¹⁴⁶.

144 BARROS; BARROS. Op. Cit. nota 143.

145 KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32–51, p.39.

146 Ibid.

A cartografia é um processo de descoberta e mapeamento onde se investiga um tema de interesse a partir das diferentes forças e fluxos que incidem e modificam as relações para com o objeto. Como um rizoma, sem meio ou fim, a cartografia se entremeia na vida urbana e a desata como em um jogo performático, onde o resultado é modificável, desmontável e imprevisível; é apenas um acompanhamento, um registro de sua existência. A cartografia é suscetível a criações, mas também a extravios, por isso requer objetivo, atenção e contínua consciência dos mapas que desenha.

A CARTOGRAFIA URBANA

Quando aplicada na cidade, com fins de mapear acontecimentos intrínsecos a um território político e geográfico, a cartografia se torna também urbana. A cartografia urbana foi utilizada ainda nos anos 1960 pelos situacionistas, e acompanhou um movimento de psicogeografia desenvolvido na França naquele período. Considerando processos subjetivos, no que tange a esfera cognitiva de identificação e apresentação de trajetos e lugares, os situacionistas propuseram leituras sensíveis das cidades. A atenção à espreita e a criação de situações de imersão e experiência na cidade se apresentaram como uma ferramenta de compreensão de dados da cidade que não vinham sendo cartografados ou assimilados pelas teorias funcionalistas do urbanismo.

Os situacionistas nos apresentaram uma outra forma de reconhecer e apreender processos não materiais que constituem as aglomerações sociais. Vincular essa perspectiva aos mapas, como uma outra forma de ler, entender e compreender a cidade, é tanto audacioso quanto necessário. Segundo Eduardo Rocha, a cartografia urbana possibilita a imersão em cenários não convencionais, como:

o efêmero, o frágil, o simultâneo, o

multidimensional, o não centra, o não formal, o não pleno, o que aparece segregado, e aquilo às vezes soterrado, abandonado, que grita aproximações¹⁴⁷.

Tornando visíveis outras escalas e instâncias de cidade, que não se fazem presentes nos mapas oficiais a cartografia urbana mapeia as frestas e fissuras.

Pretendendo lançar pistas sobre esse menor, que habita os espaços lisos da cidade, a cartografia urbana não se opõe aos mapas estáticos, mas pretende somar-se a eles, desvendando criações e peripécias propulsionadas pelos espaços não estriados. Explorando o plano rizomático e liso, a cartografia urbana se propõe a mapear as múltiplas entradas e saídas que constituem a complexidade que se desenvolve e é desenvolvida nos centros das cidades. Ela lê tudo como uma coisa só, enquanto acontece, e posiciona cartograficamente as ações e atores em um só mapa.

Se a cartografia deleuze-guattariana propõe o acompanhamento de um processo de pensamento e suas vertentes brasileiras a propõe com um método de investigação coletiva, a cartografia urbana se conecta impreterivelmente à cidade como uma aglomeração política. Visa a extrapolação de processos subjetivos, consensos e conflitos em um espaço-tempo definido e limitado. Embora seja restrita por uma área situada, e queira olhar o objeto definido a partir de um objetivo, a cartografia ainda requer poesia pois é uma técnica que expande os manuais e adentra na experiência. A cartografia urbana requer prática, corpo e rua: requer caminhada.

A caminhografia urbana

147 ROCHA, Eduardo. Cartografias Urbanas. Revista Projectare, Pelotas, p. 162–173, 2008, p. 170.

Uma vez satisfeitas as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa fórmula simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo¹⁴⁸.

A caminhada é mais que uma forma de locomoção, é uma possibilidade de experiência sensível. O ser humano caminha para compreender o espaço que habita desde que existe como tal. Embora o caminhar seja uma ação corriqueira, muitas vezes banalizada ou acelerada, percorrer os espaços sem a interferência de um dispositivo pode ser um exercício ético e estético. Prova disso são os movimentos artísticos que no último século exploraram a caminhada como resistência às espetacularizações da cidade e como prática afetiva de interação e exploração de territórios dissensuais. A caminhada é uma possibilidade de aproximação com os desdobramentos que caracterizam a vida urbana, uma possibilidade de habitar um espaço, transformá-lo em lugar¹⁴⁹. Traçando rastros efêmeros e transitórios a caminhada é prática de um espaço liso, pois o articula efemeramente.

Percorrer as ruas de uma cidade a pé, vivenciando de perto as presenças coexistentes é uma efetiva ação de alteridade. Andar pela cidade pode ser uma pedagogia de articulação das demandas e possibilidades emergentes. A urbanista errante, aquela que planeja a cidade, mas também a vivencia de dentro, é uma especialista urbana, pois é ordenadora e vivente das representações, planificações e mapas que desenha¹⁵⁰. Seus signos são plurais pois são preenchidos de sentidos que extrapolam as linhas rígidas do papel, e emanem a casualidade intrínsecas à teoria urbana e as dinâmicas vivenciadas em carne e osso.

148 CARERI. Op. Cit. nota 89, p.27.

149 CERTEAU, Op. Cit. nota 14.

150 JACQUES, Paola Berenstein. ERRÂNCIAS URBANAS: a arte de andar pela cidade. Arqtexto, Porto Alegre, v. 7, p. 16–25, 2005.

A caminhografia se propõe a partir desse movimento-ação que busca experiências na rua para criação de sentidos e registros sobre a cidade. Aproximando-se das derivas dos Letristas e Situacionistas que caminhavam em Paris; das transurbâncias do grupo Stalker, que caminhou pela cidade difusa de Roma¹⁵¹; e principalmente, a partir das caminhadas de Eduardo Rocha e Valentina Machado¹⁵² e das experiências já realizadas nas diversas dissertações de mestrado desenvolvidas no grupo de pesquisa cidade+ contemporaneidade, propõe-se como prática ativa de cidade a caminhografia urbana. Uma cartografia urbana caminhada, que busca no jogo, ou melhor, no jogar com a cidades, as pistas para nela intervir.

Caminhografar é caminhar e cartografar, simultaneamente. Uma ação intervenção pelos lugares banalizados na malha consolidada da cidade: uma interurbância. Uma metodologia que busca o deslocamento da pesquisadora pelos espaços para-formais, frestas, dissensos, conflitos e aberturas possibilitadas pelas ruas do centro de três cidades sul americanas. Prática desinente da cartografia, a caminhografia também não possui manual ou regras. Propõe apenas alguns dispositivos de aproximação que auxiliam na compreensão da experiência de estar em campo, imerso e atento. A pedagogia da viagem, o caderno de campo, a fotografia e os mapas de acolhimento são algumas dessas ferramentas, que facilitam a criação do processo.

A PEDAGOGIA DA VIAGEM

O não pertencimento a um lugar é a própria

151 CARERI. Op. Cit., nota 89.

152 ROCHA, Eduardo; MACHADO, Valentina. Caminhar em Roma: A experiência de inscrever-se no selvático da cidade. Revista Parellelo 31, Pelotas, ed. 13. p. 08-25, 2019.

condição de uma possível realização de si na plenitude do todo¹⁵³.

A pedagogia da viagem, pertinente a uma metodologia de pesquisa intervenção, possibilita a imersão de um corpo-pesquisador em um território desconhecido por um tempo pré-determinado. Propondo a característica de viajante à pesquisadora, tira-a da sua zona de conforto para colocá-la em movimento em um território outro. A aprendizagem nessa proposta se dá em um campo não habitual em que um corpo-pesquisadora-viajante vai de encontro à suas perguntas refletindo sobre algumas respostas. É um deslocamento, uma chamada para a criação de um novo território.

A pedagogia da viagem acontece pelo universo da descoberta, além da viagem exploratória, mas uma constatação de certos aspectos que estavam ali-ocultos. A viagem embora trace caminhos preparados, conhecidos – porque de certa forma conhecemos para onde vamos – pode nos apontar novos e diversos caminhos a seguir (e pensar)¹⁵⁴.

Em prática, coloca a viajante continuamente em contato com o agora, em múltiplos sentidos, e com a efemeridade que a teoria não dá conta de acompanhar. A viagem é a possibilidade direta de construção de um conhecimento, onde a própria viajante escolhe o que olhar, por si mesma.

Pode-se ainda dizer que essa prática pedagógica é libertadora e se empenha em um sentido de autonomia, pois a viajante é que se coloca como agente apreensora das complexidades e responsável da elaboração do seu próprio conhecimento,

153 Frase de Hui Neng (638-713), sem data.

154 ROCHA, Eduardo. et al. Cross-Cult: Desenho Urbano/Urban Design – Pelotas/RS e Oxford/UK. 1. ed. Pelotas: UFPel, 2016. p.94.

afastando-se do sistema de ensino bancário¹⁵⁵, criticado por Paulo Freire, em a *Pedagogia do Oprimido*. Afinal: “aprender é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz, sem abertura ao risco e à aventura do espírito”¹⁵⁶.

A pedagogia da viagem corrobora com a desconstrução de uma hegemonia universal, justamente porque coloca a viajante em contato com outra cultura, o que a abre para novos pensamentos e a permite investigar com o próprio corpo a multiculturalidade. A viagem despe a viajante de qualquer tipo de saber teórico para depará-la com a cidade real, onde o saber corpóreo, relacionado à ginga¹⁵⁷, é muito mais requisitado. A pesquisadora vai a campo acompanhada de uma ignorância, que a leva a investigar seu objeto de estudo de forma não isolada, para poder dissertar sobre ele. E nesse processo precisa desvendar as próprias astúcias para cumprir com os seus objetivos. A proposta também permite o piscar de olhos¹⁵⁸, enunciado por Derrida.

Propondo a experiência¹⁵⁹, a pedagogia da viagem também é aberta ao desvio: à imprevisibilidade heterogênea. Quando

155 Freire faz referência ao sistema educacional largamente difundido, em que o aluno deve receber o conhecimento do professor, como em uma espécie de depósito FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

156 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 28.

157 A ginga no sentido de composição de um território existencial: corpografias.

158 Derrida propõe o piscar de olhos como uma forma de abster-se somente dos sentidos e saberes proporcionados pela visão. Esse piscar de olhos, seria necessário para a desconstrução do pensamento estruturalista dentro da universidade. DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver*. In: MICHAUD, Ginette; MASÓ, Joana; BASSAS, Javier; (org.). *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. p. 63–90.

159 A experiência do acontecimento é, rumo à qual, ou contra qual, acontece o que não se vê vir. O acontecimento está ali, onde não têm horizonte. Ibid.

suspendemos as certezas da academia, e nos colocamos em um ambiente desobediente, aumentamos as chances de perder de vista os rastros. Nos colocando em presença do agora estimulamos outros sentidos que excedem as categorias limitadas de objetividade e subjetividade.

É importante diferenciar a ideia de viajante e turista. A viajante é do corpo que se propõe ao entre. Sai de casa à procura de aventura, de encontro a algo novo, que está fora dos guias turísticos comerciais. É capaz de realizar feitos incríveis para alcançar um destino almejado¹⁶⁰. A viajante é corajosa, curiosa e perspicaz. Diferente da turista, que se empenha em uma rota comercial e planejada, a viajante possui um objetivo, mas está disposta aos descaminhos, às rotas alternativas e até mesmo à perda de orientação. É errante, hóspede e vai à procura do entre, do que o coloca à prova. A viajante é também uma cartógrafa, pois vai constituindo seus mapas e pensamentos enquanto descobre a si mesma.

A etapas da pedagogia da viagem

A experiência da pedagogia da viagem pode ser dividida em três momentos: os momentos que antecedem ir, a viagem propriamente dita, e o voltar para casa.

Temos a bagagem antes da viagem, preparamos as malas com as intenções da viagem; viajamos e nos abrimos ao novo, carregamos coisas pelo caminho e deixamos outras e; por fim chegamos, desfazemos as malas, com todas as coisas coletadas junto com as que levamos, é preciso organizá-las, pensa-las, saber o que guardar, o que dar, o que presentear, o que devolver e o que esquecer (resistências)¹⁶¹.

160 FIGUEIREDO, Silvio Lima. *Viagens e Viajantes*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2010 p. 232.

161 ROCHA et al. Op. Cit. Nota 154. p.94.

O antes começa com o planejamento da viagem, com o traçado dos objetivos, a leitura de experiências pregressas no mesmo local. Com a escolha e estudo das ruas a serem percorridas: A rua dos Andradas, em Porto Alegre; a Avenida 18 de Julio, em Montevideo, A Andrade Neves, em Pelotas. Inclui a preocupação de definir o que levar, prever o que poderá ser necessário, quais as roupas poderão ser mais adequadas. Também é necessário reservar hospedagens, contatar amigos, e esboçar um roteiro que se adeque aos propósitos pretendidos. A preparação é uma espécie de design da viagem, de utopia, em que se tenta antever os desdobramentos que podem ocorrer.

A viagem em si é a consumação do ato. É a ocasião de se aventurar e desvendar as possibilidades, encontrar a própria ginga e subverter o roteiro. De se deixar levar e de ser levada, de registrar e de observar a própria experiência. De perceber que algumas coisas são mais necessárias que outras. É o momento de notar as extensões das ruas iniciais, as brechas, as dobras e as esquinas. De refletir o quanto cabe nelas e o quanto as transpõe.

A viagem é o esgotamento e a abertura, constantemente. É o convite a reorientação dos territórios, objetivos e concepções. É o tempo de elaboração dos mapas moventes, em um processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização¹⁶². É um apreender constantemente, uma formulação de caminhos e compreensões. A viagem é a imersão na possibilidade de desvios.

A terceira etapa dessa pedagogia é a volta pra casa e todos os desdobramentos que dela fazem parte. É quando se desfazem as malas e se percebe o que foi e o que ficou, se reflete sobre o que foi extraviado, adquirido e ressignificado. Se um

162 “Três aspectos em uma só e mesma coisa, o Ritornelo.” DELEUZE; GUATTARI. Op. Cit. nota 24.

viajante não tende a voltar pra casa com a mesma bagagem que de lá saiu, é na volta que se percebe o que mudou nesse entretempo. A volta requer organização, registro e às vezes esquecimento. É também na volta que contamos as histórias e fabulamos sobre os riscos e possibilidades vivenciados. A volta é um reterritorializar mais permanente – ou menos efêmero, em que é necessário circunscrever um novo território, que abarque o marasmo da rotina e o caos da viagem. A volta é sempre uma reinvenção. É também nesse momento que cabe a reflexão do projeto como um todo, e a programação para a próxima viagem. É o momento de compor e desdobrar os mapas para compreender até onde se foi e até onde se pode ir nas futuras oportunidades.

Os três movimentos da pedagogia da viagem compõem uma cartografia, e para que sejam revertidos, abertos e compreendidos, requerem documentação. Os registros da caminhada são esboçados em mapas, mas não mapas comuns, feitos para serem esquecidos ou superados. Mas mapas afectivos e controversos: mapas moventes.

OS MAPAS MOVENTES

Entende-se como mapa não somente o mapa clássico, estático, como os mapas mundi, ou de georreferenciamento, os quais já nominamos mapas oficiais. O mapa é um elemento que pode registrar ou suscitar um deslocamento físico ou de pensamento. Para cartografia, o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói como possibilidade de registro de um processo. O mapa é dinâmico, pois é suscetível à novas amarrações.

O Mapa é aberto, é conectável em todas as duas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.

Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação¹⁶³.

O mapa cartográfico não se esboça sobre um objeto, mas sobre uma experiência. Como acompanha os processos cognitivos, possibilita múltiplas entradas, e saídas. É versátil, e pode ser sempre afetado por um novo acontecimento. Um mapa está sempre em construção, pois é disparador de desdobramentos de uma pesquisa¹⁶⁴. Ao mapa, pode sempre ser anexada uma nova variante, uma reflexão, ou ainda, uma nova camada. Se propõe como um ente transversal, capaz de expressar diversos níveis de sentidos. O mapa pode ser também um dispositivo, uma provocação de registro que entoa uma expressão: o ver e o falar. O mapa cria uma pergunta, e deixa um vestígio. O mapa abre caminhos.

Nesse sentido, o mapa cartográfico é tido como uma expressão do território existencial, pois diz sobre uma experiência unitária e subjetiva. O mapa é o registro de um território circunscrito e plural. Expressa sempre escolhas, sensíveis ou operativas, que provocam um debate em extensão ao elucidar diferentes agenciamentos e combinações acerca dos entes envolvidos. O mapa é a declaração de um pensamento de ser, estar e interferir no mundo, uma expressão subjetiva e coletiva localizada.

Por serem registros de uma vivência urbana, os mapas moventes são utilizados nessa pesquisa para interpretação e reflexão sobre o tema investigado. Por se proporem como dados abertos e corroboráveis, expressam em suas múltiplas entradas desejos e pulsões, que podem ser sobrepostas à

¹⁶³ DELEUZE; GUATTARI. Op. Cit. nota 24, p.30.

¹⁶⁴ KASTRUP; BARROS. Op. Cit. Nota 72, p.79.

dados e teorias oficializados. Embora não se objetive ideias fechadas e genéricas, os mapas moventes da cartografia urbana são composições que requerem um espaço fixo e necessitam uma inscrição geográfica para produzirem sentido.

Para caminhografia urbana os mapas são o registro das caminhadas feitas nas diferentes cidades e dos entrelaçamentos possibilitados por esses deslocamentos. São rascunhos técnicos e afetivos que documentam a realização dos diferentes encontros.

A viagem parece ser um daqueles eventos que precisam de registro para se perceber que ela ocorreu, uma espécie de prova. Mas obviamente não é só isso. O registro da viagem significa muitos fatos. É, por exemplo, a tentativa de proporcionar aos outros as sensações pelas quais o viajante passou; é também registrar para não esquecer e rememorar depois, e por sua vez, ativar as percepções do momento, eternizando-as¹⁶⁵.

Essas experiências e ou memórias produzidas durante as viagens, serão divididas em três dispositivos, de acordo com a forma e o meio de documentação: o diário de bordo, utilizado durante a viagem, para apontamentos em forma de narrativa; a fotografia, utilizada como um registro imagético da experiência vivenciada e composta como um mapa seriado; e os mapas do acolhimento, que procuram operar os sentimentos de acolhimento e hostilidade vivenciados durante as caminhadas. Os três são complementares, mas independentes pois registram significâncias que operam em diferentes sentidos.

O diário de bordo

O diário de bordo se caracteriza pela organização cronológica dos acontecimentos que costumam ser acompanhados por

¹⁶⁵ FIGUIREDO. Op. Cit. nota 160, p.215.

data, hora, condições climáticas e características principais. São potentes, por darem indícios, na própria descrição, sobre a importância dos acontecimentos para o viajante. “Há fatos narrados exaustivamente em um só dia, outros compreendem superficialmente vários dias, caso não sejam interessantes para o narrador”¹⁶⁶. As anotações informam sobre as vivências de campo e podem se apresentar em caráter mais ou menos científico de acordo com as experiências pregressas do viajante e do objetivo da viagem.

Um simbólico exemplo de diário de campo, são os registros propostos por Perec em *Tentativa de Esgotamento de um local Parisiense*¹⁶⁷, onde o autor registra incessantemente os acontecimentos a sua volta. Tanto no sentido de lista do agora, como adotado por Perec, quanto no sentido de registro de pensamentos, os diários podem ser utilizados de formas mistas. Por vezes as escritas podem narrar uma situação enquanto ela ocorre, ou em alguns casos pode-se ter um tempo de assimilação entre o acontecimento e a documentação. Em ambos os casos, o diário de bordo possui validade não ficcional, pois propõe-se como um registro narrativo cotidiano da viagem, onde todos os fatos esboçados de fato aconteceram.

O diário é para uma viajante sola também companhia. Quando estou sozinha, escrevo no diário. Quando estou cansada. Quando algo bom aconteceu. Quando algo me surpreendeu. Quando nada aconteceu. No diário ficam expressos os momentos de pausa, de aceleração, de medo e de euforia. Nele ficam registrados os rabiscos, as pontuações, os desenhos, os lembretes, as ideias e até mesmo as alegorias. O diário é ouvido e rastreio, e é sobretudo uma ferramenta de desaceleração e experiência. É preciso ter o que contar para

¹⁶⁶ Ibid. p.221.

¹⁶⁷ PEREC, Georges. *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: G. Gili, 2016.

o diário. É nele que se registram os apontamentos, ideias e os pensamentos desviantes. Ele é mais do que um meio de registro, é um propulsor de experiência.

A fotografia: partes de um mapa seriado

Propondo uma narrativa que se adeque a uma linguagem da subjetivação, a fotografia é potência imaginativa enquanto virtualidade. É, fruto de agenciamentos múltiplos e heterogêneos entre arte, tecnologia e ciência fundando novas interações entre sujeito e mundo¹⁶⁸. A fotografia é o registro de um instante, em que o real e o virtual, o corpo e o mundo, se encontraram para construir sentido. A fotografia é um marco do passado em constante produção de agenciamento no presente. É um registro de pausa, um congelamento do instante.

“A imagem é violenta no sentido que não possui sua própria decifração, mas se sincroniza com a memória passando a exigir seu desdobramento nela própria”¹⁶⁹. A imagem força o desejo. Podendo ser considerada um dispositivo de territorialização, invade com sua força o seu expectador e o inunda de perguntas. Convida a pensar, e a criar agenciamentos porque é capaz de provocar os sentidos na ordem do sublime. Como um registro do acontecimento, embora na ordem do visual, pode provocar desvios que emanam outros sentidos. É um espectro, algo que se vê sem ver e que não se vê ao ver, é uma forma que hesita de maneira inteiramente indecível entre o visível e o invisível¹⁷⁰.

¹⁶⁸ KIRST, Patrícia Beatriz Argôllo Gomes; FONSECA, Tania Mara Galli. *A Imagem Digital Como Dispositivo De Apropriação Dos Modos De Subjetivação Contemporâneos*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 2, p. 401–408, 2010.

¹⁶⁹ Ibid.

¹⁷⁰ DERRIDA. Op. Cit. nota 158.

É o próprio registro da experiência e a própria experiência, concomitantemente. É a ocupação de um ponto de vista¹⁷¹.

Capaz de montar cenários e formar lugares nos espaços, a fotografia é uma narrativa contada, que por pertencer a uma linguagem outra, menos significada do que a língua escrita, é aberta, mutável e indeferível. A imagem é por si só é um plano de imanência, um estímulo de apreensão, um convite ao pensar independente. Ela é um diálogo situado, um recorrido, pelos caminhos, pelas ruas e pelas vivências que a cartógrafa-viajante apreendeu. A fotografia é um mapa movente coletivo, que embora seja um espectro de um instante, é inesgotável.

Mas para além do seu resultado, a fotografia é um estado de atenção que alterna à espreita e o foco. A fotografia urbana documenta um cenário em constante modificação, um mapa nunca ideal que se empenha em determinada condição para registrar um todo maior. A fotografia é um recorte, uma escolha, sempre uma composição. Fotografar é como caçar imagens pela cidade. Imagens que geram algum sentido para quem as produz, um certo mapa seriado: uma composição a partir de uma visão serial¹⁷². A fotografia se propõe como um procedimento capaz de montar um mapa urbano de múltiplas facetas porque registra uma sucessão de surpresas e revelações, ou de recortes que compõe a paisagem urbana, as vezes de forma nem tão linear. A fotografia também pode ser uma reunião de partes inteiras.

171 GOMES, Patrícia Argôllo. Fotografar: capturar a passagem. In: FONSECA, Tania Mara Galli et al. (org.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: 2012. p. 115–117.

172 CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Os mapas do acolhimento

Os mapas do acolhimento são instrumentos de comunicação que abrigam espaços, sentimentos e estruturas que divagam entre o concreto e o abstrato. São cartas que registram eventos sensíveis, pouco conhecidos ou quase nunca sistematizados, que apresentam um estado transitório. Costumam expressar uma relação da cartógrafa com o espaço construído e com aqueles que habitam e personificam os lugares. São constituídos como um registro dos convites a ficar da hospitalidade, dos medos que colocam a correr da hostilidade e das ações que geram esses perceptos em espaços, seja por breves momentos, dias ou horas¹⁷³. A hospitalidade é o dar lugar ao lugar, dar passagem e acolher¹⁷⁴. Já a hostilidade é a exclusão, a falta de amor e de cuidado, o abandono¹⁷⁵.

Os mapas do acolhimento têm por objetivo:

Reconhecer e registrar em forma de comunicação cartográfica os acolhimentos encontrados na diversidade social e cultural que coexistem nos diferentes espaços da cidade e as suas respectivas conexões e permeabilidades¹⁷⁶.

A ideia do acolhimento suscitada por Derrida, base filosófica para criação desses mapas, predispõe atores que geram as sensações relativas. Supõe por um lado o hospedeiro, aquele responsável por receber e gerar a hospitalidade; e por outro lado o hóspede, o estrangeiro que precisa ser recebido. Nesse sentido, “a hospitalidade coloca o tema do espaço não no espaço, mas no indivíduo, como se ele próprio portasse

173 PAESE. Op. Cit. Nota 29.

174 DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2003.

175 FUÃO, Fernando Freitas. *As formas do acolhimento na arquitetura*. In: SOLIS, Dirce; FUÃO, Fernando Freitas (org.). *Derrida e Arquitetura*. 1. ed. Rio de Janeiro: EDURJ, 2014.

176 PAESE. Op. Cit. Nota 29, p.110.

a hospitalidade, o próprio espaço”¹⁷⁷. O acolhimento é uma relação ética, é o abrir às portas ou fechá-las. Embora a hospitalidade sofra interferências do lugar ela é sobretudo referente às brechas e possibilidades geradas pela presença de outrem, pois as figuras de hóspede e hospedeiro são sempre coexistentes e imbricadas: não existe hospedeiro sem hóspede e vice-versa.

A hospitalidade é mais uma questão da espera pelo ou com o outro, do que de um cercamento ou delineamento de um território. Espera por um errante.

Espera e errância, um em direção ao outro, figuras próprias de uma aporia topológica, nem dentro nem fora, dentro e fora simultaneamente, interioridade que se realiza na exterioridade da outra, exterioridade na interioridade outra¹⁷⁸.

Esperrante e errante. O esperrante é aquele que espera que o errante o arrebate, é de certa forma também um hospedeiro. Está aberto ao acolhimento do diferente, mas espera que esse bata a sua porta, é sedentário e previsível. A espera é abrigo. A domesticação humana e a docilização dos corpos é feita de espera. É a ela que tira o lado selvagem, que controla e determina, que impõe a disciplina e cessa a agitação¹⁷⁹.

Já a errância é visceral, é indomável. A errância é nômade, lenta e perspicaz. É ela que bate na porta, causa tropeço e muda a direção. O errante é indômito. Embora ele também espere, ele chega sem avisar e precisa ser acolhido. Ele não tem propriedades, formalidades ou disciplinas. “É aquele

177 FUÃO. Op. Cit. Nota 175.

178 FUÃO, Fernando Freitas. Esperrância: o lugar da espera e da errância. In: (Fernanda Bernardo, Org.) 2014b, Coimbra. Colóquio Internacional de Pós-Graduação em Desconstrução. Heranças e Promessas da Desconstrução. Coimbra: Fac. de Letras da Universidade de Coimbra, 2014.

179 Ibid.

que normalmente está só de passagem, em trânsito. Que pode partir a qualquer momento, mas também é propenso a permanecer definitivamente¹⁸⁰. O Errante é sempre hóspede, mesmo que não se demore, mas também é hospedeiro. Não no sentido de oposição binária, porque uma coisa está tão dentro da outra que é de certa forma indiscernível.

O hospedeiro que recebe, aquele que acolhe o hóspede, convidado ou recebido, o hospedeiro, que se acredita proprietário do lugar, é na verdade um hóspede recebido em sua própria casa. Ele recebe, e a hospitalidade que ele oferece na sua própria casa, ele a recebe de sua própria casa -que no fundo não lhe pertence. O hóspede casa, o sem si da casa não se apresenta com um sentido, mas apenas como representação¹⁸¹.

O hóspede estende a mão, traz para si, se encontra. Se abre. Mas tudo por um tempo determinado. A hospitalidade, em geral, possui condições, pré definições. O acolhimento é versado de políticas legais, formais e éticas. Embora se projete um acolhimento incondicional, quase como um amor materno, ninguém aceita tudo sempre. O acolhimento é relativo, determinado e transitório, e por isso mesmo, condicionado. Mas talvez possamos presumir um acolhimento lento e liso – menos condicional, próximo a generosidade de quem, mesmo tendo muito pouco, divide sem um objetivo secundário. Quem tem muito para receber e pouco para dar, e ainda assim, dá. Como uma abnegação do consumismo¹⁸². Dessa ideia não binária devém a hostipitalidade: a hospitalidade da inospitalidade, a inospitalidade na hospitalidade.

Buscando registrar parte dessas sensações, receptáculos de hostipitalidade, Fernando Fuão propõe as formas do acolhimento: a reta, a pequena enseada, a enseada, a enseada

180 Ibid.

181 DERRIDA, 2004. Apud. FUÃO. Op. Cit. Nota 175.

182 FUÃO, Fernando Freitas. Dois Mitos da hospitalidade, 2020.

e a ilha, a península e a invaginação. Cada qual abriga um tempo, uma prática e uma errância. Algumas cogitam a ideia do ficar - espera, outras, propulsionam a vontade de seguir, da errância.

A enseada como o encontro entre o mar e a terra é uma indefinição entre abertura e fechamento. Apresenta uma curvatura leve, que mostra o que está disposto em sua borda.

O sentimento de recolhimento que a enseada proporciona vem de sua intensidade de fechamento, mais ou menos fechado, ou mais ou menos aberta, e de quando e quanto podemos perceber de estarmos em sua interioridade, assegurados, um gesto ação¹⁸³.

A enseada guarda em si mesma a espera. Ela guarda a contemplação, o recolhimento. A enseada é como um abraço: abrigo. Quanta mais fechada a forma, a exemplo da península, mais intensa é a experiência do acolhimento¹⁸⁴. A península é uma enseada alongada. A ilha, é uma enseada desprendida, a própria espera em si.

Já a reta é a forma da esperança, da esperrância. A reta assume a linha daquilo que precisa da espera e do movimento para ser descoberto. A reta não é da natureza, é da geometria. A reta é estriada, é inóspita. A reta, como a rua de portas fechadas, força o ir além. O seguir. A reta é o caminho, a mudança, mas também é a possibilidade de dobras. A rua chama a concavidade no nicho que se abre por um banco, uma marquise, uma árvore, um encontro¹⁸⁵. A reta também é ponte, elevador, viaduto, teleférico¹⁸⁶.

Pensando nas dobras que se dão no desenho das cidades,

183 FUÃO. Op. Cit. Nota 175.

184 PAESE. Op. Cit. Nota 29, p.118.

185 Ibid. p.126.

186 FUÃO. Op. Cit. Nota 175.

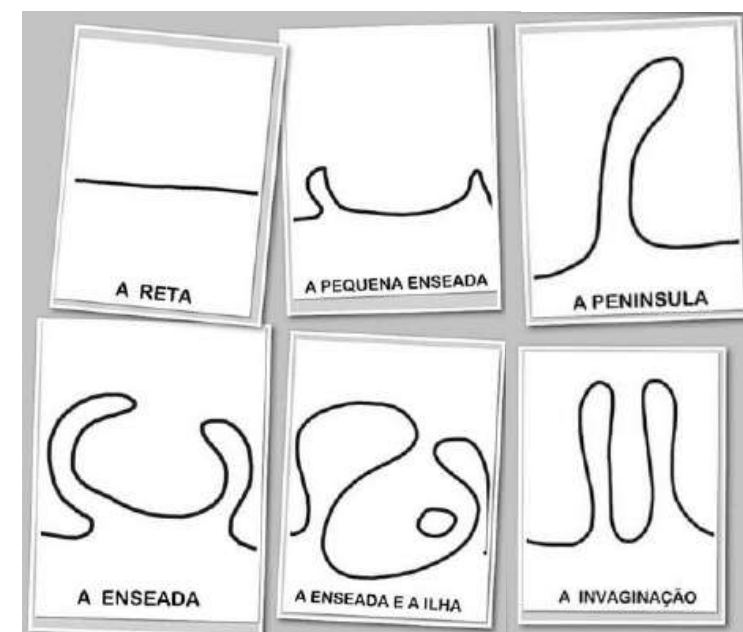


Figura 1: Desenho - As dobras do acolhimento. Fonte: FUÃO, 2011.



Figura 2: Desenho das formas de acolhimento. Fonte: PAESE, 2016, p. 144.

e avançando na proposta de Fuão, Celma Paese propõe uma composição das dobras originais do acolhimento: a reta e a enseada, a reta e as enseadas complementares, a reta e as enseadas que se guardam e as retas, a clareira e a ilha. Possibilitando outras proposições de sensações, essas outras formas abraçam a cotidianidade pois propõem novas invenções e durabilidades para a espera e a errância presentes da reta e na enseada.

As formas e apontamentos registrados nos mapas do acolhimento postulam um procedimento que se apresenta como um resultado um tanto arbitrário. Como parte de uma cartografia urbana, localizam a interpretação sensível. O mapa do acolhimento é um dado de experiência, subjetivado por sua praticante, e embora contenha traços de um âmbito coletivo, é alicerçado em linhas individualizadas que se alteram de acordo com dia, hora ou clima. São mapas lisos, que se permitem errar, mas estriados, pois conservam apontamentos. São mapas esperantes, in-hospitaleiros. São relações.

Mas como agenciar esses mapas?

Os esboços e apontamentos registrados no diário de campo narram uma experiência também documentada por imagem. O mapa seriado composto entre texto, desenho e fotografia formula uma impressão subjetiva ampliada. Tentando fixar a viagem, e toda a bagagem inerente a ela de uma forma não sedimentada em um lugar geográfico, criam-se os mapas do acolhimento. Embora a cartógrafa vivencie uma realidade a partir de seu corpo, o tema de sua intervenção é sempre além de uma experiência pessoal, é uma imersão na cidade para falar sobre a cidade, uma profusão urbana, que embora permeie um só corpo, pede passagem através dos diversos meios. Como contar sobre a experiência?

Faz-se uso de relatos, desenhos, fotografias e mapas do acolhimento não porque um dependa do outro, mas justamente porque sua correlação possibilita uma série de significações em campos consonantes. Seu uso registra as repetições, os desvios e brechas. As possibilidades e as potências. Embora se possa narrar incansavelmente determinada cena, a mesma é ampliada pela apresentação de uma fotografia. Embora se possa desenhar cartograficamente as regiões de espera e errância, o texto que vislumbra o sentimento é tão importante quanto o uso pontual das formas. Agenciar os mapas é reunir os conteúdos, formular um memorial de viagem, uma memória da viagem para si, e para o outro.

Agenciar esses mapas, no sentido dessa metodologia, é compreender as implicações dos achados, no sentido de destrinchar a pergunta de pesquisa. “A realidade não é capturada como forma dada, tida como natural, mas tomada como forma a ser posta em análise”¹⁸⁷, permitindo a abertura para indagações que fogem a um campo limitado de pesquisa e quase sempre requerem um posicionamento político. Propostos a serem, como processo, parte da criação que se destina esse trabalho, esboçam-se desprendidos para logo, em sua sobreposição, serem colados, tramados e organizados de forma a delinear respostas e novas questões ressaltando as diferentes forças e elementos que compõe um conjunto em interlocução. Os mapas possibilitam a apresentação e compreensão de diversos signos vivenciados durante a experiência (de vida).

Agenciar os mapas é então formular um pensamento para ser compartilhado, discutido e remontado. Daí a opção de não assentarmos respostas fechadas e intransigentes. Aquele que lê uma cartografia produz junto com ela enquanto pensa. Um movimento rizomático de pensamento muito próximo da leitura

187 BARROS. BARROS. Op. Cit. nota 142, p.180.

de Didi Huberman a partir das propostas de configuração do Atlas Mnemosyne de Aby Warburg. Um atlas, é, antes de mais nada a reunião de diversos mapas sobre um ou vários temas, reunidos geralmente em um livro imagético cujo destino é:

oferecer a nossos olhos, de maneira sistemática ou problemática – inclusive poética, com risco de ser errática, quando não surrealista, toda uma multiplicidade de coisas reunidas ali por afinidades eletivas¹⁸⁸.

Mas o atlas warbuguiano não é apenas uma reunião cronológica. “É um método em que o espectador é o que irá conectar as relações existentes entre as imagens”¹⁸⁹.

A proposta de reunir os mapas, textos e imagens como uma espécie de atlas, não é apenas expor os registros das viagens, mas permitir que o leitor inaugure a partir das imagens outros sentidos para a problemática que está sendo apresentada. “Fazer um atlas é reconfigurar o espaço, redistribuí-lo, desorientá-lo em suma: deslocá-lo ali onde pensávamos que era contínuo, reuni-lo ali onde supúnhamos que houvesse fronteiras”¹⁹⁰. Agenciando esses muitos mapas, reunindo-os, compreendendo-os e visitando-os, é que se compõe esse atlas. Tratando de observar a história de dentro dela e organizando-a para que outros interessados também possam percorrê-la.

A cartografia em si é gerada por esses muitos mapas

possibilitados pelos procedimentos adotados. E busca, de maneira genuína, pronunciar os diversos atores e forças que constituem novas pistas para a transformação do campo praticado.

188 MUSEU NACIONAL CENTRO DE ARTE REINA SOFÍA. ATLAS. Entrevista con Georges Didi-Huberman. [S.l.], 21 dez. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WwVMni3b2Zo>>. Acesso em: 03 ago. 2021..

189 TREVISAN, Ricardo. Pensar por atlas. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). Nebulosas do Pensamento Urbanístico: tomo I – Modos de Pensar. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 47–69.

190 MUSEU NACIONAL CENTRO DE ARTE REINA SOFÍA. Op. Cit. Nota 188.

Pesquisei, penso e vivo a cidade caminhando. Escuto os barulhos, vejo as cores, danço os ritmos. Falo, para quem estiver comigo, para o meu celular, para mim mesma o que penso, como arquiteta e urbanista que caminha. Mas escrevo esse texto, e outros, sentada, em silêncio. Presa a cadeira, ereta. Imersa na folha em amarelada do caderno, afundada na folha em branca do editor de textos. Assim, os pensamentos fluem. Parece que tudo cabe em uma folha em branco.

Cansei de escrever, penso em sair para caminhar. Como pensar sobre a cidade, sentada? Escuto os áudios que gravei em minhas caminhadas. Parece que a folha em branco não é mais suficiente. Como escrever sobre a cidade em meio de uma Pandemia? Como falar de alteridade estando sola, eu e os meus dentro de casa? Sei que eu e eu já somos muitas, mas nem tantas assim.

Preciso sair para caminhar. Preciso me lembrar de tudo o que se repete, se confunde e se diferencia na cidade. Quero sentir o vento no rosto, o frio na barriga. Quero que algo aconteça! Olho as fotos dos lugares que fui, já não é o bastante. A monotonia toma conta de mim. Quero voltar a caminhar pela cidade.

Me imbrico nas muitas casas que existem dentro da minha, caminho de um lado pro outro, mas não é suficiente. Sou rápida demais para apreender tudo o que me cerca lenta

de mais pra ficar presa no domo, no teto, na cadeira da domesticação.

Fujo para outras narrativas, leio cidade, vejo cidade, pinto cidade. Meras representações, de algo que não cabe. Sinto o que Deleuze e Guatarri falam da pele, do sentir. Quero correr com o que é assim e cantar. Estou farta dos conceitos.

Saio de casa. Luva, máscara e álcool gel.

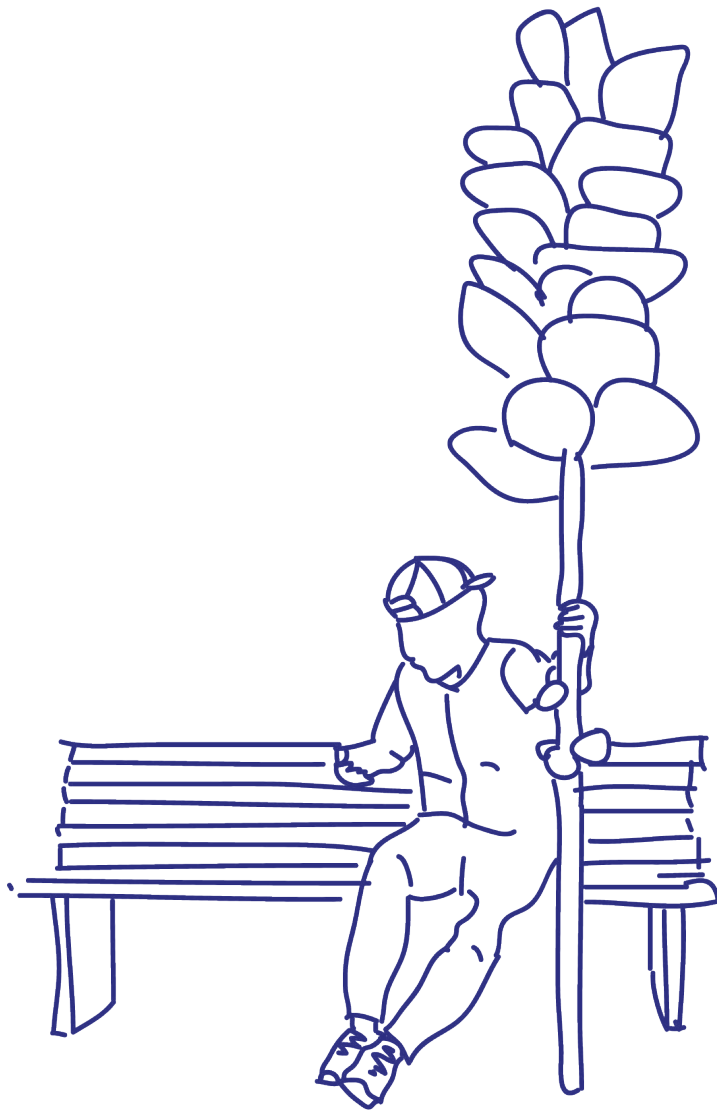
Parece que a loucura só está na tv. A cidade ainda vive. Me preocupo. Mas quem sou eu? Eu também preciso de cidade. Volto pra casa, volto pro ciclo. Escrevo cinco, seis, vinte páginas. E a folha em branco já não é suficiente outra vez. O corpo vibra. Perigo.

AS TRÊS RUAS E AS TRÊS CIDADES

Três importantes ruas de três importantes cidades: A 18 de Julio, em Montevideo, a Rua dos Andradas em Porto Alegre, e a Andrade Neves, em Pelotas. Não por acaso, essas foram escolhidas como possibilidade de criar pistas para um urbanismo acolhedor ao Sul da América do Sul. Essas cidade partilham uma grande fronteira, uma faixa enorme de dissoluções e estabelecimentos entre o habitar, criar e cuidar terras que se encontram com a água, na estética de um ciclo que é gelado e ventoso, mas também faz calor e calma.

Na sazonalidade das quatro estações, Uruguai e Rio Grande do Sul, último estado do Brasil, partilham mais do que o mate, o pancho e uma boa história, mas sua própria cultura fronteiriça. Se a cidade é uma estrutura de relações sociais, economia e mercado; é política, estética e poesia, suas ruas também o são. São tensão, anonimato e indiferença. Mas também são possibilidade, vizinhança, alteridade e acolhimento. E são essas coexistências que nos interessam. Nos interessa percorrê-las, vivenciá-las e compreendê-las nessas três distintas cidades.

Montevideo carrega a importância de ser a capital de um pequeno país convidativo, que em território porta quase a mesma intensidade que nosso estado, do qual, Porto Alegre é referência. Pelotas, está ali, no meio do caminho, não só geograficamente, mas historicamente. Pelotas situa-se no entre. No limiar de um país que reflete a cidadania e



os bons costumes, mas têm problemas de uma pequena escala e um país que é tão grande, que mal sabe a quem pertence. Se Montevideo é a grande metrópole do Uruguai, Porto Alegre situa sua importância na medianidade de nosso país, atrás de grandes cidades globais. Por isso, mesmo que rápida, Montevideo é lenta, e esse é um grande segredo. Já Pelotas? Embora seja uma importante cidade para o estado, mal é conhecida em nosso país. Estamos aqui, na fronteira da Fronteira. Ao sul do sul. Querendo olhar para essa partilha, um pouco desconexa, mas completamente interdependente.

Recorrendo as histórias das ruas, desde seu traçado, podemos compreender algumas lógicas sedimentadas que impõe sua importância na vida urbana cotidiana. Percorrendo suas quadras, parando em suas esquinas, praças e entremeios, experimentamos a vivacidade a partir do corpo. Experimentamos a cidade que poucos discursos são capazes de comunicar. Seguimos rastros das leis e do planejamento, do inesperado e da subjetividade.

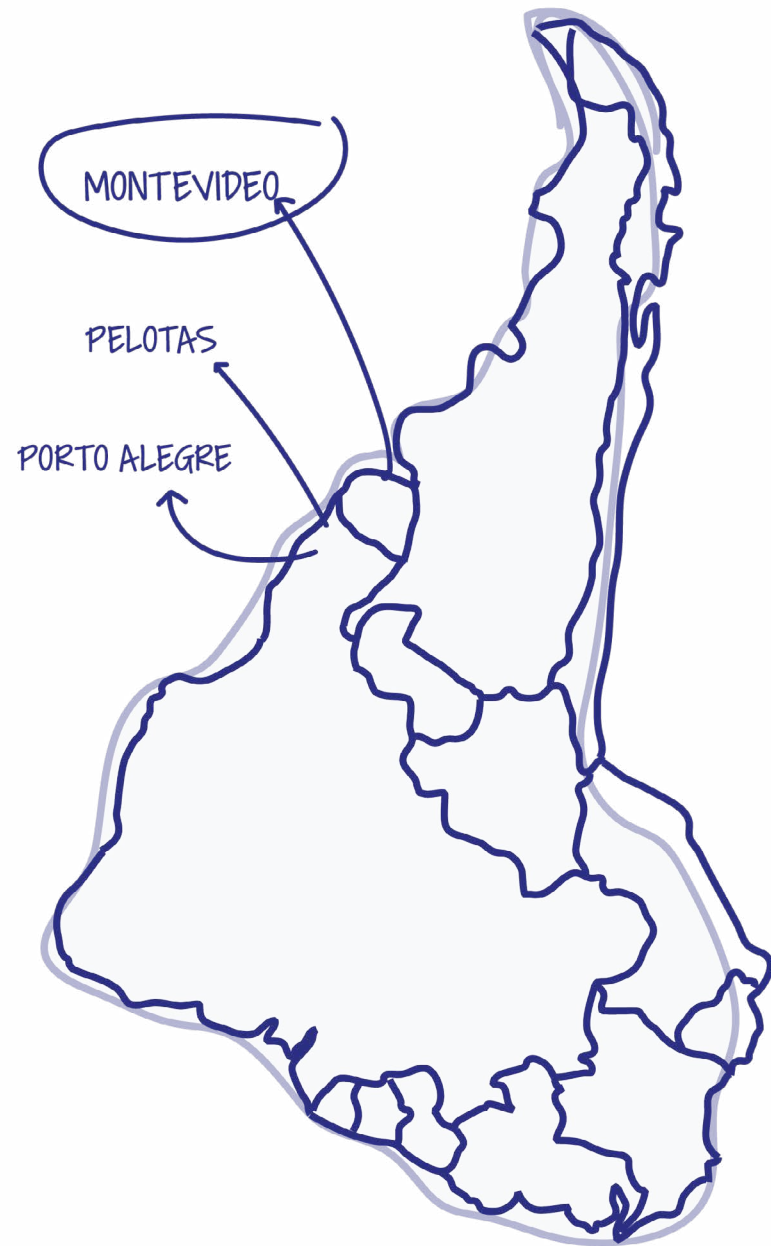
Nessa abordagem caminográfica inventamos novas cidades e ruas, ou ao menos frações dessas, que se estabelecem e resistem diariamente no centro comercial das aglomerações urbanas. O resultado dessa criação é delineado por um grande percurso teórico prático que pode nos ajudar a pensar um urbanismo da alteridade nos dias de ontem e hoje – e talvez de amanhã.

É preciso lembrar, que começamos essa investigação em um cenário casual, contemporâneo. E a terminamos, ou de fato a começamos outra vez, em uma pandemia que já matou mais de meio milhão de pessoas apenas no Brasil. Embora tenha se optado por continuar, não é tão fácil assim. Estamos de fato, na contemporaneidade global, onde de maneiras diferentes, enfrentamos um vírus em comum que se multiplica incansavelmente. Estamos suspensos, amedrontados.

Nas viagens e histórias, algumas questões pandêmicas ficam evidentes, em outras, ressaltam se as diferenças de velocidades e tempos. Se queremos olhar para o centro das cidades, é preciso continuar. Algumas coisas vieram para ficar, e apenas aguçam nosso pensamento para o que precisa ser continuado, e para o que jamais será igual.

Aliás, em termos de escala podemos ser muito velozes ou lentos. E no caos que estamos, talvez aprender com a lentidão seja uma veloz saída para fazermos diferente.

A AVENIDA 18 DE JÚLIO EM MONTEVIDEO

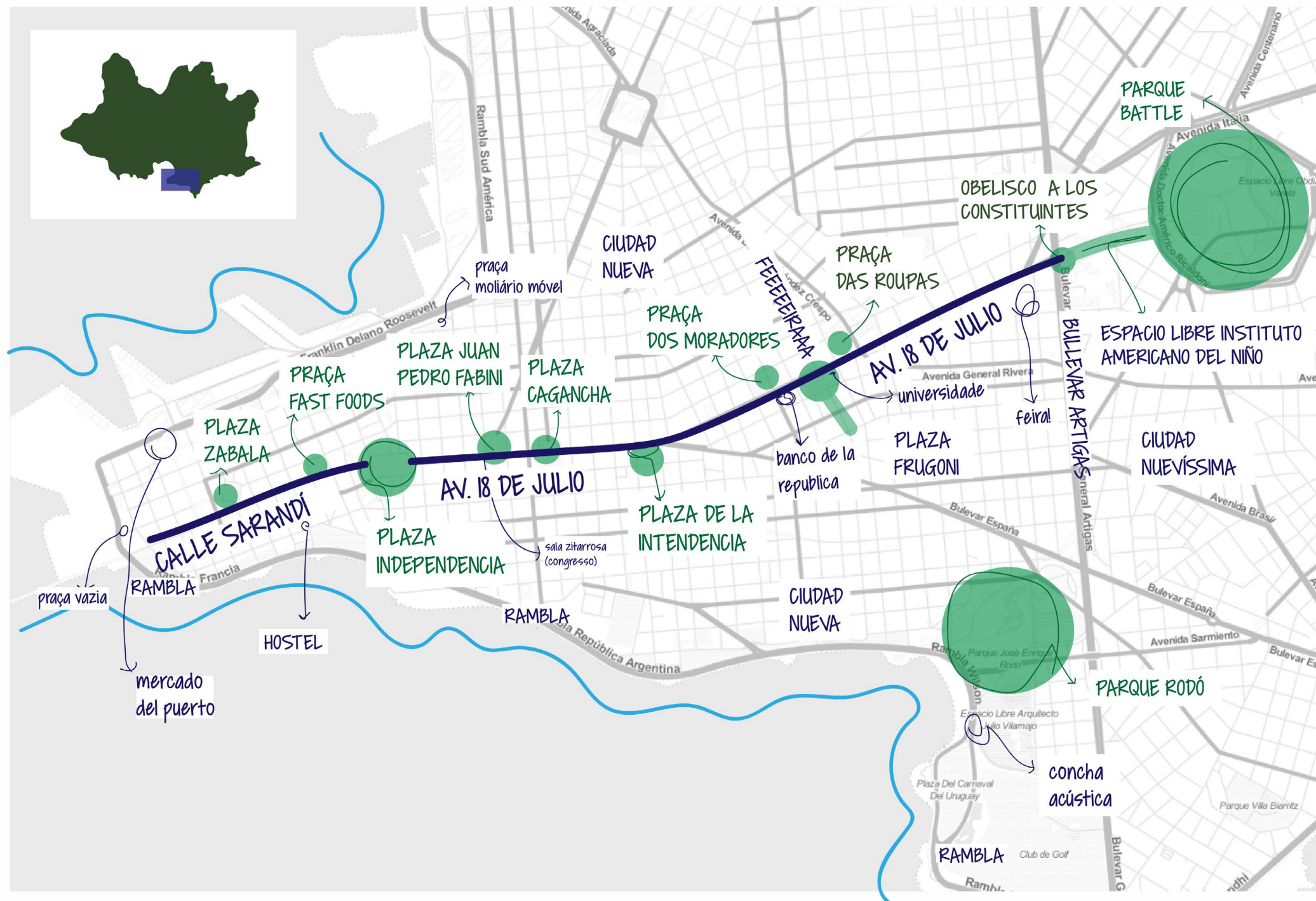


Traçada como símbolo da independência do Uruguai a Avenida 18 de Júlio carrega desde seu primeiro projeto, em 1829, o empenho de um novo país. Os investimentos institucionais particulares e públicos que até hoje delineiam a paisagem da rua, foram consolidados ao final do século XIX, quando a mesma passou a ser o eixo de conexão entre a Ciudad Vieja e a imponente Bullevar Artigas. As mudanças políticas e econômicas que ditaram mudanças drásticas na direção e planejamento de Montevideo, e por conseguinte da Avenida 18 de Julio, simbolizaram por vezes o local de encontro entre as classes médias e altas, por outros o cenário de encontro ideal para vendedores para-formais e ocupações populares.

A avenida foi palco de desfiles militares durante a ditadura e também de manifestações democráticas e culturais durante seus quase 200 anos de história. Ressignificada de diversas formas, que corroboraram, corromperam e retomaram as questões dinâmicas e patrimoniais no cerne simbólico da capital uruguaia, a Av. 18 de Julio preserva sua importância política, turística e cultural.

Nessa rua, nessa cidade, cheia de controvérsias, capital de um pequeno país ao Sul da América do Sul, que desembarquei. Curiosa para compreender as brechas que rompem com a cultura tradicional, mas ansiosa para descobrir o que mantém a alteridade nesse lugar e faz pulsar o sangue sul americano. Mergulhando na experiência e recorrendo aos diversos procedimentos já explicitados, inventamos uma cartografia da Avenida 18 de Julio composta por diversos mapas. Eu, e todos

Figura 3: Mapa ilustrativo de Montevideo, com a Av. 18 de Julio em destaque. Fonte: da autora, 2021.



os que me atravessaram.

A RUA DE MUITAS RUAS

Já havia estado em Montevideo, ainda em 2012, mas na época a chuva torrencial havia me impedido de conhecer a cidade. Sete anos depois, também de ônibus, saía de Pelotas em direção ao Chuí, percorrendo todo o litoral antes de desembarcar na capital Uruguiaia. Depois de 15 horas de tramitações, às nove da noite, do dia 01/10/19, cheguei no Terminal Tres Cruces. Outra vez seria recebida pelo clima: frio e chuva. Tomei um uber e fui direta para Ciudad Vieja, onde havia reservado diárias em um hostel com quartos compartilhados.

Na segunda imersão na cidade, já não tinha o medo ou as regras da primeira viagem. Agora, com os olhos de uma arquiteta e urbanista meu objetivo era me perder, ganhar um pouco da cidade que eu pouco conhecia. Tinha uma semana para isso, sete dias para despende o tempo entre um evento¹⁹¹, que também me levava a Montevideo, e a pesquisa em si. Embora lenta, uma semana voa. Enquanto me programava o vento uivava, e eu gostava de ouvir ele uivar.

Primeiro dia, 02 de outubro de 2019.

Depois de uma noite de sono profundo, arrumei a mochila e saí. Olhando de cima do morro, via água. Tentei me aproximar do Rio da Prata. O vento era tanto que me

¹⁹¹ Na semana que estive em Montevideo participei do II Congresso Internacional de Patrimônio Cultural Intangible, nos dias 2,3 e 4 de outubro de 2019. Mais informações em: <https://www.cicop.uy/>

paralisava. Me jogou pra cidade, para as ruas estreitas da Ciudad Vieja. Não fiz questão de olhar mapas, (uma anotação posterior me conta que subi pela Calle Sarandi). Era cedo, perto de oito horas, poucas pessoas nas ruas. Sem vendedores ambulantes. Parecia que o dia não tinha amanhecido. Atravessei a Praça com o General no meio. É engraçado como esse marco nas cidades que foram colônia espanhola. Sempre praças cheias de “libertadores”.

São nove da manhã, não percebi nenhum morador de rua. A avenida 18 de Julio me desloca para outras cidades que conheci, outras capitais. Conformada por prédios grandes e pesados, a caminhante se perde na escala. A calçada, embora larga, é diminuta. Ainda assim está cheia de pessoas indo e vindo. As paradas de ônibus estão todas cheias. Há muitas paradas de ônibus. Será que moram todos no centro? Onde será que vão? Ou de onde será que vem? Sigo pela avenida buscando uma padaria, quero media lunas e Dulce de leche. Quero amanhecer no Uruguai.

Caminho. Sinto que estou em Montevideo, mas poderia estar em Porto Alegre, Buenos Aires, ou em São Paulo. Parece que ainda há muito a desvendar¹⁹². Me sinto em um cenário comum recorrente em qualquer capital colonizada. Se não fosse o frio, poderia estar até no Rio de Janeiro.

Esse aspecto inicial provocado pela paisagem urbana é recorrente porque grande parte de projetos urbanos e arquitetônicos constituídos ao final do século XIX e no começo

192 Bruno Latour nos diz que quanto mais somos afetados, conhecemos um cenário mais percebemos as diferenças pertencentes a ele. LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (org.). *Objetos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Afrontamento, 2007. p. 40–61.

do século XX, foram projetados por arquitetos e engenheiros formados em escolas francesas, inglesas, alemãs ou italianas. O projeto de modernização instruído nessa época por diversas cidades em emergência da América Latina pretendia coloca-las em um tipo de corrida mundial que tinha dado sua largada séculos antes. O investimento em uma nova tipologia de cidade, mais organizada, europeizada, acelerada, convergia para o estabelecimento de uma imagem de cidade capaz de participar de um sistema financeiro mundial. A nova paisagem simbolizava a ascensão de uma cidade ou país para uma posição política, econômica e cultural capaz receber e comungar com um circuito superior de investimento, principalmente através de instituições como bancos e bolsas de valores.

Ando um pouco mais e vou a procura da sala Zitarrosa. Preciso me credenciar no Congresso, e a palestra de abertura já vai começar. O dia será cheio.

Segundo dia.

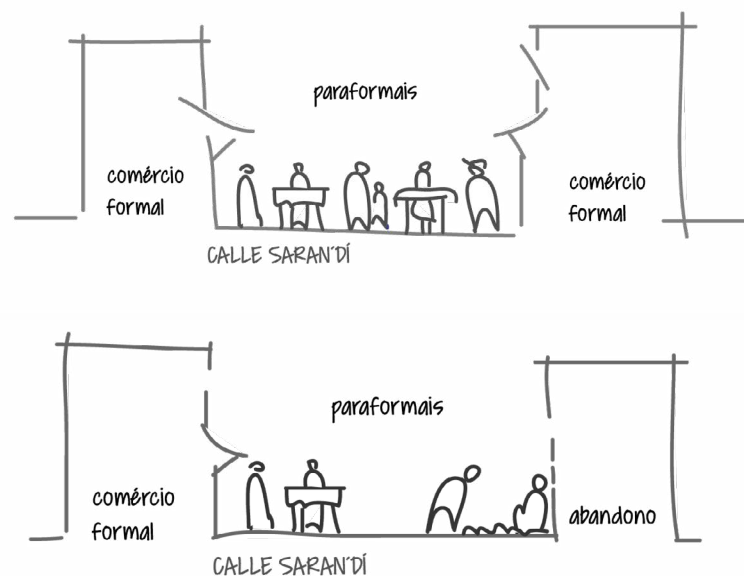
Três de outubro de 2019. Acordei cansada por conta de um uruguaio que compartilha o quarto comigo e fez barulho a noite toda. Saí do hostel pelas 9:40. Apesar do vento forte, parece que as pessoas voltaram a usar a rua. Talvez seja por conta do horário. Subi la Calle 33 hasta la Peatonal Sarandí. Algumas banquinhas já estavam sendo montadas. Panos no chão e produtos dispostos. Lojas e farmácias abrindo as portas. Parece que o comércio para-formal abre no mesmo horário que o formal. Faz sentido.

Mantas, panos, mesas. Produtos industrializados,

bugigangas. Térmicas, bombas e cuias. Produtos que só fazem sentido onde faz frio. Pouca alegoria. Tímidos, os objetos parecem agarrados às estruturas montadas, parecem fazer força para não sair voando. Algumas cordas e plásticos ajudam-os.

Na praça dos fastfoods¹⁹³, já se percebe a montagem de uma espécie de feira entre os vazios da praça. Nos espaços abertos vejo grupos de crianças com o que parece ser um tipo de excursão da escola. Talvez uma das táticas de Montevideo seja levar as crianças e as aulas pra rua. Quer exercício maior de cidade?

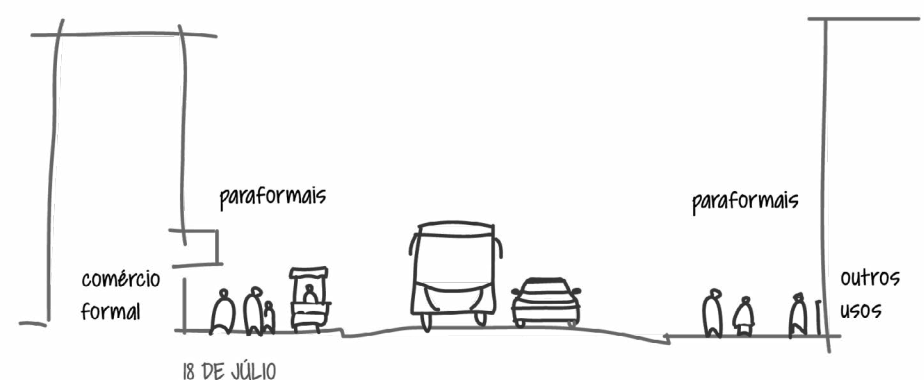
De pronto percebo uma relação entre usos formais e para-formais, que seria confirmada posteriormente:



193 A praça dos fastfoods é a praça da Catedral, uma das mais importantes de Montevideo. Engraçado como os Fastfoods se fazem imagem muito mas presente (principalmente pelo alargamento da via e o mobiliário que se dispõe frente a eles. Diferente da Catedral, que se perde na praça em si, configurada por sua vez por um traçado em xis, que liga as esquinas.

Me parece que o comércio para-formal clama por um comércio formal estruturado, que usa como dispositivos mesas bem postas, com toalhas e produtos artesanais ou mistos. Enquanto muros ou edifícios em situação de abandono acolhem os para-formais menos desejados: comerciantes de produtos industrializados de baixa qualidade, nacionais e importadas, que encontram seu nicho de mercado pelo preço da mercadoria, e não por outra particularidade. Na Calle Sarandí, todo processo se dá imbricado já que a rua é uma peatonal, e por ela não transitam veículos.

Já na Avenida 18 de Julio, esse processo acontece isolado ou ao menos dividido, pelo constante movimento de veículos. Cada calçada abriga uma relação lateral, onde as paraformalidades se aconchegam nas fachadas não vidradas, em edifícios em estado de abandono, em pilares e paredes entre comércios ou ainda na frente a edifícios não comerciais. Os ambulantes vão ocupando qualquer espaço, subdividindo a homogeneidade das grandes fachadas. Mas isso, como tudo, não é regra.



Em meio ao fluxo contínuo de pessoas e veículos, parece não haver experiência. É inegável que na Av. 18 de Julio

Figura 4 e 5: Cortes ilustrativos da Calle Sarandí. Fonte: da autora, 2021.

Figura 6: Cortes ilustrativo da Avenida 18 de Julio. Fonte: da autora, 2021.

as pessoas andam mais depressa que em outras ruas. Mas ao mesmo tempo em que a avenida te força a correr em meio ao fluxo intenso, ela é cheia de respiros em forma de praça. As praças conformam uma espécie de zonas de ar, que peritem que a vida urbana se conforte. Parece que chegar nas praças é como chegar em casa e tirar o sapato, pois assim os moradores o fazem. Usam as praças para fumar, almoçar, ler, conversar, namorar, tirar um cochilo, usar a internet. A praça é um local de encontro não só físico, como virtual. E o wifi de excelente qualidade têm papel fundamental nisso. Embora diversas relações sejam claramente interpeladas pelos smartphones, muito da vivacidade presente é condicionada pelos pequenos e médios grupos que conversam.

De volta na avenida, corro. Mercado tata, Sisi, Indian, vendedor de amendoim, Mcdonald's, um cego pedindo moeda, Subway, bancos, vendedor de tudo, vendedor de flores, loja de roupa, loja de mochila, loja de decoração, praça. Mercado tata, Sisi, Indian, vendedor de amendoim, Mcdonald's, um cego pedindo moeda, Subway, bancos, vendedor de tudo, vendedor de flores, loja de roupa, loja de mochila, loja de decoração, praça.

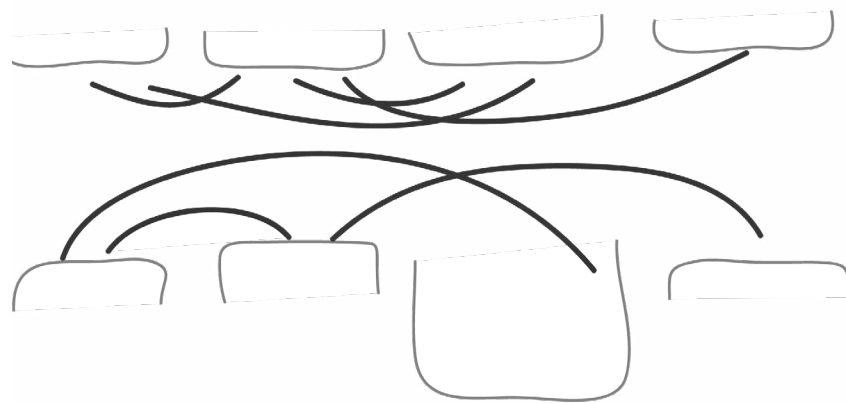


Figura 7: Desenho esquemático da organização repetitiva. Fonte: da autora, 2021.

Percebo uma organização repetitiva. Parece haver um plano especificado de uso e divisão do espaço. Não é só o comércio formal e os espaços públicos que se repetem, mas também os para-formais. O acolhimento e a hostilidade se repetem. Há um sistema explícito.

Essa repetição acontece como dobras das muitas ruas que cabem em uma só. Como um efeito barroco, retratado por Deleuze, a rua se inflete nas multiplicidades estriadas, que revelam uma inteligência e uma relação, novamente, com o logos do nomos. Mesmo o comércio ambulante segue uma lei territorial orquestrada por uma lei outra. Os diferentes dispositivos que infundem a divisão do espaço são apagados de uma lei formal. São invisíveis para um transeunte desapercebido, mas podem ser facilmente reticulados para um bom observador. Parece que todos, com suas barracas montadas ou estendidas são esperantes. Talvez os errantes sejam viajantes como eu, que se destacam por sua a-velocidade.

Esses muitos atores, esperantes que esperam consumidores friccionam um intransigente balé. Assim como a dança renascentista, o corpo da avenida 18 de Júlio possui um vocabulário e uma técnica próprios, que requerem ensaio, domínio e prática. A apresentação se dá em plateia corrente, que transita entre os acolhimentos, usos e espécies. Talvez sejam todos parte do grande balé da cidade, como retrata Jane Jacobs¹⁹⁴ em seu prosaico livro sobre Nova York dos anos 1960. Uma dança pautada no estriamento, que embora se movimente, pouco desvia de uma ordem. A avenida parece ensaiada.

¹⁹⁴ JACOBS. Op. Cit., nota 41.

Figura 8 à 13: Fotografias tiradas entre a Plaza Independência e a Plaza de La Intendencia, na Avenida 18 de Julio. Fonte: da autora, 2019.

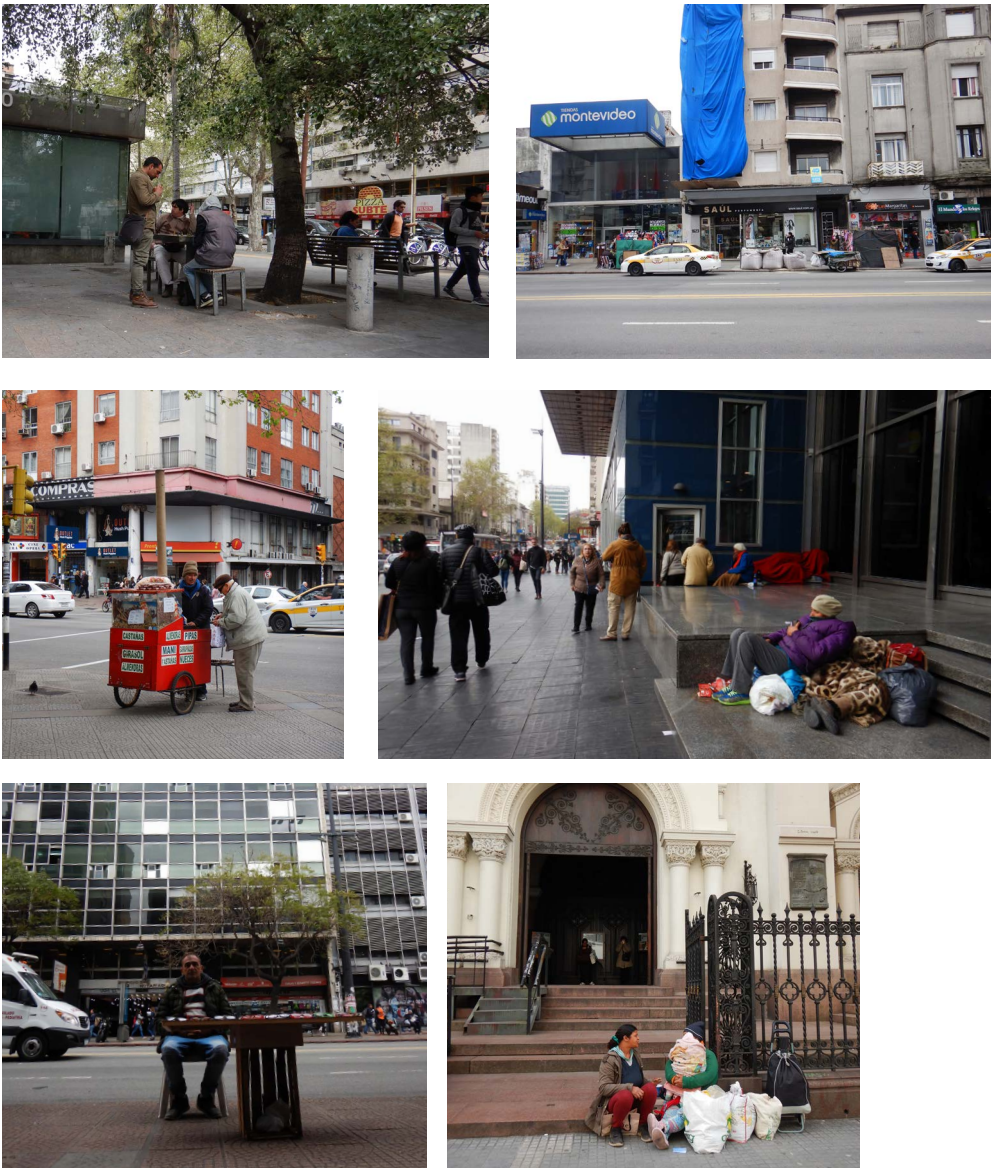
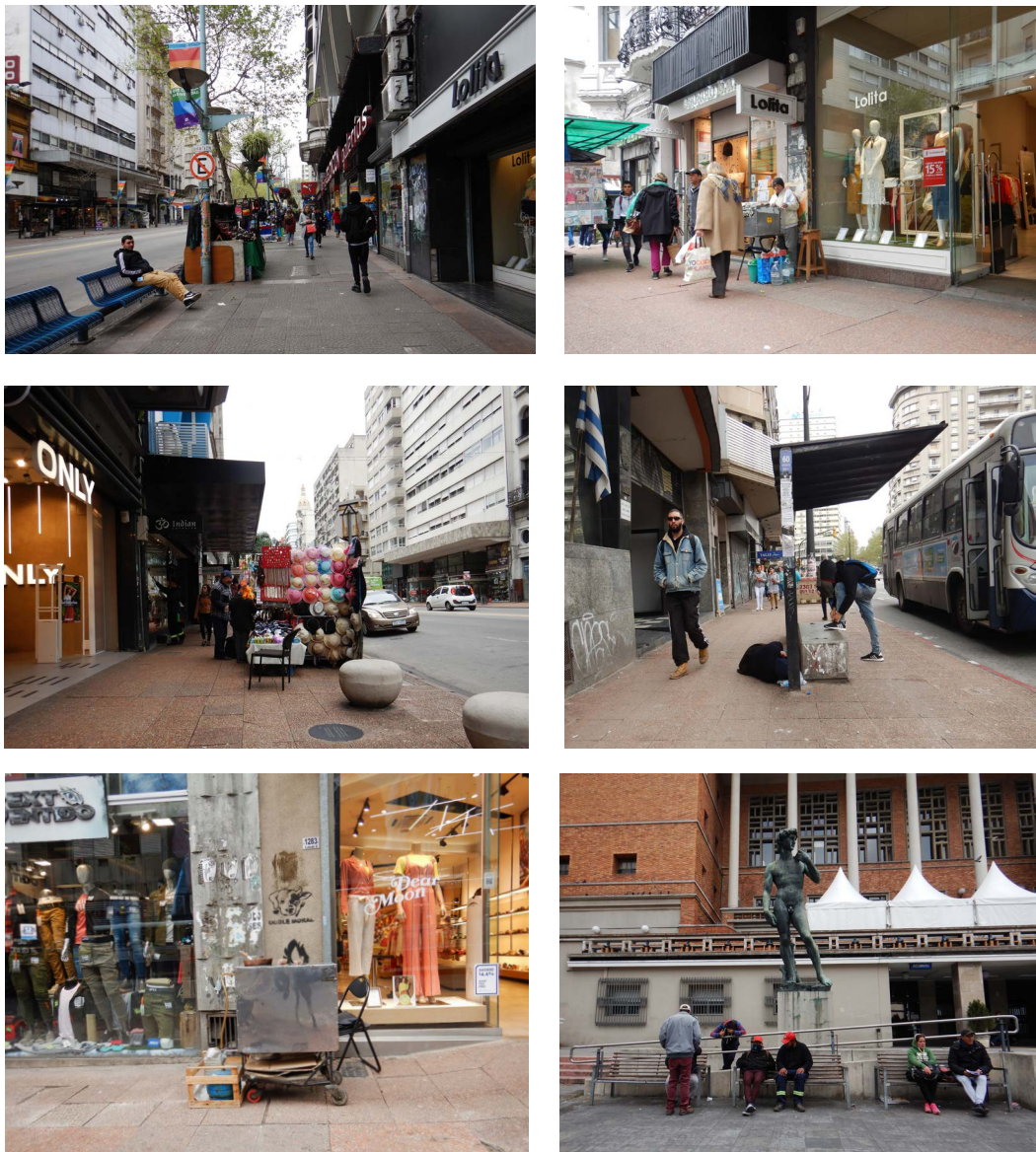
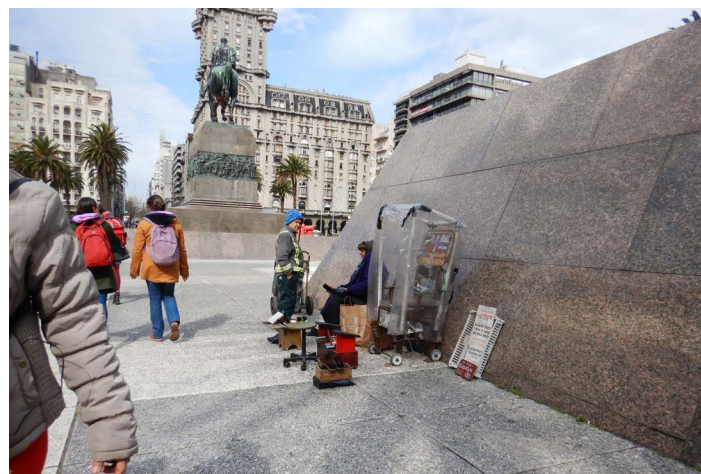


Figura 14 à 19: Fotografias tiradas entre a Plaza Independência e a Plaza de La Intendencia, na Avenida 18 de Julio. Fonte: da autora, 2019.

Figura 20 a 22: Fotografias tiradas entre a Plaza de La Intendencia e la Plaza Independência, na Avenida 18 de Julio. Fonte: da autora, 2019.



Ando mais um pouco e chego até a Esplanada de la Intendencia. Está acontecendo feira do livro. Viva! Entro, olho, compro, saio, espero. Venta muito. E parece que nada acontece.

Onde será que estão as brechas? Saindo do diário, volto para as fotos. Será que algo me escapou? Quero retomar alguma coisa que certamente existe, eu sei que sim, mas talvez não tenha chamado palavra. Imagens: onde o vertical e o horizontal, o rápido e o lento, o formal e o paraformal coexistem dimensionalmente. Evito dar conceitos e significações às imagens, penso que a riqueza delas está justamente na imaginação de quem vê. Não induzir o foco talvez aluda para uma novidade. O que pode ser criado a partir de um registro fotográfico? Percebo que além de para mim, essa dissertação é feita para o outro. Não cabe a minha audácia dizer todas as coisas. Não cabe, não fecha. Por isso o mapa é sempre aberto. Ele rasga. Mas ele precisa se fazer entender.

Terceiro dia.

Sexta-feira. 04/10. Venta muito. O dia está nublado, pesado. Talvez chova.

Saio do hostel quase nove da manhã. Vejo pouquíssimas pessoas na rua. Talvez Montevideo só comece às 10h. Vou até a Rambla, e hoje consigo chegar. Próxima da água, o vendo me desequilibra. Tiro algumas fotos. Caminho. Passo por um parque vazio e sigo por entre a Ciudad Vieja. Em direção ao porto, o Rio da Prata fica invisível, interceptado. Vejo edifícios ecléticos abandonados, no lugar de suas janelas e portas, obstáculos. Me sinto em

meio de um grande cemitério. Uma cidade morta, de calçadas estreitas. Vejo algumas pessoas dentro de suas casas. Poucos me acolhem. No caminho, passo por muito homens. Sinto medo.

Voltando para o território seguro, desacelero o passo e fotografo algumas fachadas. Alguns edifícios maiores. Igreja, banco, edifício da Receita, praça. Calle Sarandi, de novo. Alguns pingos de chuva. Vejo um homem dormindo na rua. Sigo para Avenida.

A chuva vai se intensificando. Alguns poucos vendedores que estavam terminando de montar suas banquinhas vão estendendo lonas, alguns fecham os carrinhos. Surgem vendedores de guarda-chuva por todos lados. Parâguas, parâguas. A chuva faz correr. Vendedores de Amendoim. Percebo que em dia de chuva existe uma outra norma de uso do espaço. Um território muito bem demarcado de ninguém (o corredor) e de alguém (o vendedor).

Sigo caminhando, me abrigando em lojas, em marquises. Na chuva o respiro se dá onde há cobertura. O abrigo se inverte. Molhada, caminhando, o frio bate. Uma quadra mais, depois outra. Entro na Universidad de La Republica, passo na Faculdade de Direito, compro um livro na rua dos Sebos. Penso em comer algo, tudo tem carne. Volto para avenida.

Na Avenida 18 de Julio sou um corpo contra o vento em uma cidade que devora. Embora reme também com os dentes, sou devorada. Cada quadra da rua parece uma infinidade, uma arcada toda. Arcaica, retrocedo. Mesmo que sinta que aos poucos vou ganhando a rua, hoje é ela que me ganha. Por mais um dia não chego ao final, ainda não descubro como essa linha acaba. Decido ir para o evento, encharcada. *Re-cansada*.

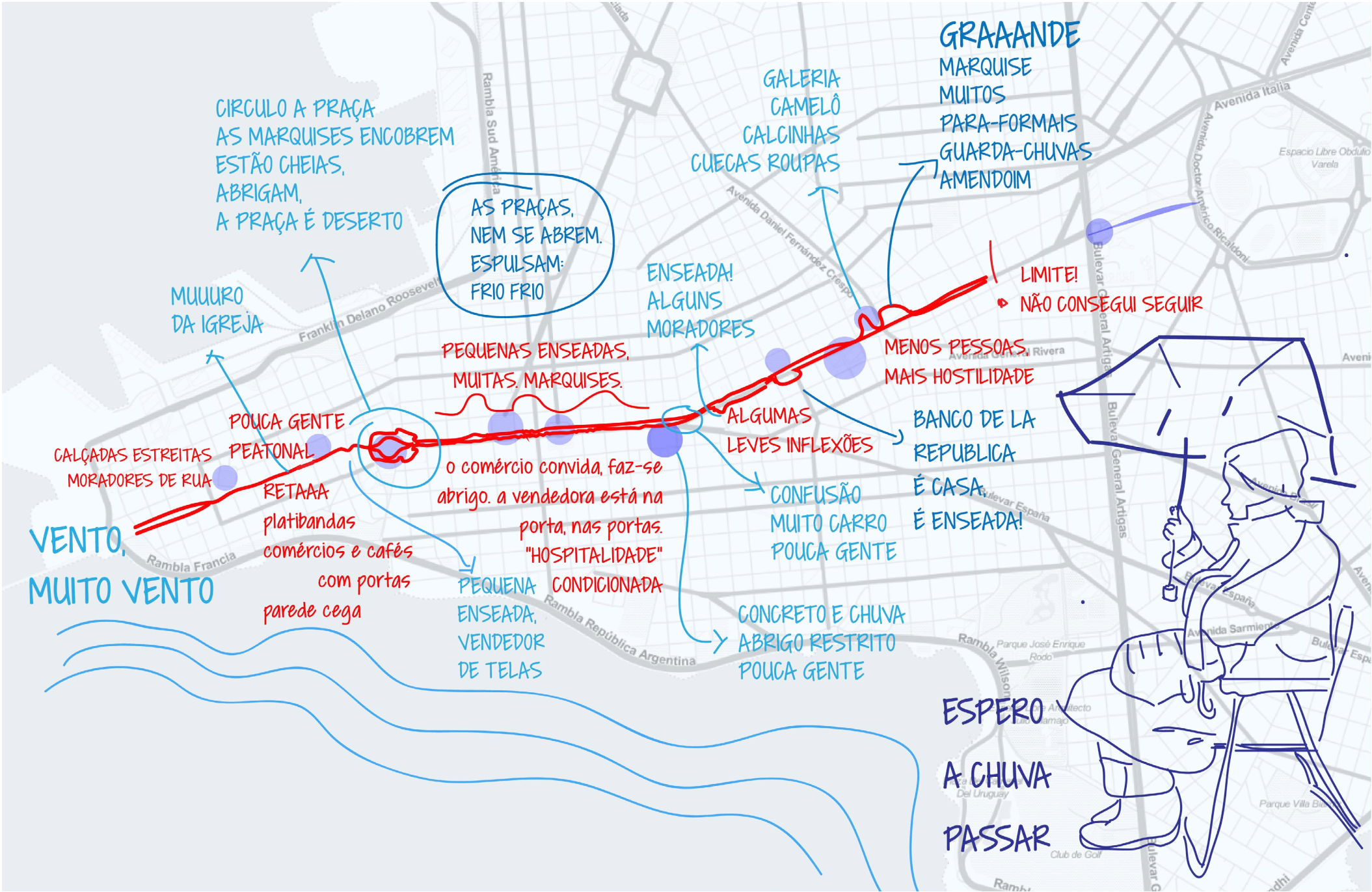
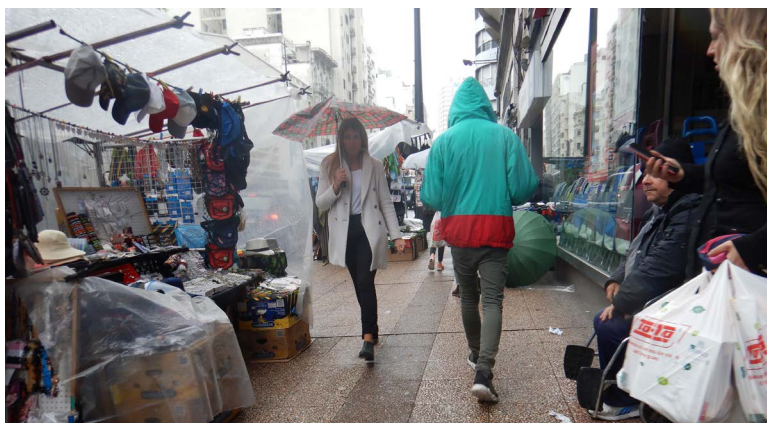


Figura 23: Mapa do acolhimento da Av. 18 de Julio em dia de chuva. Fonte: da autora, 2021.

Figura 24 a 26: Fotografias tiradas na Avenida 18 de Julio em dia de chuva. Fonte: da autora, 2019.



Em um centro de espaços abertos e poucas áreas cobertas, em dias de chuva e vento forte, o comércio é hospitaleiro, e faz-se pequena enseada, uma forma acolhedora, em que é fácil chegar e sair, e perceber o horizonte a frente¹⁹⁵. O comércio é uma pausa, uma pequena espera, sempre aberta ao estrangeiro, que convida, mas ao mesmo tempo expulsa. Acoberta. É um acolhimento super condicionado.

As praças, abertas e descobertas, são retas onde tudo tem uma saída. E as marquises, grandes linhas cobertas que se estendem principalmente em edifícios institucionais, ou de serviços, configuram uma espécie de pequenas enseadas, que acolhem tanto o caminhante, quanto o vendedor para-formal, tanto o esperrante, como o errante. Os tempos rápidos das calçadas, em dia de chuva, pertencem aqueles que tem guarda-chuva e galochas, e correm, individualizando o espaço por onde passam.

Já no evento, assisto muitos trabalhos interessantes. Representantes do governo Peruano, Boliviano, Colombiano falando sobre as ações de preservação do Patrimônio Cultural em seus respectivos países. No meio de tanta gente importante, me sinto muito despreparada. Só recebo informações, e anoto. Ainda principiante, maravilhada.

O evento termina já é noite. Teimosa, decido ir ao Teatro Sólis. Ainda chove. Por sorte, assisto a uma apresentação de Dança Contemporânea. Aconteceu!!!! Saí remexida, feliz, realizada. Sinto que ganhei o dia. Fez um sol intenso dentro de mim! Encontro uns amigos do hostel, e vou a um bar das redondezas. Bebo uma cerveja ou duas e decido voltar para o hostel. Ando na rua, quase dez. Frio na barriga, é preciso descobrir os caminhos da noite. Atenção

¹⁹⁵ PAESE. Op. Cit. nota 29 p.146.

à espreita. Tranquilidade e medo. A rua escura, pouco iluminada. O passo apressado. Coragem. *Andar por la calle en la noche de luna y lluvia es un poquito peligroso, pero me salí muy bien. Lóca.*

Dia quatro.

05 de outubro de 2019. Sábado. Acordo com uma chuva estrondosa. São 6:30 da manhã e penso que não vou conseguir sair. Fico na cama, imóvel.

7:40 e nasce o sol. Ufa. Saio do Hostel às 8:40 com brasileiros que estavam dividindo quarto comigo. Caminhamos pelas ruas vazias. É cedo. A sensação de que o dia na capital uruguaia só começa as 10:00 ressurge. É sábado. Me despeço dos meninos e sigo meu perambular, novamente sola. Em silêncio. Hoje ganho a rua, já é tarde.

Sinto que o silêncio é fundamental para uma atenção à espreita. É preciso solitude para se atrever, testar os próprios limites e estar de corpo completamente presente. Não que a viagem em grupo não tenha efeitos maravilhantes, mas ela é cheia de dobras. Viajar em grupo é portar as vantagens e desvantagens de um corpo coletivo. Um grupo é por si só uma enseada, eu sou por mim mesma reta. Sozinha, vivencio apenas meus desejos. Sou uma mulher só. Uma estrangeira, branca, de olhos grandes e azuis, estatura média e sorriso de orelha a orelha. Mais uma. Carrego comigo as potências, vivências, revoltas, necessidades e vontades geradas pelo meu estar no mundo. Inscrevo meu corpo na cidade, e a escuto, deixo que ela me risque. Vou e volto. Vibrando, atenta.

Por volta das 9:30 alguns para-formais começam a montar as banquinhas na avenida. Já é sábado, decido percorrer a 18 de Julio até o final, preciso entender de fato o corpo

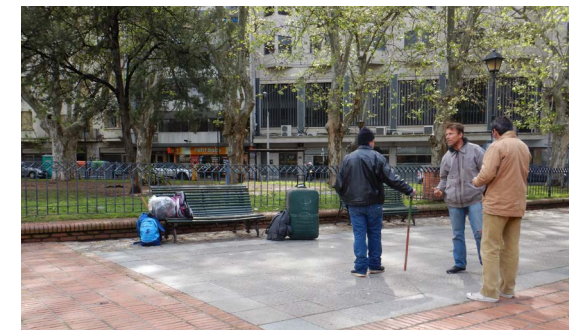


Figura 27 a 30: Fotografias tiradas na Avenida 18 de Julio em dia de sol. Fonte: da autora, 2019.

que estudo. Me perco. Acho que perco, mas ganho. Preciso ganhar.

Chego em uma feira de frutas, papéis higiênicos e morangos e senhoras e queijos e chás e caixas e caixas. Caminho por entre as bancas atrapalhando o fluxo. Sou intrusa, entremeada. De pronto chego em uma espécie de fronteira da feira e pela primeira vez na rua, acontece. Acontece um acontecimento que me força a pensar. Vejo ali, naquela brecha, uma Montevideo mais próxima de sua essência, ou do que eu espero como sua essência. Vejo os seres lentos dessa cidade de corpo nu. Lisos. Ali, nas calçadas com poucas tecnologias, os atores parecem finalmente sucumbir uma ordem de repetições. Quem participa da feira, daquela feira dentro da feira, ou fora, vende o que tem e mostra o que lhe falta. Mas quem disse que falta? Sem carrinhos, sem bancas, às vezes sem produto. Estou na feira dos obsoletos, na feira dos seres lentos, “dos heróis da utilidade, dos que apanham o inútil pra viver”¹⁹⁶. Ali a calcinha não é Sisi, o mercado não é Tata. Parece que Montevideo mostra seus rasgos, seus espaços de errantologia. Diferença. Pela primeira vez sinto-me uma estrangeira esperando por um abraço acolhedor.

Converso com duas senhoras, vestidas de cores vibrantes e cítricas, que vendiam seu tricô e algumas roupas de reuso; e com uma terceira senhora, obviamente mais jovem, que se instituíra como uma possível compradora. Logo me dizem que a terceira dessas, cuidava de carros e atualmente, por falta de opções, morava na rua. Me dizem, as três, que não é bom morar na rua.

Falavam mais coisas, num espanhol que os meses morando na Colômbia não me ensinaram. Entendia poucas coisas

do que diziam, tudo se misturava. Falavam demasiado rápido, usavam gírias de uma outra língua, talvez das ruas. Percebo que a linguagem é também morada.



Ao notar que estava sendo invasiva, embora tenhamos conversado coisa ou outra, era evidente que aquele não era meu mundo. Agradei e sai. Que te vaya bien.

Em momentos como esse me pego em um apelo ético. Tiro ou não tiro fotos? Perguntei, me disseram que não. Roubei algumas. De pronto, essas senhoras nunca verão as fotos que se eu as compartilhar, mas seria isso certo? Me sinto uma invasora. Não uma viajante, mas uma turista. Pois em mim, cabe a experiência e a imagem. A foto seria um registro para o outro, uma confirmação. Necessária? Decido tirar fotos gerais. Em que os seres lentos sejam mais uma relação com o todo, e não o foco do retrato propriamente dito. Me parece mais ético. Me sinto menos uma ladra que corre atrás de uma representação. Afinal, não procuro rostos em si, procuro a produção de cidade - apresentada. Não quero reproduzir mais

Figura 31: Ilustração sem título. Fonte: da autora, 2021.

¹⁹⁶ RIO. Op. Cit., nota 43, p.56.

Figura 32 e 33: Fotografias da feira dos seres lentos. Fonte: da autora, 2019.

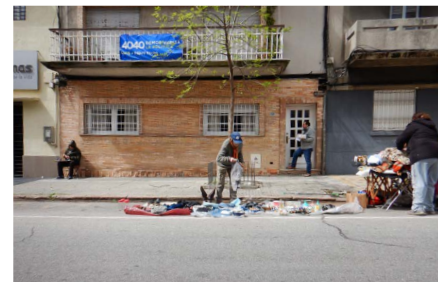


Figura 34 a 38: Fotografias da feira dos seres lentos. Fonte: da autora, 2019.

Figura 39 e 40: Fotografias da feira dos seres lentos. Fonte: da autora, 2019.

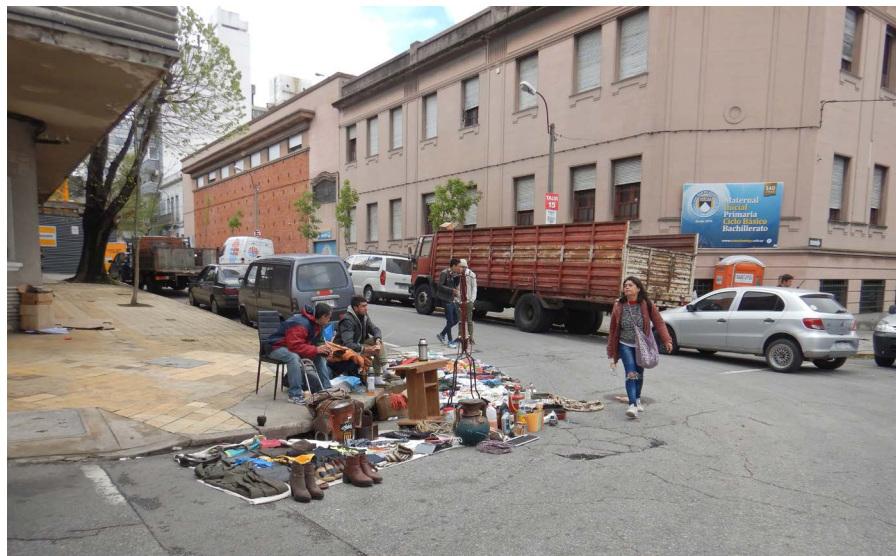


Figura 42: Fotografia da fila para ingressar em um edifício patrimonial na Av. Bulevar Artigas. Fonte: da autora, 2019.



Figura 41: Fotografia da feira dos seres lentos. Fonte: da autora, 2019.

um clichê, uma coisa por partes.

Passei por alguns senhores no caminho para o cerne da feira. Pela primeira vez fui assediada. Um senhor fala besteiras. Cantada. Percebo que estou de fato em outro território, que foge da configuração estriada da 18 de Julio. Não estou no mapa turístico. Caminho.

Chego em uma avenida antiga. Longe do mar. Casas Grandes. Rua Larga. Era a Boulevard. Percebo que era dia do Patrimônio em Montevideo. Teço um caminho por entre os casarões. Muitas filas para entrar em todos. Talvez a pedagogia da viagem caiba aqui, nessa imersão que fazem os próprios uruguayos nesse dia, na sua própria cidade. Talvez tenham aprendido ainda na escola, nas excursões ao seu próprio centro. Entro em alguns casarões. Embaixada brasileira, casa de famílias ricas, museus. Memorial da ditadura.

Entro, me rasgo. Tortura, aborto, estupro, morte. Dor, choro, ódio. Junto meus próprios pedaços e sigo. Passo por um hospital. Placa psiquiátrico. As ruas largas e sinuosas me amedrontam. Mas não é só isso. Adquiri as dores de não poder ser livre. Ainda assim teimo, sou teimosa. Tomo ar e continuo. É preciso remontar as partes.

Vou ao parque do estádio de futebol¹⁹⁷, no berço atlético da ditadura, de novo ela. O dia de sol fica cinza em meio a tanto concreto. Ando pelo meio de tantas árvores. Vejo poucas pessoas, me sinto insegura. Pela primeira vez um parque da capital não me acolhe. Já não sei se pelo próprio parque, ou pelas memórias desumanas que li anteriormente. Dos militares sinto nojo.

¹⁹⁷ Parque Battle.

Volto pro sol. Me aproximo do Obelisco de Los Constituyentes e sento para escrever. Segunda cantada. Três homens, um de meia idade e dois jovens adultos que parecem ser seus filhos. Desgraçados. Respiro.



Figura 43: Ilustração do Obelisco de los Constituyentes. Fonte: da autora, 2020.

Percebo que esse caderno, e o conteúdo que escrevo é de alguma forma uma fabulação. É impossível não sobrepor algumas coisas. As informações vão se interpelando. O texto vira uma grande montagem. Sinto que é perigoso acumular histórias pra si mesma, a memória é traiçoeira. Talvez Benjamin me ajudasse aqui, mas sei pouco. Tiro uma foto. Chego no agora, na narrativa das coisas que estão acontecendo. E já perco. Anotar, atenção à espreita, tirar foto, tentar falar com alguém, perceber os acolhimentos, estar segura, tirar foto. Não estou eu mesma no ciclo estriado?

O tempo lento é sempre presente, ou será passado?

Volto a caminhar, caminhografar, decido fotografar todas esquinas da 18 de Julio. Do lado de cá, a rua ganha outra conotação. As coisas se repetem menos. Há mais

moradores de rua. Há menos vendedores. Leio em uma parede: Nadie en el Mundo es ilegal. Continuo andando.

Percebo uma cidade bairro, em pleno centro. Espio os interfonos, mais edifícios residenciais. Idosos caminham na rua que do lado de cá corre menos. Menos respiros, menos espaços públicos, mas mais ar. A calçada tem espaço.

Vou ao museu de história natural. E de novo UAU. Acontece. Vejo a história dos povos tradicionais contada pelas diversas esculturas, pinturas, cerâmicas. Checo cada reprodução com atenção e delicadeza. Percebo que diferente da arte, a cidade não cabe em um museu. Ela é seu próprio museu. Passado, presente, futuro, constante colagem, imbricamento. Para vivenciar a história da cidade, é necessária uma coreografia nada ensaiada, mas atenta. Ela acontece hoje, e segue se reproduzindo. Com ganhos e perdas, a cidade todos os dias impõe tudo o que ela ainda é, nas camadas sobrepostas o passado é presente e futuro. As veias continuam abertas. Opacas ou iluminadas, lisas ou estriadas, elas continuam pulsando.

Saio, e na esquina um poquito *más adelante* compro uma Torta Frita. O vendedor me conta que há mais de dez anos trabalha ali, e que é dele a melhor torta frita da cidade. Me fala alguns detalhes sobre a receita, que eu prometo mantê-los em segredo. Me conta também que a receita (o modo de fazer!) é um patrimônio e que *hacia las tortas fritas em su casa como lo hacia su abuela*.

Imagino su abuela, ali, naquela mesma rua em uma outra Montevideo. Imagino também su abuela em uma outra cidade qualquer. Impossível.

Se os magazines e os edifícios altos não me contam nada sobre Montevideo, o carrinho estacionado logo em sua frente, detém na simplicidade, toda poética e história.



Figura 44: Ilustração Vendedor de Tortas Fritas. Fonte: da autora, 2020.

Quando vejo uma torta frita, sei que estou ali, e não em uma outra capital qualquer. É sobre isso.

Na grande rua de Montevideo, com lojas e lojas e lojas, cabe um carrinho de torta frita. Cabem também muitos carrinhos de amendoim. Espaços, pequenos e singelos, ocupam mais do que o espaço a que se propõem, porque resguardam na simplicidade uma camada de temporalidade que é toda resistência. A receita, a tradição, os personagens, a alegria são dispositivos revolucionários, micro resistências que tornam qualquer brecha, lugar. Fazem porque precisam, mas porque sabem da importância de o fazerem. Com o grande sorriso, de quem vende um alimento que faz parte da cultura da cidade, tornam qualquer concreto enseada aberta. O sorriso é convite. Obviamente há condição, o acolhimento nunca é incondicional. Mas pode ser simples.

Segui pela 18 de Julio, em direção ao centro, e escutei uma música muito alta. Me aproximei. Diversos casais, em sua maioria idosos, dançavam no Largo da Praça do Metrô. Dia do patrimônio, pensei. Faço um vídeo. Sigo. Penso.

Já na Sarandí, passo por um aglomerado de pessoas. Muitas pessoas. Uma grande feira, um grande evento. Não tinha ainda visto gente vendendo arte, fazendo arte. Pintores, bailarinos, escultores, músicos de todos os tipos: banda clássica, gaita, violão, violino tocando Britney. Vendedores de Jóias, de Tortas Fritas, de Panchos, lenços, cuias, estátuas, bexigas. Converso com uma senhora, na praça, que me diz que é necessário pagar para estar ali: *no sé porqué és tan costoso si no se vende nada*.

Um pouco mais a frente, de volta a Sarandí, converso com um senhor que vende brincos e colares em metal. Pergunto se é necessário pagar alguma coisa para estar ali. Em portunhol ele me diz que não, que é só chegar e montar a banca. Me diz que já esteve em Pelotas em uma fenadoce e me conta histórias. Vejo vendedores de todos os tipos, artistas de todos os tipos. As lentidões são muitas.

Entro em um café logo acima da rua. Não um café qualquer, mas um café de artistas. LGBTQIA+. Nas paredes, muitos dos lambes políticos que fotografei nas ruas. *Nadie en el mundo es ilegal*. Me sinto em casa. Afeto, carinho, acolhimento. Converso com muitas pessoas, a maioria estudante. Vejo a rua de cima, da pequena janela. Me divirto. Sento para escrever. Converso um pouco mais.

É preciso pensar porque a praça, que já havia estado com bancas em outros dias é regulada pela Alcadía, que inclusive cobra uma taxa, e a Sarandí, que segue por ela logo ali, para os dois lados, não é. O que torna a rua um espaço mais liso que a praça, que propriamente seria um espaço de espera? Sobre tudo nesse momento em que ambos espaços estão se destinando ao mesmo uso? Talvez a montagem e a rigorosidade das bancas, mas não sei. Parece que a praça segue um ordenamento mais estriado. Sinto que os produtos são mais manufaturados, artesanais. Enquanto na Calle



Figura 45 à 49: Fotografias da Calle Sarandí no dia quarto. Fonte: da autora, 2020.

Sarandí se confunde o brinquedo barato chinês, o vendedor de prata argentino e a vendedora de cachecóis peruana. Entretanto de cima, da sacada do café, vejo pouca diferença. Prezo pela metodologia que olha de perto. Da pra ver mais, melhor. De cima, são todos iguais. De cima não se veem os sorrisos.

Já ao pôr do sol, subo em direção a praça Independência. Noto que o mesmo senhor que estava pedindo moedas pela manhã ainda está ali. Quase noite. Ele e sua cadeira de rodas.

Volto à 18 de Julio e vejo dois homens terminando de desmontar o carrinho. Vislumbro minha oportunidade de descobrir onde são guardados esses dispositivos móveis. Alguns vendedores já haviam me falado que ficavam como há duas quadras da avenida, mas não havia conseguido nenhum detalhe.

Começo a seguir os dois homens, mantendo um pouco de distância. Percebo que na verdade, esses homens são seres muito rápidos. Sem saber bem para onde estava indo apresso o passo para os seguir. Acompanhando-os de longe pelas ruas asfaltadas, percebo que exercem uma coreografia precisa e treinada. Um balé? Ou uma dança de rua? Correm com o carrinho morro abaixo, em meio aos carros.

Por vezes perco eles nos semáforos. Sigo atrás, de longe, e já sem saber quantas quadras tinha corrido, ofegante, perco a orientação. Estou em ruas mais escuras, menos movimentadas do que de costume. O chão tem revestimento irregular. Sigo. Dobram uma quadra à direita, e no meio dela param na rua, em frente a um galpão. Um deles abre uma porta, entram. Sigo até a frente do lugar. Encontro um ninho. Estou diante do estacionamento dos

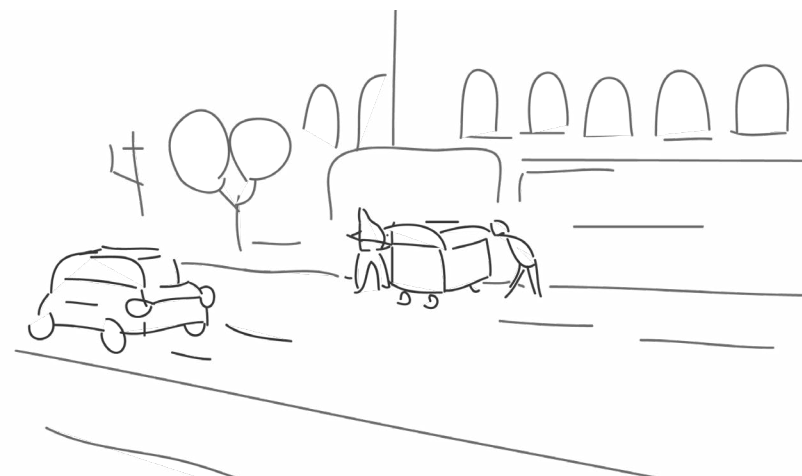


Figura 50: Ilustração dos corredores de carrinho. Fonte: da autora, 2020.

seres lentos. Já não tenho bateria na câmera fotográfica. Mas gravo com os olhos.

Continuo caminhando até a esquina, onde entro em um mercadinho. Compro frutas. Faço algumas perguntas. Respostas fechadas. Não é vergonha que me impede de saber as coisas. Mas parece que as pessoas tem medo de me dizer. Por mais que tente entrar por outro assunto, as pessoas não entendem porque quero saber sobre o que pergunto. Ficam desconfiadas. Desconversam. Acho que meu sotaque não ajuda, tampouco minha carinha de turista.

Derrida, fala em seu livro da hospitalidade sobre o estrangeiro, que fala outra língua. Nessa fronteira aberta, a mão até se estende, mas não mostra todos os dedos. Talvez porque, como diz Derrida: o estrangeiro pede hospitalidade numa língua que não é a sua, é aquela imposta pelo dono da casa. E ali, além de não falar a língua, eu não era ninguém. Anônima. A hospitalidade não é absoluta¹⁹⁸, aliás, ela é muito hostil.

¹⁹⁸ DERRIDA, Op. Cit. Nota 174.

Já são quase nove da noite. Volto para 18 de Julio, vou e volto, caminho por uma rua que já era de alguma forma minha. Sinto que estou em um território conhecido. Ali, me sinto segura. Procuro um trailer para comer, um que vi mais cedo, com hamburguers vegetarianos. Ainda há muita gente na rua. Mas poucas coisas abertas, poucos vendedores. Encontro alguns meninos que havia conversado no café. Trocamos algumas palavras. Muitas pessoas esperam ônibus. Como e volto pro hostel.

Dia cinco.

Dia de muito sol e pouco vento. O dia mais quente e convidativo até agora. Domingo.

Hoje minha caminhografia se transformou em uma pedalografia. Com o intuito de ir mais longe alugo uma bicicleta. Passo a Ciudad Vieja e tomo a Rambla. Há muita gente na rua! Viva! Vejo lazer, vejo ócio. Abordo três artistas que ontem havia visto na feira da Calle Sarandí, duas uruguaias, um carrinho com um bebê e um homem, brasileiro. Gravo nossa conversa, que se dá enquanto caminhamos. Estavam apressados, seguindo para Feira no Parque Rodó. Me contam sobre a vivência da paraformalidade no Brasil, na Argentina e no Uruguay, "é sempre igual, mas sempre diferente. O que é diferente é o acolhimento da cidade, a violência". Falam da importância de algumas regras, por parte da prefeitura, que garantem a existência desse tipo de comércio de rua, que impedem que a polícia bagunce tudo. Reconhecem a resistência, e com um olhar gracioso, agradecem com a fala e os olhos, a todos aqueles que vivem na rua, da rua, e resistem para que o movimento aconteça, pra que esse lugar hoje seja

assistido. Em algum momento falo que é uma pesquisa para o mestrado. Não entendem. Não entendem minhas perguntas. Desviam. O brasileiro fala um pouco mais, mas não querem papo. Sigo.

Vou pela Rambla até Pocitos. Me perco um pouco pelo bairro. Vejo pela primeira vez alguém mexendo no lixo. As dicotomias entre os tempos ficam evidentes. No bairro mais rico, alguns se alimentam do que sobra, que ainda deve ser muito. Passo por grandes casas abandonadas, outras antigas e em bom estado. Vejo muitas pessoas dormindo próximas dessas casas. Abandonos.

Retomando a conexão que se estabelece entre esses abandonos, e a lei desse outro mercado, que é marginal e depende do circuito superior, Beatriz, em sua etnografia por Buenos Aires confirma:

Os catadores de papel, enquanto não os expulsam, acampam perto de onde se produz o lixo ou de onde possam coletá-lo. Também frequentam bairros relativamente prósperos, pois se pegam coisas muito mais valiosas para revender, já que são bairros não submetidos a uma economia de escassez. [...] Os objetos descartáveis para uma fração social têm valor para outa, como se o próprio ato de jogá-los fora e depois recolhê-los se pusesse em marcha um processo marginal de geração de valor¹⁹⁹.

Lembro também da feira da manhã anterior. De onde será que vem os produtos? Talvez também sejam provenientes das sobras de Pocitos.

Subo e desço algumas quadras pelo bairro. Mesmo cenário. Decido ir para Trintán Narvaja. Peço informações. *Estamos*

199 SARLO. Op. Cit. nota 79 p. 64.

Figura 51 e 52: Fotografias da Feira Tristán Narvaja. Fonte: a autora, 2019.



muy lejos. Eu sei que não. Passo por muitas quadras, rápida. Estou de bicicleta. Ainda próxima da Igreja, atrás da Universidade, Escuto a Feira. Percebo que cheguei.

É difícil entender o que acontece ali. O que nasce na Calle Tristán Narvaja com a Avenida 18 de Julio. A ordem e a desordem, o espaço liso e o espaço estriado. Mal sabia por onde entrar, entrei pelo lado. A princípio, feirantes ao meio, artesãos ao redor. As regras, os passos, os espaços não valiam. Me contradigo. No começo acho que é uma feira como as outras duas que eu havia estado, mas é muito mais. Era uma feira rizoma. Caminhava, ia e voltava. A cada nova rua, mais três se abriam.

Antiguidades, trambolhos, livros, frutas, verduras, cadarços, louças, temperos, discos, papel higiênico, cuias, brincos, roupas, só pimentão, só louro, camisetas, óleo chinês, quase nada, quase tudo. Mal era possível andar. Muita gente, muita coisa. Fecho a mochila.

Vou até algum final, ou começo. Encontro a ruptura da feira, os seres lentos de verdade. Percebo que sempre há dicotomia quando há consumo. Sempre há uma periferia da feira, *Como ayer*. Tomo suco de laranja. Vou, volto, vou. Como comida chinesa. Comida colombiana, Arepas!!! Que saudades! Subo desço. Me perco, volto. Falo com mais velhos, com mais jovens. Poucas informações. Descubro que a feira é muito tradicional, emblemática. A feira Tristán Narvaja move a cidade inteira. Ela é uma grande locomotiva. E se levássemos ela a outro ponto? Seria ainda a mesma?

Um casal que converso me diz que a rua principal é organizada pela intendência. Que não é necessário pagar nada, mas que existe um sistema muito fechado de quem pode ou não estar em cada local. *La gente más antigua hasta vende su local*. Era sempre necessário conhecer

Figura 53 e 54: Fotografias da Feira Tristán Narvaja. Fonte: a autora, 2019.



alguém para adentrar a esse sistema. Vou, volto. 14:30 e algumas ruas laterais começam a se desmontar. Alguns vazios. Volto.

Na Tristán, uma senhora cega, em uma cadeira de rodas me oferece louro. Era a mesma que estava pedindo dinheiro nos dias anteriores na frente da Igreja. Percebo que os pedintes de Montevideo têm um território sonoro, um ritmo que batem o copo angariando moedas, uma espécie de território não visual.

Converso com um artesão que vende colares. Compro um, ganho a fala. Me conta que é venezuelano e que tinha entrado por sorte na feira, pois tinha feito amigos vendendo seus produtos na praia. Me diz que se tu não conhece ninguém, precisa chegar bem cedo e ir conversando, conversando. Que a intendência não regula nada, mas tinha um registro dos feirantes, porque algumas pessoas cansavam de ir pra feira, depois de muitos anos, e alugavam ou vendiam seu local para interessados, ganhando dinheiro com a venda de uma vaga na feira. E a intendência fazia as vezes fiscalização pra impedir o comércio ilegal. Mas só a parte central tava no cadastro, só a rua Tristán Narvaja. O que acontecia nas calçadas e nas ruas laterais era de outro controle. A feira de verdade não era orquestrada pela intendência.

O artesão me conta também de seu filho e esposa. De detalhes sobre suas jóias, suas vendas, e seu ir e vir entre Uruguay e Venezuela. Sou extremamente acolhida pelo uruguaio-venezuelano, que inclusive me apresenta uma senhora que é mais antiga que ele na feira (trabalha a mais de 20 anos lá). Ela entretanto, não me diz muitas coisas.

Decido ir sentar na praça ao lado da universidade para escrever.

Parece que para ganhar o papo é necessário comprar o tempo, será esse o truque? Se eu não tivesse comprado o colar, talvez não soubesse das histórias do artesão...Ou será que ele se reconheceu em mim, também estrangeira? Lembro de Fuão: são os errantes, os estrangeiros, os clandestinos, os estranhos que ali chegaram antes e fizeram um lugar que hospedam o novo estranho, mais um estrangeiro na multidão estranha²⁰⁰. E aqui, sou errante ou espera? E ele? Estranha, Vago.

Próximo das 16:30 a feira já estava toda desmontada. Nas laterais, espaços mais lisos, seu desmonte era rápido. Pessoas saíam com seus produtos em carrinhos de feira ou supermercado. Deixando rapidamente, pouco efeito de sua estada por lá. Na rua principal o processo era mais lento. As estruturas mais pesadas, barracas e grandes bancas, dependiam de um transporte maior para serem retiradas: caminhões, kombis, carros grandes ou ainda reboques. Muito lixo no chão.

A efemeridade de todo o processo é visível na feira. Aqueles que são privilegiados de montar suas grandes bancas estruturadas na Calle Tistán Narvaja seguem mais regras, mais estriamentos, dependem de mais fatores. Enquanto os nômades, que montam sua banca a partir de seu pequeno carrinho, e colocam um pano no chão para oferecer seus produtos possuem a efemeridade em si. Em um piscar de olhos estabelecem seu território, em um piscar de olhos já não estão mais ali.

Acompanho o desmonte. De novo, sou intrusa. Invado o que resta da feira.

Pego a bicicleta e vou até a Rambla.

200 FUÃO, Op. Cit nota 175.

Curiosa, me aproximo de La concha. Por sorte, entro em uma visita guiada mediada por crianças!! Depois, as crianças cantam na concha... um lindo coral! Me emociono. Vou ao por do sol espetacular, e volto à Sarandi.

De volta a Sarandi, já era quase noite, mais ambulantes desmontam suas bancas. Muitos caminhões buscam as pequenas estruturas, levam várias. Carregam placas de frete. Também alguns carros antigos. De pouco em pouco, toda a feira que estava ali se desmonta. Ficam apenas as peruanas, vendendo suas mantas e toucas. Me contaram que o chefe delas busca antes outras pessoas em outras feiras. Percebo esse outro sistema.

Subi a 18 de Julio. A mesma senhora que pedia moedas em frente a loja de louças estava ali, mesmo no domingo. Os dois homens que eu havia visto esticando uma lona no dia anterior estavam fazendo fogo. Os senhores e senhoras que ficavam na praça durante o dia em frente ao banco estavam se preparando para dormir – no banco, como eu presumia. Não vi vendedores. Quanto mais me aproximava do obelisco, via menos pessoas caminhando e mais moradores de rua. A rua era pouco iluminada. Em alguma esquina paro, e uma senhora me diz que é perigoso estar ali.

Era domingo, e parece que no domingo, principalmente de noite, os moradores da rua desvelam seu aconchego. Talvez fiquem mais preguiçosos, menos vulneráveis aos seguranças e proprietários dos bancos e comércios. Parece que como o movimento é outro, mais lento, tudo fica mais leve.

Paro na Praça do Metrô, outra vez está tendo Tango. Dois dias seguidos, o que será? Pergunto para uma mulher se é usual tal encontro ou se está sendo promovido pelo dia do Patrimônio. Ela me diz que há mais de 50 anos as

peessoas se encontram ali para dançar. Que é como uma celebração, e sempre cheia gente animada. O tango na praça é o momento de encontrar os amigos e amigas dos diferentes bairros. Na maioria, as pessoas que estavam ali eram idosos. Bingo. Era uma grande festa dos seres lentos. Só precisava de uma caixa de som, e é claro, da tradição. O que era o dispositivo de encontro? Todos festejavam, e festejavam sempre! Lindo!

Sigo. Logo ao lado da roda de dança, me aproximo de uma aglomeração de pessoas achando que algo importante está acontecendo, alguma apresentação. Sou reprimida com os olhares, e me aproximando do motivo da reunião, compreendo. Algumas pessoas estavam distribuindo comida para os moradores da rua. Saio disfarçada. Caminho, cruzo a praça da independência, vazia. Na praça da Catedral vejo muitas pessoas se organizando para ir dormir. Principalmente perto do banco, entre as franquias de fastfoods, papelão e cobertor. Cabeça tapada. Só vejo homens. Volto para o hostel.

Dia sexto.

Último dia. Segunda-feira. Saio do hostel com o objetivo de não passar, mas permanecer. Estou cansada, e quero entender um pouco do que acontece ativamente nos espaços públicos. Quero ficar. São quase dez da manhã. Vou ao mercado del puerto comer empanadas, e na saída, um senhor me indaga: “*Señora, una consulta? Tiene 5 pesos?*” Dou risada e sigo, não tinha troco. Mas achei engraçada a abordagem, educada. Me dou conta que fui poucas vezes abordada na rua. Os pedintes pedem com o som da repetição, mas de certa forma não invadem o

território de quem passa por eles. Uruguaios.

Encontro uma praça que não está nos mapas e converso com uns meninos. Pergunto sobre a vida em Montevideo, digo que sou brasileira. Me dizem que se eu quero conhecer a cidade tenho que ir pros bairros, porque no centro as pessoas só cumprem tarefas. *El centro no és Montevideo, és otra cosa*. Nessa praça os mobiliários são equipamento urbanos itinerantes. Parafusados no chão. Gosto dessa ideia. Aiás, não encontro a praça em mapa nenhum. É segunda de manhã e várias pessoas passam por ela. Crianças, adolescentes, adultos. Vejo poucos idosos, nenhum skatista.

Tenho notado que as praças de Montevideo são todas bem iluminadas, com mobiliários bem cuidados e em pleno funcionamento. O cuidado com os espaços públicos os tornam acolhedores para além da vitalidade intrínseca a eles. Próximo dos espaços públicos, há todo um circuito formal e informal, turístico e cotidiano implicado.

Subo até a praça do Metrô e sento. Várias pessoas estão no horário de almoço. Almoçam, fumam. Tento manter uma atenção flutuante. Uma menina passa vendendo artesanatos, pulseiras de macramê. Percebo que vi poucos vendedores nômades, como em semáforos, ou esquinas. Um casal se beija. Muitas pessoas mexendo no celular. Um senhor dorme no chão, ao lado da livraria. O banco que estou sentada me direciona para o céu. O dia está lindo. Já são 14:45. Tomo um ônibus até a Tristan Narvaja. Nem parece a mesma rua. Sento na praça ao lado da Universidade, meu lugar favorito dos últimos dias. Muita gente toma mate. Estou próxima de um público muito diferente que no dia anterior. Parecem estudantes.

Vou até a praça em frente ao Banco. Vejo alguns moradores

Figura 56 á 61: Fotografias tiradas entre a Ciudad Vieja e a Plaza Cagancha em Montevideo. Fonte: a autora, 2021.



Figura 62 á 64: Fotografias tiradas na Plaza de los Trinta y Tres e na Esplanada de la Intendencia Montevideo. Fonte: a autora, 2021.

Figura 55: lustração na Plaza de los Trinta y Tres. Fonte: a autora, 2021.



A escultura se dá como um dispositivo de experiência. A maioria das pessoas desviam do dispositivo. Algumas pessoas de mais idade se aproximam e encaram a intervenção. Crianças param os seus tutores, indagam e olham. Gesticulam. Sento perto de um grupo de pessoas que suspeito ter visto acordando perto do Banco. Dois senhores estão fumando, e um, com usa fones de ouvido, desplugados. Pode ser para que não lhe incomodem. Um dos meninos do grupo sai com um galão vazio e volta com água. Onde será que pegam água? Percebo que não

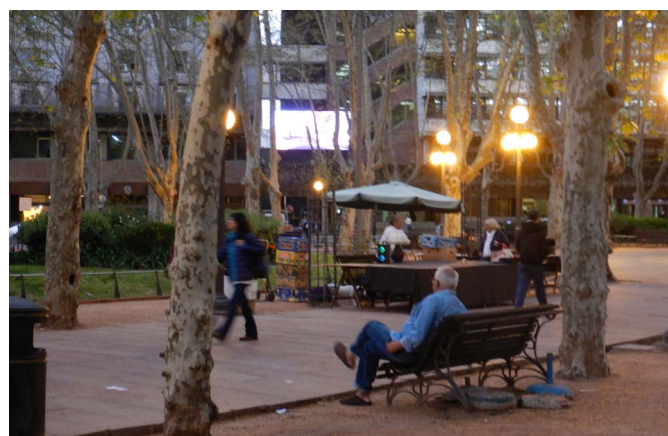
reparei nos pontos públicos de água. Vou dar uma volta. A fachada do Banco, onde ontem se montavam casa, está vazia. Por hora, ninguém mora mais no banco.

Caminho até a praça da Intendência, que está sediando a feira do livro. Sento em alguns bancos abaixo da grande escultura de um homem grego nu. Escrevo, olho percebo. Reconheço rostos que já vi outros dias ali. Muitas pessoas, muitas pessoas diferentes. Pessoas fumando, desenhando, conversando, bebendo, mexendo no celular. Senhoras, crianças, adultos, jovens. Homens e mulheres. Na folga do trabalho, ou em grupos de ócio. Fica evidente as diferenças. Todos dividindo o mesmo espaço, o mesmo grande banco. Espaço de alteridade.



Figura 65: Ilustração dos personagens do acolhimento da Esplanada. Fonte: a autora, 2021.

O final do dia se aproxima e saio para caminhar por mais ruas. Tirar fotos. Dar-me ao tempo. As vezes demoro dois ou três sinais para atravessar a rua. Percebo as cores de Montevideo. Percebo uma variedade de produtos, de



bancas. Decido voltar para o hostel, lentamente. Muito lentamente. Está tudo tão lindo. Percebo as sutilezas, os tempos.

Passo a praça independência, o Teatro Solis e desço até a Rambla para ver o último suspiro de sol. Anoitece.

Chego no hostel, vou para mi habitación.

Nos dias em que estive habitando o quarto compartilhado do hostel, percebi que um dos meninos era um pouco estranho, desajeitado. Me incomodava o fato de ele falar coisas aleatórias, sozinho, em uma linguagem difícil de entender, os banhos demorados e a mania de dormir com todos os seus bens – inclusive tênis, em cima da cama. Sempre chegava muito cansado: *estoy recansado, recansado*. Falava muito, sozinho.. Achei que era só mais um viajero. Estava errada.

Para minha surpresa, quando cheguei no quarto, estávamos só nós. Ele estava feliz e me falou sobre sua vida. Era de Montevideo, e nunca havia saído da cidade. Há menos de um ano tinha se separado da esposa e ido morar na rua. Falou que quando a previsão do tempo era de chuva e muito frio, como na última semana, juntava dinheiro para dormir no albergue. As vezes comia só um sanduíche pra conseguir dormir bem. Aos poucos, fui fazendo perguntas enquanto organizava minhas coisas, e ele foi tecendo as respostas.

Era vendedor, ambulante, de adesivos para unhas. Tinha suas esquinas fixas de venda, e alternava seu posto com alguns conhecidos. Ficava pela Boulevard Artigas, um dos melhores territórios porque o semáforo demorava pra abrir e dava tempo de vender seus produtos, e também porque passavam pessoas que compravam. Me disse que as melhores esquinas de venda eram próximas a shoppings, e

que as melhores esquinas eram muito disputadas. Que não podia faltar ao trabalho, ou corria o risco de perder o ponto.

Perguntei sobre a fiscalização da polícia. Me disse que eles não ligavam pra nada, desde que não houvessem brigas entre os vendedores. Perguntei sobre as pessoas que pedem dinheiro. Me disse que em Montevideo quem pede dinheiro não é bem visto. Que ele mesmo já havia pedido, mas não era de bom tom, “porque alguien que no tiene mucho tiene que te regalar un poco”. Assim, trabalhar, vender qualquer coisa, era melhor pra todo mundo. Nesse ponto, as feiras fizeram sentido pra mim. Mesmo daqueles que vendiam objetos totalmente obsoletos.

Perguntei se havia algum lugar que vendia ou doava comida para quem não conseguisse comprar. Ele me disse que perto do Banco de La Republica tinha um lugar que davam comida, e era bem gostosa. Entendi o número de moradores naquela proximidade. Me disse também que no MIC, eles davam janta hasta con postre y desayuno. Mas que tinha algumas regras chatas. Tinha que chegar até as 20h e sair as 8h. Que a comida era aquecida no microondas – e muita gente não gostava, e não podia beber lá dentro, nem tampouco chegar bêbado. E que tinha que tomar banho.

Falo que percebi que as pessoas de Montevideo são todas muito limpas e se vestem bem. Que não se consegue diferenciar quem mora na rua de quem não mora. Ele ri, e diz que não é todo mundo que toma banho sempre. Ele mesmo não toma banho todos os dias. *Más em el MIC te regalán todo, incluyendo buenas ropas. Hay gente que vende las ropas para lograr una moneda.*

Me mostrou algumas de suas coisas, que usa para dormir na rua. Os tapadores de ouvido que usa de manhã, quando os passarinhos começam a cantar, uma toca que usa

para cobrir o rosto quando tem luz. E até alguns de seus produtos, adesivos para unhas. Disse que normalmente usa uma coberta bem escura e se tapa por inteiro. Mas que no verão é difícil, então usa a toca. Aos poucos, enquanto ia revelando um pouco de sua rotina, revelava a si mesmo. E eu ia compreendendo algumas manias que havia vivenciado essa semana. Me disse que assim que desse tiraria um novo documento, e talvez viajasse para o Brasil!

Juntando os registros do diário, percebo o quanto as praças são fundamentais para a vitalidade urbana de Montevideo. Dou-me conta do giro, e da sucessão de experiências dadas nos dias de chuva e nos dias de sol. Quando faz sol, a rua ganha vida.

Na Calle Sarandi, onde os diversos produtos, apresentações e sentidos se sobrepõem, fervilham. Se misturam os usos, os produtos, as folias. As ruas se tornam palco do comércio para-formal. A vida urbana vibra. Os espaços públicos se tornam convite para o estar, o ficar, o conversar. Troca-se o mate, compartilha-se o fumo. Entre um turno e outro, na espera do transporte público, ou no entre do horário de trabalho as praças se enchem. Todo espaço parece ser lugar da espera por um acontecimento. O tempo fica mais lento.

Os espaços abertos, bem como as ruas peatonais, se configuram como um sistema de enseadas e retas, e por vezes enseadas complementares. Algumas conexões entre a Av. 18 de Julio e as ruas paralelas fazem-se penínsulas, retas e concavidades do curioso que quer ir até o final. O comércio formal se esvaece.

Me parece que embora os homens lentos de Montevideo produzam de certa forma uma subversão do espaço público, parece que não produzem afecto. Não me parece haver um território de alteridade na rua principal. Não há invasão. Tudo

carrinhos parados, entremeados em gente? A feira é a desaceleração do tempo, é a subversão da função do gesto inicial do planejador. A feira é a comunhão da vivacidade, é o agito, a festa, o encontro. Ir na feira é um movimento, territorializado e liso, totalmente aberto ao acontecimento.

Viajei, caminhei, anotei, fotografei, desenhei. Montevideo não pode ser mais a mesma. Nunca será. Embora minha intervenção seja mais para mim que para o todo, eu mapa nunca será o igual. Agora ele tem minhas marcas. Ainda assim, embora eu estivesse com um corpo, na rua, no dia a dia. Penso que pouca coisa me aconteceu. O ordenamento do comércio para-formal na Av. 18 de Julio, deixa poucas brechas, já foi muito estriado.

Penso que o que de fato aconteceu comigo, não está diretamente ligado a está pesquisa e por isso mesmo foi suprimido do relato, ou ao menos simplesmente citado. Mas posso dizer que a maior pedagogia da viagem, as verdadeiras experiências, que me pararam, e me tiraram dos eixos foram diretamente ligadas a uma intenção. A primeira, em um espetáculo de dança contemporânea, a segunda em um museu sobre a ditadura, a terceira no museu de arte natural, a quarta em um café de estudantes, a quinta em uma apresentação de um coral infantil no Teatro Aberto, a sexta no Museu do Imigrante. Foram eventos que se sucederam na expectativa e abertura do corpo, que foram inesperados porque entrei, em todos lugares, esperando nada. Ainda assim, esperando alguma coisa, porque entrei.

2020 começou e eu, sonhadora, estava de malas e planos prontos. Nada poderia atrapalhar a convidativa ideia inicial de atravessar o Rio de la Prata e voltar para Buenos Aires em Julho, para caminhar com os seres lentos da iluminada Calle Florida. Ou ainda, fazer a pequena viagem entre Pelotas e Porto Alegre, me demorando pela contraditória Rua dos Andradas. Tudo já estava no cronograma. Até agosto/2020 teria feito todas as viagens, tecido diários e estaria pronta para compreender todos acontecimentos, indicando algumas pistas para intervir no centro das cidades investigadas. E pronto.

Chegamos em março/2020, em um vírus advindo da china, aterrissava no Brasil. Em uma euforia coletiva, tudo fechou. O mundo inteiro ficou parado. Casos de morte na Itália, Inglaterra, Estados Unidos. Testes faltando. Tira a roupa, coloca roupa. Não saia de casa! Ninguém sabe o que fazer. Trancafiados, medrosos, atentos, suspensos. O inimigo estava e ainda está ao redor. Está próximo, dentro, invisível. O inimigo está no poder. Medo e impotência.

Nos tiraram o chão, o futuro, a certeza. Os dias da semana perderam o sentido. Espera. Feriados se convertem em semanas. Os dias vazios se alongam. E logo tudo muda.

Em algumas semanas, a angústia constante causada pela suspensão vira rotina. Mas já não estamos suspensos no nada. Estamos suspensos por cabos, redes de internet, por comunicação mundial. O tempo global, que falava Milton Santos é o agora. De nossas casas, quartos e salas, continuamos trabalhando ininterruptamente. É preciso se reinventar, eles dizem. Na frente das telas, esquecemos o mundo lá fora. É possível estar em qualquer lugar, eles dizem. Mas onde de fato estamos? A ansiedade corrompe. O cérebro não processa.

Passam-se os meses. Qualifico meu trabalho à distância, na casa dos meus avós. Vila 21 de Abril, interior de Antônio prado. No tempo mais lento dos tempos que conheço. Lá, o vírus não havia chego, ainda. Vento na cara, fogão a lenha, falo sobre meus percursos e questões. Como pesquisadora, sei pouco para onde seguir. Estou

suspensa- pelos cabos. Ao menos já fui para Montevideo. Escuto de Fuão, Dudu e Paulo que é preciso continuar. É preciso poesia, é preciso gente. Os meses passam.

Mais do que nunca o tempo corre. Ele é certo, corriqueiro, veloz. De minha casa, vou para UFBA, para UFG, para UFRGS, para UNB, para USP. Encontro muitas gentes, rápida. Rápidos. Corro, corro, corro. E canso. Dezembro e meu corpo não aguenta mais, estou completamente esgotada. Me prendo nas telas. Na janela e na tv, sacos pretos. Falamos de um novo normal. Parece que nos acostumamos muito rápido. Povo manso, dóido. Mais sacos pretos.

O número de mortos ganha número gigantescos. Mas é preciso sair de casa. A rua está cheia. Em um país completamente desgovernado, falta tudo. Falta leite, falta educação, falta auxílio, falta cuidado, falta consciência, falta vacina, falta ministro, falta governador, falta presidente. Não existem planos futuros. Da porta pra fora, talvez não exista nem futuro. O desemprego alcança taxas altíssimas, milhões de brasileiros passam fome. As ruas estão cheias. É preciso sobreviver. A escassez peregrina, lenta.

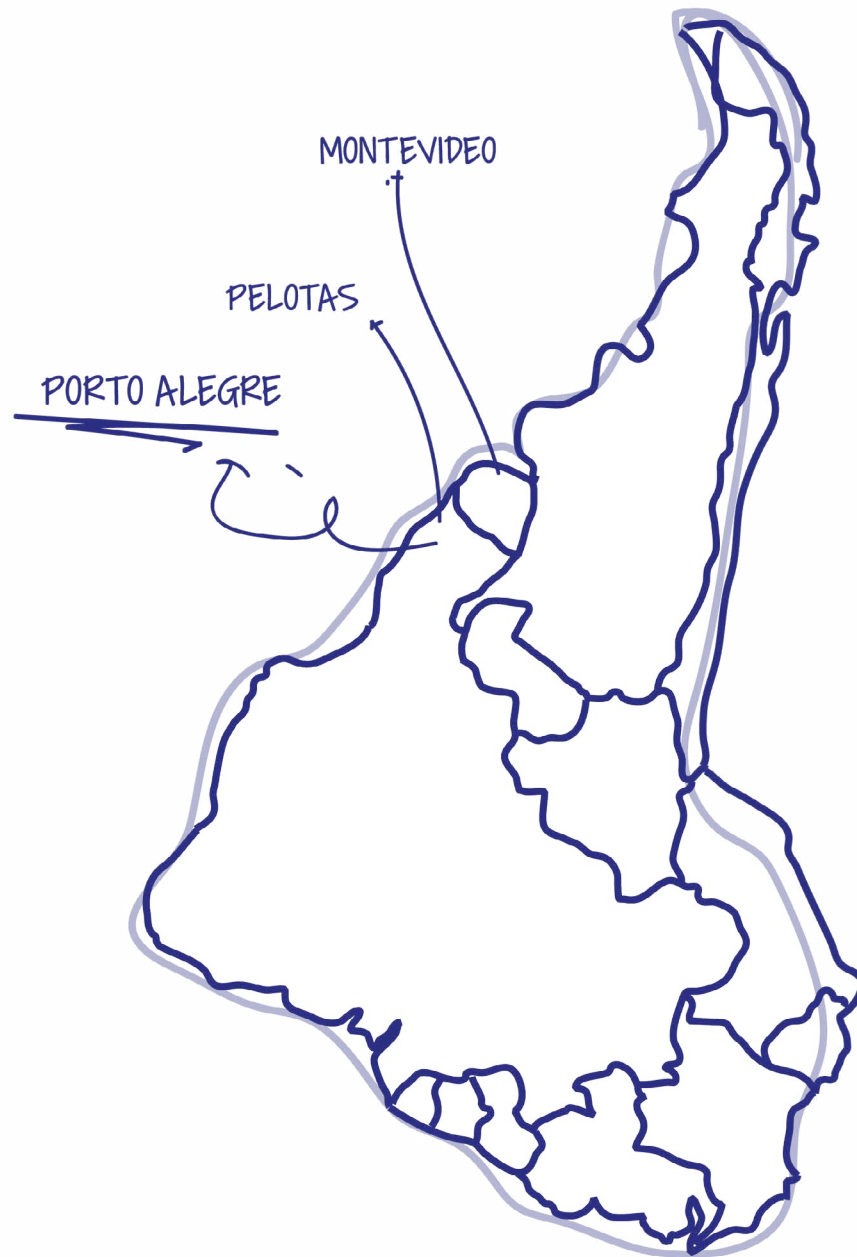
Eu gosto de fazer perguntas, e pra isso, já ensaiei coragem. Preciso caminhar. Que outro lugar é esse, novo velho normal? Que dança se ensaia nas ruas? Será que os bailarinos são os mesmos? Talvez agora só usem máscaras. Quero falar daqui.

Nas ruas de Pelotas e Caxias do Sul, arruaça. A para-formalidade é como o novo modos operandi do centro. O vírus é só um papel na vitrine “aqui adotamos protocolos de segurança”. O vírus é só mais uma força abstrata, que tenta impor limites. O vírus é só mais um desafio a ser corrompido, contornado, adaptado.

A lentidão está na rua. Ela não tem escolha. A lentidão tem fome. É preciso colocar os pés no chão. Os cabos não são para todos.

A RUA DOS ANDRADAS

BERÇO DE PORTO ALEGRE



Desembarco em Porto Alegre dia 27 de janeiro de 2021. 480 dias desde que estive em Montevideo. Mais que um ano, quase um ano e meio se passou. Muitas coisas mudaram, mas no tempo lento, talvez nem tantas. Nesse lapso de tempo que transcorre minha pesquisa, incluídos os acontecimentos pandêmicos, a oportunidade de apresentar somente a capital Montevideo como caso de estudo, embora parecesse válida, era tida por mim como uma incompletude. Era o aborto de uma navegação ainda em curso. É preciso ressaltar que fui a Porto Alegre, porque precisei ir. A capital gaúcha era por mim espera, carta branca. Objetiva, parti.

Quando falamos de tempo lento na capital gaúcha, a escolha da rua dos Andradas é evidente. Nas poucas vezes que estive no centro de Porto Alegre, as confusas alegorias que se imbricam na estreita rua formulam uma memória cativante. Padaria, vendedor, catadores, moradores, comércio, artista, brechas, casa Mário Quintana. Paisagem. Uma rua que até então eu não sabia o nome. Também não fui tantas vezes para o centro de Porto Alegre assim.

Descobri, afinal, ou ao começo, que alguns chamam a Rua dos Andradas de Rua da Praia, outros de Rua da Graça. É porque ela é assim mesmo. Um pouco pertence ao gasômetro, um tanto ao centro histórico e dos poderes e logo se corrompe pelo comércio, subindo morro até a Santa Casa. A rua dos Andradas não é pra principiantes, ela é esperta, sábia. É a rua dos malandros do cais, dos poetas e dos nobres. Já foi alta,

baixa, religiosa e agora, talvez seja profana. Dizem que na Rua da Praia é que nasceu o espaço público de Porto Alegre. Talvez ali, tenha nascido a própria Porto Alegre, pois foi essa enseada que acolheu os açorianos que estavam de passagem no século XVIII²⁰².

Desde seu primeiro traçado, ou estriamento, a rua da Praia se empenhou como um espaço de encontro, de respiro. Em seu primeiro século, Porto dos Casais virou capital da capitania, recebeu calçamento, e foi se estendendo através da formação de um aglomerado semi-ordenado delimitado por simples casas cobertas com palha. Desde o princípio, a Rua da Praia é conhecida pelo comércio muambeiro do cais, que se dava principalmente na praça da Quintanda, hoje, com algumas modificações, conhecida como praça da Alfandega.

Aos poucos, a pequena vila que foi sendo estimulada, se tornou uma cidade em constante crescimento, esse, marcado principalmente pela chegada de imigrantes europeus e escravizados – os segundos, responsáveis pela edificação da cidade. Ao final do século XIX, em homenagem aos Irmãos Andradas, o segmento que era compreendido pela Rua da Praia + Rua da Graça foi renomeado como o conhecemos hoje. Ainda assim, a rua continua sendo compreendida popularmente como Rua da Praia²⁰³.

Já no início do século XX, a Rua recebeu uma série de

202 Os 60 casais de açorianos que teriam chegado em Porto Alegre em 1752, estavam a caminho das Missões, após o Acordo de Madrid. Por ventura da Guerra Guaranítica, acabaram ocupando a beira do Guaíba, parte da terra que pertencia a sesmária de Jerônimo de Ornelas. A terra, seria desapropriada em 1772, quando a coroa portuguesa decidiria fundar de fato uma cidade, traçando o primeiro alinhamento da então Porto dos Casais.

203 CUNEGATTO, Thais. Etnografia na Rua da Praia: Um estudo antropológico sobre cotidiano, memória e formas de sociabilidade no centro urbano porto-alegrense. Dissertação (mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS. Porto Alegre, 2009.

modernizações guiadas pelos preceitos franceses. Reformou-se o seu calçamento e ergueu-se os edifícios neoclássicos e ecléticos, que atualmente fazem parte do circuito histórico. Logo mais traçam-se as praças da Matriz e da Independência, instituindo a rede de espaços abertos que vivenciamos hoje, baseados no ordenamento axial francês²⁰⁴. O processo de higienização fez parte de um cenário de afirmação da nova elite gaúcha, e era acompanhado da instalação de cafés, restaurantes, confeitarias e lojas de vestuário; o que consolidava a rua como um importante eixo de alto consumo.

Com a instalação de outros bairros ao longo do século XX, o centro sofreu processos muitos. Da instalação de diversos bares, a Rua dos Andradas passou a ser o cenário boêmio da cidade, marcado pelo encontro entre poetas, políticos e universitários. Aos poucos a Rua da Praia foi reencontrando sua virtude popular e comercial. Com o começo da ditadura e das diversas mudanças políticas, a rua também virou palco de grito, violência e do silenciamento. Já nos anos 1980, após diversas manifestações, a Rua dos Andradas recebeu o reconhecimento, em seu encontro com a Borges de Medeiros, pela Esquina Democrática, em homenagem aos conflitos e mobilizações sociais vivenciados naquele espaço.

A história da Rua da Praia simboliza as grandes transformações e configurações oportunizadas nessa pequena grande fresta de Porto Alegre, bem como os jogos e movimentações políticas do estado e país. Luís Fernando Veríssimo, em uma crônica sobre a cidade propõe que Porto Alegre vive à beira de alguns mal-entendidos:

[...] A rua principal da cidade não existe. Você rodará toda a cidade à procura da Rua da Praia

204 KUBASKI, Francielle. As praças centrais de Porto Alegre como Composições Arquitetônicas: sobre o papel da arquitetura na construção dos espaços abertos. Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós Graduação em Arquitetura da UFRGS. Porto Alegre, 2018.

A RUA DAS DOBRAS

Dia 27/01/21 minha mãe me pergunta: “Até quando você tem que ir pra Porto Alegre?”, eu respondo que o quanto antes, e minha mãe retruca “o quanto antes é hoje”. Estava na praia, em Arroio do Sal, eram 14h. Arrumo as malas, vou até Capão da Canoa, de Capão vou à Porto Alegre.

Chego às 18h em POA. Chove, talvez seja esse meu carma. Mas chove chuva quente, que se embaralha com suor. Pego um uber e vou ao apartamento da minha irmã -vazio-, Oswaldo Aranha, 224. Largo minhas coisas e saio para caminhar, na chuva. Meu corpo vai pisando nas poças sujas de Porto Alegre, se estranhando em um ritmo nada praiano, onde todo sonho é titubeado por carros velozes. Nas esquinas, me demoro. Os carros voam. Preciso me territorializar, estou turista. Estou perdida. Escurece. Na volta, passo por vários, muitos. A lentidão de porto alegre é noturna. Mas durmo cedo.

Cidade é algo mais do que o somatório de seus habitantes: é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem – independente de outras razões- viver em comunidade a viverem isoladas²⁰⁶.

Segundo dia – 28/09, dia nublado

Saio às 8:10 de casa. É quinta feira. Embora estivesse

²⁰⁶ CULLEN, Op. Cit. nota 172, p.09.

familiarizada com o bom fim, não é bem ali que minha irmã aluga seu apartamento pra não morar. Porto Alegre é difícil pra mim. Nunca tenho certeza de nada. As ruas não fecham, e a imagem não se forma. É difícil caminhar. Mesmo sem saber pra onde ir, sigo meu instinto. Não pode ser tão difícil assim. Só vou.

Passo a UFRGS, decido ir até a Redenção. Atravesso o parque e viro à esquerda. Sigo pela João algo por alguns km. Quadras desconhecidas, talvez cidade baixa...rua de canteiro largo, muitos moradores inventivos. Tiro fotos, muitas fotos.

Posto de Saúde, Brigada Militar. Percebo que já devia ter chegado na Rua dos Andradas. Consulto o google maps e percebo que dobrei para o lado errado da Av. João Pessoa. Volto os km desviados caminhando com um olho ao meu redor, outro no mapa. Estou completamente desorientada. Caminar a zonzo. Perder tempo, ganhar espaço.

Perder tempo, ganhar espaço.

Perder tempo, ganhar espaço.

Perder tempo, ganhar espaço.

Está calor. Quase onze horas.

Decido chegar. Tchau atenção á espreita.

Retomo o celular. Caminho seguindo a linha descritiva no mapa. Paro na esquina de casa. Oswaldo Aranha, 224. Estaca Zero. Minha intuição está mal localizada.

Decido seguir as orientações do mapa, sempre ele, sempre certo.

Não chove no mapa, na rua, calor.

Figura 72 a 77: Fotografias perdidas em Porto Alegre.
Fonte: Da autora, 2021.

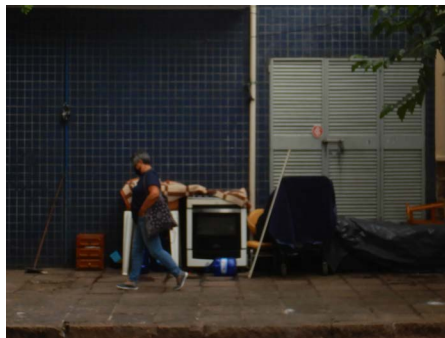


Figura 78 e 79: Mapa ilustrativo de Porto Alegre com a
Rua dos Andradas em Destaque Fonte: Da autora, 2021.

Embora em parceria com o mapa, não quero aceitar os pressupostos que tal representação me traz. Mas me apego. Olhar o mapa é como perder a experiência justamente de se perder. Entretanto é preciso chegar, e o mapa é certo. Lembro de minha mãe, que coloca um trajeto no mapa só para desafiá-lo. Lembro também de Lynch, que pressupõe os elementos que formulam imagens da cidade.

No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem ambiental, o quadro mental generalizado do mundo físico exterior que cada indivíduo é portador [...] Uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional²⁰⁷.

Não me sinto segura, mas procuro lembrar dos marcos, vias e nós de Porto Alegre, e tudo se embaralha. Redenção, Santander Cultural, Ypiranga, Osvaldo, Independência, PUC, D43, Mercado Público, Guaíba. Elementos que se colam, mas não concebem caminhos, não concebem mapa. Embora pareça saber algo, meu senso de referência é completamente inventado, a imagem não se forma. Se quero chegar logo, é melhor seguir a linha.

Com o celular na mão, atravesso o viaduto, será um viaduto? Prédios altos, pixos altos. Onde será que vive as pessoas que sobem tanto para escrever seus nomes nas rápidas avenidas da cidade. Qual a importância desse movimento? Leio as palavras, mas num alfabeto diferente do meu, entendo quase nada. No universo do pixo, sou estrangeira. Ainda assim ele me diz muitas coisas. Mas não sei expressar em palavras.

Ufa! É preciso coragem. Sou um corpo só, num amontoado de concreto. Se eles chegaram ao 12 andar, eu consigo

207 LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.04-05.

chegar na rua da praia.

Perto do hospital, sinto medo, muito medo. Muita gente na porta. Meu estômago embrulha. Passar em frente ao hospital não é apenas reta, é concertina. Me afasto. Álcool gel. Sigo as pistas de uma senhora que também quer cruzar o grande limite. Cruzamos.

Centro. Tudo muda. Ruas estreitas. Ladeiras. Um pouco mais a frente e um menino pede se pode me entrevistar, quer me oferecer um curso. Não sei se chego na rua dos Andradas, ou ela que chega até mim, apresentadas. A rua se anuncia antes que o mapa a indique. Aliás, ali, não preciso mais dele.

Caminho e tiro fotos. Observo. Sou observada. Chego no fervo, na esquina.

Compro pão de queijo e um café, respectivamente. Sento na rua lateral à Andradas, na rua que possui os bancos, uma enseada. Encontro um banco vago próximo a alguns guardadores de carro, e que escuto, também moradores de rua. Falam sobre assuntos gerais, bobagens e machismos que não me interessam. Um deles está sem chinelo: “será que compro um almoço ou um chinelo?” Discutem sobre a melhor loja para comprar chinelos. Ali na Riachuelo, vendem um Ipanema por R\$11,50. Em meio aos bancos e instalações de moradores, percebo minha audácia. Sou a única mulher sentada por ali, talvez por isso não tenha recebido cantadas como as outras que passaram pela frente. Embora quieta e sola, percebo que estou causando incômodo. Termino meu café, ponho a máscara e levanto.

Percorro a Rua um pouco mais, até o fim. Mas como um texto difícil, lido depressa, entendo só o todo. Já no gasômetro, respiro. São tempos pandêmicos, a máscara sufoca. Embora a Rua da Praia possua mais de 2km,

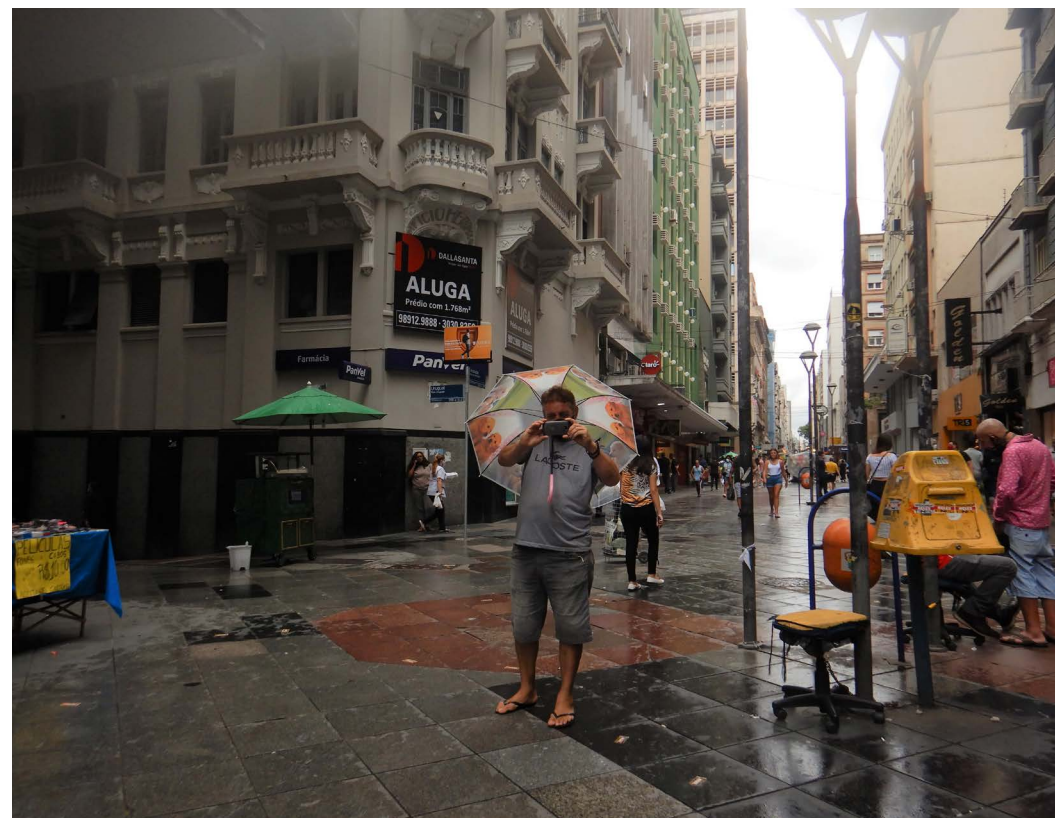
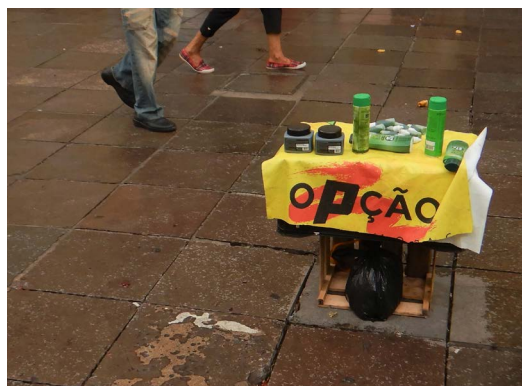


Figura 80 à 88: Fotografias do calçadão da Rua dos Andradas em Porto Alegre. Fonte: Da autora, 2021.

Figura 89 à 96: Fotografias do calçadão da Rua dos Andradas em Porto Alegre. Fonte: Da autora, 2021.

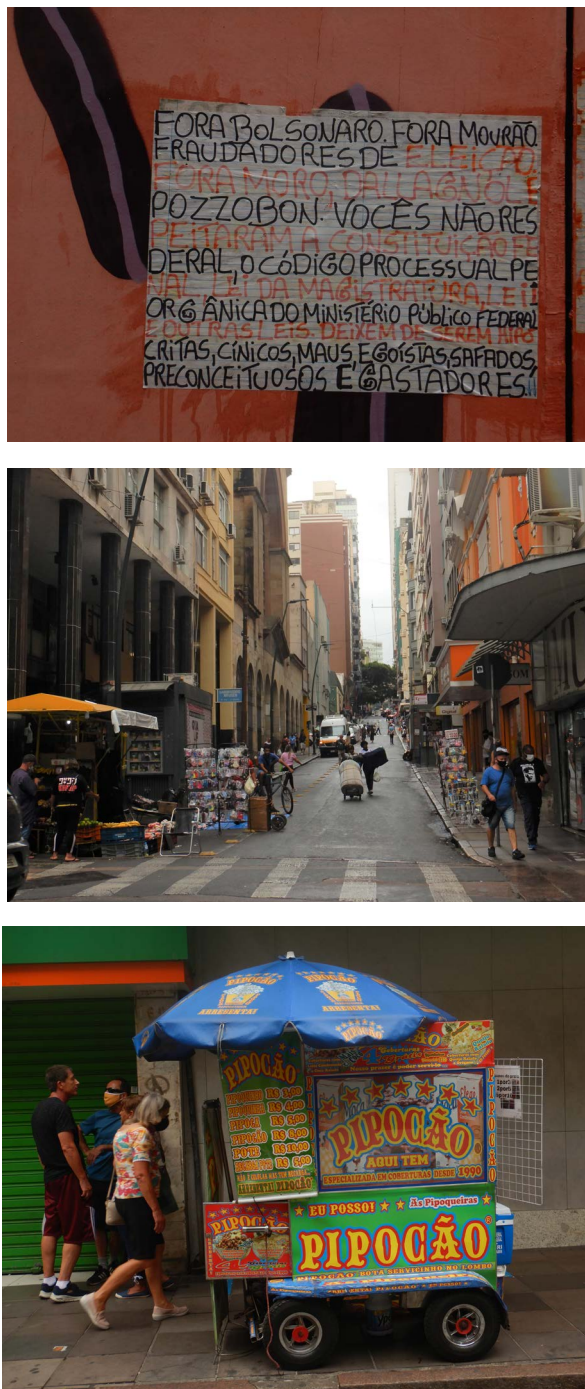
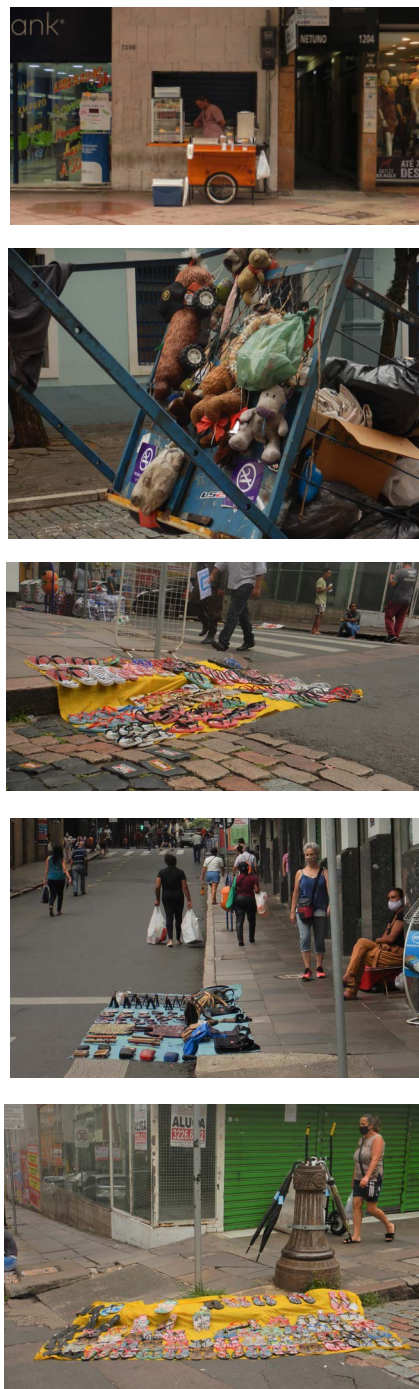


Figura 97: Fotografia do calçadão da Rua dos Andradas em Porto Alegre. Fonte: Da autora, 2021.

Figura 98 e 99: Fotografias da Rua dos Andradas entre Praça do Tambor ee Praça da Alfândega. Fonte:Da autora, 2021.



Figura 100 a 102: Fotografias da Rua dos Andradas entre Praça do Tambor ee Praça da Alfândega. Fonte:Da autora, 2021.

percebo que a região que me interessa é composta por algumas poucas quadras: começa na praça da Alfandega e termina antes do morro. Escrevo, mas ainda não posso dizer nada. A rua é muito confusa, são muitas camadas, lisas. Embora achada, estou perdida. Faz muito calor, mormaço. Parece que vai chover. Espero. Ando.

Me parece que a própria inexactidão do contexto é um resultado. O que, uma paisagem ou uma ordem, precisa ter para ser apreendida? Lynch já apontava a importância da legibilidade da paisagem. Para dizer, é preciso organizar os pensamentos. Ou será a confusão a própria significância? São muitas sobreposições. Embora o dado esteja jogado, de longa dada repito: a rua da Praia não é para principiantes. E talvez eu que não tenha conseguido decifrar suas imagens. Será que porque não se parece com nenhum outro lugar? Ou talvez seja pela sua lentidão, que precisa de um tempo de experiência próximo ao seu caos para ser compreendida. Mas calma, acabei de chegar.

Olho o Guaíba. A brisa bate no meu corpo já suado. O grande cenário está quase vazio. É quase hora do almoço, venta quente, assovio. Vai chover. Levanto. É preciso força.

Caminho pela Rua da Praia, procurando esgotar o inesgotável. A todo tempo percebo algo novo. Parece que a lisura da superfície é de chão batido. Embora as formas ainda pouco se conformem visto os reservados atores que configuram o cenário, há alguns acolhimentos evidentes.

Divido a rua em quatro partes.

Por entre os muitos para-formais, tiro fotos. A rua do Andradas é majoritariamente comercial, vejo alguns poucos moradores de rua, ou artistas, ou velhos. Talvez, por que seja pandemia..., mas acho que não. A pandemia

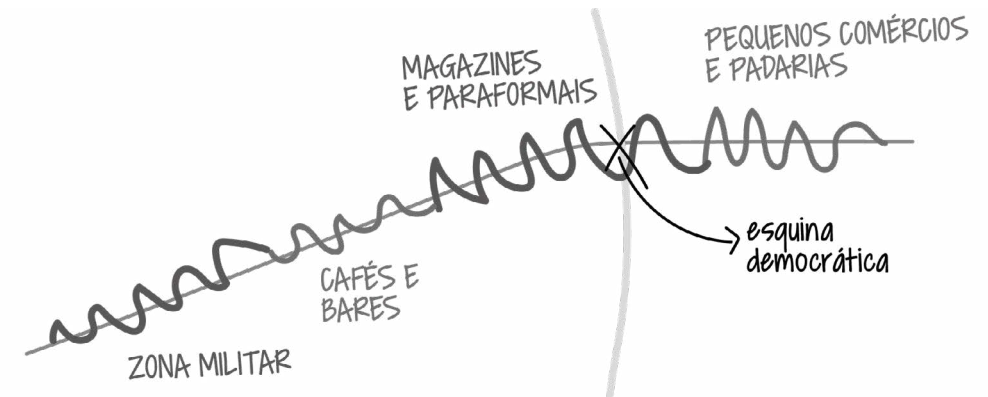


Figura 103: Ilustração da Rua dos Andradas. Fonte: Da autora, 2021.

é só mais uma força, vertical e inegociável que os seres lentos precisam se relacionar. Parece que esse estado tenha afetado mais a mim, que sinto um misto de calor e apreensão, do que o contexto que investigo. Pelo que me lembro, pouco mudou na rua, exceto o fato de tudo estar para fora. Parece que há mais vendedores na rua do que dentro das lojas. Os para-formais ocupam todas as brechas possíveis, em uma busca pela sobrevivência.

No calçadão, há quase que uma sobreposição. Onde há calçadas e faixa carrosável, quase não passam carros.



Figura 104: Corte ilustrativo da Rua dos Andradas em duas alturas. Fonte: Da autora, 2021.

Figura 105: Corte ilustrativo da Rua dos Andradas em duas alturas. Fonte: Da autora, 2021.



Embora eu já apreenda a rua dos Andradas de uma forma geral, ainda não consigo reconhecer nenhum padrão. Parece que cada ator se territorializa da forma que deseja. Não vejo uma correlação entre os comércios formais e informais, entre seus postos e dispositivos que ocupam a rua. Penso na Gestalt, e não consigo fechar os pontos e apreender o contexto como um todo. A rua não se estria, não da forma ordenada que eu, arquiteta e urbanista gosto de ver. Há pouca estrutura, mas nesse emaranhado isolado, já sou notada como invasora. Sou a menina com a câmera vermelha.

Fico pensando em uma imagem da rua. Não como a de Lynch, em uma escala distante, mas em uma imagem interna, uma ordem concebida por alinhamentos, similitudes e organizações entre o paisagismo e os para-formais. Uma rua de perspectiva, como a que aprendemos a ver e ser vistas. Talvez a Rua dos Andradas pareça tão difícil, porque não se corrompe, não se alinha. Não consigo agenciar o caos. Penso na paisagem urbana, de Gordon Cullen, “Até mesmo os pormenores mais insignificantes devem estar integrados na paisagem urbana ao desempenharem suas funções individuais”²⁰⁸, “o objeto mais móvel numa cidade é o

²⁰⁸ CULLEN, Op. Cit. nota 172, p.97.

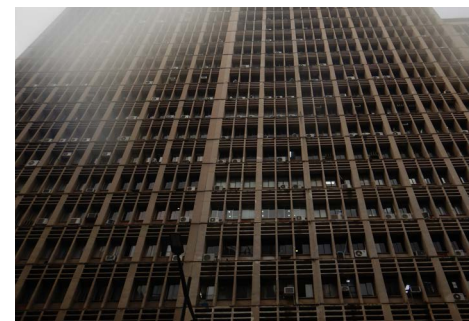


Figura 106 a 109: Fotografias de algumas fachadas da Rua dos Andradas. Da autora, 2021.

ser humano, e por razões possivelmente diferentes, ele próprio necessita de poder acorar-se nas várias atividades exteriores, comerciais, recreativas e sociais²⁰⁹". E esse é o ponto, talvez eu não consiga atear âncora, ou ainda não consiga imaginar a imagem identitária da Rua dos Andradas. Confusa.

Embora as atividades para-formais que se dão no espaço público sejam fundamentais para essa profusão, é preciso entender que a arquitetura contribui permanentemente para esse cenário inesgotável. A Rua da Praia é uma infinidade de dobras, e em seu trecho comercial, expõe a multiplicidade de reviravoltas em forma de paisagem. A história da cidade, de rua portuária e fundacional, berço neoclássico, comercial, conservador, boêmio, moderno, higienista, democrático, lento e rápido se encontram ali. É a própria rua das infinidades. Por isso o cansaço. O olho cansa, o cérebro não consegue parar.

Se as entre quadras são tanto, os espaços de espera, verdes, são pouco. Não que não existam. Eles existem, e de certa forma funcionam. A grande praça da Alfândega é inclusive fundamental desde sua primeira concepção. Mas em certos termos, a falta de mobiliário adequado e de uma organização que provoque a ação tornam esses respiros pouco acolhedores. Ainda assim, diversos atores usam, modificam e abrem brechas, conectando a lentidão ao espaço. Os jogadores e terceirizados tomam ar, se encontram com os livreiros e engraxates. Dependendo de quem você for, é uma festa. O menor resiste. E mesmo nas brechas lentas, há muito.

Ainda assim, não sei se é o calor ou a pandemia, mas me parece que na rua da praia não há descanso. É tudo muito ou nada. Na praça quase vazia (Praça do Tambor) o acolhimento passa longe. Não é como se o ambiente fosse hostil, mas ele é reto. Embora em determinados momentos coadjuve

209 CULLEN, *Op. Cit.* nota 172, p. 106.

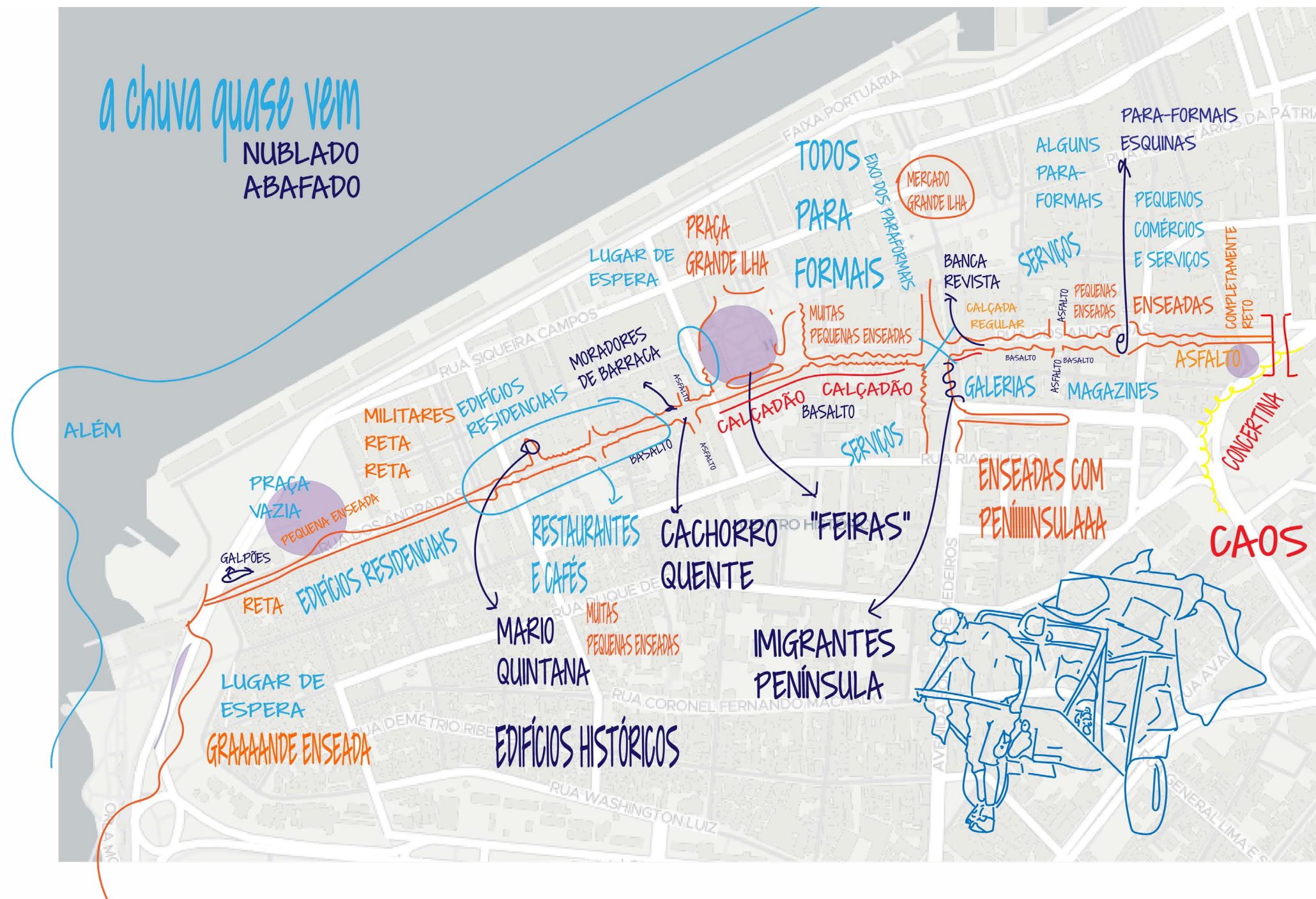


Figura 110: Mapa do acolhimento da Rua dos Andradas em dias de quase chuva. Da autora, 2021.

reentrâncias. A hostilidade só é mascarada por algumas árvores. Parece que perto dos militares, quase tudo é reta.

Próximo da Instituição Mário Quintana, o rosa alegre se mistura com pequenas lancherias e cafés que ensaiam enseadas. A praça da Alfândega é uma espécie de ilha, com refluxo, que se abre para a infinidade de enseadas do calçadão, só o tempo lento pode compreender. As magazines me assustam, mas ao final (ou começo da andradas), os pequenos comércios ainda provocam a solidariedade. Nas fachadas espremidas, algumas pequenas enseadas, proporcionadas por vendedores às portas. O paralelepípedo chama para ficar, diferente do asfalto, que por vezes cruza a rua da praia e joga pra longe. Nesses encontros, entre o paralelepípedo e o asfalto, até as esquinas são quase vazias. Há perigo. Na esquina da Farmácia São João, subindo pela Borges, uma graaande península, que chega a se estender pela parada de ônibus da rua de cima. Os trechos que sobem para o viaduto, já perto da Praça são estreitos e movimentados. Os carros jogam, é reta. Faço mapa.

Depois de ir voltar; Subir o calçadão e descer. Ser abordada por muitos homens indicando alaminuta; passar no mercado público e na frente de muitos restaurantes; decido que é mais seguro comer em uma mesa na rua. Tudo parece sujo e cheio. E embora poucos pareçam se lembrar, são tempo pandêmicos.

Escolho uma padaria depois da casa Mário Quintana, e lá encontro uma amiga - Amanda. Já é metade da tarde, e a cidade sufoca. Almoçamos e decidimos ir para a pracinha perto do gasômetro. Precisamos de ar e de um espaço que permita o respirar.

Amanda é performer, e assim como eu, também investiga a cidade. Gostamos de reparar na corpografia das

peessoas. Captamos e comentamos os vários detalhes de excentricidade de vários usuários do espaço. É quinta feira e fabulamos histórias. O que sai do padrão nos irradia, e aquele lugar parece ser um receptáculo, talvez por que seja, inclusive geograficamente, uma enseada. Reparamos nas repetições e diferenças, e falamos sobre criação. Lembramos de Carol Clasen, uma artista, mediadora e urbanista crianciera, que acompanha nosso pensamento pouco linear. Tomamos uma cerveja comprada no bar por ali, mas longe de todos, e subimos. Caminhamos inquietas de volta para o fervo. Máscara e álcool gel.

Nossa parceria é incrível, mas nesse momento, talvez tenha sido um erro. Sozinha, a atenção é diferente. Embora mais insegura, estou mais atenta. Penso comigo mesma, em um silêncio sempre barulhento.

No caminho, Amanda me mostra a casa de Ana. Percebo a potência da rede de afetividade. Quando Amanda fala sobre a casa de Ana, imediatamente me sinto segura. Uma rua qualquer - reta, vira península e as portas parecem se abrir.

Percebo que por isso, as praças são tão importantes como pontos significativos de atração. As praças podem ser receptáculo afectivo se utilizadas como palco para isso. Elas permitem a tecitura de uma rede de afectos, um sistema de pontos queridos, um rizoma de territórios apreensíveis, memoráveis. Mas quem joga a linha que as conecta?

Penso na possibilidade de feiras, diferentes feiras, em muitos lugares da cidade. O que faz alguém ir até um bairro novo? Um sistema de praças, um campeonato esportivo, uma apresentação musical, um museu, uma arquitetura, a casa de um amigo. Retomo os pichadores, funkeiros, skatistas, que

enfrentam e reinventam os trajetos de deslocamentos para usufruírem de uma estrutura que lhes é renegada. Como atrelar a rede de afectos – e memórias evidentemente, à experiência urbana? A mobilidade e o direito à cidade estão completamente conectados com essas respostas. Mas, talvez a experiência urbana esteja mais na rede de provocação, na criação das situações, do que na infraestrutura em si. O que faz eu me sentir segura para poder aproveitar um espaço?

Quando ando pela rua com Amanda não preciso usar o GPS. Ando lenta, ando atenta, tiro fotos dos prédios, das plantas e dos poucos pixos. Nas calçadas esguias até o centro, andamos em fila, em silêncio. Como se estivéssemos sós, mas juntas. Amanda é como um norte e eu um radar. Carregamos o privilégio de poder nos perder, errar o destino, mas não erramos. Apontamos as obviedades que se escondem por entre os altos prédios do gasômetro até a Rua da Praia.

Perambulamos, escutamos. Chegando no trecho comercial, alguns personagens chamam muito a atenção e o ouvido.

Primeiro, um senhor cego, localizado ao lado da galeria, toca uma meia lua; depois, um homem com uma voz que se projeta por duas quadras (contadas). Uma voz que ecoa por sobre todos os outros ruídos e barulhos que caracterizam o centro de Porto Alegre. Não lembro o que esse senhor anunciava, mas garanto que sua voz era capaz de convencer qualquer inconsciente desocupado.

Chegamos em uma mulher, de voz firme e suave, que por susto perceberia estar na porta da Marisa ou C&A, as velozes do Brasil. A voz dessa mulher é distante, subjetiva. Como um rádio que toca em uma esquina qualquer e me surpreende com o íntimo convite sob medida: “menina de olhos azuis que passa aqui na frente, entre, seja bem

vinda, temos promoções especiais para você”, sou quase persuadida.

A sonoridade da rua se completa com uma senhora que vende fotos 3x4, ali na esquina democrática. Nesse percurso, entramos em algumas grandes lojas para usufruir do alento do ar condicionado. Já eram 17h e o sol se preparava para se por. A chuva que tanto ameaçava à todos, com meios produtos expostos, não quisera dar as caras.



Além das tantas camadas visuais que se distribuem pelos enigmas, dispositivos, produtos e edificações da rua dos Andradas, com certeza o som é a que mais a destaca de um centro qualquer. Aqui, fala-se a minha língua, mas com somido da capital. E nessa língua, o produto gira! Ele é oferecido pessoalmente para cada possível comprador. Por vezes ele passa dos limites, e confunde. O som é uma invasão.

Estou exausta. Com o corpo tenso. Embora tente, não consigo

Figura 111: Ilustração da Esquina Democrática. Da autora, 2021.

me sentir à vontade na rua, estou infringindo minha própria moral. Vou para casa contrariada. Querendo ficar na rua, mas na rua de um outro tempo – não pandêmico.

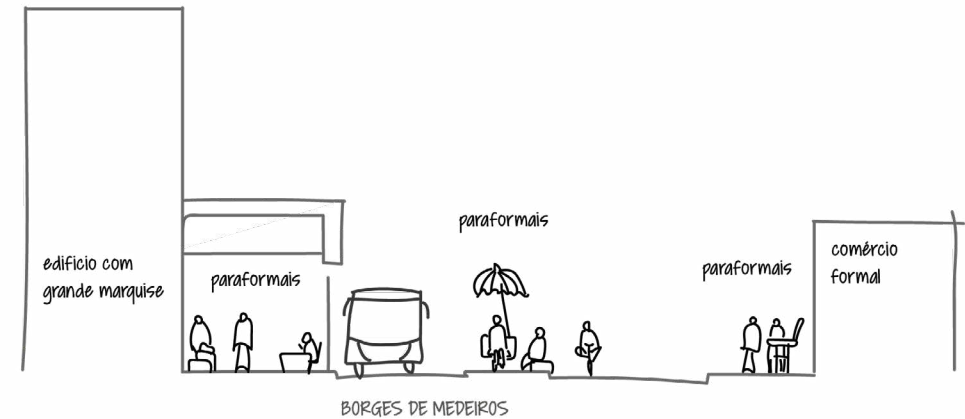
Dia 03 – sexta feira, sol

Acordo cansada, mas preparada para não me perder. Penso que já aprendi o caminho, hoje não quero andar 4km para o lado errado. Por que tão confusa, Porto Alegre?

Saio de casa e me perco de imediato. Suspendo todas as certezas e mais uma vez abro o google maps. Mais um dia que o calor seca a garganta logo cedo. Minhas pernas já doem, estou totalmente fora de forma. Sinto que desaprendi a andar na rua, a perambular. Estamos em uma Pandemia. Uma pandemia. O perigo ao estar na rua não é mais perder um celular, o dinheiro a carteira. O inimigo é sorrateiro, invisível, ele tira o ar e mata.

Caminho comprimida, medrosa. Vou porque preciso ir, mas não me sinto à vontade. Gosto da liberdade da rua, mas que liberdade existe agora? O frio obviamente bate na barriga, mas me incomoda. A pandemia me tornou reclusa. Chego na Rua da Praia. Mesma coisa de ontem. Mas hoje, sem cara de chuva, parece que mais.

Compro um café e sento na mesma esquina de ontem, hoje, no lado de cima. Perto da camionete de um fiscal de trânsito, próxima de um senhor que engraxa sapatos. Daqui, vejo as grandes marquises do edifício histórico na esquina da borges lotadas de vendedores. São quase como galerias. Aliás, talvez sejam de fato galerias, um espaço público-privado? Mas é calçada... Talvez seja uma gentileza urbana. Uma rua coberta.



Observo o entorno.

Penso na ideia de um zine – publicação de baixo custo - para distribuir para os seres lentos e prefeituras: “Dicas para uma prática de rua acolhedora – a potência de um corpo não disperso”. Travo. Não sei se tenho o que dizer. Não com as palavras certas. Nem sei porque não disperso. Mas é que a rua da Praia foge.

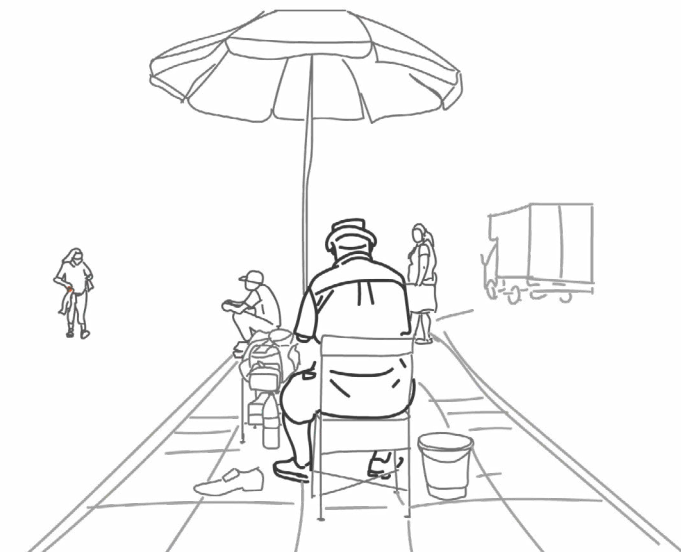


Figura 112: Corte ilustrativo da Borges de Medeiros nas proximidades da Rua dos Andradas. Da autora, 2021.

Figura 113: Ilustração da Borges próximo à Esquina Democrática. Da autora, 2021.

Me dou conta que os comércios formais são normalmente organizados de duas formas. As grandes lojas velozes, como americanas, zafarris, renners, raboush... todas possuem um buffer, que as organiza em áreas de abrangência. Já as lojas locais, comércios pequenos e mais lentos, são organizadas por similaridade: seção de lojas de costura, padarias, lojas de utensílios médicos, lojas de roupas... Talvez seja a diferença entre competitividade e cooperação. O que será que funciona melhor para a prática de rua? Por que o calçadão não parece se convencer com uma fórmula funcionalista?

Penso em algumas dicas, mas ainda não sei o que dizer. Queria poder organizar tudo, deixando apenas alguns espaços em branco. Mas não sei que imagem conceberia. Não consigo entender a forma. A estrutura me parece enebriada, os estriamentos esmaecidos, frágeis. Aqui em Porto Alegre, qualquer elemento é um dispositivo, e funciona, mas impede o vislumbre de um território íntimo. Quase não existem banquinhas ou estruturas pesadas, salvo algumas bancas de revista nas esquinas e algumas estruturas fixas na praça da alfandega, onde quase todos os postos estão esvaziados. No centro de porto alegre, a feira não funciona.

E então, qual a minha proposta? Qual o equilíbrio?

Volto aos tempos. Sou teimosa e acredito que algumas respostas possam vir desse meio termo. Onde se encontram esses tempos? Como produzir uma cidade que convide a experiência- lenta, sem que se produza um ordenamento higienista – rápido? Como produzir uma paisagem que não seja óbvia, mas que ainda assim seja compreendida em um tempo plausível para uma breve imersão, que condiz com a fugacidade que vivemos hoje? Quanto tempo temos entre o acolhimento e a hostilidade?

As pistas me apontam para a imagem, a imaginabilidade, mas ao mesmo tempo à legibilidade. Uma rua que possua seu próprio espírito, sua estética do frio, seu território praticado, mas ainda assim se esmere em uma ordem – que é geométrica e, portanto, abstrata, e por consequência ou provocação uma ordem rápida. Talvez uma ordem média, que medie os extremos praticados e ideais. Um espaço que proporcione acolhimento às coexistências e que use de símbolos de ambos os tempos para integrá-los à paisagem. Quais são esses símbolos?

Parece que bancas mais estruturadas - sedentarizadas são um contraponto ao caos total. Não necessariamente estruturas fixas, mas mesas portáteis. Elas ajudam o transeunte a compreender rapidamente a paisagem. O óbvio ordinário é bom. Tão simples quanto um balcão de loja ou um engraxate de sapato, que todo dia monta sua cadeira, rádio e guarda sol para esperar os clientes. Ele monta e desmonta. Ele, que sempre está.

Volto a caminhar, talvez a procura de mais dúvidas. Vou até a esquina democrática, e subo pela marquise do prédio, uma espécie de galeria coberta, ao lado da Panvel. Panos de pia, cigarros, tênis, cadarços, calções, óculos, quase na esquina, frutas. Expostos sobre panos, caixas de feiras ou até varais. Os seres lentos são imigrantes negros - talvez senegaleses, algumas mulheres, e velhos.

Nesse ponto, talvez o estrangeiro, que busca acolhimento, sejam esses seres, mais do que eu. Embora não esteja em minha cidade, estou em casa. Sei que para mim, sempre haverá abrigo. Do meu abrigo, sinto que posso fazer lar, embora não saiba bem como. Sou uma esperante de frente a outro. Eu, errante do lugar, de passagem, estrangeira a corpografia que pede o cenário, mas pertencente. Eles, falantes de uma outra língua, linguagem que é

Figura 114 116: IFotografias da Rua dos Andradas. Da autora, 2021.

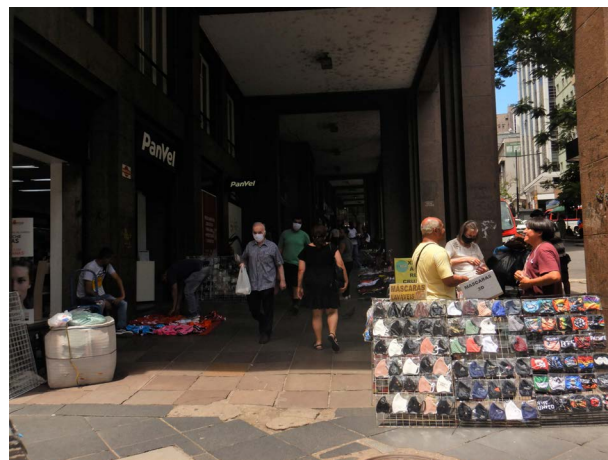
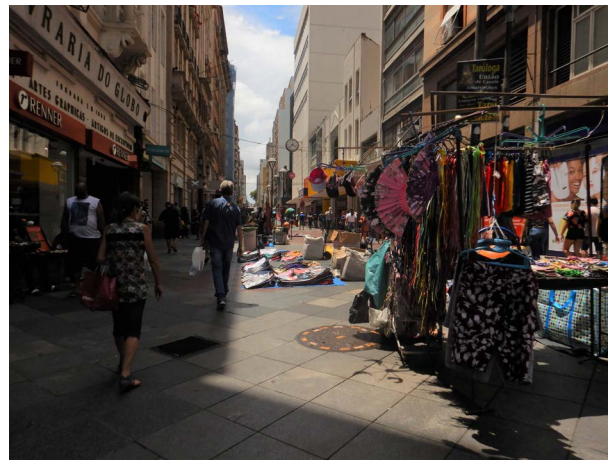
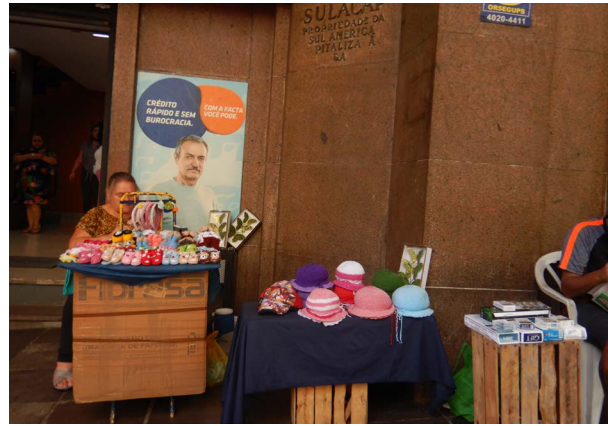


Figura 1170 a 119: Fotografias da Galeria sob o Edifício da Borges de Medeiros em entre Rua dos Andradas e Av. Salgado Filho . Da autora, 2021.

também espera. Eu os acolho, na minha impossibilidade de acolher, e eles me acolhem. Eles, por necessidade. Eu, complacência. Evidentemente nossa espera e nossa errância não jogam com as mesmas forças. Estamos em pontos cruzados, não absolutos e pouco opostos. Mas obviamente não estamos no mesmo sistema, nem praticamos o mesmo território, muito embora queiramos nos encontrar no tempo. Mais uma vez, uma hospitalidade condicionada. E são muitas as condições.

Sabemos que precisamos dessa espera, mas também precisamos do movimento. Beatriz Sarlo afirma em seu livro sobre Buenos Aires: “Sempre houve estrangeiros nas cidades, de, aonde chegam em ondas de outras regiões do país, da América Latina, do Oriente próximo e do Extremo Oriente, e ultimamente da África”²¹⁰. E assim como na capital argentina, Porto Alegre transpõe as diversas levas de recém chegados. Primeiro os açorianos, depois judeus, poloneses, italianos... chineses, japoneses, árabes, e agora, bolivianos, paraguaios, haitianos, africanos. Os recém chegados, explicitam seu ainda em trânsito. Embora afirmados, são responsáveis pelo tensionamento da ordem estabelecida porque geram estranhamento. O brasileiro tem memória curta, talvez seja isso. E assim, a cidade se adapta. O que era errância vira espera, é isso que é cidade. Podem durar séculos, mas a cidade é mais do que qualquer coisa uma constante sedentarização, um completo estriamento.

Na esquina de cima da Borges, a mulher magra e de pequena estatura que promove as fotos 3x4 me aborda, está sem máscara: “O que a senhora está fazendo aqui? Já vimos a senhora desde ontem, o que vai fazer com essas fotos?”, não esperava a abordagem, talvez seja

um acontecimento, porque desde aí, me senti ameaçada. Respondo que sou turista, e fico maravilhada com o centro de Porto Alegre. Embora quase seja verdade, não sei porque menti. É a terceira vez que me perguntam porque estou tirando fotos. A mulher diz que espera que eu goste muito da cidade e que Porto Alegre é um ótimo lugar para se viver. Ela me conta que trabalha de segunda à sábado, das 9h-16h, sempre na mesma esquina, há mais de 12 anos. Pergunto do movimento, ela diz que sempre foi assim, cheio de gente, e que embora ela conheça todo mundo, não é de se ter amigos na rua. Diz para eu me cuidar, que ali é um lugar perigoso, para eu ficar atenta. Se despede, está indo almoçar.

Nesses casos, não gosto de falar que sou da universidade e que estou fazendo qualquer estudo. A vida acadêmica me ensinou a nunca deixar qualquer tipo de esperanças. Poderia falar que gosto das apropriações e invenções para-formais, que procuro formas de incluir elas no planejamento das cidades, mas pra que? Ninguém espera nada de uma turista. Prefiro assim.

Desço novamente a Borges, e reingresso na Rua dos Andradas. Visto short jeans, uma camiseta branca e tênis, o que aparentemente confere permissão para os rigorosos assédios que musicam meu caminho. Sinto raiva. Reparo na ausência de mulheres vendedoras, aliás, reparo na ausência de mulheres de short. Todas usam calça. Sensação térmica de mais de 40°C. Raiva.

Converso de longe com alguns para-formais. Ali, no campo geral da rua, na rede comercial que ocupa 4 ou 5 quadras, noto que a maioria dos para-formais são antigos, de alguma forma já sedentarizados. Alguns vendem doces, cachorros quentes, artesanatos, máscaras, redes... chapéus e todos

210 SARLO, Op. Cit. Nota 79, p.96.

os outros produtos industrializados já narrados. Não parecem ser exatamente os mesmos vendedores desde de manhã. Embora muito sejam imigrantes recentes, falo com um paraguaio, que me diz ocupar o posto há mais de 10 anos.

O dia nublado, segue ameaçando chuva. E calor.

Caminho um pouco mais, receosa. Fico com medo de tirar mais fotos. Não quero abusar. Já fui avisada que não estou em casa.

Um senhor que vende algodão doce brinca comigo e pede pra tirar uma foto de mim. Rimos. No miolo da rua também noto a presença de alguns indígenas vendendo cestas e outros artesanatos. Parece que as veias da América Latina continuam abertas.

Mas de Porto Alegre mesmo, além dos indígenas, talvez só a comida. Poucos vendedores me chamam a atenção. Vejo poucos moradores de rua, poucos velhos, poucas crianças, poucos skatistas, poucos loucos. Parece ser uma rua comercial e só - ao menos no calçadão. Falo com pouquíssimas pessoas.

Entre o ir e vir, o conversar e partir, entro em algumas lojas, em busca do ar condicionado outra vez. Embora mais frias, as lojas são espaços fechados. O centro ferve. Perigo para todos os lados. Segundo o celular, minhas andanças já somam 12 km. Estou cansada, sufocada. Decido ir almoçar, e do almoço, vou tomar um banho em casa. Já são quase duas da tarde.

Às 16h tenho hora marcada para exposição do Maxwell Alexandre na fundação Iberê: Pardo é papel.

Vou na fundação. E brilha, é brilhante. Os painéis gigantes



Figura 120: Ilustração da Orla do Gasômetro. Da autora, 2021.

de Maxwell me remexem e provocam. A arte tem o poder do acontecimento. Entendo a potência de um trabalho como do carioca estar no museu. Mas queria vê-lo na rua, levando gente de todos os tipos para as diferentes cidades. Será?

Do Iberê, voltamos até o gasômetro, eu e Amanda outra vez. Orla do gasômetro ao por do sol, parece um render que costumamos ver nos projetos de arquitetura e urbanismo. Casais, crianças, corredores, bicicletas; Brancos e não brancos; Movimento. Ô cidade linda. Guaíba reafirma sua possibilidade de ir além. “Além, uma qualidade de certo modo lírica de algo que está ao mesmo tempo presente e sempre fora do nosso alcance. Está além”²¹¹.

Condicionando o horizonte, a polícia segmenta a Orla. Ainda assim, vejo diferentes apropriações. Imagino uma grande feira se movimentando junto com o sol, ali, olhando

211 CULLEN, Op. Cit. nota 172, p. 36.

a água. Talvez seja sobre isso. Subo de volta, agora para casa. O sol está se pondo. Meu corpo queima.

Dia 04, 30 de janeiro de 2020. Sábado.

Acordo extremamente cansada e escrevo nesse caderno. Tenho memórias atrasadas do dia de ontem, mas me parecem poucas as constatações. Tomo café e saio de casa em direção à Oswaldo, pela redenção. Me demoro. Almoço por ali. Me dou conta que é sábado, e que perdi o brique! Vou a procura, mas encontro uma feira sendo desmontada, triste, murcha. Converso com alguns feirantes. Todos reclamam. Reclamam do calor, da pandemia, do perigo, do alto valor das coisas. Afirmam todos que o brique já não é mais a mesma coisa. Olho ao redor e vejo alguns poucos feirantes, alguns dormem por trás de suas barracas. Além dos feirantes alguns ambulantes perambulam com balas e algodão doce.

Esses pequenos vendedores de guloseimas são absolutamente importantes para vivacidade e acolhimento de espaços abertos como a redenção. Eles não só figuram imagem simbólica de pertencimento, levando ao sonhos de infância de adultos e ainda crianças mas preparam um terreno de vigia. Seu acolhimento vai além do que geram como parte da economia, mas figuram subjetivamente. O pipoqueiro, o baleiro, o picolezeiro, o vendedor de algodão, e até o livreiro e o engraxate são símbolos da boa experiência urbana. São símbolos do perder tempo com qualidade, e são um convite à ganhar todos os espaços com tranquilidade. Ninguém come um picolé ou um algodão doce correndo. Você precisa estar no tempo dessa experiência, que é em si, uma proposta

lenta. Além do doce, talvez a conexão entre esses seres e os pequenos seja mais da temporalidade do que outra coisa qualquer. As crianças sempre tem tempo, seus compromissos são raramente inadiáveis.

Sigo para o centro.

Constato quase a mesma coisa que vi no dia anterior. Mesmos personagens, nos mesmos lugares. Hoje parecem ter menos engraxates que no dia anterior. Aliás, como quase não falei deles? Além de alguns vendedores de livros usados, penso que são os engraxates os detentores da lentidão em porto alegre. Eles têm um poder territorializado que claramente propõe acolhimento. Outro dia mesmo, sentada ao lado do fiscal, acompanhei um homem chegando de carro, levando seu sapato para engraxar e indo embora.

Viva a economia lenta! Ela ainda vai salvar nossas cidades. Ela abusa do cuidado e do reaproveitamento. Aliás, seu sapato está gasto? Um pouco opaco? Onde você iria se precisasse engraxar o sapato? Em Porto Alegre, perto da esquina democrática, na praça da Alfandega e no Largo do Mercado você encontrará esse serviço.

Como o sol é forte, a rua é quase deserta. Ao centro do calçadão, se veem produtos expostos e sozinhos. Seus proprietários se aconchegam todos nas poucas marquises que os protegem do sol. Noto algumas ausências sonoras, parece que a rua está mais calma, talvez porque seja sábado. Como não parece que a chuva aparecerá, os produtos não estão tapados por plásticos, e diferente de outros dias, oferece-se mais chapéus que guarda-chuvas. Mas a confusão, salvo pelas ausências, é a mesma. Talvez o grande problema não seja de fato as dobras, mas o caos total.

Poucas pessoas circulam pelo calçadão, as lojas estão todas vazias. Assim, mais uma vez, sou facilmente notada pelos praticantes cotidianos do espaço. A menina da câmera vermelha claramente não pertence ao território.

Sigo até a Praça da Alfândega procurando algum lugar para sentar. Só homens. De todos os lados, homens. Em todos os bancos, homens. Sinto falta das mulheres, vestidas com uniformes e crachás que eu encontrei em grupos, mexendo no celular e fumando um cigarro em outros dias na hora do almoço. Me sinto acuada, a praça que até então era enseada, às vezes até ilha, se fecha para mim, mulher. Vira reta.

Sigo até o gasômetro. O gasômetro sempre me chama.
Sempre me acolhe.

Talvez aqui, caiba um mapa dos dias de muito sol. Diferente dos dias de quase chuva, em que o tempo nublado pedia cobertura mas permitia a livre andança pelas ruas descobertas, hoje é impossível permanecer no descampado. É preciso cobertura, ar, árvore. O chão ferve. Qualquer sombra, é enseada. A grande península entre o calçadão e a borges, fica ainda mais significativa, principalmente quando o sol está a pino.

Passo pela praça sem bancos e percebo que apesar de um lugar lindo e bem arborizado, não é nada convidativo, a menos que você queria ar. Há poucos bancos, e quase nenhuma iluminação. Há poucas pessoas. Embora seja sábado, não há crianças, ou grupos. Vejo de longe uma família, um menino no parque com seu cachorro, e um homem montando alguma inventividade com sucata, esse último, parece lento.

Vou até a beira do “rio”, tenho a mesma sensação imagem

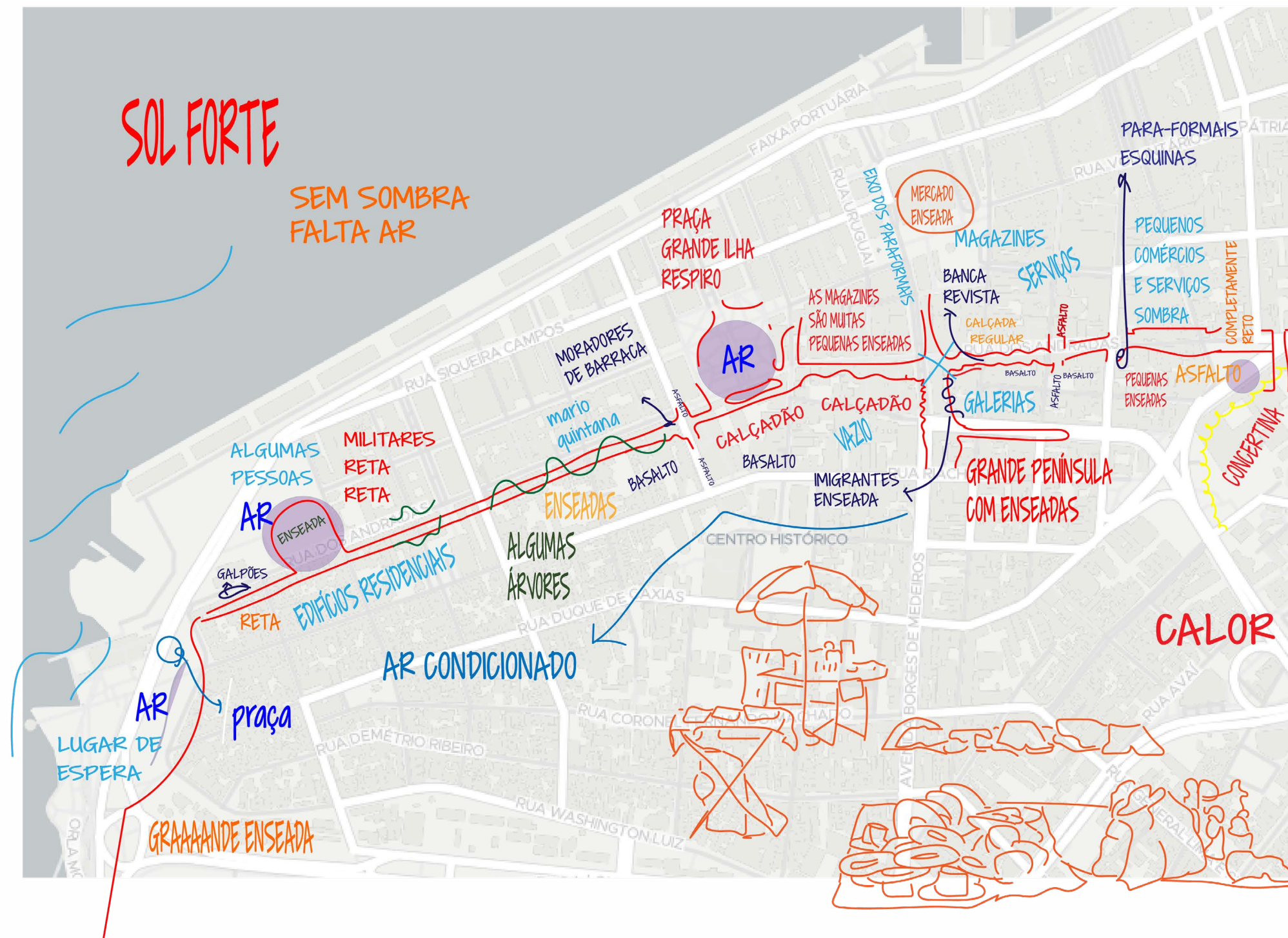


Figura 121: Mapa do acolhimento da Rua dos Andradas em dia de sol. Fonte: Da autora, 2021.

Figura 122 a 124: Fotografias no Largo do Medeiros. Fonte: Da autora, 2021.

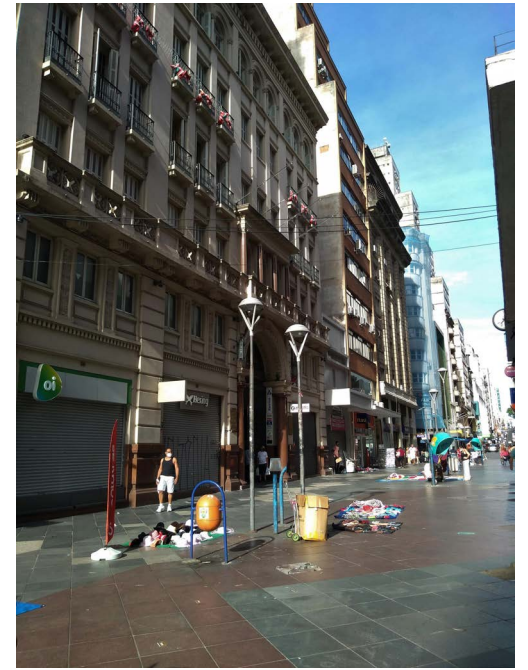
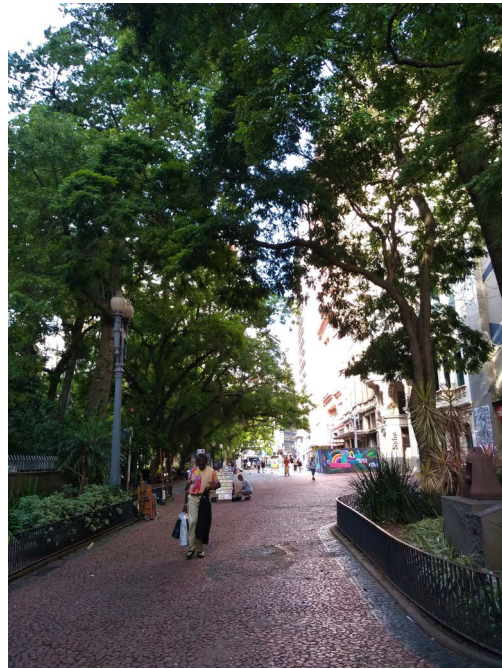


Figura 125 a 128: Fotografias do calçadão da Rua dos Andradas em da de sol. Fonte: Da autora, 2021.

montada. É difícil acreditar que aquele estonteante cenário é real. Embora cheio, ele é tranquilo, organizado, planejado. Tudo parece acontecer da melhor forma possível. Qual o perigo disso? Noto que ali, todos parecem estar encantados pela experiência do Além.

Volto para a praça, do outro lado da avenida. Sento próxima da música, onde alguns jovens bebem e dançam funk. Lindos, brilhantes, radiantes! A música tem um poder fenomenal de transformar qualquer espaço em lugar desde que não se confunda e compita com outros sons. Me demoro na espera, me divertindo com os sorrisos soltos que passam por mim. Fico quieta, num canto, de máscara.

Ao final do dia, volto, de novo pela Andradas. A rua já está quase vazia, normal. Mas ainda não consigo compreendê-la. Talvez seja essa sua virtude. Para compreendê-la é preciso entrega. Mas quanto tempo é preciso se entregar?

Está escurecendo. Infelizmente, já é hora de ir pra casa. Não é só o dia que anuncia seu fim, mas minha estada em Porto Alegre.

Queria me demorar, mas dessa vez minha pesquisa olhará para esses três dias. É pra ser uma viagem rápida, diz meu orientador. Talvez eu volte, mais além. Certamente vou voltar. Preciso saber, preciso olhar, preciso ver outras coisas. Quero mergulhar. Três dias é muito pouco. Maldita Pandemia, maldito Presidente. Por enquanto é só. E já é muito. É preciso voltar para casa.

Percebo que a viagem é uma lacuna no tempo e espaço que te libera de tudo o que se dá na vida privada. É um estado de corpo de entrega, de presença, de pensamento. De entrega & presença de pensamento. Viajar é estar de frente a todas as combinações e sucessões possíveis. Penso no ofício

do cartógrafo: anotar os pontos de encontro. De encontro comigo mesma, de encontro com o pensamento. Talvez tenha notado, talvez anotado, mas já não sei. Embora saiba que a pesquisa cartográfica deve produzir novos sentidos, não posso ter certeza de até onde cheguei. Na possibilidade do meu privilégio de ter medo, prefiro ficar resguardada, ao menos agora. Enquanto o tempo voa e a vida passa, estou em casa, sentindo que talvez tenha feito minha parte. Sou toda incerteza. Um pouco abstenção. Mas é preciso tomar banho de corpo inteiro

Entre Porto Alegre e Pelotas, muitas coisas aconteceram. No meio do caos pandêmico, perco meu avô. O mesmo que me ofereceria vinho logo após minha qualificação, lá na Linha 21 de Abril, em Antônio Prado. Além da perda de meu avô, o ser lento mais visionário que já conheci, nos deparamos com infindáveis mortes. Amigos, pais e mães de amigos, conhecidos. A pandemia não se esgota. “mas é preciso seguir em frente”. Até onde? Até quando?

Como é possível ser corpo vibrátil quando tudo ao redor sangra? Como é possível não ser?

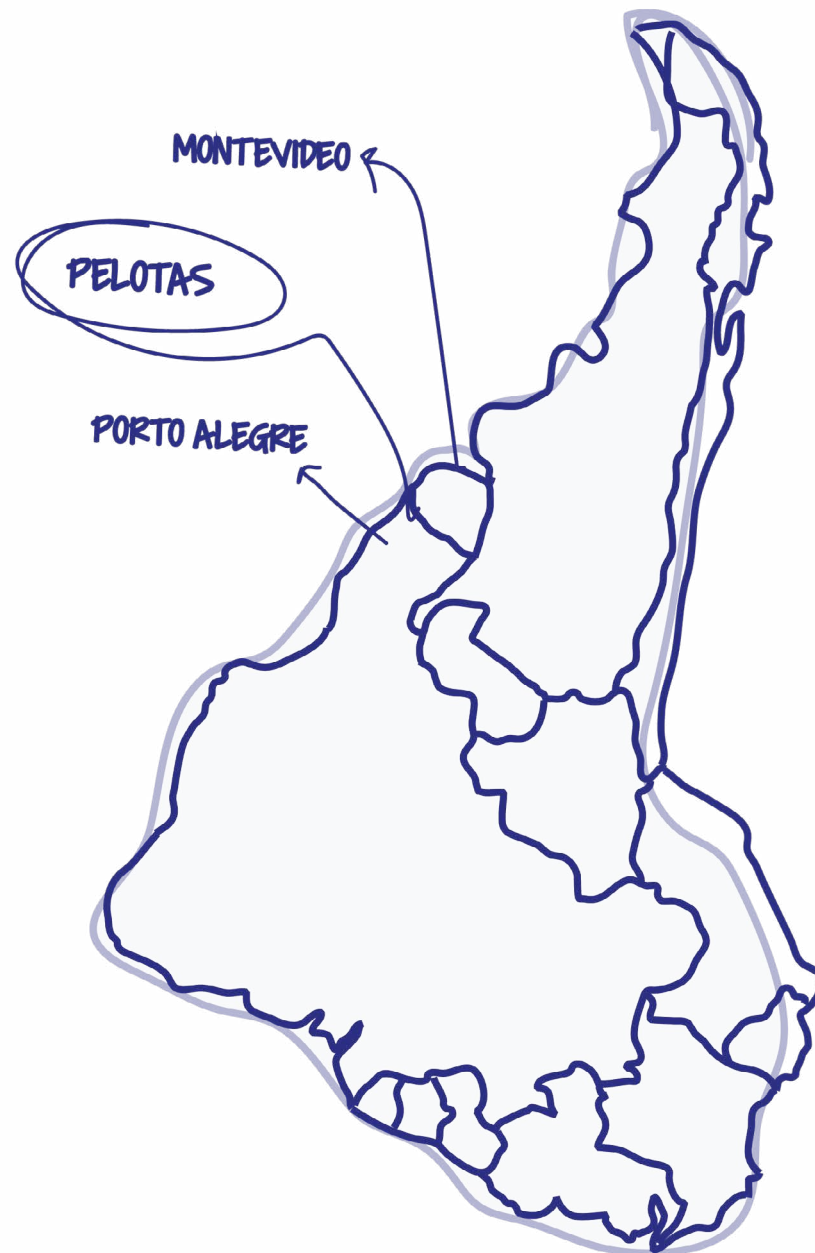
“É preciso manter o sorriso no rosto” enquanto aqueles que não morrem, adoecem. Nas redes sociais, retratos saudosistas ou irresponsáveis. Ninguém aguenta mais. Mas segura, Até quando? Um corpo humano social não consegue mais ficar isolado. Sei que é privilégio, e é preciso ter mais do que só cuidado. Obviamente, é preciso tirar o presidente, e isso não sai da minha cabeça. É preciso revolucionar a política, a economia, a cidade. Mas é preciso ficar em casa.

Embora pra mim nunca tenha sido difícil escrever, sentar não tem sido fácil. Além da no mínimo lastimável situação sanitária que vivemos, a educação e a ciência perdem cada dia mais seu incentivo. As veias de um Brasil re-conolizado, inesgotavelmente domesticado, continua vertendo por entre aqueles que conseguem sobreviver. No campo, soja, boi e agrotóxico. Na mesa, fome. Até quando? No mesmo país, enquanto 116 milhões de homens, mulheres e crianças não tem comida para matar a fome, 20 pessoas entram na nova lista de Bilionários. Bi-li-o-ná-rios. Do pouco que saio de casa vejo meu dinheiro não valendo nada. Me lembro de quando sonhava em ter uma bolsa de pesquisa. Hoje, é quase nada. E o pior, ainda assim é muito. Não tenho filhos, não tenho carro,

não sustento ninguém. Mas e se tivesse?

As coisas continuam fora do Lugar. Talvez eu não entenda Porto Alegre, porque não há lógica na desumanidade. E talvez também não entenda Pelotas, que é perpassada pelo mesmo colonialismo que abortou o Brasil. É obvio que é mais do que só isso. Mas de vantagem, a gente vê o lado bom das coisas. Talvez só sejamos domesticados a continuar rindo do absurdo. Ou talvez, o desespero ainda não tenha chego nas pessoas certas. Porque no Brasil, país da fome, com certeza o desespero já chegou, ele é a própria morada.

Escrevo com os olhos emareados, salgados de um mar que não molha meus pés. Não está sendo nada fácil. Meus ombros carregam um peso que entorta minha coluna, faz doer minha cabeça. Me alongo, medito, respiro. Corro. Estamos no meio de um absurdo, enterrados até o pescoço. É PRECISO SE DESESPERAR. Des-espero. Des-andança. Quero perambular por aí, mas não pra perto, mas longe de tudo. Talvez pro campo, mas ainda não. É preciso sair, mas não posso. Grande paradoxo. Quero fuga. Quero fogo. Quero cidade, mas não essa. Quero vacina para todos. É preciso acreditar. É preciso escancarar. É preciso acreditar na ciência. Continuo porque acredito na educação, e porque preciso de cidade.



ANDRADE NEVES

A RUA NO MEIO DE PELOTAS

Com o coração apertado, o corpo cansado e cinco meses passados, que volto para Pelotas. Já é maio de 2021, e faz frio. Além de perambular pela Andrade Neves, rua que é uma das minhas preferidas na cidade, minha viagem tem gosto de despedida. Volto para ficar alguns meses, mas já pronta para fazer outras coisas, em outros lugares. Mas antes de ir, preciso me ater a mais alguns significantes, que por vezes passaram despercebidos em minhas andanças pelo centro e porto de Pelotas.

Pelotas sempre me pareceu uma cidade lenta. O ar – de mofo, se mistura com uma aristocracia empobrecida, emblematicada pelos incontáveis casarões que mantem um saudoso cenário de tempos de glória. Se no centro cabe o ar da graça de uma elite política e intelectual do século passado, na planície longínqua se estabelecem os incontáveis barracos de uma escravidão ainda vertente. Condomínios fechados invadem as áreas ambientais contornados por palmeiras que continuam a ser reais. Por fora dos muros, a cidade vigora falta de cuidado e pobreza. Tenho entendido, nos meus oito anos na cidade, que a paradigmático escanteio da economia não é só resquício de uma cidade periférica – ao sul do sul, mas de uma burguesia escravocrata e preguiçosa.

Mas muito se enganam aqueles que acham que a cidade está em estado de abandono. A vida vivida, prática do cotidiano,

continua sobrando o cenário e reinventado a própria cidade. Pelotas possui uma força dissidente ainda encontrando seu lugar e descobrindo uma potência escanteada por muito tempo. E para mim, é nesse descobrimento que mora toda a riqueza desse lugar. Pelotas não é só uma cidade universitária, é uma cidade libertária, de inventividade, carnaval e rua cheia. É uma cidade afro-latino-americana. Pelotas é cadeira na calçada, mate na praça, barco pesqueiro chegando no Porto, despacho na encruzilhada, figueira no campo vazio e pôr do sol avermelhado.

As marcas do tempo, registradas em um carrossel de interesse entre riqueza e abandono, ficam explícitas nas fachadas históricas, coladas, remontadas, cortadas e por vezes reformadas. Pelotas é uma cidade de muitas camadas, o que fica evidente também na ocupação de seus espaços abertos. Aliás, tenho falado na transurbância que é caminhar por essa cidade, que consegue dobrar-se mesmo nas mais longínquas ruas. Tem gente que fala que Pelotas é um vórtice. E talvez até seja.

Embora conheça muito bem as quadras que compõem o quadrilátero central, me proponho a caminhografar toda a extensão da Rua dos Andrada, a rua comercial. Percorrendo sua borda, ao sul, próxima do Canal, até seu extremo rápido que alcança a Rua Dom Joaquim, uma das mais caras da cidade. Dessa vez é diferente, embora eu já tenha percorrido esse caminho - incompletamente – dezenas de vezes.

Desde o começo, nos perguntamos se é possível fazer pedagogia da viagem por um lugar conhecido, mesmo sem sair da cidade. E sempre acreditamos que sim, pois a pedagogia da viagem é uma proposta de deslocamento de pensamento forçado por um corpo atento para experimentar e registrar essa experiência. Assim sendo, a pedagogia da viagem poderia ocorrer em qualquer lugar, desde que se cumprissem seus

movimentos: ir, viajar e voltar. Diferente da cartografia, que é o grande registro de um processo de pesquisa, que contém a própria pedagogia da viagem – essa é um procedimento com data para começar e terminar. Mas mais do que um período, a pedagogia da viagem é uma imersão de corpo todo.

E como estar de corpo todo em meio a rotina? Como estar de corpo todo quando a lista de afazeres, de um cotidiano totalmente acelerado impõe um “para ontem”? É difícil pedir a lentidão da viagem no meio do caos, mas é necessário. Quando estive em Montevideo e Porto Alegre, passei meus dias “em trânsito” praticamente em silêncio, sem internet e anotando todos pensamentos quando possíveis nas imagens, gravações e no meu diário de campo. Eu só, comigo mesma na maior parte do tempo, de corpo nu para a cidade.

Por vezes, o diário se atrasava, a foto borrava e o desenho tremia, mas tudo era parte da experiência lenta que não consegue dar conta de tudo, e justamente por isso anota e expressa o que consegue, e tá tudo bem. O próprio tempo já é um filtro para o texto que narra com veracidade e com subjetividade, que não quer apenas representar, graficar ou até anotar aquilo que acontece independente da complexidade, mas justamente o contrário: quer documentar a complexidade que força o acontecimento, enquanto o vivencia. É analógico e mesmo que apague, deixa marcas. É claro que não é fácil, e tampouco tão lento assim. O pensamento precisa ser veloz.

Aliás, já não sei se pensar é dos tempos rápidos ou lentos. Sei que o pensamento, e as ideias em geral são abstratas, e são os tempos mais rápidos que tendem para uma lógica complexa do discurso, são os rápidos que aprendem a imaginar. Até mesmo as ideias têm velocidade, que saco. Sempre tiveram.

RUA ANDRADE NEVES: A RUA DAS MÚLTIPLAS CAMADAS

Estou em Pelotas, são 09 de junho de 2021.

Chove, o tempo está quase frio e eu acabo de terminar uma xícara de chá. Embora não precise separar as roupas ou tomar um ônibus para uma outra cidade, arrumo a bagagem. Preciso terminar esse percurso, é necessário. E já é inverno outra vez.

Amanhã tenho trabalho para apresentar, aulas para dar, orientação... Minha viagem deve começar pelo final da tarde, quando devo sair – faça chuva ou faça sol - para experimentar um pouco da Andrade Neves, rua de Pelotas. Talvez perambule só pelo centro, mas já quero fazer algumas anotações. Afinal, o caderno é lento.

10 de junho de 2021, fim do dia. Frio e vento.

Logo após tomar a primeira dose da vacina contra covid-19 (VIVA AO SUS!!) radiante, decido caminhar pelo centro. São pouco antes das seis, e a escuridão já comparece. Na noite fria saio na rua já no horário do desmonte. O comércio já dá os primeiros indícios de fechamento e a rua para-formal já escorre.

No calçadão recentemente reformado, as luzes proporcionam tranquilidade. O calçadão têm sido um bom

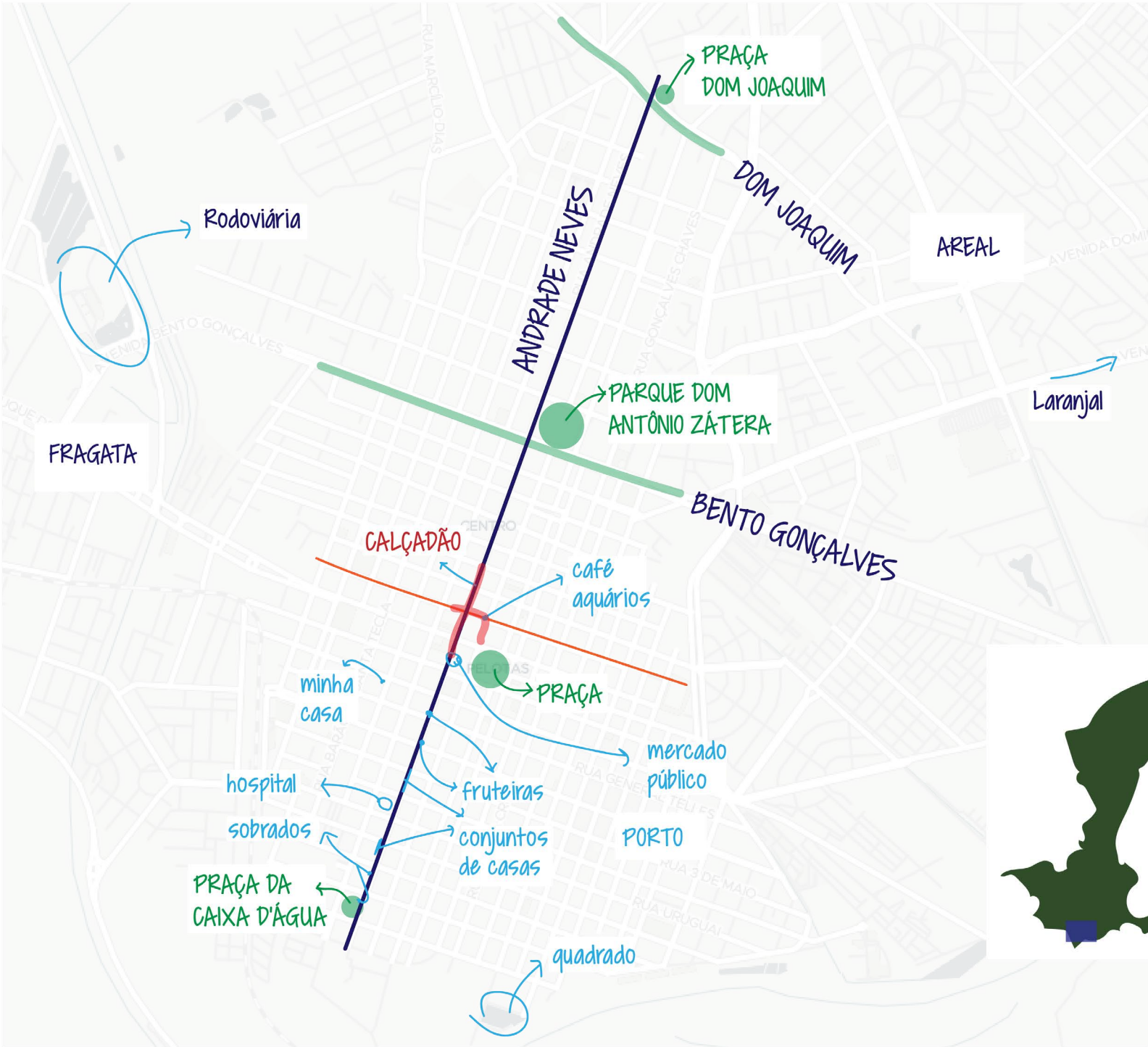
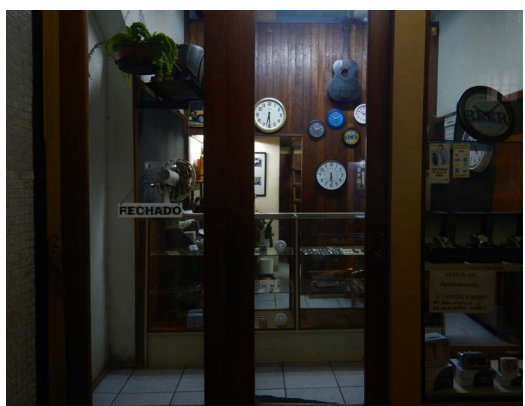
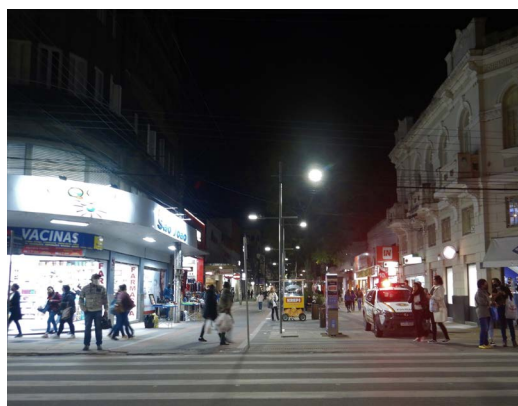
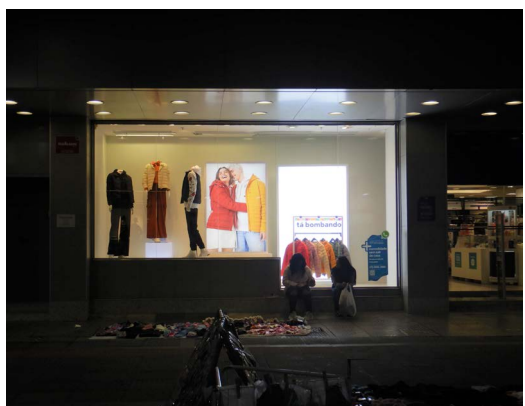
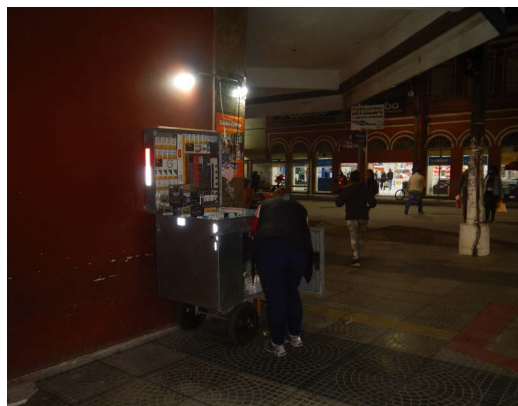


Figura 129: Mapa ilustrativo de Pelotas com a Rua aAndrade Neves em destaque. Fonte: da autora, 2021.



lugar para caminhar de noite. Mas só ele. Caminho entre o calçadão e a Bento. Escuridão. A calçada fina se confunde com o comércio fechado e a rua de meio asfalto. Perto da Bento, perigo. No meio do canteiro vejo aglomerações, não sigo. Na verdade, volto.

Tiro diversas fotos, que na verdade registram com maior claridade a cena do que eu a vejo. Eu, toda de preto e de máscara, devo ser uma nebulosidade na paisagem. Mal posso ver a esquina, ou o outro lado da rua. O calçadão mesmo com os comércios fechados continua iluminado.

Passando as paradas de ônibus em frente ao mercado público, mesma escuridão. Os únicos pontos de acolhimento são gerados pelas duas fruteiras, Rud Bonow e Cachoeirense, que emanam um pouco de luz e movimento. Já faz muito frio, talvez 8 graus. Venta muito, meu corpo dói. Na esquina com a Dom Pedro decido voltar para casa. Parece perigoso seguir para o sul. Não vejo nada.

12 de Junho de 2021. Sol. 9:30 da manhã.

Contrariando a previsão do tempo da última semana, fez sol todos os dias. Ainda assim, é 12 de junho e nesse período as manhãs costumam amanhecer geladas, com temperaturas abaixo de 10°C.

Por estar em casa, sinto já as primeiras dificuldades de exercer uma pedagogia da viagem. Não que existam grandes regras, mas sinto que aqui, minha imersão ocorre em parcelas. Tenho sentido dificuldade de mergulhar. Todo dia preciso arrumar a mala, ir e voltar.

Ontem, sexta feira, não consegui descer pra rua. Em benefício da vacina, meu corpo pediu um dia para produzir os anticorpos, cedi. Hoje sai de casa eram tipo 9:30 da manhã. Quase como um desafio. Já na rua, desafiada, compro um pão de queijo no supermercado nacional e vou até o calçadão. Passo por diversas banquinhas sendo montadas, e embora não perceba uma lógica ortogonal, não acho tudo uma grande bagunça. Na rua só vejo vendedores. Quase não há transeuntes essa hora.

Caminho e vou notando os ordenamentos já pré concebidos. Parece que os seres efetivamente lentos, que dizem sobre a cultura e a estética de Pelotas estão próximos à Lebes (bem, na verdade, é a Lebes que está perto deles, já que ela que foi chegando e expulsando todo mundo de um quarteirão histórico). Logo mais temos as grandes lojas de roupas, e os incontáveis vendedores de meias, tocas, pantufas e cachecóis. Na esquina com a Marechal Floriano, estão os estrangeiros, senegaleses vendendo meias, relógios e eletrônicos.

É interessante esse local porque esses vendedores ocupam um pouco da fachada das lojas, principalmente na Andrade Neves, e muito de uma fachada cega, na Marechal Floriano. Aliás, dos poucos para-formais que ocupam as fachadas das lojas, quando isso ocorre, é na frente de grandes lojas, as lojas sem dono.



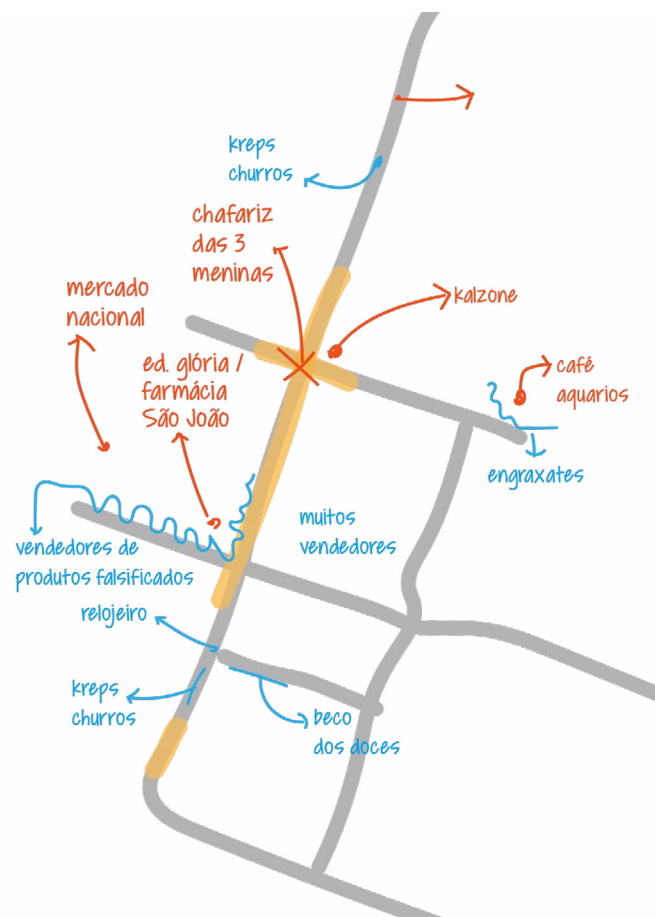
Figura 136: Corte ilustrativo do calçadão da Andrade Neves. Fonte: da autora, 2021.

As grandes lojas, ou redes, não são sem dono por que não possuem um proprietário, mas porque não possuem autonomia por si mesmas. São lojas que estão conectadas – literalmente – por um sistema, que normalmente nem é sediado na cidade em que o estabelecimento se encontra. A agência desses comércios é regional, por vezes nacional ou até global. Você não entra em uma São João, Panvel, Renner ou C&A e pede pra falar com o dono ou dona, muito embora saibamos que há alguém que represente a conexão entre o aqui e o sistema.

Na frente das fachadas sem dono estão aqueles que tem muito pouco além daquilo que os fixam ali. Os dispositivos dos seres que ocupam essas frentes são todos territorializados, embora por vezes esse território também esteja ancorado em um sistema muito maior, é completamente diferente. As grandes lojas, usam de um sistema tecnológico e de grande agência sedimentada, os seres lentos participam de uma rede de solidariedade efêmera e mutável. Lembro da ideia de Milton Santos, de que a economia lenta é a economia da negociação – dentre outras coisas, é onde é possível pedir desconto. Esse sistema menor e pessoal é que permite essa negociação. Negociar é encontrar um meio termo, é onde fica bom para os dois.

De baixo do edifício glória, as relações são intensas e plurais. Você encontra ali os estrangeiros e periféricos. Já encontrei em outros momentos, também a mãe que perdeu o emprego e estava vendendo pão, a vó que vendia bolo, a vendedora de chá... Acho que faz sentido. Os seres lentos da negociação ocupam seu próprio sistema, se imbricando e abrindo portas e janelas em uma fachada que as decidiu fechar. Diferente dos magazines de muitos, mas de ninguém, estão as bancas de alguéns muitos. Esses muitos utilizam dispositivos que reafirmam sua qualidade e temporalidade dentro do sistema.

Figura 137: Mapa ilustrativo dos pontos de interesse no calçadão.
Fonte: da autora, 2021.



É normal encontrar por ali também alguns vendedores ambulantes de bala, café e compotas. Aliás, compotas. Em que outras cidades se vendem compotas nas ruas?

Talvez a primeira provocação da lentidão de Pelotas venha justamente desse saber fazer que carregam em si a vinculação de diferentes culturas: italiana, africana, originária, portuguesa. Onde mais se vende comportas na rua? Além de compotas de pimentão, de pêssegos, de figos, você também encontra ambrosia e mel. Dentre os vários motivos, aqui em Pelotas, não me sinto uma viajante.

Sei exatamente onde preciso ir, e é difícil subverter uma ordem já subjetivada.

Posso dizer que minha caminhografia pela cidade começou ainda em 2019²¹², quando aprendi sobre a atenção à espreita. Embora a atenção à espreita não me sirva constantemente para um mapeamento registrado, ela é uma forma de estar presente ao agora, que me acompanha em todo perambular, quase como um treino. O modo como presto atenção à muitas coisas que se desenrolam enquanto caminho, atravessa constantemente o modo como pratico a cidade. Caminho sempre atenta, com os olhos, os ouvidos e o corpo abertos.

Além dessa prática, moro no centro centro, a duas quadras da cuja Andrade Neves e do contraditório Mercado Público, há dois anos. Ou seja, o cenário que experencio me é cotidiano. Ainda assim, tenho um pouco de dificuldade de agenciar todos os pontos que articulam os quatro quilômetros, bem porque, nunca percorri a rua do começo ao fim de uma só vez.

Saindo do centro, caminho a Andrade Neves até a Bento. É Sábado, dia feira²¹³! Embora o cenário me intrigue, passo rapidamente por ele. A feira intercepta a rua comercial, mas pouco a atinge. Seu efeito é mais interno, mais para outros interiores, mas não chega a passar muito da calçada. A feira quadricular é extensa e extremamente ordenada. Além dos feirantes e dos compradores, há pouco movimento ambulante.

212 Falo, junto com Vanessa Forneck e Carolina Frasson Sebalhos sobre essa experiência no artigo O corpo-mulher que caminha: caminhografia na cidade de Pelotas. Em: Píxo revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, v. 3, p. 166-183, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/18053>

213 Nome do pequeno documentário que fiz com Patrícia Soares Vieira sobre as feiras de Pelotas e Maceió, durante a disciplina de pós-graduação "Documentário e Cidade: narrativas audiovisuais e leituras urbanas", do IAU/USP, sob orientação do Prof. Associado Dr. Marcelo Tramontano. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m2TI5pXgj5s&list=PLROfHz0qO1CBFivrb57CI-dtkr5fl_z3s

Figura 138 a 143: Fotografias do calçadão. Fonte: da autora, 2021.

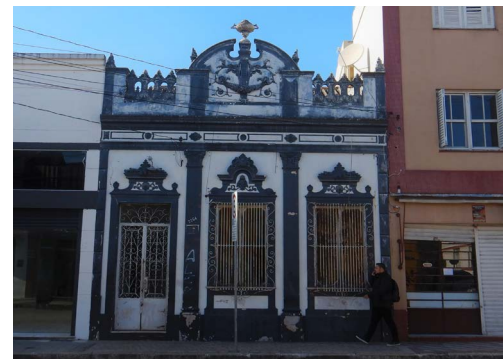
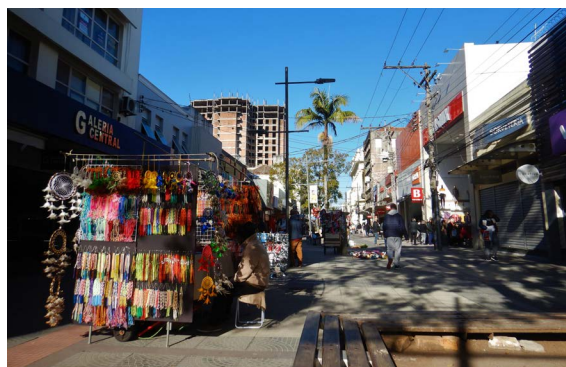
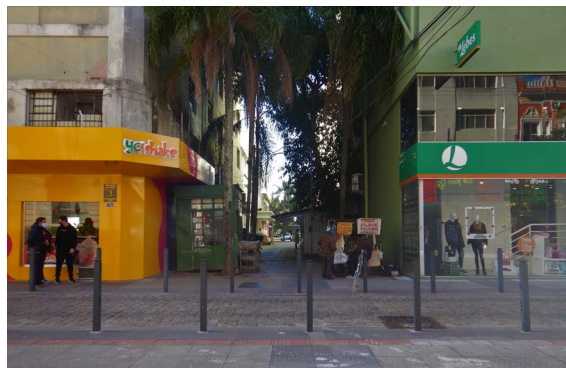


Figura 144 à 149: Fotografias ao Norte da Rua Andrade Neves. Fonte: da autora, 2021.

O silêncio chega a me fazer questionar se de fato estou na feira.

Da feira, caminho até a Dom Joaquim. Embora eu saiba que há poucos seres lentos nessa direção, faz parte da minha proposta percorrer a rua toda. E assim o faço.

Nunca tinha percebido como a Andrade Neves, entre o centro e a Dom Joaquim é um território complexo de especulação imobiliária. Embora já tenha percebido obras invadindo a ciclofaixa muitas vezes (aliás, a ciclofaixa só existe nessa altura da rua), e em algumas ocasiões até tenha espiado por trás dos tapumes, o que se vê nesse trecho da rua é um grande misto arquitetônico. E claro, um fluxo contínuo de carros. A especulação é complexa porque ela não é somente atual. É uma especulação que parece se sobrepor em diversas camadas (talvez dois séculos).

Entre os grandes casarões - grandes mesmo, em um estilo que eu poderia acreditar ser quase rural em uma outra época - estão os grandes edifícios. Esses condomínios residenciais em altura destoam das edificações térreas, mas mantem um afastamento da testada utilizado por ajardinamentos e áreas permeáveis. Além dos casarões e edifícios, estão as incontáveis casas ecléticas ou decô, que alinhadas nas testadas, se espremem entre os grandes. E por fim, vislumbro diversos terrenos à venda, terrenos que provavelmente embalavam grandes residências que já não existem mais. Esse imbricamento, embora controverso de forma alguma torna o ambiente hostil. Aliás, esse deveria ser um dos pontos mais acolhedores e iluminados da cidade.

Não cheguei a medir o gabarito da rua, mas na medida em que me aproximei da Dom Joaquim, fui sentindo o ar, o espaço, o alargamento. Parece que a rua vai ficando

mais larga, a calçada mais espaçada. A percepção de alargamento pode ter sido causada pelos edifícios afastados da testada do lote, pelas quadras mais longas, ou pela ausência de pessoas na rua (são tempos pandêmicos). A calçada estreita no estilo português não permite que duas pessoas se cruzem com o devido afastamento, principalmente se existirem quaisquer mobiliários ou vegetações. Em tempos pandêmicos, a calçada estreita te joga para a rua sob quaisquer adversidades, assim, não encontrar pessoas é fundamental para que se continue utilizando o espaço destinado para pedestres.

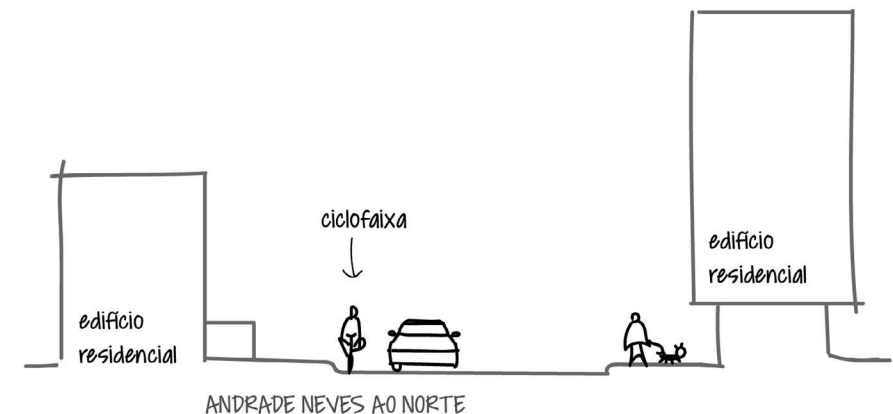


Figura 150: Corte ilustrativo da Rua Andrade Neves ao Norte. Fonte: Da autora, 2021.

Aliás, além da esguia calçada, percebo que só cheguei tão fácil até a Dom Joaquim porque não venta e faz sol. Sol de inverno, ameno. Caso contrário, teria percorrido um grande descampado, perambulando entre a calçada e a rua possivelmente alagada em vários trechos. Esse outro caminho e estado também ocorreria caso o sol estivesse vibrando no verão, não sei se conseguiria chegar até a Avenida. Apesar da ciclofaixa, o movimento é de carros e quase não há ninguém.

Bem, no encontro com a Dom Joaquim, a Andrade Neves transpassa uma espécie de praça linear, que embora

Figura 151 a 156: Fotografias ao Norte da Rua Andrade Neves, nas proximidades da praça Dom Joaquim. Fonte: da autora, 2021.



Figura 157 a 162: Fotografias ao Norte da Rua Andrade Neves, em direção ao calçadão. Fonte: da autora, 2021.





Mais para o fim da Andrade, ao lado direito, figura uma praça em frente ao Clube Gonzaga. Quase não se encontram mobiliários na quase uma quadra de praça, que é movimentada pros alguns poucos que tomam chimarrão ou brincam no parquinho. Sento em um dos bancos improvisados ao pé da árvore, e escrevo. Algumas crianças brincam e um senhor passa com plantas na mão. Alguns homens conversam nos bancos que limitam o perímetro entre a praça e a calçada. Aliás, só vejo homens na volta da praça. E muito embora a praça não possua mobiliários,

ao pé da árvore me sinto acolhida. Eu gosto de espaços verdes em dias de sol. Como bergamotas que trago na mochila e reparo. Aqui não tem mobiliário MMCité²¹⁴, e tampouco iluminação.

Venho percebido o mobiliário da empresa MMCité como um símbolo de globalização. Durante minhas perambulações, encontrei instalações do design tcheco em diversas cidades, sempre acompanhados de um review no paisagismo igualmente importado. A instalação desses mobiliários, que compreendem um catálogo diversificado entre bancos, lixeiras, bicicletários, luminárias e muitos outros objetos que nem fazem sentido para a geografia que estamos, parece ressaltar uma imagem predefinida de bom lugar para estar. Por mais contraditório que seja o projeto, parece que um banco com um bom design é capaz de agenciar a ideia de boa cidade ao lugar ordinário, articulando uma espécie de acolhimento. Me parece que esse sentimento simbolizado na cidade por um mobiliário marco, instrui e vincula as sensações à uma estética global. Quando vejo um banco MMCité sinto que ali opera uma simbologia que certifica minha territorialidade. Ou ao menos achava, antes de perceber esse ícone opera para uma grande homogeneização da ideia de bom espaço público. Penso que os bancos utilizados nesses projetos funcionam quase como uma assinatura, uma tag, muito próxima e oposta a ideia do pixo. Talvez mais do que uma tag, seria um outdoor.

Voltando para o sul, fotografo algumas fachadas de grandes e pequenas residências já históricas. Ao tirar fotos de um conjunto de três edificações com as fachadas estranhamente preservadas para o contexto, um senhor pergunta se sou estudante da arquitetura. Respondo que sim com a cabeça e ele me indaga: o que tu achas disso

214 <https://www.mmcite.com/>



aqui? me aproximo sem entender direito o que acontecia e ele me revela: “Sou engenheiro. A prefeitura me obriga a fazer isso. [percebo que ele se refere à preservação das fachadas, já que na edificação que ele aponta há um prédio envidraçado no fundo]. Respondo que acredito que embora às vezes seja difícil fazer a manutenção do edifício por problemas patológicos, ao menos a fachada deve ser preservada sempre que possível, principalmente se ela faz parte de um conjunto. Digo que não acho que as coisas devam ser destruídas para a construção de qualquer coisa, como uma farmácia, por exemplo. Precisamos elucidar os argumentos que temos para destruir algo e colocar outra coisa no lugar. Falo também que acho necessário um critério de ética, para que tudo seja solucionado dentro de seu devido contexto, afinal, cada caso é diferente. E obviamente, que precisamos documentar com a melhor riqueza possível os usos e transformações dessas construções.

Ele mudou seu olhar e me perguntou em que ano do curso eu estava. Respondi que já sou formada, e ele afirmou orgulhoso que ele tem muito critério de ética. Disse ter outros edifícios na Dom Pedro, perto da estação ferroviária, casas muito bonitas e preservadas. Me explica onde que elas se localizam, precisamente, quase como me convidando a conhecer a sua ética. Perplexo e contrariado ele se despede e entra num carro. Talvez ele nem tenha entendido nada. Mas acho que entendeu.

Eu sigo, pensando no que falei de verdade. Eu tinha tantas coisas para dizer. Discutir a manutenção do patrimônio é um tema tão sensível, em tantos níveis. Eu sempre penso: tá mas pera aí, destruir pra quê? Pra fazer mais uma fachada envidraçada que poderia ser uma igreja universal em qualquer lugar do mundo? Chega a ser ridículo o quanto o ser humano ainda se espanta com o vidro. Deveríamos estar discutindo uma arquitetura muito mais contextualizada, saudável e local, sem as universalizantes fachadas sem princípios.

Com certeza a arquitetura eclética não era ética, mas com certeza ela é estética. E hoje, o que temos? Qual a vantagem de tirar um patrimônio meticuloso geometricamente, parte de um cenário vivo, para construir camadas ainda iguais, e ainda ultrapassadas que não possuem compromisso estético?

Fico pensando que salvo exceções, o que fazemos no Brasil ainda é arquitetura moderna, talvez já neomoderna. Aqui, no tempo lento da arquitetura, talvez a contemporaneidade chegue só daqui 50 anos. Seguimos medíocres colonizados, responsáveis por cidades insustentáveis e agora pandêmicas. Cidades que desprezam o centro, destroem, constroem e renovam a subjetividade e o consumo. Cidades que desprezam a vida e o tempo lento, que é obrigado a remontar todos os dias novas peripécias. Mas, embora seja difícil acreditar, sempre há dissidentes. Estamos indo para algum lugar, gosto

de pensar quem um lugar melhor. Pena a mediocridade não ser exceção.

Sigo minha caminhada.

Já chegando no centro, sou abordada por inúmeras pessoas querendo me vender coisas. Agora, já quase 13h, a rua está cheia. Caixas de som disputam um território sonoro que desvia entre o brega, o sertanejo e as promoções anunciadas por homens com voz de radialista que se organizam em frente às lojas. No centro, é muito dia dos namorados. Talvez, para o cenário que estou, fizesse mais sentido tocar uma milonga, ou até um rock. Qualquer música comprometida com a estética do frio. A música que toca me leva pra um lugar mais quente, mais aberto, com menos roupa. Ainda assim, nas calçadas: meias, pantufas, mantas, corações, flores e muita gente. Percebo que alguns vendedores não ocupam mais os mesmos lugares que na noite nublada e gelada de quinta-feira. As marquises estão praticamente desocupadas. As bancas estão todas ao centro do calçadão, exceto pela esquina com a Floriano, e próximo do chafariz, onde o território parece se multiplicar.

Paro para conversar com uma mulher nessa esquina. Pergunto se ela sempre vende os mesmos produtos. Ela responde que depende da estação. Que no verão vende jarra elétrica, ventilador e outras coisas. Me diz que traz tudo de Riveira, e ela mesma que busca. Já trabalha com isso há quatro anos, mas não fica sempre no mesmo lugar, por causa do movimento e da fiscalização. Pergunto onde ela guarda o estoque e ela me olha contrariada: — Pra que tu queres saber? Respondo que sou da UFPel e estou estudando a Andrade Neves e tô curiosa, e ela me responde que guarda na casa dela mesmo. Me diz que nos últimos meses tá tudo muito difícil porque a rua tá muito cheia de gente vendendo. Conversamos sobre o cenário

econômico desesperador. Continuo.

Já perto do mercado público, converso com o Relojeiro, que troca pilhas e vende controles ali no corredor dos doces. Me lembro dessa figura desde sempre em Pelotas e penso que ele pode me ajudar a entender algumas questões da cidade que até então eu não tinha compreendido. Pergunto se ele sabe porque a Andrade Neves virou a rua principal do comércio – já que antes era a XV. Ele diz que deve ter sido pela construção do calçadão, mas ao mesmo tempo ele lembra de a Andrade Neves sempre ter sido comercial. Disse que o comércio não cabia na XV, e foi indo pra Andrade.



Figura 165: Ilustração do relojheiro. Fonte: da autora, 2021.

Me diz que há 29 anos trabalha na rua, que antes trabalhava ali (na frente de onde agora é a Lebes), mas que depois colocaram ele ali no beco. Pergunto se sempre teve gente trabalhando na rua, e ele diz que sim, mas que não tanto quanto agora. Pergunto se por causa da pandemia e ele me diz que também, mas não só isso. Diz que Pelotas tinha muitas e muitas indústrias até os anos 1990, principalmente de compota e que depois que as indústrias fecharam, não tem mais emprego. Só restou para a economia de Pelotas, o setor terciário.

Me diz que quando uma cidade vive só do comércio, o dinheiro e os empregos ficam na verdade em outros lugares, tipo em Santa Catarina, São Paulo, quem sabe até na China. Concordamos que esse é um problema para Pelotas. Percebo que o assunto terminou. Agradeço.

Já quase na esquina de casa, decido ir tomar um café e usar o banheiro. Subo com muito foco e cuidado para não me demorar. O sol está gostoso, a rua também. Na volta, decido ir até a praça escrever sobre a manhã, ou quase tarde. Desde que descobri que o Coronel Pedro Osório não era um escravocrata desgraçado, parece que tenho gostado mais de pegar sol no chafariz, que na verdade era um pelourinho. Que delícia.

Sento num banco ao sol e pego o caderno. Estou imersa no texto quando uma senhora para ao meu lado e começa a gesticular e produzir sons (ela parecia não falar). Parece que ela quer contar uma história, mas não consigo entender. Ela aparenta mudar de assunto, mas volta, mas vai. Demonstra algo entre hospital, vacina, filhos, estudo, violência e problema de coração. Eu tento adivinhar, mas não conseguimos. Entendo símbolos, mas não os encadeio. Ela aponta para a estátua de Simões Lopes, devolve meu caderno e faz algum tipo de recomendação.

Vai embora no sentido do Mercado Público. E eu fico ainda tentando entender o que aconteceu. Mas aconteceu!

A praça produz esse respiro que permite pensar nas coisas. Aliás, ela é uma grande ilha, principalmente próxima do chafariz. Sentada no banco, posso ver tudo o que me cerca com a mesma clareza que posso ser surpreendida. A praça tem dessas coisas. Ali você encontra estudantes, trabalhadores, às vezes grupos de senhores, jogadores de carta, crianças e até moradores de rua. Você pode ver o “lago” – e algumas resistentes tartarugas, brincar na pracinha, tomar chimarrão ou só ficar ali, esperando que algo aconteça, sentada nos bancos que imitam os primeiros bancos dessa mesma praça. A praça carrega uma simbologia de muita história, mas também é a prática do encontro contemporâneo. Ela é o espaço aberto mais importante de Pelotas, e não digo isso porque ela é central, mas porque você pode simplesmente sentar ali, esperando que algo aconteça. E algo sempre acontece, porque a praça é uma camada nela mesma, que liga, que atalha, que leva. Mas também que puxa.

Com esforço, saio da praça e subo a XV, em direção ao Aquários. Não vejo nenhum engraxate. Onde estão? Subo até a Neto, e volto para o calçadão. Vou e volto e vou. Tiro fotos. Já não me lembro o que fiz, mas pouca coisa aconteceu, fora que uma senhora me contou que compra os produtos que vende de um revendedor. Ela não vai até Rivera, na fronteira com o Uruguai.

Procuro um banheiro e falo com algumas vendedoras sobre. Passo todas as galerias, nenhum banheiro. Após várias recomendações, vou no supermercado nacional, “que tem até papel e sabão”, como muitas me disseram.

O maior descaso com a população que usa, trabalha e vive

no centro é a situação sanitária. Não há bons banheiros. Os banheiros públicos da praça são inutilizáveis. Além do Mercado Público, que normalmente não tem papel nem sabão, não há lugares públicos para utilizar o banheiro. Outros banheiros que existem não funcionam, as vezes não tem porta, ou não tem água. São pequenas violências cotidianas. Quem tem direito de vir ao centro e usar o banheiro? Nem mesmo os comércios tem banheiros para seus clientes!

Visito os livros Cidade para pessoas²¹⁵ e não encontro nada sobre banheiros públicos, ou quaisquer outras instalações para suprir necessidades fisiológicas. Além de ausência de banheiros públicos decentes, não se encontram pontos de água, torneiras, chuveiros ou bebedouros que possam ser utilizados pela população geral, nem nos guias, nem nas cidades. Na internet, leio diversas notícias e estudos apontando a inadequação de projetos, leis e usos em banheiros na cidade de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, entre outras. Muitos já notaram isso, mas qual a solução? Falam sobre associação com comércio, banheiros público-privados... Será tão difícil manter banheiros, torneiras, talvez tanques, chuveiros e bebedouros públicos?

Cidades como Roma, Nova York e Londres utilizam bebedouros e pontos de água público inclusive para o combate de uso indiscriminado de garrafas plásticas. Ter um banheiro público utilizável e limpo garante também uma limpeza do espaço público. Garante, inclusive, que se possa fazer xixi ou coco e sempre que necessário lavar as mãos, ou o rosto. Em Montevideo, há espaços para lavar as roupas nos abrigos, o que garante que os moradores de rua não precisam ocupar chafarizes e cursos d'água para exercer suas necessidades higiênicas e fisiológicas. É uma questão de dignidade, de direito básico.

215 GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Não se fala de higienizar o centro das cidades? Talvez um primeiro passo seria instalar banheiros, chuveiros e pontos de água – que inclusive podem ser nômades... Imagino banheiros, chuveiros e caminhões com água passando pelas cidades. Todo mundo merece um banho gostoso, uma roupa lavada, um vaso limpo e um copo de água. Isso é direito à vida, mas também a cidade.

Como posso ir no banheiro (tenho condições estéticas para tal), vou ao supermercado nacional. Mãos lavadas e volto para o calçadão. Percebo que estou sem meu celular, e, portanto, sem relógio.

Na esquina com a sete de setembro, paro para ver o trabalho de uma senhora que vende velas decoradas. Além de me contar sobre seu trabalho, ela me conta que é artesã há anos, tem carteirinha e tudo. Me diz que antes vendia seus produtos ali [aponta para a sete de setembro], onde ficavam os artesãos, na esquina com Osório. Me conta que os artesãos foram todos expulsos dali, e que quando foram questionar a prefeita, ela disse que não sabia que ainda tinha artesãos em Pelotas. Além disso, a artesã me conta que as feiras dos artesãos estão paradas desde março do ano passado por causa da pandemia, assim como a feira das pulgas, embora o comércio esteja funcionando normalmente e com restrições pouco assimiladas (qual o critério)?

Ela me diz que uma loja ali da frente estava distribuindo até doce hoje pela manhã, e que tinha um monte de gente sem máscara lá dentro. E mais, me contou que a prefeitura estava com um projeto para que as doceiras se instalem na Sete de Setembro (onde antes ficavam os artesãos), e que os artesãos serão removidos do calçadão e levados para o beco dos doces. Me disse também a associação dos artesãos tem lutado por respeito e visibilidade, bem como

as doceiras, mas que a prefeitura nunca dá bola.

Falamos sobre muitas coisas, e ela me provoca a ir buscar doces de Pelotas pra nós, afinal ela não pode sair da banca – mesmo que quando precise ir ao banheiro alguém sempre cuide, não é bom ficar longe muito tempo, ela me diz.

Vou até o beco dos doces.

Pergunto para a vendedora de doces sobre o projeto de mudança e ela me conta diversos absurdos. Disse que as mudanças vão ocorrer e que elas apenas foram informadas; que a prefeitura está pedindo um monte de papéis de bombeiros e da vigilância e que a patroa dela até tem tudo isso, mas como já é uma senhora, talvez não consiga se encaixar em todos os requisitos que precisam ser cumpridos para enquadrar a mudança. Disse que o projeto é uma imposição e que além de tudo, as novas instalações não comportarão o número de bancas que atualmente existem, assim sendo, as doceiras trabalhariam um a cada três meses. Disse ainda que as doceiras fazem parte de uma associação que tem uma série e receitas e ingredientes listados, que precisam ser utilizados para feitura dos doces pelotenses como manda a tradição desse patrimônio, e que as grandes lojas, que provavelmente ocuparão as novas instalações, nem sequer fazem parte dessa associação.

Compro os doces e prometo voltar, para conversar também com as outras doceiras e prepararmos ao menos uma denúncia para as redes sociais. E assim o faço²¹⁶.

216 Uma reportagem intitulada “Nova Rua do Doce de Pelotas impacta doceiras tradicionais sem CNPJ” no Nonada Jornalismo. Disponível em: encurtador.com.br/iqruM. Acessado em 03 ago. 2021.

Vou até a esquina encontrar a artesã, minha já amiga. Comemos os doces e nos apresentamos. Aliás, rimos, pois até agora não havíamos trocado os nomes. Eloísa me fala sobre sua vida, sobre seus filhos e amigos. A senhora, se divide entre me contar histórias, atender os clientes e cumprimentar os muitos conhecidos que acenam. Me conta que conhece os vendedores de bala, os vendedores das lojas, os trambiqueiros, e os donos de negócio. A ouço falar por horas (literalmente) sobre muitas coisas que temos em comum e logo começa a anoitecer.

Pergunto se ela quer ajuda para guardar suas coisas e ela diz que não precisa pois já está acostumada. Pergunto se ela leva as coisas para casa, e ela me diz que não, que deixa em um estacionamento e me explica como funciona.

Caminho mais um pouco pela Andrade Neves, e me preparo para acompanhar alguns vendedores com as bancas já empacotadas até o estacionamento. Como uma *flâneuse*, me esbarro nas esquinas do mercado com os malandros tomando cerveja, e fico por ali. Observando os muitos vendedores que agora se encontram no estacionamento, onde guardam seus produtos. Perambulo por aí um pouco, me sentindo a Maria de Pelotas (e não o João do Rio). É engraçado como o simples fato de eu ser mulher e estar ali, de corpo presente e expansivo como a maioria dos homens que ocupam esse território, intervém diretamente no todo.

Decido ir para casa, onde tomo banho e me preparo para noite. Saímos eu e Levy, para andar na Andrade Neves. É dia dos namorados, e decidimos tomar uma cerveja enquanto caminhamos na rua. A lua está tímida, mas a noite cheia, principalmente nos restaurantes do Mercado Público. No calçadão, passamos por alguns poucos casais que parecem sair do cinema. Caminhamos até a Bento, na escuridão da rua. Através das calçadas estreitas e

Figura 166 a 173: Fotografias do calçadão e da Praça Coronel Pedro Osório. Fonte: da autora, 2021.

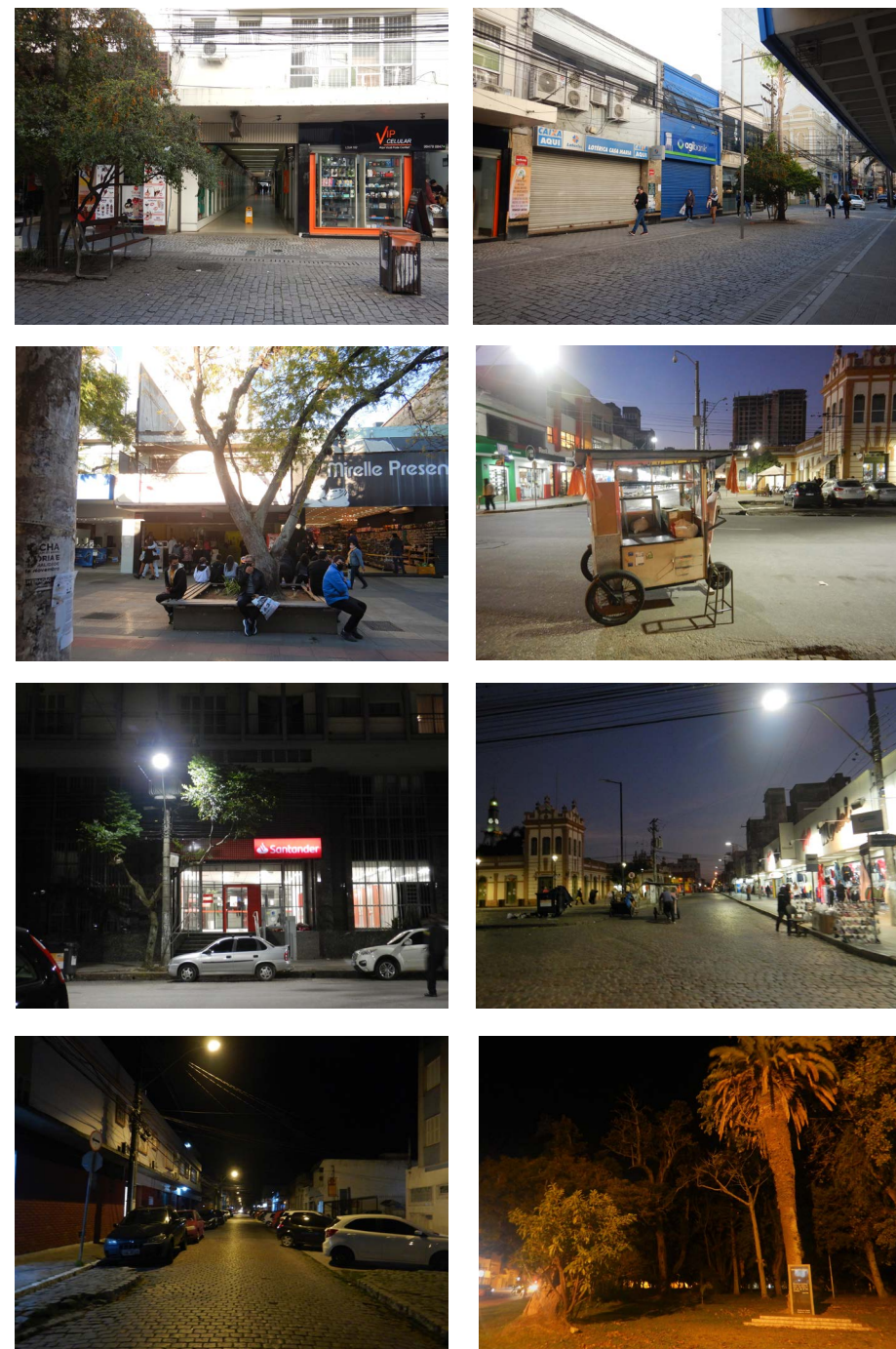
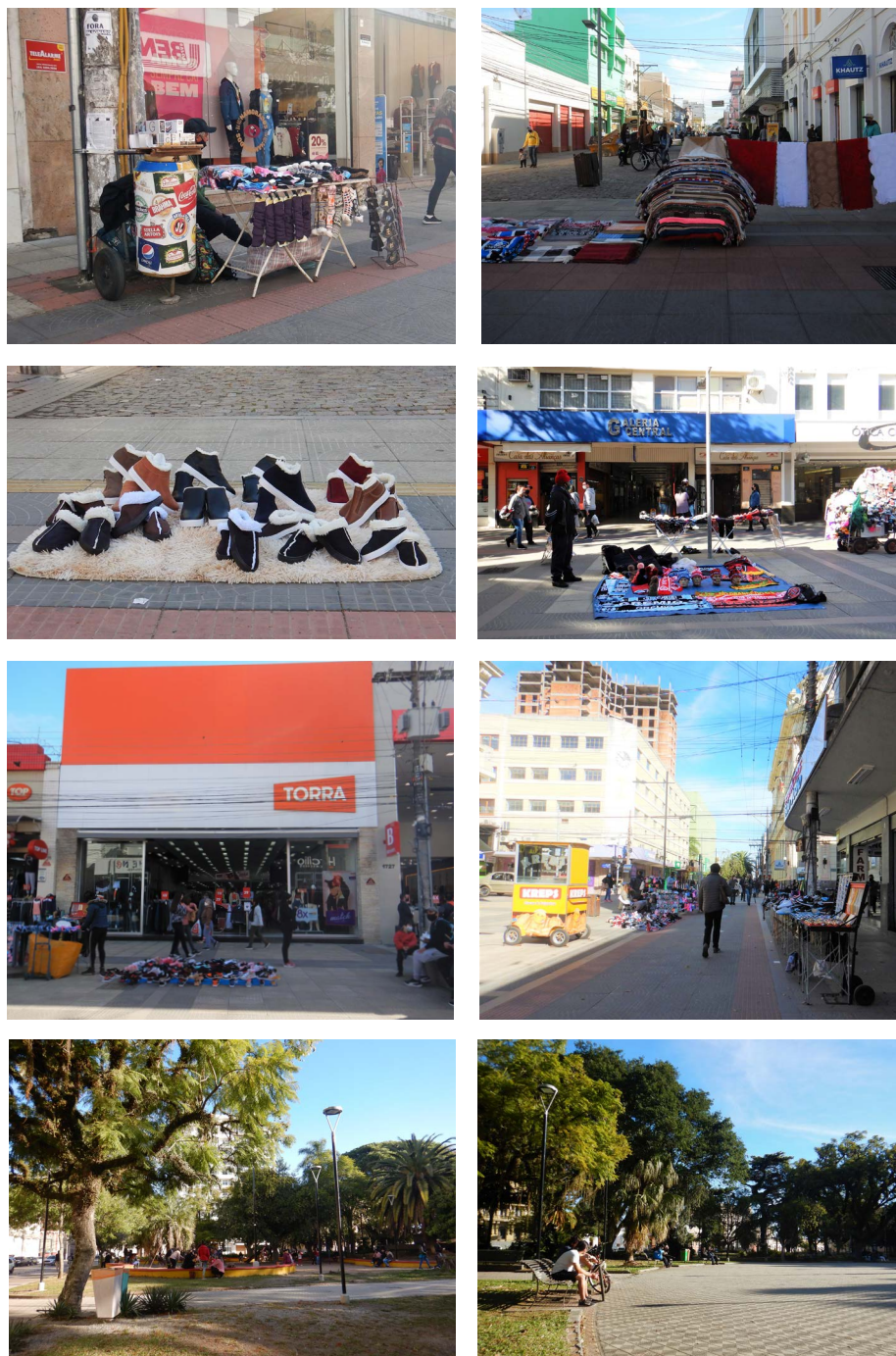


Figura 174 a 181: Fotografias nas proximidades da Andrade Neves no final do dia. Fonte: da Autora, 2021.

mal revestidas cruzamos com alguns moradores já se preparando para dormir. Vimos alguns poucos catadores trabalhando. Voltamos até a praça, que está iluminada. A reforma no calçadão e da praça foi ótima nesse sentido. Agora é possível viver a noite. Há luz. E se há luz, tudo fica mais seguro.

Fora a iluminação, parece que o projeto de reforma do calçadão acertou em poucas coisas. A paginação do piso não faz sentido nenhum, tampouco os mobiliários adotados. Aliás, os únicos mobiliários que parecem verdadeiramente úteis são os bancos que já existem há muitos anos, e circulam as importantes árvores que participam do cenário. O projeto claramente não condiz com as pre existências e práticas de espaço. Arrisco dizer que quem projetou a reforma nunca pisou no calçadão, nem de dia, nem de noite.

Ainda assim, penso que essas reformas foram essenciais para a vivacidade encontrada hoje. Além disso, pelo que Eloisa comentou mais cedo, a reforma foi de grande benefício para todos os vendedores que trabalham na rua. Assim como a abertura do fast food Kalzone, que agora enche a esquina que ela trabalha.

Me dou conta só agora que além do kalzone ser um atrativo comercial, ele instala mesas e cadeiras no meio da rua. Esses mobiliários, garantem que os clientes do Kalzone permaneçam no espaço público por mais tempo. Além de ficarem sentados na rua, quase como esperrantes, também ficam visíveis e olhando os produtos dos vendedores que se instalam nas proximidades, mantendo um fluxo de acolhimento + economia. Lembro do livro de Gehl, “se o objetivo é conseguir cidades vivas e atrativas, é fundamental prestar atenção nas atrações e nas oportunidades de permanência”²¹⁷. Talvez se ao lado do

²¹⁷ GEHL, Op. Cit. nota 215, p. 73.

Kalzone, tivesse um bar movimentado trabalhando durante a noite, essa sensação de vivacidade seria ainda mais permanente.

Dia três – domingo 13/06, faz sol

Saio de casa por volta das 9:40, em direção ao sul. Tenho tido muita dificuldade de ir para a rua. Culpo um pouco os acontecimentos pandêmicos, e um pouco a mim, que em casa fico preguiçosa. Viajar estando em casa é sim uma saída, mas talvez não seja a melhor delas. Claramente viajar em casa não possibilita um deslocamento disruptivo de pensamento. Penso que é possível praticar a pedagogia da viagem na própria cidade, mas é muito melhor quando se percorre territórios desconhecidos, onde a corpografia requisitada ainda é um devir.

Argumento que estar em casa não é apenas estar na própria cidade, mas percorrer um caminho já conhecido e escaneado. Gosto de ir para os bairros distantes, territórios outros, opacizados, porque neles, próxima dos seres lentos, encontro meu lugar de desejo e potência no mundo. Aliás, já estou na caixa d'água, e aqui, aparentemente, não há pandemia.

Volto o pensamento. A Andrade Neves é muito bem estriada. Embora a imagem da rua seja complexa, ela facilmente operada (ao menos pra mim). Penso em meu caminho de casa – no meio da Andrade - até onde estou (no seu extremo sul). Passo por minhas casas preferidas, pelos conjuntos de residências ecléticas e decô. Passo pelos sobrados, inclusive o que tem um manequim na janela. Escuto ao longe o barulho dos cascos de cavalo,

Figura 182 a 183: Fotografias ao sul da Adrade Neves.
Fonte: Da autora, 2021.



Figura 184 a 186: Fotografias ao sul da Adrade Neves.
Fonte: Da autora, 2021.

que me indicam o trânsito na Conde de Porto Alegre. Passo por alguns cavalos e carreteiros. Caminho pelo meio da rua durante o percurso. Embora a calçada seja estreita quase não há movimento, a rua é toda comum. Passando a caixa d'água, chego no fim da rua, que termina nos mapas oficiais, mas continua em um território que não posso entrar mesmo estando com Levy.

No terreno em frente da caixa d'água, encontro um acampamento cigano. É até comum encontrar eles por aqui. As vezes encontramos crianças jogando futebol no campo improvisado ou brincando e correndo. Às vezes, enquanto fazemos uma pintura nas paredes aqui e ali, várias crianças vem curiosas nos contar histórias. Eu gosto de estar na praça da caixa d'água porque vejo vida de verdade e sei que o pôr do sol é lindo. Nessa praça, que na verdade é um espaço público para-formal, me demoro. Torço para que a prefeitura compre o terreno e dê pra ele a infraestrutura que já está dada mesmo que lisamente. Torço para que não cheguem aqui os bancos mmcité, mas outra arquitetura, outra simbologia.

Aliás, talvez o problema não sejam os bancos. Talvez eles inclusive certificassem a coexistência nessa arbitrária praça. Praça que não faz parte dos planos diretores da cidade, que não é espaço público, que não tem iluminação, mobiliário e paisagismo ideais, mas funciona. Embora esteja ligada à praça da Dom Joaquim pela Andrade Neves, de nenhuma forma os lugares se parecem embora tenham muitos pontos em comum. Dentro as diferenças está a nomadologia do espaço ao sul e a velocidade do espaço ao norte.

Volto pela Andrade Neves, e vou até em casa pegar a bicicleta. Passo pelo calçadão que é quase todo vazio, exceto por uma mulher e uma criança que brincam de bola

por ali. Lembro que vi que poucos skatistas nesses dias, mas que eles costumavam utilizar bastante o calçadão. Talvez de noite os encontre. Embora o sol esteja bom é domingo e a rua está toda vazia.

Embora pouco tenha comentado, o comércio formal é completamente propulsor da vitalidade do centro. Fora dos horários em que as grandes lojas ficam abertas há poucos atrativos além do sorvete e do cinema, empresas que resistem no centro todos os dias da semana. Além desses, alguns mini mercados, normalmente escondidos na velocidade cotidiana, ganham protagonismo aos domingos, pois são as únicas opções disponíveis. Nesse sentido, nos fins de semana de sol, a rua ganha um encantamento provisório e um movimento descompassado, como a vida no interior.

Já no final do dia, como que pelas 16h a vida no calçadão parece voltar. O sorvete e o cinema fazem parte da vivacidade, mas o centro possui uma lentidão notável e quase homogênea.

Vou para casa e me encontro virtualmente com Guilherme Pinto de Almeida, meu querido colega e estudioso da iconologia e história de Pelotas. Nos encontramos na tentativa de explorar e entender o histórico do centro comercial, que diferente de Porto Alegre e Montevideo, não possui uma trajetória tão óbvia.

Guilherme me conta muitas coisas sobre a cidade de Pelotas, ele é atento aos preciosismos e detalhes, o que me encanta profundamente. É lindo ver as pessoas falando sobre o que elas gostam. Guilherme me fala sobre as histórias da Félix da Cunha (que era rua do comércio), da XV de Novembro (rua dos canários) e da Andrade Neves (antiga rua das flores). Me diz que a rua Félix da Cunha (e seus ricos casarões de famílias monarquistas), era a

rua mais importante para a vida urbana na cidade em sua fundação, mas com a instalação de cafés, restaurantes e pequenos comércios, na metade do século XIX, a rua XV de Novembro passa a sediar o protagonismo.

Olhando as imagens, falamos sobre as linhas de bonde, que chegavam na Félix, na Dom Pedro e também na Andrade Neves, por volta de 1889. Embora se encontre poucos escritos sobre a história da Andrade Neves, a linha de bonde explicita a importância da mesma na época.

Nas imagens do século XIX e XX, vemos poucos para-formais, mas Guilherme me conta sobre os meninos mensageiros, que perambulavam pela cidade levando recados e entregas por poucos trocados. Me diz também que o mercado público surgiu de uma vontade de organizar as quitandeiras, que ocupavam muitos lugares dispersos pela cidade. Comentamos sobre outras figuras: jornalistas, leiteiros, sapateiros... agentes lentos, quase completamente apagados da história da vida urbana. Aliás, é importante ressaltar, que nessa época, apensar do *footing*, apenas os homens perambulavam livremente pela cidade, e as fotografias comprovam a ausência de mulheres na rua.

Já no século XX, a Andrade Neves contava com bancos, hotéis, confeitarias, lojas de armas, roupas e louças (o famoso Bule Monstro), e que ela ganhou notoriedade após os anos 1940, com a instalação do primeiro edifício de uso misto na cidade: o edifício Glória. Esse edifício marca não só a arquitetura da cidade, mas toda a lógica de consumo e especulação imobiliária. A partir da instalação de edifícios em altura, os magazines passam a ocupar térreos (e por vezes novas arquiteturas de grande porte), enquanto as residências sobem de nível, ocupando os altos edifícios em ascensão. O trecho comercial, como conhecemos hoje, provavelmente surgiu da instalação das diversas lojas de

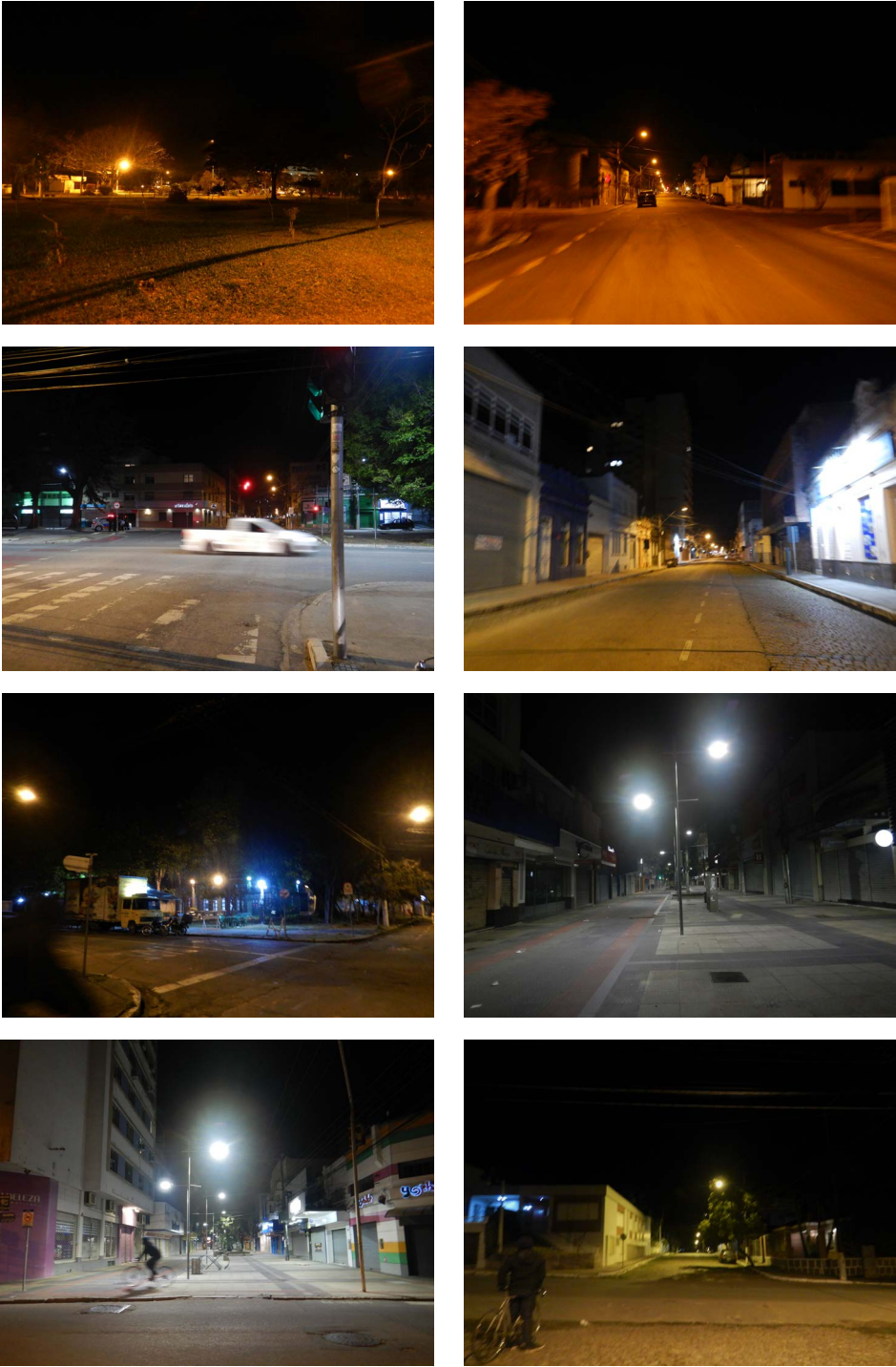


Figura 187 a 194: Fotografias da Andrade Neves à noite. Fonte: Da autora, 2021.

departamento na cidade, que aos poucos consolidaram o espaço que terminaria sendo um calçadão já nos anos 1980.

Eu e Guilherme conversamos por horas. Já de noite, quase 20h saio para perambular um pouco mais. Quero ver na rua tudo o que comentamos. Em respeito à minha vida – Lembro de Suelly Rolnik - saio de bicicleta, e acompanhada de Levy. Mais uma pedalografia. Vamos pela Osório até a Dom Joaquim e de lá descemos toda Andrade Neves.

É impressionante a diferença de calçamento e iluminação entre os trechos. O trecho da Dom Joaquim até a Bento é completamente amigável, iluminado e bem revestido. Da Bento até o Calçadão, o meio asfalto esburacado facilita um pouco o deslocamento. O calçadão é liso e gostoso, vazio, iluminado. Do mercado para o Sul, a pedalada é difícil. É escuro e inseguro, corremos, mas não vamos tão rápido porque a rua esburacada não deixa. Ao final, quase não é possível enxergar, isso que o dia está limpo. A ideia de iluminação e opacidade é explícita. Merece mapa.

Embora amigável em alguns pontos, a rua é quase toda vazia e reta. Talvez em dias de calor, não fosse tanto, mas sob o vento, é. Noto algumas reentrâncias na praça da Dom Joaquim, um pouco por conta dos bancos situados no seu perímetro e das luzes da avenida. Em alguma esquina, também numa espécie de praça com caixa d'água um trailer/ caminhão de lanches ensaia um acolhimento. Quase tenho vontade de sentar nas mesas de plástico que entornam o estabelecimento e pedir um bauro e uma cerveja. Na esquina de baixo, alguns bares e alguns corajosos sentam nas mesas instaladas na rua. Gaúcho gosta de teimar com o clima. Sigo pela sagacidade do asfalto, rápida, pedalando mais depressa do que gostaria, próxima dos muros e quadras compridas.

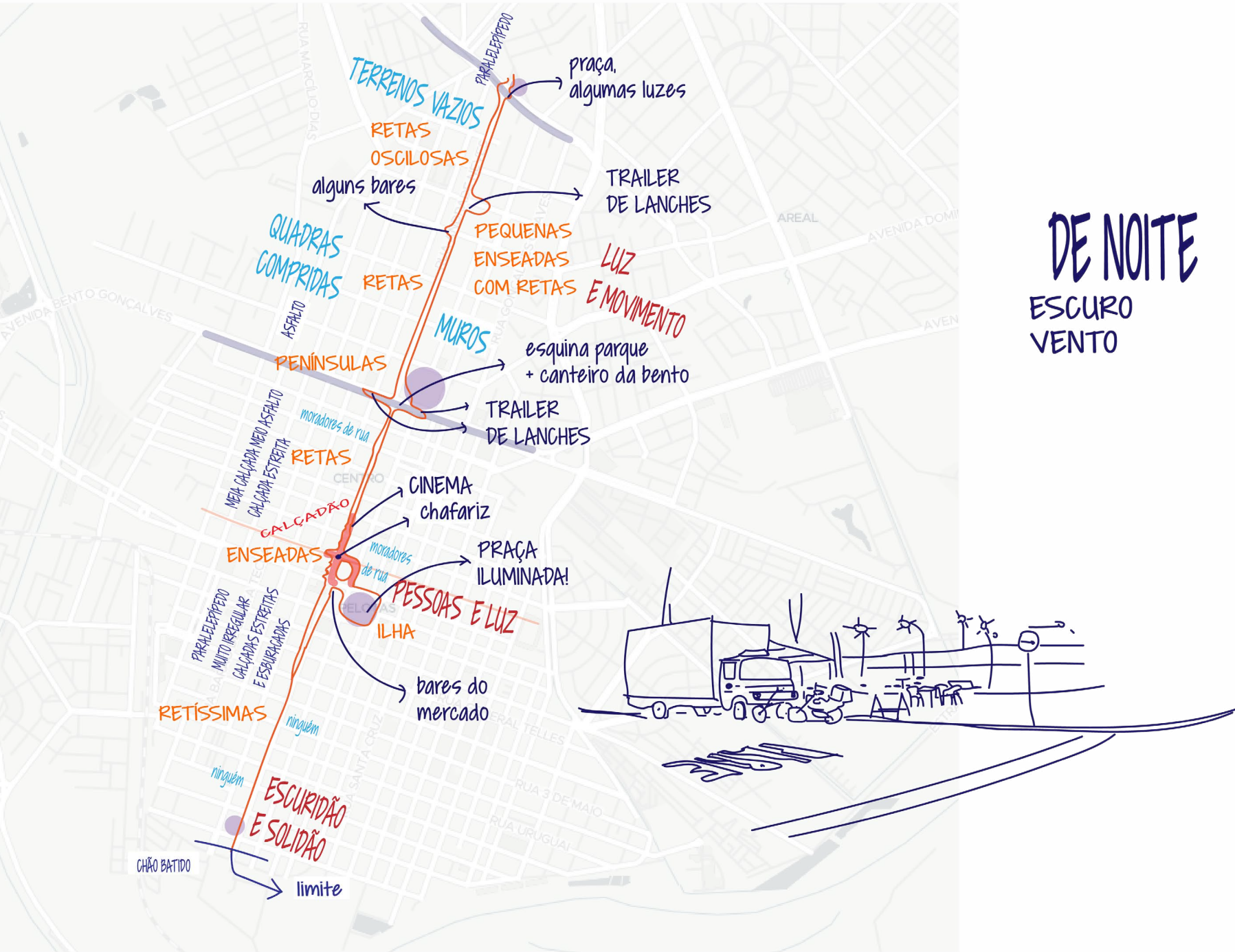


Figura 195: Mapa do acolhimento da Andrade Neves à noite. Fonte: da autora, 2021.

Já no encontro com a Bento, a grande calçada em frente do Parque D. Antônio Zátera é uma malemolência, mas se abre para o canteiro que de dia está sempre lotado de carros, e agora de noite também recebe lancherias e suas mesas convidativas, em uma espécie de compridas enseadas: penínsulas! Passo pelas retas escuras entre a Bento e o Calçadão e chegando próxima do cinema e do chafariz já me sinto confortável. Passamos apenas por um casal, mas de certa forma, como não entou sozinha, me sinto em uma grande e movente enseada. Passando o mercado público, o coração já começa acelerar. Até o sul, onde a rua quase acaba, não encontramos ninguém. A rua é reta, retíssima. Na volta, passamos pela praça que já sei: consegue ser ilha de manhã e de noite. Incomodo uma família que passeia com seu cachorro. Aliás, não falei sobre isso, mas parece que os *pets* também podem ser motivos para vivacidade urbana. Quem tem cachorro sabe, que nunca está só. Eles são agentes incansáveis do tempo lento e da experiência. Aliás, acho que todo animal é, mesmo que domesticado.

Quarto dia – e último, também faz sol

Apesar da noite fria, o dia acorda limpo. Saio de casa às 8:00, para ver a rua comercial sendo montada. Estou cheia de roupa.

Subo o calçadão a partir do mercado enquanto as primeiras lojas abrem e os primeiros seres lentos chegam. Noto poucos vestígios de moradores de rua, aliás, tenho visto poucos moradores, mesmo nos lugares que esses costumavam ocupar. A marquise do meu prédio, que costumava estar cheia de moradores, quase como um condomínio, está vazia. O que será que aconteceu? Alguns trabalhadores do serviço de limpeza urbano do varrem a

rua.

Na montagem das bancas, é possível perceber quem já trabalha ali há muito tempo e quem ainda é novato. Há dias uma moça em frente ao chafariz das três meninas me chama a atenção, parece que ela não faz parte de tudo. Aliás, parece que o marido dela que ajuda ela a trazer as coisas e montar a banca pela manhã, e desmontar pela noite. Provavelmente ela não saiba do estacionamento das coisas. Bem, além dos vendedores e vendedoras montando suas lojas, algumas pessoas vendem lanches e café da manhã. Compro um café por R\$1,50. Tento furar papo com a senhora, mas ela claramente tem pressa. Ainda precisa passar em muitas lojas. Um homem que também vende lanches: panchos, sanduíches e salgados, tem um caderninho onde toma nota de suas vendas. Penso na importância desses salgados, que certamente tem muito sobre a grande fronteira que estamos inseridos, assim como as compotas. Penso também no sistema lento de pendurar a conta.

A quantidade de mulheres trabalhando nas ruas de Pelotas é expressiva. De maneira alguma me sinto acuada por ser mulher, e provavelmente essa rede se tece pela semelhança. Sei que no calçadão, muitas mulheres vigiam a minha existência. São vendedoras formais e para-formais, transeuntes, compradoras, e Pelotas tem até mesmo um grande número de moradoras de rua. Essa rede de confiança é tão subjetiva que pode ser percebida apenas pelo olhar. Mas ela é extremamente importante.

Pelotas nos dias de Sol é convite. Embora o abandono perambule comigo por muitas casas, a vegetação brilhante, a pintura recém feita de alguns casarões e até mesmo minhas memórias, compõem um mapa de muitas enseadas. Se você tiver tempo, a experiência já está dada. Atravessar a Andrade

Neves é percorrer as muitas camadas da história. Você pode começar perto do Canal, onde já não se vê a água, e ir subindo, das calçadas pouco utilizadas e paralelepídeos esburacados até o liso asfalto da Dom Joaquim. Embora entenda que a arquitetura é convidativa, sei, que esse expressivo acolhimento acontece pelos muitos encontros e janelas que estabelecem meu caminho. Até as retas mais retas, nos dias de Sol e frio são convite pra demora. No centro centro, próximo ao Mercado Público, ao Calçadão e a praça, os muitos esperrantes atraem e repelem, afinal, é pandemia. Mas sempre tem um personagem ou agente que te conecta a uma rede real de afectos. Uma nebulosa de inventividades, que te provocam em meio às sombras da árvores caducas que se abrem para o rei do acolhimento: o sol.

Na praça da Dom Joaquim, você pode se sentir confortável embaixo de alguma das árvores, ou até praticar algum esporte nas longas penínsulas da praça linear. Embora não seja super estruturada, essa região em dias de sol é sempre cheia de pessoas, o que a torna de certa forma acolhedora. Voltando para o centro, a arquitetura ensaia uma espécie de retas oscilosas, que poderia facilmente ser enseadas se os moradores das bonitas casas utilizassem a rua. Mas como já disse, esse trecho é marcado pelo sol e pelo ar, então é muito convidativo. Em direção da Bento, algumas padarias chamam, mas os muros próximos da avenida apontam para retas onduladas.

A Praça Dom Antônio Zátera, em dia de feira é ilha. Em dias normais, península. Aliás, esse trecho é um pouco confuso, porque sempre há muitos agentes. Nessa região você encontra sempre vagabundos, lavadores de carro, guardadores, moradores de rua e se esses estiverem de bom humor, é sempre possível dar algumas risadas.

Até o calçadão, nas calçadas estreitas: retas.

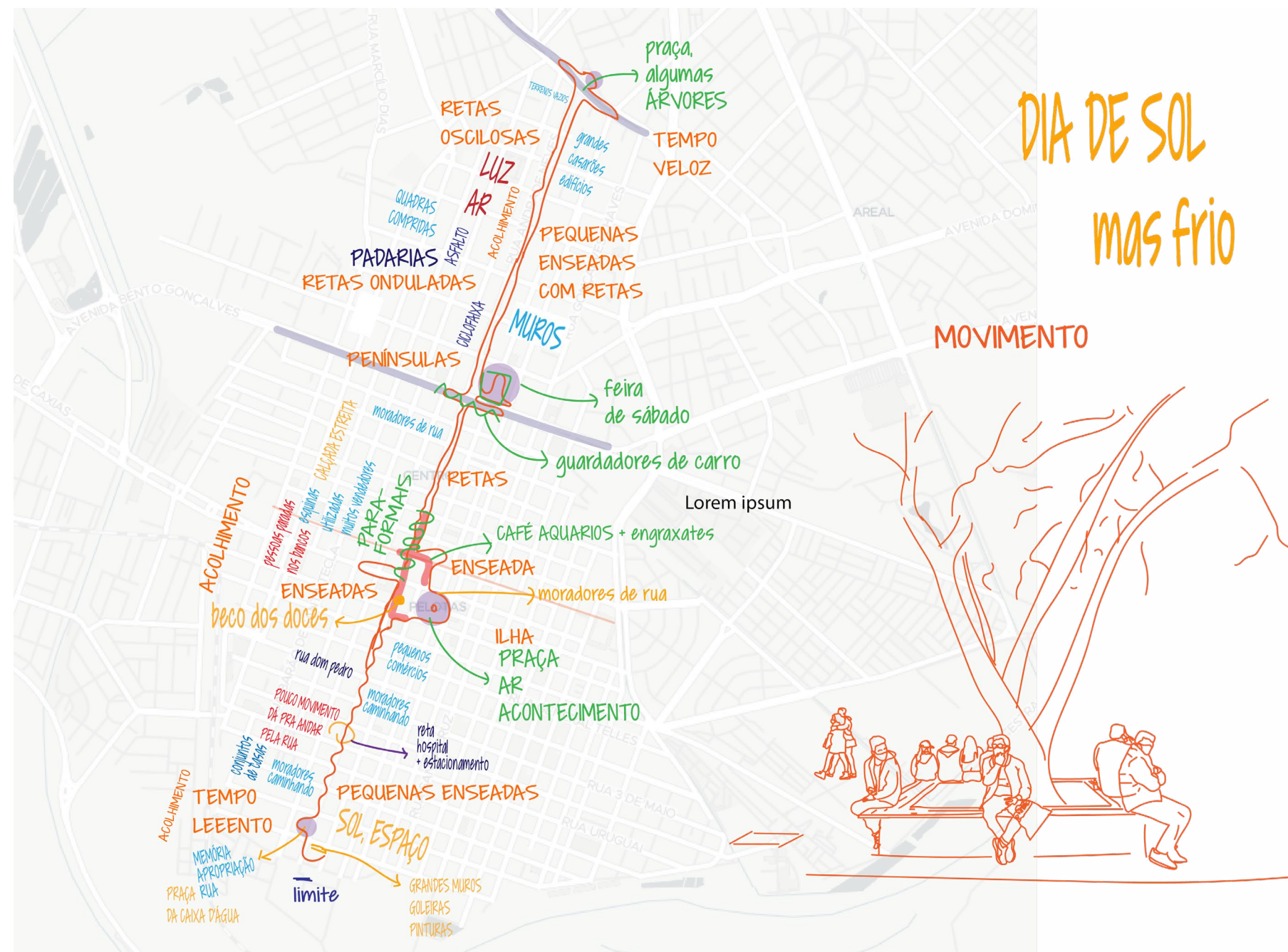


Figura 196: Mapa do acolhimento da Andrade Neves de dia. Fonte: da autora, 2021.

No calçadão, outra grande confusão - ao menos nos dias de semana. Às vezes é reta, às vezes enseada, às vezes no chafariz é quase ilha. Há pessoas paradas nos bancos, há gente perambulando, conversando, anunciando, puxando assunto. Tudo seria muito atrativo - principalmente pela ordem que permite formar imagem - se não fosse pandemia. O convite do ficar se torna um pouco perigoso, mas ele existe fortemente no café aquários, e na esquina com a Marecha Floriano. A praça, concerteza é ilha! Lá se pode tomar ar e viver um acontecimento. O Beco dos doces, na Andrade, Já quase perto do Mercado público é parte da península, que se abre também para o largo do mercado.

Ao sul, nos dias de sol, a Andrade é um passeio. Os pequenos comércios são sempre cheios de pessoas indo e vindo. Fora o trecho da Beneficência, que é reta concertina, há muitas pequenas enseadas. Já perto da Caixa D'água o acolhimento é integral e o tempo é leeento. Há sol, há espaço, há gente, e há quase tão pouco carro que a rua vira usualmente mista. Ao seu fim, os muros desenhados e as crianças brincando chamam para estar: enseada! Mas logo a frente: limite. Já não posso mais entrar.

Na tentativa de sistematizar o que experienciei, listo os vendedores ambulantes que caracterizam esse cenário: vendedores de balas (se concentram nos eixos entre bancos e perto dos supermercados nacional); vendedores de café/comida que são expressivos pela manhã, mas podem ocupar a rua em vários horários (passam com seus carrinhos nas lojas e arredores, vendendo para clientes já fidelizados – normalmente vendedores); vendedores de bala de coco (em algumas esquinas e paradas de ônibus).

Sobre os não ambulantes temos: os vendedores de meias, chinelos e jarras elétricas; as vendedoras de ervas e chá; os imigrantes vendedores de relógios e eletrônicos

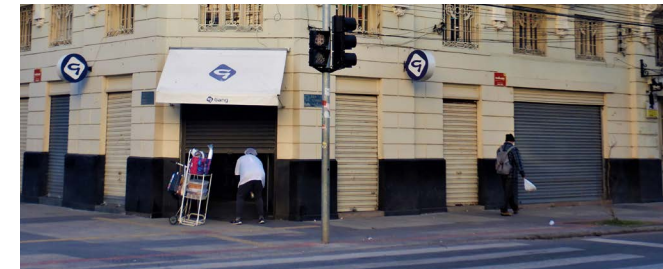


Figura 197 a 201: Fotografias dos seres lentos em diversos pontos do centro de Pelotas. Fonte: da autora, 2021.

falsificados; os vendedores de rapaduras, krepss e churros (que costumam ocupar as esquinas, ou eixos já especificados no calçadão). Devo estar esquecendo de muitos.

Perambular por Pelotas, só reafirma a necessidade e urgência de pensarmos e investigarmos o design de mobiliário urbano e sua completa importância para darmos aporte a espaços e atividades acolhedoras e lentos – territorializados. Vejo a urgência de implementarmos mesas altas e baixas, no calçadão, nos largos, nas praças... mesas de jogos (cartas, xadrez, damas) e de vendas. Mesas de café da manhã e piquenique de tarde. Mesas para comer, ficar e tomar mate. Mesas para vacilar, esperar e conversar. Além de mesas, precisamos de mais bancos para as muitas atividades possíveis, para os compradores e vendedores.

Noto que já estou sendo percebida, e decido ir conversar com os velhos. Vou ao Aquários, que normalmente reúne senhores em seu largo. Conversando com um engraxate,



descubro que ele trabalha ali há 30 anos. Com poucas palavras, disse q já viu muitas coisas, que eles eram 5 engraxates, mas agora só são 3, e que inclusive o Aquários fez uma homenagem sobre eles. Me diz que na pandemia o trabalho tem sido difícil, pois muitos clientes – já senhores, não aparecem mais por ali.

Me conta que ele não sabe muitas coisas, mas que há um engraxate que trabalha ali há 50 anos e pode me falar um pouco mais sobre a vida urbana da cidade. Me sugere voltar mais tarde e falar com ele para saber sobre mais histórias.

Nesse ponto, percebo que talvez já esteja me aproximando do final de minha cartografia. Preciso andar um pouco mais, nas ruas que formulam o polígono do centro-centro (Deodoro, Osório, XV, Marechal Floriano, Neto). O que queria mesmo era um dia de chuva e muita neblina, que expressasse de fato os dias frios nessa cidade. Mas o sol aqui também é típico, afinal, estamos ao nível do mar. Queria fazer mais muitas cartografias, mas por hora, já me estendi por demais. Mas ainda nem falei das galerias...nem falei de tantas coisas, nem sei falar.

Vou almoçar em casa. Na volta, percorro a Deodoro e os retratos que encontro são de alguns vendedores próximos das paradas de ônibus. Tiro algumas fotos de diversos vendedores lentos e territorializados. Já na Osório, evidencio que todas as esquinas são tomadas.

Vale comentar sobre os senegaleses que ocupam o encontro entre a Marechal Floriano e a Andrade Neves, na esquina que tanto me intriga. É possível notar que trabalham com bugigangas da china e outros objetos totalmente globalizados. Esse mercado, pelo que pude notar, é montado em estruturas facilmente desmontáveis – tecidos, carrinhos, malas. E, como já disse, são os únicos



para-formais que ocupam as vitrines de outras lojas. Mais uma vez, reitero que esse mercado da falsificação – que é completamente ilegal, fica com aqueles que também estão buscando sua legitimação nesse contexto. E talvez valham as mesmas observações já feitas aos imigrantes encontrados em Porto Alegre. Queria ver tecidos e produtos que reafirmassem essa cultura, o que provavelmente compactuaria com a formulação desse novo território ainda em devir.

Além disso, é preciso dizer que fica notório dentro do sistema de vendas, alguns personagens que agenciam os demais. Por vezes, esses possuem mais de uma banquinha que funcionam com o trabalho de vendedoras contratadas, o que alega esse outro sistema para-formalizado, e não informalizado. Aliás, essas são as primeiras bancas a serem montadas, e as últimas a serem desmontadas, o que talvez indique um trabalho para-formalizado precarizado.

Perambulo e vou ao Aquários outra vez, na intenção de conversar com o engraxate com 50 anos de experiência. Chegando, percebo que o café está quase vazio. Não há mais engraxates. Devem ficar apenas pela manhã.

Observo um pouco a rua e vejo dois senhores sentados em um banco na Sete. Um deles se parece muito com meu avô. Um é uruguaio, e outro – que parece com meu avô, tem 85 anos. Pergunto se eles conheciam Pelotas antes do calçadão, e um e riem, o uruguaio diz que obviamente. O segundo, me conta que desde que era criança, andava pelo cento acompanhado de seu pai. Me contam muito saudosos sobre o comércio da XV de Novembro, principalmente ali onde estamos. Me dizem que a XV tinha muitos barbeiros – inclusive um homem gordo que era muito conhecido por fazer bigodes; me falam sobre os alfaiates, as lojas que vendiam e arrumavam canetas, relógios e até isqueiros.

Os senhores elencam para cada fachada, o nome de um antigo estabelecimento e seu proprietário. Dizem que na época, Pelotas era muito rica. Que os patrões e empregados tinham canetas e relógios de ouro e que todos eram obrigados a usar terno de gravata. Me contam histórias sobre sua adolescência, as festas e bailes da cidade. Me falam do mercado público, que era lindo de se ver, vendia frutas e verduras, temperos e todos os tipos de carne. Me falam que não era comum de ver vendedores na rua, exceto alguns sírio-libaneses que passavam de casa em casa vendendo roupas, e assim ficaram ricos.

Pelo que parece, na XV eram encontrados serviços mais lentos e personificados: o relojeiro, barbeiro, alfaiate..., e na Andrade, as grandes lojas... O bule monstro!

Lamentam Pelotas como é hoje, e após mais de hora de conversa, me convidam para ir tomar um café. Já são quase quatro horas. Me dizem que se eu precisar de algo, sempre estão no mesmo lugar, todos os dias, até que estejam vivos. Rimos, Agradeço e corro para praça anotar.

Aliás, é na praça que tenho encontrado ar. Apesar do centro ser cheio de bancos, eles estão todos sempre lotados, inclusive por pessoas sem máscara. Uma coisa que se pode dizer do centro da cidade, é que ele vive para além do comércio. Embora ele seja o propulsor central, a rua é cheia de gente, Me lembro de João do Rio:

Nada como o inútil para ser artístico. Dai o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas²¹⁸.

Talvez Pelotas, tenha criado essa rede da inutilidade artística.

²¹⁸ RIO. Op. Cit., nota 43, p. 32.

No legado do footing e dos cafés culturais se encontram os homens e mulheres que permanecem nos bancos, dia após dia, como os homens que encontrei. Plenamente lentos, com compromissos eternamente adiáveis. Percebo que na Andrade Neves, o Passado, o presente e o futuro, ocupam saudosos e progressistas a mesma rua. O imbricamento é evidente. Parecem que as situações emanam o ontem e o amanhã. Talvez continuem existindo, tal qual são justamente porque abrigam o excesso e a lentidão.

A Andrade Neves é muitas: Paraformal; sobrados; conjuntos decô; Santa Casa (hospital); quitandas; comércios pequenos; mercado público; calçadão; asfalto ruim e calçada estreita; bento + praça; bares e padaria; edifícios altos e calçada mais larga; dom Joaquim; praça. A rua corta muitas camadas e territórios.

Uma mistura entre cuidado e abandono, símbolo do encontro entre o novo e o velho, o lento e o rápido, o iluminado e o opaco. Sua importância comercial é explícita, e como o comércio é a principal atividade da cidade de Pelotas, seu centro poderia ser ainda mais potente. Preservando as muitas identidades que qualificam esse centro de encontros e mantendo uma prática viva e pungente.

As doceiras, os artesãos e os engraxates deveriam ser os protagonistas do calçadão, ou até do largo do mercado público. Embora eu goste de efemeridades, reconhecer esses lugares e atores como agentes articuladores de acolhimento permanentemente é essencial para manutenção da vitalidade urbana, além da preservação de um patrimônio lento.

Lembro de Milton Santos:

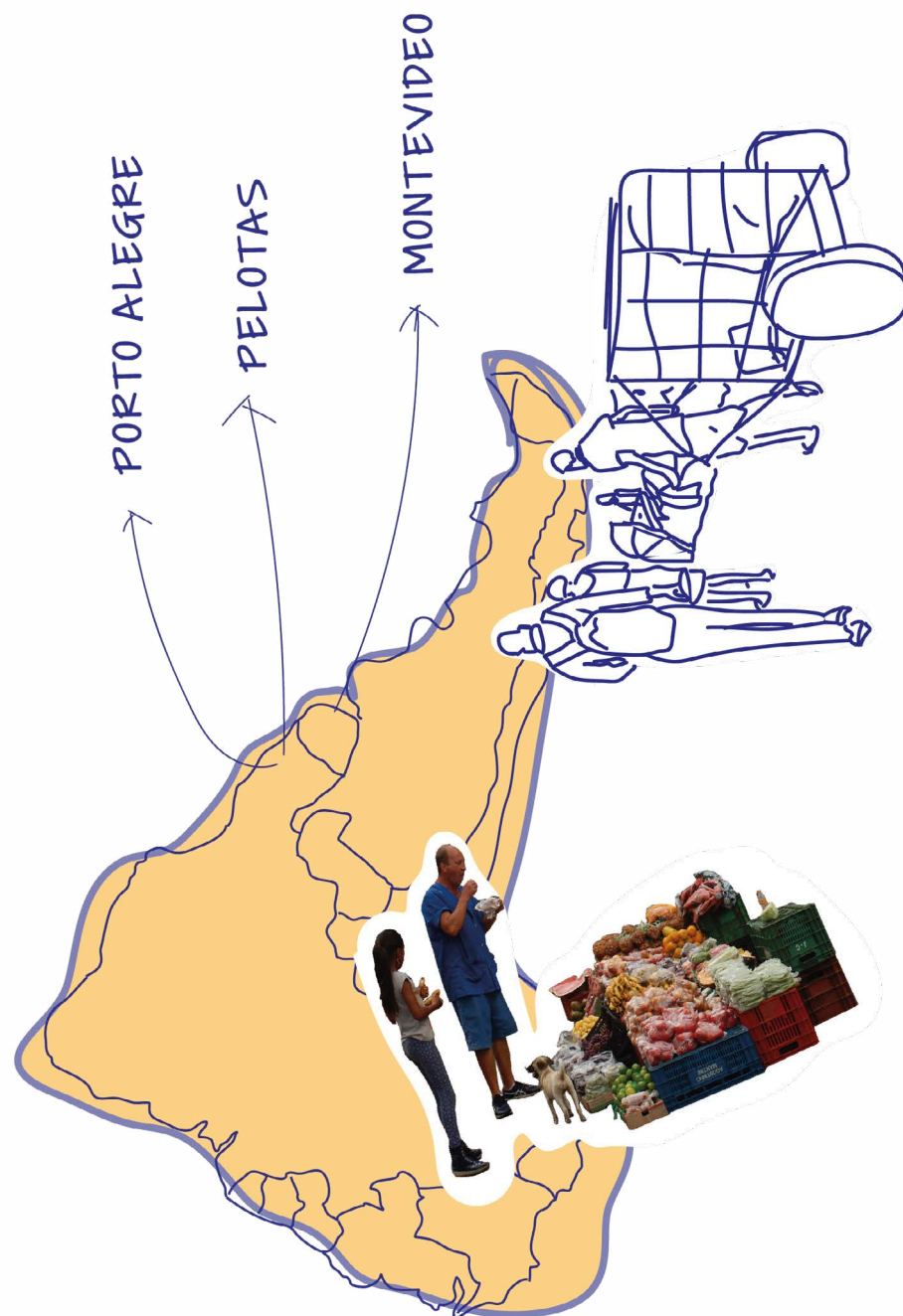
Os elementos fixos, fixados em um lugar, permitem ações que modifiquem o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e

redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou imediato das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, se modificam²¹⁹.

Em contrapartida à instalação desses seres, que talvez aqui já esteja reconhecendo como agentes, cabe a reavaliação mais uma vez dos que hoje são tidos como estrangeiros, que ficam na mão de outros também agentes e participando de outros fluxos. É necessário que se instalem em outros fixos, para que as ações sejam de fato modificadas.

O fim de tarde é vermelho. Decido ir ver o por do sol no quadrado, afinal, Pelotas também começa na água, é sempre bom lembrar. Acho que minha viagem vai chegando ao fim, embora o fim seja sempre um recomeço. Gosto de ver o centro, e gosto mais ainda de olhar a água. Pelotas deveria olhar mais para ambos.

219 SANTOS. Op. Cit. nota 3. p. 38..



TERCEIRA PARTE

AGENCIAMENTOS

A pedagogia da viagem requer três etapas. A primeira, um arrumar as malas, a segunda, um mergulho na experiência fora de casa e a terceira, um desfazer as bagagens. Assim, chega o momento de olhar para o que foi vivido, e perceber algo novo. Uma viajante nunca volta para casa com a mesma bagagem que saiu. E então, o que fica? O que surge? O que o revirar as malas permite?

Na tentativa de vislumbrar novas possibilidades para as cidades, a experiência, o planejamento e a caminhografia, gero alguns agenciamentos. Já não sei mais se falo de mim, das ruas, dos centros ou do sul. Acho que somos todos uma coisa só, que é múltipla. E que bom. Assim podemos desembarcar dessa grande aventura e começar a pensar em novas possibilidades. A viajante é curiosa, e ela quer entender o que aconteceu, mas também já quer algo a mais.

A formulação que se dá em coleções e invenções propõe um mapa ainda em curso, que embora apresente acontecimentos passados, embarca em possibilidades em devir que querem uma cidade mais acolhedora. Propõem-se assim um convite ao pensamento, um jogo da e para a cidade. Já ao fim, em pistas e rastros, nos deparamos com algumas considerações que impactam no cotidiano de um planejamento urbano e de uma pesquisa na cidade. Deixo lá mais do que propostas, pensamentos. Averiguações a serem recuperadas, transformadas e contrariadas.

COLEÇÕES E INVENÇÕES

Possibilitando uma leitura que tange a multiplicidade das imagens e apontamentos acolhidos nas diferentes cidades, tenta-se olhar para a prática de cidade e reagrupá-la, de forma a congregar registro e prática. Institui-se assim, as coleções e invenções, possibilidades que se encontram em dois momentos: um primeiro, que busca apontar algumas ordenações constatadas nas três ruas e três cidades, tendo em vista o referencial adotado; e um segundo, que convida o expectador a imaginar novas narrativas a partir dos fragmentos disponibilizados por essa caminhografia.

Os dois momentos são tidos como movimentos de agenciamento porque tendem a unir heterogêneos de modo a proporcionar novos entendimentos acerca dos tempos, dispositivos e espaços de prática de cidade. Os encontros e desencontros possibilitados a partir dos “agentes dos tempos” e dos “cenários do acolhimento” agenciam os conceitos e ideias trabalhados no tecer dessa dissertação. Como ponto comum entre filosofia e praxis, substanciam novas relações e imbricamentos que são evidenciados pela metodologia adotada.

Essas novas ordens não buscam esgotar as possibilidades de diferenciação, mas proporcionar apontamentos importantes na correlação entre o tempo, a arquitetura, os dispositivos, o acolhimento e as negociações promovidas pelos múltiplos agentes e cenários vivenciados. São uma espécie de atlas com forma e conteúdo, um agenciamento em partes, que acolhe as experiências e constatações incritas nas três ruas



das três cidades.

Nessa provocação propomos uma outra maneira de confeccionar mapas. Mapas que possuem um cenário programado, mas completamente móvel. Que podem ser rabiscados, transformados, ampliados e recortados. Um atlas-collage de fragmentos selecionados, cenários já desenhados e encontros ainda possíveis. Todos aqui reunidos por sua pertinência sobre e no centro de nossas cidades, prontos para serem comparados, ampliados ou ignorados.

A *collage*, como uma conjugação de movimento e encontros, reúne os múltiplos fragmentos de agentes e cenários que podem indicar novas articulações e saídas para o projeto que de cidades mais acolhedoras. Busca-se na *collage*, demonstrar de maneiras distintas a aproximação de elementos conhecidos a partir do movimento do encontro.

A metáfora dos encontros tem a função de conectar fragmentos, figuras, espaços, tempos e culturas completamente diferentes. A *collage*, enquanto lugar dos encontros, obriga as figuras recortadas a narrarem outras histórias, muitas vezes distintas daquelas a que foram destinadas a representar originalmente²²⁰.

Ao proporcionar o encontro entre esses muitos fragmentos, testa-se outras aproximações, conexões e imaginações²²¹, que ocorrem entre o recorte - já proporcionado por mim - e a *collage* - definição ainda por vir. Entre a familiaridade da perspectiva e das apresentações já assimiladas pelos arquitetos e urbanistas é que se inserem os agentes lentos, normalmente inadequados para projetos velozes. Esses fragmentos de imagens colecionados durante as três viagens,

220 Ibid. p.52.

221 FUÃO, Fernando Freitas. A *collage* como trajetória amorosa e o sentido de hospitalidade/acolhimento em derrida. Revista Ensaio Filosóficos, Rio de Janeiro, V. IX, 2014 c.

convertem-se em objetos autônomos, próprio em si mesmos²²², que embora sejam conectados com o todo, possuem uma conotação independente.

Se considerarmos três etapas da *collage* como trajetória amorosa, de Fernando Fuão: o recorte- que gera os fragmentos autônomos, o encontro entre os fragmentos e a colagem, podemos dizer que provocamos não a *collage* em si, mas a possibilidade do encontro. Os signos aqui reunidos, são fragmentos de fragmentos, porque são recortes de uma escolha já feita anteriormente, uma decomposição da seleção, um atlas em curso. E como registros próprios, permitem coincidências e reconfigurações até certo ponto direcionadas com a intenção de provocar um encontro que suscite reflexões temáticas.

O que qualifica a *collage* é aproximação do distanciado. A *collage* só pode existir em um mundo despedaçado, fragmentado, hostil, por isso é expressão de nosso tempo. A verdade é que não pode haver *collage* em um mundo intacto, onde não existam pedaços para serem colados. *Collage* é um gesto sobre um mundo destruído, de alguma forma: hostil. Quem faz *collage* não pode contentar-se com um mundo em ruína. Re-colar esses fragmentos é construir um mundo novo²²³.

Para antes de mais nada, as coleções são um projeto e processo, em constante devir, que permitem incontáveis leituras e digressões. Assim como os cenários que recebem os agentes. “*Collage* é indefinição, amorosidade que não tem fim, geração, movimento, eternidade”²²⁴.

Além de utilizadas como dispositivo narrativo,

222 FUÃO, Fernando Freitas. A *collage* como trajetória amorosa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

223 FUÃO. Op. Cit. nota 221. p. 30.

224 FUÃO. OP. Cit. nota 222, p. 82.

de imaginabilidade, ou ainda como uma provocação ao pensamento, esses cenários ainda podem ser desviados e enviados, como cartões de uma viagem sempre em curso. Os fragmentos podem virar até outra coisa, em outro lugar.

OS AGENTES DOS TEMPOS

Agentes dos tempos são os seres em seus diversos estados e temporalidades, organizados por seus territórios praticados e dispositivos de agenciamento. São seres, mais ou menos fixos ou fluxos, lentos e rápidos, nômades e sedentários. São errantes e esperrantes territorializados ou em devir que modificam o espaço por preferência, emergência ou casualidade. São atores da hospitalidade e vivacidade urbana. São os ordinários. Sem eles, a cidade é só função e planejamento, é desencanto.

Os vendedores sedentários

Chamamos vendedores sedentários aqueles seres para-formalizados que ocupam com dispositivos muito bem estruturados - e por vezes incorporados na malha urbana - os espaços públicos. São revisteiros, livreiros, artesãos, engraxates, relojeiros, doceiras, vendedoras de comida e de produtos normalmente territorializados. Sua característica primeira é a estabilidade.

Os vendedores sedentários fazem parte da forma da cidade, e embora por vezes não sejam acolhidos completamente pela legalidade, exercem a prática do seu espaço há muitos anos. São o símbolo histórico do meio que praticam e sua presença por si só é uma enseada. Conhecem os transeuntes e moradores, agenciam os diferentes visitantes e têm uma opinião sobre o lugar, a política, os projetos. Participam de

associações e organizações, e normalmente pertencem a um coletivo. O que os diferencia dos outros é de fato sua permanência que é ancorada, inerente.

Os vendedores sedentários raramente provocam estranhamento, são queridos e querem. Eles fazem parte da ordem, mesmo que a subvertam em termos. Eles estão nos guias de desenho urbano e nos renders de projetos urbanos velozes. Precisam apenas de uma esquina, um alargamento de rua, ou até um espaço na faixa de estacionamento para sua instalação. Às vezes expandem seu cenário com mesas, cadeiras e até almofadas, que convidam de fato o outro a ficar. Podem contar inclusive com instalações, como água e luz, conectadas ou não à rede da cidade.

Os vendedores sedentários possuem permissão para ocupar o espaço comum e por isso não precisam correr da legalidade. Sua presença pode ser relacionada a outros usos próximos, como escolas, praças, bancos ou outras instituições. Às vezes participam de bairros residenciais e feiras. Não exercem somente um papel comercial, mas são segurança, contato, fraternidade. São agentes que participam obviamente do território de disputa, mas podem inclusive monetizar o seu ponto, pois mesmo que no espaço público, o lugar que ocupam possui valor imobiliário. Participam da visualidade do sistema superior.

Os vendedores sedentários costumam estar ritmados entre seus comuns, e possuem uma expressividade dimensional. Seus territórios possuem uma certa distância crítica, um ritmo que ocasiona as distâncias semelhantes entre personagens²²⁵. O ritmo, não é então, uma repetição, mas um espaço de diferenciação, entre aqueles que oferecem seus serviços em um nomos do espaço territorializado. Os vendedores

225 DELEUZE; GUATTARI. Op. Cit. nota 12.

sedentários possuem um devir domos mesmo na sua sensibilidade, mas como seres lentos, resistem às obrigações dos sistemas superiores.

Embora seus dispositivos possam ser funcionais diante de intempéries, sofrem com as mudanças de temperatura, com a chuva e o frio. Mas normalmente sua proteção é unitária, de pequena agência, quase como uma intra-enseada. Na experiência do frio e chuva ou muito sol, raramente podem estender seu abrigo. Normalmente trabalham apenas em horário comercial, que pode se estender ocasionalmente para fins de semana.

São os principais vetores do acolhimento na cidade, e deveriam ser convidados a ocuparem espaços como praças, largos, esquinas e calçadas, pois sua presença formula boas práticas de vivacidade e segurança. São os agentes da coletividade.

Os vendedores feirantes

Os vendedores feirantes possuem muitas características que os aproxima dos sedentários. Mas diferente dos primeiros, são sazonais. Os feirantes acompanham uma agenda pela cidade e por isso, não pertencem a um lugar fixo, mas a um corpo. Instalam-se em determinadas ruas, normalmente residenciais mudando completamente seu sentido. São um domos num nomos. Seus estriamentos acontecem não por sedentarismo, mas por repetição.

Seu território é agenciado pelos dispositivos que os permitem chegar, se instalar, funcionar, recolher e ir embora, em diferentes lugares e tempos. Daí sua infraestrutura muito bem estriada. Os feirantes, trabalham faça chuva ou faça sol, e com

sua rede coletiva geram abrigo no corpo comum.

Seu território às vezes é gritado, às vezes silencioso e se caracteriza pela multiplicidade de produtos, cores, histórias e serviços disponíveis. Pertencem ao coletivo feira, que é por si uma experiência, porque ela parece ser a própria portadora da grande ilha que cria. Como acontecimento, desmonta os estriamentos rápidos da malha sedimentada da cidade para propor um novo ritornelo. A feira modifica o espaço comum e convida, ou ao menos deveria convidar.

Parece ser tão acolhedora, pois diferente da competitividade e rapidez do sistema superior, a feira acontece na maleabilidade e convite solidários. Na feira, o diferente é sempre bem-vindo! (será?) A feira é uma ilha de corpo aberto, disposta a receber o estrangeiro. A feira é a própria esperança do esperrante e da errância, mas ainda assim é hospitalidade condicionada. Acontece sempre com dia, hora e lugar, e logo vai embora.

A feira deveria ser o grande corpo comum para as táticas de reanimação de cidade. As feiras deveriam ser convidadas, chamadas e proporcionadas em muitos bairros e formas, criando um elo de movimentação e um sistema de acolhimento. As feiras são a grande estratégia de territorialização de Montevideo, e como espaço que se fortalece na multiplicidade e diferença, poderia ser uma esperta estratégia também nas nossas cidades gaúchas.

Os vendedores nômades

Os vendedores nômades são aqueles cujos rastros e resquícios são apagados tão velozmente quanto inscritos. Grande desafio do planejamento urbano, por vezes perambulam pelas esquinas e ruas mais movimentadas, por vezes se instalam no calçadão ou em fachadas multinacionais ou ociosas. Os vendedores nômades costumam aproveitar

um movimento gerado por outra ocasião. Se mantém na interrupção do fluxo, e por isso ou fazem parte dele, ou estão no seu caminho.

Os vendedores nômades costumam participar da parte mais frágil do comércio para-formal e utilizam o espaço com dispositivos fugazes e facilmente transportáveis. Com panos, mesas improvisadas, mostruários, pequenos carrinhos, caixotes, cardápios, placas ateadas ao corpo e por vezes somente uma caixa de bala, modificam o território como podem. São quase somente devir, muito embora por vezes pratiquem o território por anos a fio.

Costumam vender bugigangas falsificadas e/ou de baixo custo, produtos facilmente comprados e distribuídos por agentes espertos dessa categoria ou, em contrapartida, produtos manufaturados. Parecem ter sempre uma carta na manga, e vão dançando conforme a força da economia mundial e do clima. Embora lentos, sempre sabem a última moda, o último personagem, o último serviço. Ainda assim, parecem não possuir planejamento ou saída. São aqueles que vivem um dia de cada vez, com um futuro sempre incerto, e por isso são os que sofrem sobre as adversidades climáticas, políticas e sanitárias.

No corpo da cidade, são como obstáculos, agentes do caos, porque corrompem os alinhamentos e desregulam as normas. Mas se enganam aqueles que pensam que eles não são importantes para a vitalidade da cidade. Sua rede que ocupa as muitas ruas costuma consolidar um sistema completamente orquestrado pelos minorizados. Embora compitam, seu posto só é garantido pela solidariedade, e no olhar acalorado de uma hospitalidade condicionada, tornam a cidade mais flexível, interessante e segura. Como estão quase sempre de corpo inteiramente presente, a relação entre eles e um passante é extremamente pessoal.

Sua irreverência é parte da malha acolhedora que faz o centro ferver. São eles que agenciam as dobras das retas e as oscilações das enseadas. Quando não estão, fazem falta. O centro fica triste, vazio, sem personalidade. Embora não costumem trocar grandes palavras e nem dialogar sobre muitos assuntos, talvez porque seu espaço está sempre em disputa, resistem. São símbolo de persistência, coragem e força, e apontam a urgência de repensarmos uma estrutura que continua expurgando os supérfluos.

Os vendedores nômades são lentos, costumam viver em espaços opacos e igualmente para-formais. Dependem de acontecimentos externos tanto para manutenção dos seus, como para própria sobrevivência. Sua existência não é somente uma veia aberta, mas é a denúncia de um movimento pequeno, mas contínuo, escanteado, mas presente. Embora estejam no limiar da economia, ainda participam dela. São vulneráveis não somente em seus produtos, dispositivos e territórios, mas na sua própria intimidade. São imigrantes, mulheres, recém desempregados, mães e pais de família, crianças. São aqueles que tem fome, e que precisam estar na rua para cessá-la, ao menos hoje. Determinam seu horário de trabalho a partir de acontecimentos externos.

Por não se adequarem à organizações mais estruturadas e sedentárias, poderiam ser acolhidos por dispositivos igualmente nômades, como bancas e mesas projetadas e desmontáveis que poderiam se instalar em calçadas e esquinas todos os dias. Poderiam participar de uma espécie de feira. Deveriam receber assistência e instrução para que pudessem adentrar à estrutura e organização das ruas. Se considerados como parte da malha praticada das cidades, podem participar de projetos e planejamentos que acolham as coexistências.

Os moradores de rua, os guardadores de carro e catadores

Embora seja conveniente entender como uma ordem os moradores de rua, os guardadores de carro e os catadores, é preciso compreender que por muitas vezes esses papéis não se sobrepõem. Mas forço uma comunhão entre os três, pois a forma como agenciam o espaço e usam os tempos por vezes é similar, ao menos para aqueles que participam dos tempos mais acelerados e estriados.

Os moradores de rua assim como os catadores, costumam sobreviver das sobras de outros tempos. Comem, coletam, transformam, dormem e vendem nos expurgos que o capitalismo força a jogar fora. Embora sejam mal vistos pelos projetos higienistas, são os agentes com verdadeira disposição e criatividade para inferir utilidade ao inútil e para higienizar o desperdício.

Os moradores de rua não possuem endereço, e fazem do comum, particular. Ou vivem sempre na publicidade do espaço público, ainda assim são mantidos na opacidade. Sua luz é tão fraca que sua importância é minoritária e local. Sua rede é muito pouco extensa e sua presença raramente está nas redes minimamente velozes (como nas redes sociais, por exemplo). Embora por vezes empenhados nas construções de outros modos de habitar e usar a rua, seus corpos causam prejuízo ao uso comum do espaço. São corpos completamente estranhos e indesejáveis: in-domesticados, a -domos, que não deveriam estar ali. São corpos esperando abrigo.

A selvageria dos que vivem na rua se expressa pela aparência e pela falta de recursos que permitam que esses preservem sua humanidade. São tão estranhos a nós - auto julgáveis íntegros e completos - porque preferimos nos ater ao que os torna diferentes de nós do que os faz ser íntegros e completos também. Os escanteamos pela diferenciação, e não pela proximidade. A hostilidade que portam é um reflexo: não são

hospitais, porque não recebem hospitalidade.

Normalmente não possuem acesso à banheiros, chuveiros ou roupas limpas, direitos dos humanos dignos e produtivos. Contam com auxílio de albergues e instituições que precisam impor suas regras para funcionar. Assim, ficam à mercê da rua dia a pós dia, vivenciando a verdadeira lentidão alienada do sistema. Contam com a caridade do poder público, daqueles que passam por eles, e da pequena continuidade de objetos que guardam em bolsas e esconderijos montados pela cidade. São cheios de alianças frágeis e perversidades. Podem perder o pouco que tem a qualquer instante.

Embora pareçam todo, participam de um sistema igualmente hostil, segmentado e pouco solidário. Por vezes competem com outros moradores por marquises, lixeiras e torneiras. Têm imensa dificuldade de procurar uma saída (às vezes). Porque surpreendentemente, essas características não são sempre evidentes. Em grandes cidades, os moradores de rua podem ser trabalhadores comuns, documentados, imigrantes, viajantes. Mas, essas características que os tornam humanos, parecem retirá-los do arquétipo comum de morador de rua.

Lembro da frase: o trabalho dignifica o homem, e talvez seja isso mesmo. Para ser um homem, é importante trabalhar, participar do sistema, produzir. Assim, por vezes os moradores de rua, também guardam carros, ou catam materiais recicláveis. Esse laço do sistema possibilita o ingresso desses seres no mesmo que efemeramente. Como parte do sistema esses agentes recuperam parcialmente sua humanidade. Recuperando sua humanidade, são passíveis de dizibilidade, de luminosidade. Visíveis, retomam sua possibilidade de hospitalidade. De acolher ou produzir acolhimento na cidade como esperrante. A cidade sempre requer troca entre os sistemas.

Assim, há também aqueles e aquelas que guardam e lavam

carros, e recolhem e reciclam resíduos, mas não vivem na rua. A esses, parece caber alguns apontamentos feitos aos vendedores nômades, porque muito embora o princípio se difira, o fim é o mesmo: encontrar uma brecha lenta em uma economia completamente veloz e iluminada. São os seres das sobras e da opacidade.

Os seres com tempo

Os seres com tempo são aqueles que se permitem a um estado pouco veloz por vontade, necessidade ou efeito. São aqueles que estão atentos aos tempos e preciosidades da experiência urbana e identificam no espaço urbano um receptáculo para o acontecimento. Às vezes errantes, as vezes esperrantes não costumam praticar um território minoritário sem um motivo. O fazem pelo processo, porque são curiosos. Parecem ser os verdadeiros contemporâneos, porque refletem o seu tempo enquanto o vivem.

Os seres com tempo são os ociosos, os artistas, os viajantes, as crianças, os festeiros, os velhos e os loucos. Costumam participar de uma rede maior e comungar um espaço que passa pela paraformalidade e pela formalidade. Praticam um território do entre. São os seres adaptáveis, que podem ser encontrados nas calçadas, no banco das praças ou nas mesas de bar. Costumam apreciar a mudança das estações, os dias frios e quentes, os dias chuvosos e de ventos. Sabem sempre das fofocas sobre as mudanças da cidade e assuntos principais.

Diferente dos vendedores, os seres com tempo ocupam as cidades porque querem, porque desejam estar. Sua trajetória é vinculada ao bom encontro com o outro e consigo mesmo. Usam a rua e proferem seu território num espaço comum e transitório. Gostam de espetáculos, de feiras, de reuniões, de

novidades!

São os olhos e abraços da vitalidade pública, e embora não se empenhem no agenciamento de uma rede, são os seres que de fato fazem o acolhimento funcionar. Gostam da organização e do caos, do inesgotável e da memória. Não ocupam fixos, mas dependem deles. Utilizam os mobiliários, janelas, canteiros, árvores, quadras esportivas e paisagens. E o fazem por adoração. São flâneurs cotidianos, gostam do espaço ao ar livre. Gostam de ar! Gostam da festa da rua.

OS CENÁRIOS DO ACOLHIMENTO

Os cenários do acolhimento são espaços de coexistência de diferença que abrigam os agentes do tempo. Em constate movimentação, são espaços inventados para o convite ao estar, refletir e planejar. Embora sejam completamente vinculados às experiências nas três cidades, enquanto deslocados possuem imprecisões e generalidades que precisam sempre ser averiguadas. Mas ainda assim, são configurações e constatações de espaço que podem facilitar o planejamento de cidades mais acolhedoras porque indicam pistas para os seres e dispositivos agenciados pelos tempos lentos.

Os calçadões-penínsulas

Os calçadões, febre nos anos 1980-1990, são ainda revolucionários. Como espaços totalmente pessoal e flexível, se formulam como um espaço público linear, que por vezes deriva reta, por vezes profunda península. Utilizados normalmente para fins comerciais, podem ser utilizados

também como um grande espaço público de encontro em fins de semana, feriados ou horários inversos. Como grande praça sem regras, e sem os explícitos estriamentos de territórios mais velozes, o calçadão convida os diferentes para a experiência cultural do centro. Essa mesma experiência, quando explorada de forma territorializada (lenta) pode ser grande atrativo turístico.

O calçadão península precisa não só de pequenas lojas e vendedores originários, mas de grandes marcas globais, o que mantém o interesse de inovação tão requisitado pelo capital.

Além disso, sua tecitura e imaginabilidade como estrutura sedentária deve ser clara, simples e contínua, permitindo a visualização em perspectiva. A estrutura de paisagem do calçadão deve ser de certa forma homogênea, o que possibilita que a diferenciação fique a cargo dos agentes dos tempos.

Como cenário, o calçadão parece precisar de cuidado, manutenção e projeto. Para sua vitalidade precisa comportar símbolos dos diferentes tempos para se manter acolhedor. Sua funcionalidade depende não somente de pisos organizados e postes muito bem iluminados, mas de mobiliários que se adaptem às corporeidades dos vendedores sedentários e nômades e dos seres com tempo (seguem alguns exemplos possíveis).

Talvez caiba nesse centro a instalação de mobiliários funcionais que proporcionem a ordem necessária para a continuidade da diferenciação e que conversem com os pisos, as fachadas e as escalas. Penso em mesas, bancas e coberturas que possibilitem o aporte de diferentes funções, mas que não pertençam a um dono, garantindo a circularidade natural do nomadismo central.

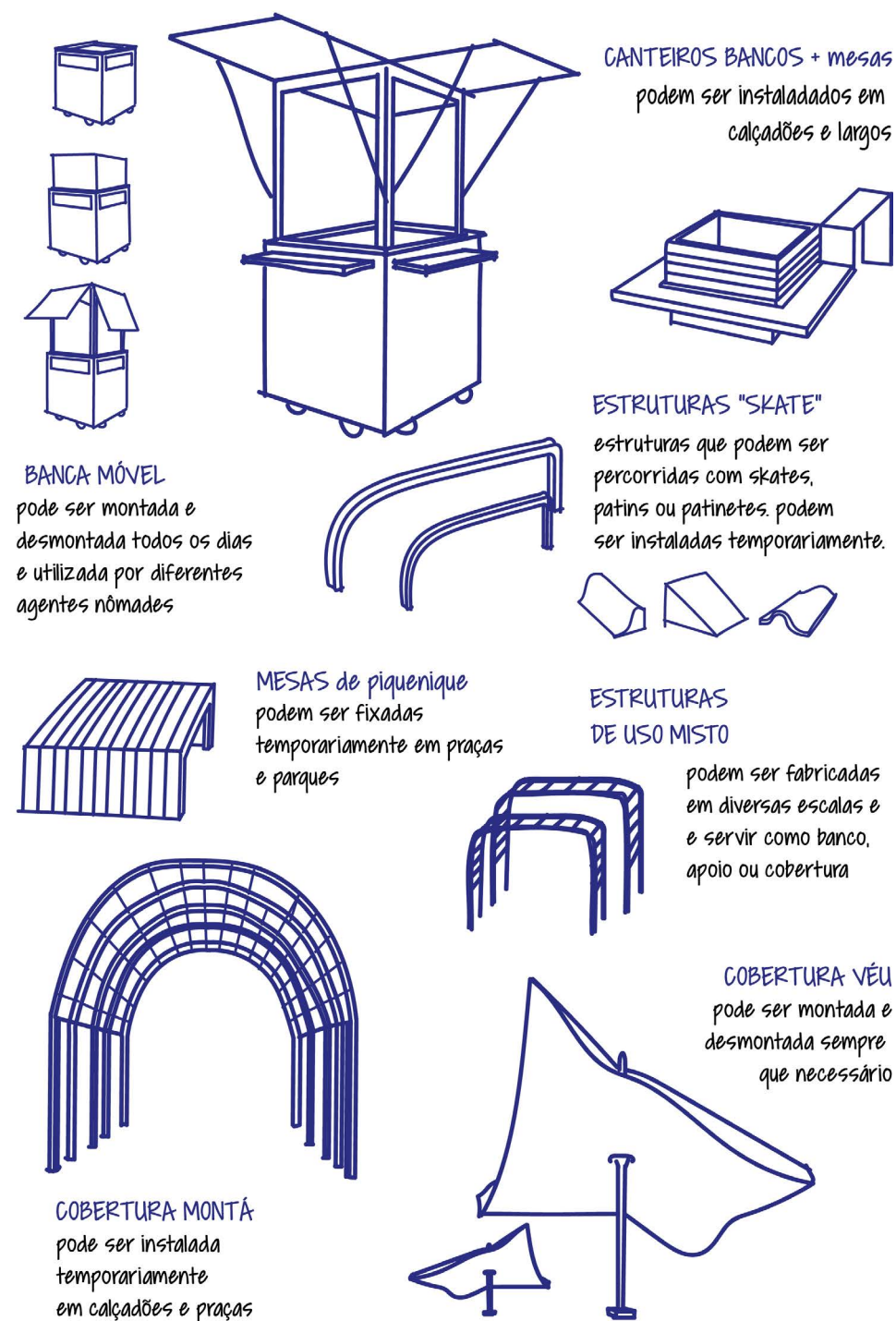
Percebo que a função do calçadão como espaço público qualificado é extremamente ampliada quando esse é

interceptado por lugares de descanso e ar como pequenas e grandes praças ou parques. O grande desafio é manter a partir desses espaços atrativos, um eixo de fluxo durante as noites e fins de semana, o que pode ser difícil, mas é potencial, justamente porque o centro costuma ser um lugar acessível de diversos lugares da cidade (ou deveria!).

O calçadão-península deve funcionar como um ponto de encontro porque é excelente espaço para eventos culturais, musicais e festivos. Talvez seus usos outros - além do comercial - sejam a grande chave para a manutenção da vitalidade urbana com o advento das tecnologias e conexões proporcionadas pela internet. Esses mesmos usos podem funcionar como instigadores de situações (olá, situacionistas) que aproximem os diferentes nesse território comum. Os calçadões são praça lineares prontas para receber a alteridade e as diversas situações culturais, esportivas e artísticas que podem ser criadas para a vitalidade da cidade.

As praças-ilhas

As praças e espaços públicos de pequeno ou médio porte são cruciais para a prática urbana porque permitem o arejamento da intensa malha comercial - principalmente conectadas aos calçadões. Se foram traçadas com fins higienistas e sanitários, continuam resguardando essa função principal enquanto lugar de vazão e diferenciação do concreto. Como espaço de descanso sonoro, visual e social, as praças devem ser convite aberto a todos aqueles que participam do centro, durante todos os dias e horários. Por normalmente contarem com vegetação de grande porte e solo permeável, são excepcionais ambientalmente, e funcionam abertamente como clareiras e solários para a população urbana. São ilhas porque são um sistema de acolhimento em si mesmas, e podem ser conectáveis.



As praças permitem o sol em dias de inverno e a sombra em dias de verão e registram cotidianamente a mudança das estações. Podem ser o abrigo do frio e do vento e o contato com a água e a brisa em dias de verão. Suas árvores costumam contar a história do tempo, mudando de coloração e sendo em si mesmas um grande espetáculo e motivo de encontro. Merecem instalações como coberturas, fontes, esguichos, chafarizes, espelhos d'água, equipamentos para visualizar o céu e para escutar música alta. Além de dispositivos de encontro como churrasqueiras, lugares para fazer fogo de chão e para conseguir água quente.

As praças podem ser complementadas com espaços mais ou menos segmentados: espaços livres (sem bancos ou tarefas predestinadas); espaços com usos especificados e persuasivos (bancos, mesas, quadras esportivas, brinquedos infantis, equipamento de ginástica, luzes coloridas e até espaços para levar os gatos e cachorros para passear). As praças ilhas podem contar com pontos de água, banheiro e wi-fi, o que as garante como um lugar de fluxo mesmo para aqueles que não as utilizam como descanso.

A grande estratégia das praças pode ser o estabelecimento projetual de zonas diferenciadas e interessantes, que convidem diferentes práticas em um mesmo lugar. Na coexistência das atividades passivas e ativas, mais ou menos programadas, pode-se manter um público flexível e constante, com um objetivo claro ou completamente cambiável.

Como costumam ser utilizadas como posto de trabalho para os vendedores sedentários e nômades, além de ser lugar de ócio para seres com tempo e moradores de rua, as praças precisam de pequenas instalações para garantir que esses movimentos a ocupem durante as múltiplas estações do ano. Essa pluralidade pode garantir a segurança e o acolhimento indispensáveis para espaços abertos. A coexistência

de atividades de troca costuma ser fundamental para o estabelecimento da hospitalidade condicionada.

As esplanadas-espera

As esplanadas-espera costumam estar conectadas com os usos e propostas de um espaço privado ou público-privado. Assim sendo, tendem a contar com regras mais explícitas e usos mais definidos e estriados do que as praças. Embora não tenham a amplitude e a importância de praças e parques, podem funcionar de certa forma como esses. Costumam abrigar vendedores sedentários, seres com tempo e trabalhadores em horário de folga ou de passagem. Podem abrigar excursões de alunos e turistas em espera para ingressar em locais de importância cultural ou institucional.

Como lugar iluminado e simbólico permitem a espera tranquila e qualificada, normalmente relacionada à instituição que a abriga. Ainda assim, é quase sempre uma pequena enseada, porque embora possua uma inflexão convidativa, flerta completamente com os acontecimentos em sua volta.

Por contarem com dispositivos de vigia, as esplanadas costumam ser um bom lugar para encontros entre estrangeiros, que embora permitam uma pequena troca ou acolhimento, não estimulam a hospitalidade a longo prazo. Também são ótimos lugares para reuniões ocasionais, não programadas.

Justamente por sua institucionalização, deveriam ser importantes locais de acesso e cuidado à sanitários, bebedouros e conexão wifi. Além de espaço para instalação de mobiliários que permitam o uso de atividades silenciosas como mesas de jogos, coberturas leves e espreguiçadeiras. Costumam ser ótimos lugares para eventos musicais pela amplitude sonora possibilitada.

Seu projeto e dimensionamento pode cultivar as possibilidades do entre, dialogando tanto com a edificação que a oportuniza - inclusive estabelecendo essa como um marco visual e social - quanto com o entorno, possibilitando que ela resguarde sua possibilidade de espaço de espera.

As ruas de calçada oscilosa

As ruas de calçada oscilosa costumam ser ruas com faixa carroçável mais ou menos expressiva e com constante trânsito de pessoas. Podem ser de diversas escalas, usos e hierarquias, mas costumam ser acolhedoras com pedestres ou pela grande dimensão das calçadas ou pelo baixo movimento de automóveis.

Sem regras ou grandes prescrições, costumam formular recolhimento a partir dos agentes e dispositivos que afirmam um estado de vivacidade do meio. São completamente configuradas pela arquitetura. Quando permeadas por janelas de peitoril à nível dos olhos, vitrines, vegetações de pequeno porte, efeitos de transição e curva ou ainda intersecção com praças e parques, costumam ser múltiplas e plurais. Seu fluxo é determinado pela combinação dos pequenos e grandes comércios instalados em suas reentrâncias e pela presença de marquises ou outras pequenas coberturas e abrigos, o que possibilita as oscilações. Suas retas estão pareadas com a extensão de muros, fachadas cegas e outras hostilidades não corrompidas pelos agentes do tempo lento.

Seguem os princípios de bons projetos de guias de caminhabilidade e desenho urbano - ou deveriam. Mistas insinuam acolhimento por permeabilidade à nível dos olhos, trânsito de moradores sem pressa e vendedores na porta das lojas, sedentários e ambulantes. São de grande importância comercial na cidade, tanto para o sistema superior como

inferior. Mas embora oscilosas, costumam ser utilizadas majoritariamente para sua função primeira - o deslocamento. Por isso mesmo, suas esquinas são os pontos mais importantes de sua extensão, principalmente quando contempladas com semáforos ou outros ocasionantes que forcem a parada e a observação do entorno. As esquinas costumam ser bons receptáculos para agentes que estabelecem trocas com os seres rápidos como jornaleiros, floreiros, relojeiros, chaveiros e vendedores de lanche ou café. São também o ponto para padarias, bares e restaurantes.

As ruas de calçada oscilosa costumam ser ruas continuamente alisadas e estriadas. Daí a preferência de catadores, moradores de rua, pixadores e skatistas por elas. Costumam retratar de fato o encontro entre os tempos e a disputa e possibilidade provocada por essa coexistência. São excelentes cenários para eventos cívicos como desfiles, protestos e passeatas.

As enseadas perto da água

As enseadas perto da água guardam em si mesmas a lisura do além. Por serem ponto de contemplação para as infinitas dobras, oportunizam o encontro e o encanto com as repetições sempre infinitas e diferentes. A água, como profundidade e liquidez em si mesma, não costuma convocar eixos ou referências, o que a introduz como grande enigma e possibilidade de acontecimentos.

A água permite ao ser humano o encontro com o outro, mas primeiramente consigo mesmo. Ao olhar a imensidão de um rio ou mar e seu fascinante comportamento liso, o expectador encontra seu lugar e pequenez no mundo. Nas incontáveis dobras da água, até as maiores certezas podem

ser rapidamente esvaziadas. Os tempos, os sistemas e a própria ciência perdem parte do seu sentido, porque são todos minorizados.

O encontro com a desconhecida - água, que nunca é a mesma, é por perversidade sempre uma hospitalidade. Embora mude, sua própria geografia costuma de encenar como um convite para ficar, esperar, registrar, atentar. Por sua característica lisa, a água é também limpeza, e em um território tão vasto e navegável como o nosso, deveria ser ponto de atração e convergência primeiro.

O encontro com a água é o verdadeiro encontro entre o nomos e o domos. E embora peça estrutura qualificada, também reclama simplicidade. Suas linhas sempre de encontro ao horizonte demandam espaços de contemplação alongados e pouco hierarquizados. Como convite a espera por si mesma, pode receber instalações pouco complexas, que apenas proporcionem o mínimo conforto para a espera e delineiem o território de transição entre o estriamento da cidade e sua liquidez.

Como espaço de ar e purificação, costuma receber também atividades lúdicas e esportivas. Assim, é necessário que sejam instaladas algumas lixeiras, bebedouros, sanitários e por vezes equipamentos que permitam a prática desportiva. Como espaço de acolhimento incondicional, recebe os diversos agentes dos tempos, principalmente em fins de semana ensolarados, quando há mais seres com tempo. Por isso mesmo, pode ser um grande atrator de fluxos.

COLEÇÕES E MOVIMENTAÇÕES

Buscando agenciar os registros e pistas às práticas de pensamento e planejamento de cidade, projetamos

cenários comuns, quase indiferentes, e convidamos você a movimentá-lo a partir dos diferentes agentes e dispositivos disponibilizados. O encontro entre esses múltiplos fragmentos reitera as provocações feitas durante esse trabalho, e podem provocar novas reflexões.

O que nos interessa nesse exercício é promover a imaginação a partir das relações de cidade, possibilitando novos agenciamentos e constatações acerca da reunião de territórios distintos. Como esses personagens e dispositivos se interrelacionam em cada ambiente? Como funcionam em dias de calor e de frio? De dia e de noite? Em cenários de muito e pouco sol? Como as variantes sazonais instituem as relações e possibilidades de território projetado?

Separe, divida, modifique, narre e imagine a cidade do acolhimento. Pense sobre as forças subjetivas que são movimentadas com o ingresso e retirada de cada personagem do cenário. O que cada recorte indica? Que reflexões possibilita?

Todos os cenários ilustrados usam como referência as ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas. Todos os personagens e dispositivos propostos pertencem igualmente à essas cidades. Você consegue identificar os seres que precisam ser movidos com seu território “de origem”? Quais personagens cabem em uma alegoria de estética do frio? O que se pode inventar a partir desses fragmentos? Que outras cidades são possíveis?



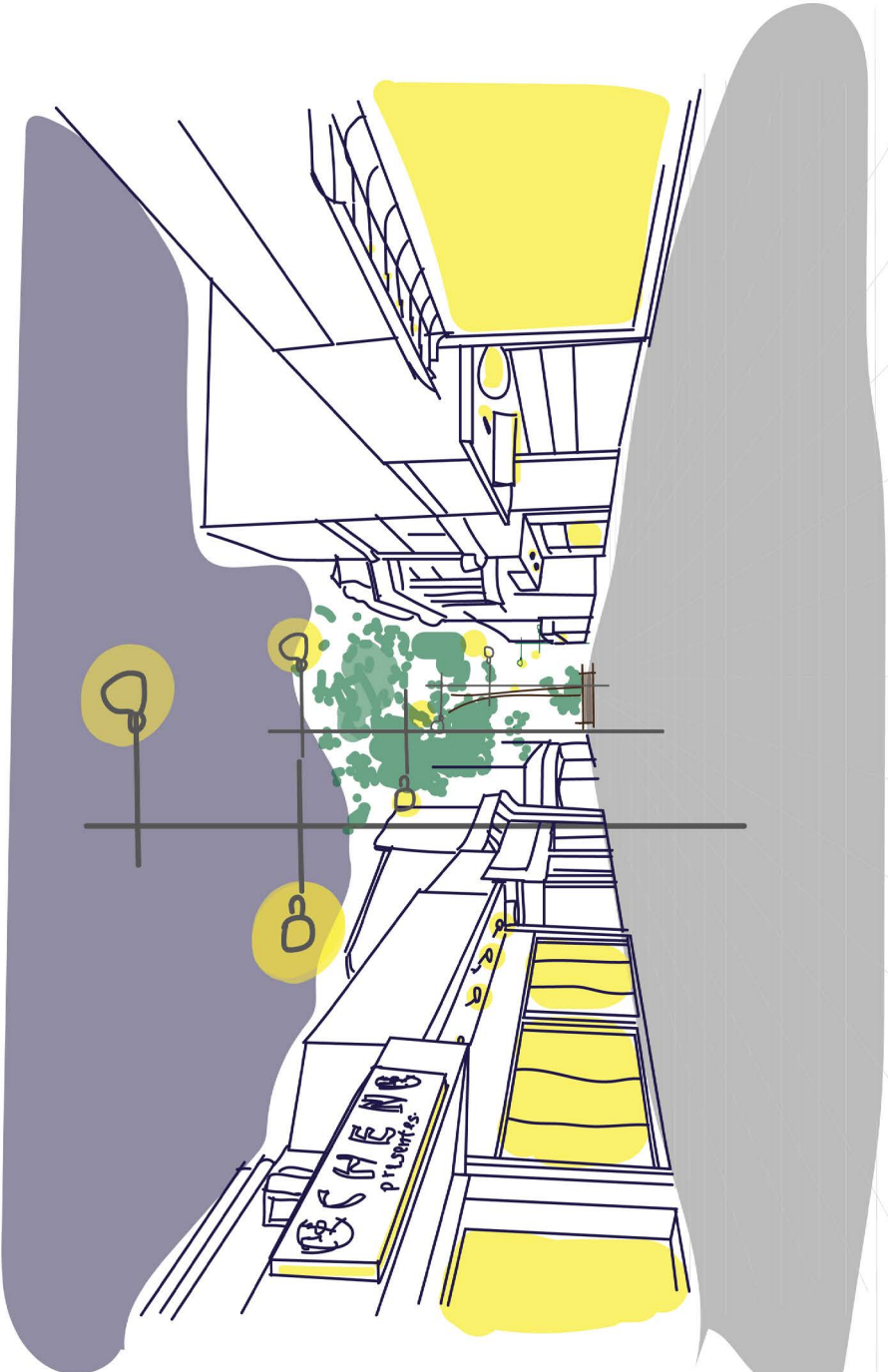


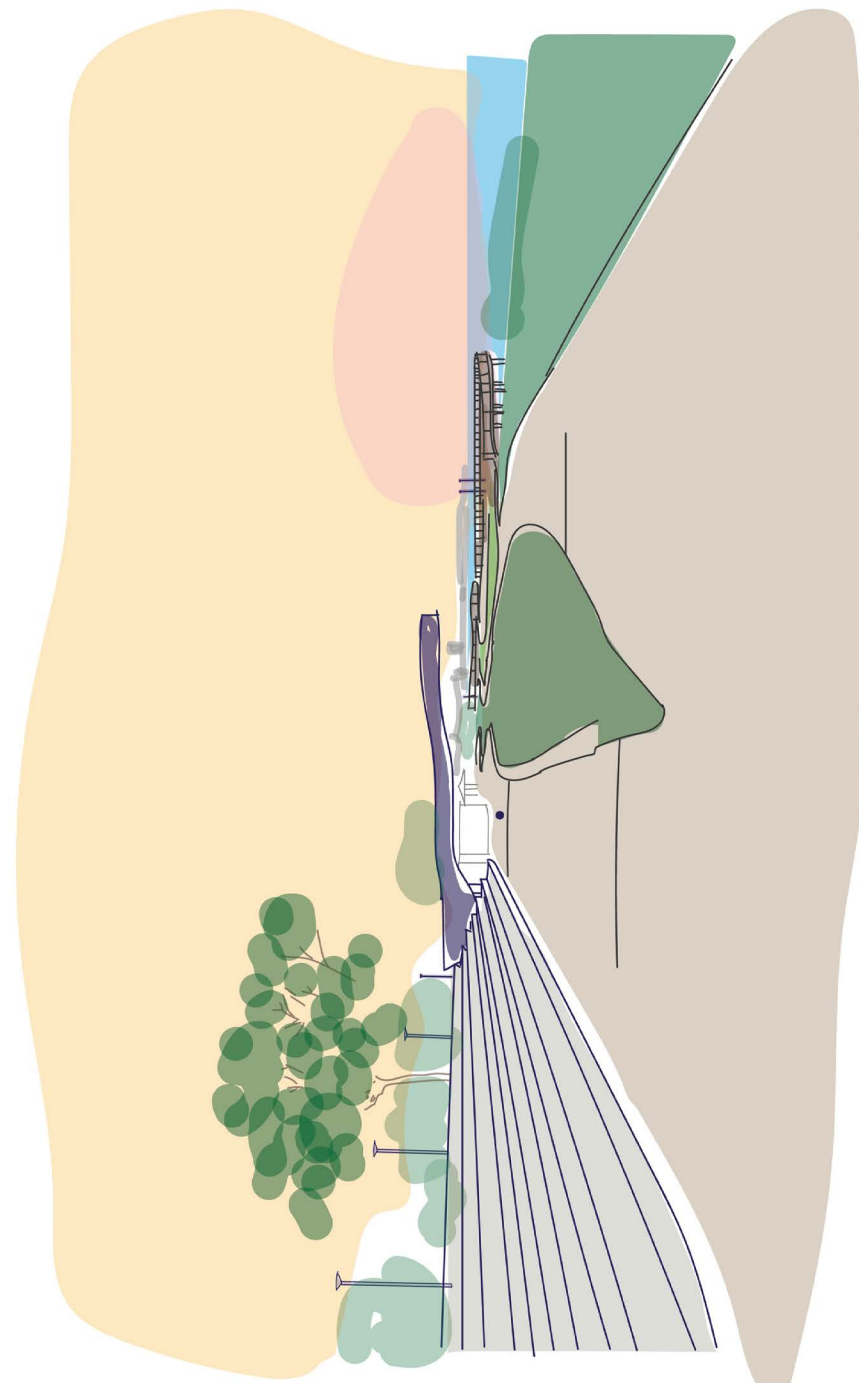


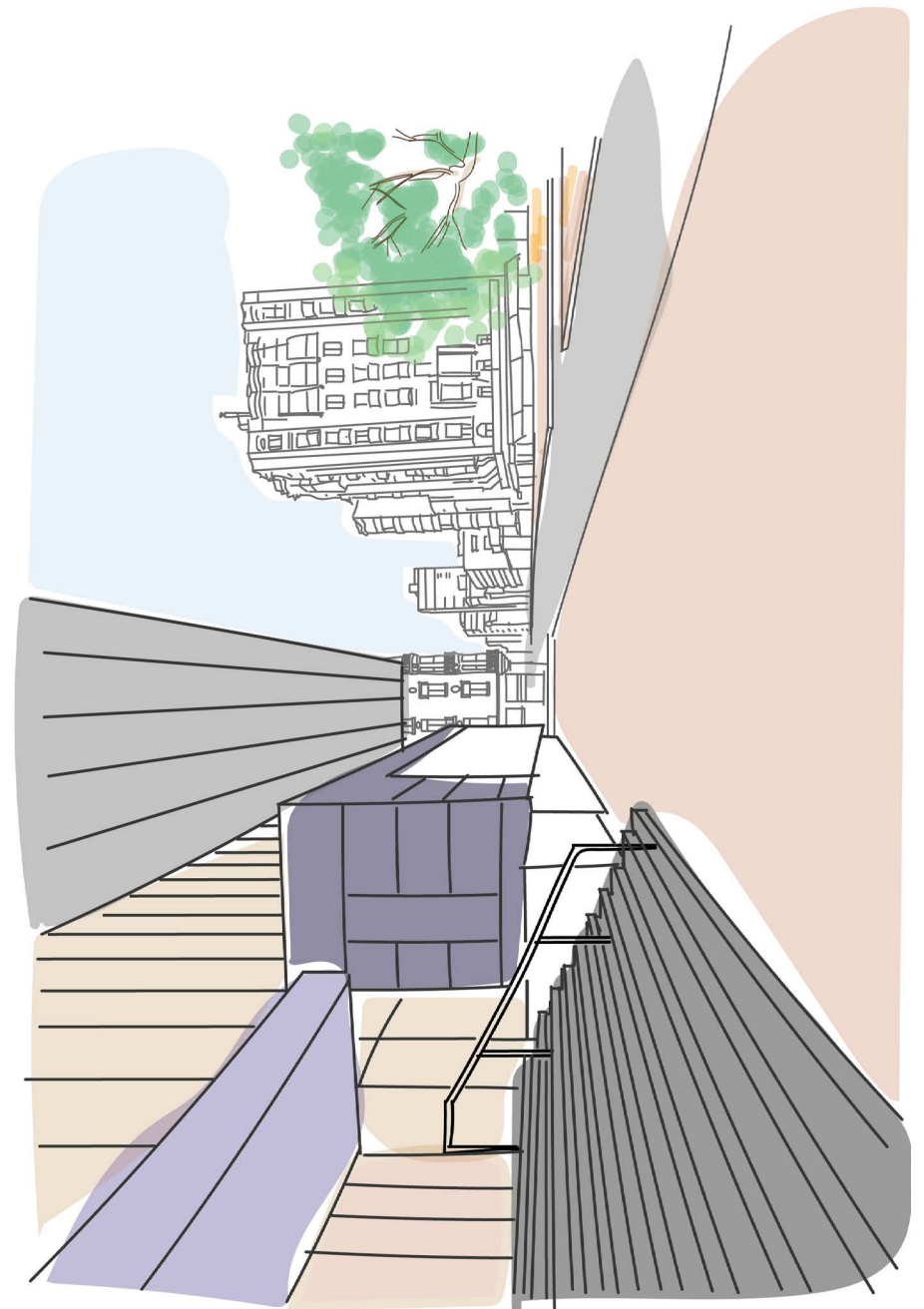


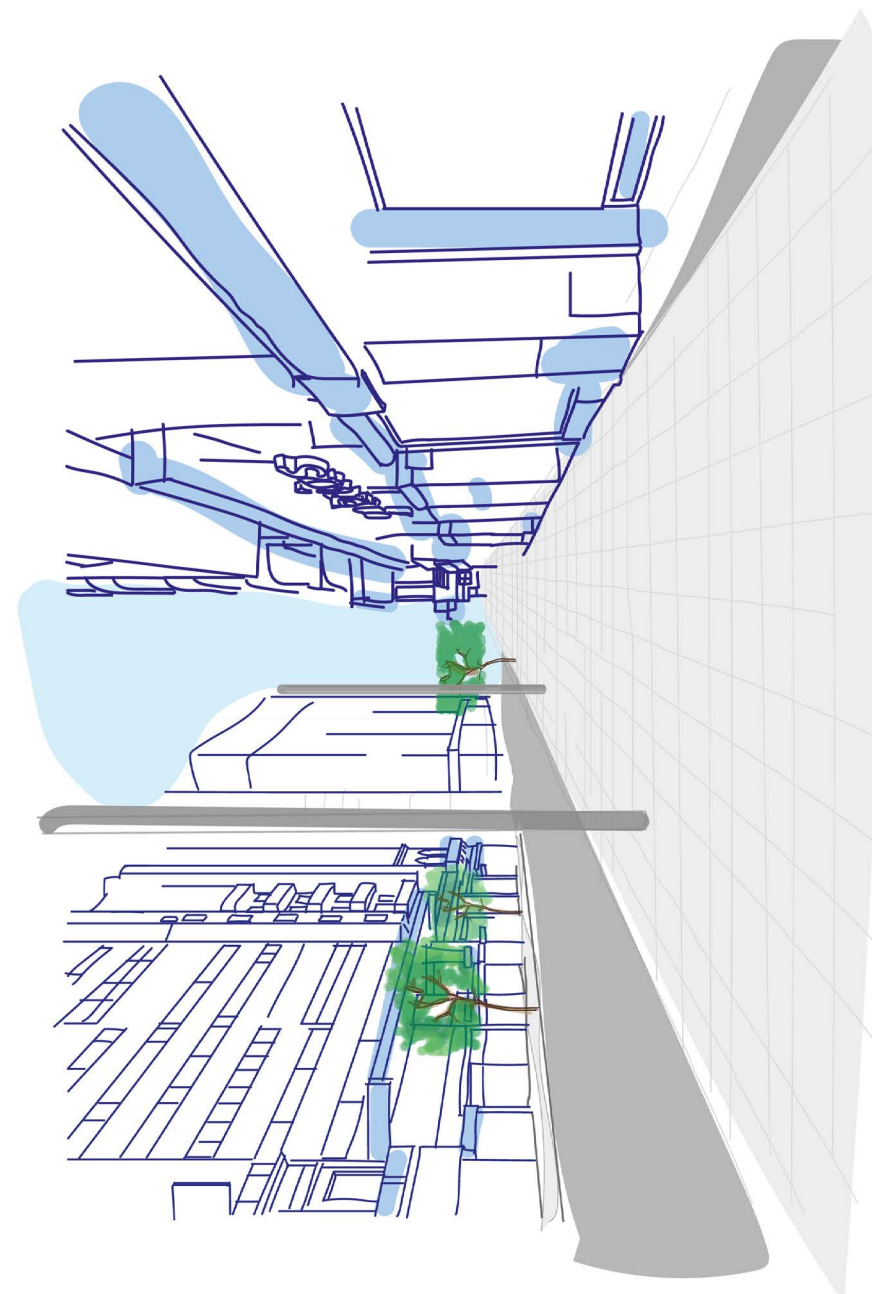




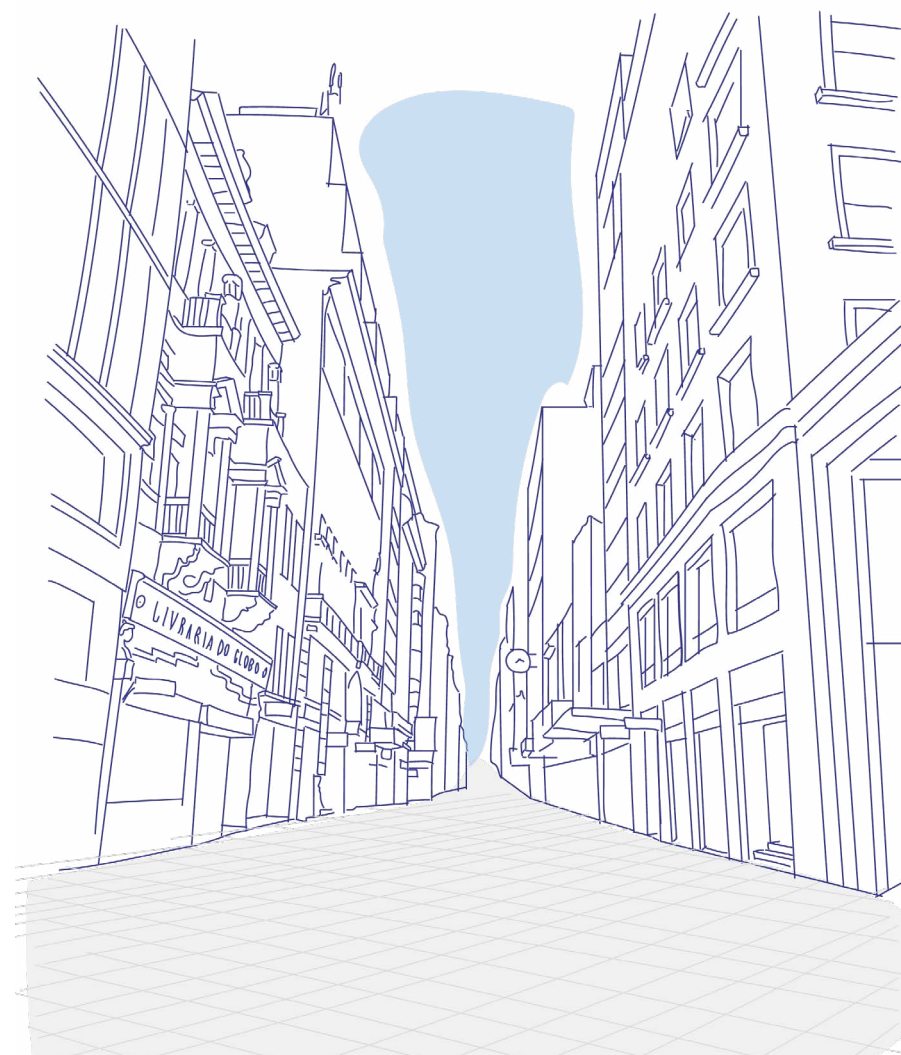


[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

PISTAS E RASTROS

A partir dessas experiências e ponderações de uma arquiteta e urbanista que estuda e gosta da cidade, cria-se pistas e rastros. Como uma escrita cartográfica, que requer corpo para acompanhar os acontecimentos ainda em curso, essa pesquisa não se esgota. Ela apenas apresenta um fragmento registrado do que experienciou acerca de uma temática durante certos tempos. Esses, dizem sobre o planejamento da cidade propriamente dito. São recados para também arquitetas, urbanistas, pesquisadoras e amantes de cidade. Entendo que concordarão em admitir a fragilidade dessas ponderações. Duvidar é sempre preciso.

Comecei essa pesquisa porque tinha o objetivo de produzir pistas para um urbanismo contemporâneo que acolhesse os tempos lentos e se adequasse às vivências urbanas da América subtropical. Procurava por outras formas de produzir cidade para suscitar outras formas de planejar o centro dessas cidades. E de certa forma, junto dos autores que li e pelas ideias que vivenciei, me sinto confiante para fazer algumas proposições.

Obviamente essas pistas dizem sobre um urbanismo contemporâneo como prerrogativa, já que são possibilitadas por uma experiência que vivencia os acontecimentos da cidade no encontro com a intemperividade da lentidão e da velocidade. Certamente acolhe os tempos lentos, e ainda registra em uma cartografia, se adequando às vivências urbanas de três ruas, em três cidades, que dizem completamente sobre uma América subtropical e mais, sobre a



estética do frio, e agora sei, também do calor. E essa estética, cíclica e igualmente urgente e adaptável que me proporciona pistas para centro de cidades sempre em curso.

Discutimos o conceito de seres lentos e as derivações empregadas por diferentes autores com tal afeição, que criamos novas ordens agenciando as entradas possibilitadas por eles, e pela experiência na cidade. Os resultados apresentados no capítulo coleções e invenções, são não só uma nova circunscrição do âmbito dessa pesquisa, mas também uma criação que pode viabilizar novos olhares para todos e todas que quiserem entender, vivenciar e planejar cidades que acolham a alteridade. Nessa nova ordem, mapeamos os dispositivos e táticas utilizados pelos seres lentos nas diferentes ocasiões registradas. O que nos possibilitou lançar mão de alguns desenhos audaciosos, que poderiam contribuir com uma vida urbana mais acolhedora para os diferentes tempos.

E por fim, ou começo, a partir da cartografia como um todo, penso que chegamos em algumas conclusões, que podem influenciar positivamente o planejamento dos espaços lisos e estriados, porque indicam outras formas de abordagem que podem servir para que se fortaleça os bons encontros na cidade. Assim, ficam algumas estratégias para o planejamento, sobre a experiência e para a metodologia que provoca todo esse movimento.

O QUE FICA PARA O PLANEJAMENTO

Reitera-se a necessidade de irmos em campo exercitar nossas certezas e experienciar a cidade que vamos planejar. É inviável planejar cidade sem entender sua alma, sua vocação. Quando falamos de centro, normalmente nos referimos também a um espaço de importância histórica. Assim, a primeira pista para

planejarmos o centro de nossas cidades está na compreensão do que as conforma atualmente. Se queremos planejar o futuro, precisamos minimamente compreender as dinâmicas históricas que produzem o território no presente.

Entender quais ruas, esquinas, meios de quadras, praças e parques que se relacionam com o sistema subjetivo e efêmero que opera a cidade é essencial para não planejarmos a partir de um vazio ideal. A cidade é sempre praticada, e camadas históricas possuem importância completa no que acontece hoje. Converse com historiadores, com senhores, com vendedores antigos. Eles saberão contar sobre as fofocas das ruas, suas vergonhas e orgulhos.

Outro ponto de extrema relevância é compreender os pontos de contato entre os tempos - como pontos de encontro entre públicos, atores, sistemas e velocidades diferentes. Quais são os lugares onde a margem dos territórios é próxima? Quais são os elementos que permitem essa proximidade? Qual intuição ou evento proporciona esse encontro? Esses locais costumam ser boas enseadas.

Seja nas praças ilhas, nas esplanadas enseadas, ou nos calçadões penínsulas, precisamos promover atividades mistas, que aconteçam em cenários múltiplos e garantam a atração de movimento durante dias, horários e até estações diferentes. De acordo com essa prática, faz-se urgente pensar em espaços cobertos, marquises e até corta ventos, que resguardecem os usuários do espaço em todas as épocas do ano. Ruas cobertas podem ser um ótimo atrativo. Mas diferente do que se possa pensar, esses espaços cobertos, não devem ser cheios de regras e estriamentos. Eles podem inclusive ser desmontáveis! Precisamos aprender com nossos feirantes a deslocar estruturas de resguardo.

É preciso despertar a cidade. Reinventá-la, alfinetá-la, conectá-la. Estabelecer uma rede interligada, rizomática, fazendo uso

da potencialidade de um circuito estabelecido. As feiras livres são ambulantes, passeiam pela cidade, mas são ordenadas, organizadas, agenciadas, padronizadas. A feira possui uma estética subjetiva que a confere corpo e apaziguamento. A feira não causa medo ou transtorno, ela é uma rua que se abre, embora seja necessário atenção. Quando estou na feira, eu passo na frente da banca da dona joana, do seu alenador... Não disputo espaços com automóveis, sou acolhida. Esse acolhimento proporcionado pelas feiras, e pelos agentes sedentários acontece primeiramente por que ambos os corpos que se acolhem estão dispostos a isso. É preciso reforçar que mais do que hospitalidade, o acolhimento requer disposição.

E para estarmos dispostos a acolher o outro, a recebê-lo em nossa própria intimidade, precisamos nos sentir seguros. A segurança é a chave para transformar cidades inabitadas em cidades praticadas e acolhedoras. E para isso, é necessário muito planejamento. Não no sentido da implementação de muitas regras e leis, mas do esforço de adaptar essas regras e leis às muitas ordens que coexistem na cidade, de modo a agenciá-las ao contexto em grandes coletivos.

É necessário capacitar os diferentes agentes do tempo rápido e lento para que tenham uma rede de comunicação e também de reverberação. Por isso, políticas educativas e sociais que demonstrem que existe uma ordem que configura o aparente caos é essencial. Os agentes do tempo lento precisam perceber que a cooperação é a melhor forma de transformação, e as prefeituras têm um papel urgente de instrução nesse sentido. Esse sentimento de cooperação ajuda a constituir os laços de acolhimento.

Além do contato direto entre seres lentos e instituições por meio de políticas públicas, utilizar as crianças para promover a conscientização é essencial. Precisamos de excursões escolares aos centros, aos bairros e as periferias tanto

em escolas públicas como particulares. Precisamos que estudantes de todos os anos - inclusive da universidade, presenciem de forma coletiva principalmente o centro. A pedagogia da viagem funciona aqui como um despertar essencial para a formação crítica de nossos cidadãos. Talvez isso não faça tanto sentido em cidades médias como Pelotas, mas certamente é revolucionário em metrópoles, onde o deslocamento possibilitado pelo arrumar as malas, viajar, refletir sobre as viagens é ainda maior.

Permitir que a cidade proporcione diversos usos, espaços e ludicidades provoca o movimento e aguça a curiosidade. A cidade precisa ser comércio, cultura, turismo, esporte, residência, indústria, serviços... E nessa diferenciação é que se conforma os territórios identitários que pluraliza o nosso viver em sociedade. Mas diferente do que se pensa, o cenário de uma cidade planejada não precisa ser duro e permanente, porque pode conter em seu planejamento a durabilidade do espaço liso.

Obviamente que não vamos sair deslocando indústrias e edifícios pela cidade. Mas podemos investir em setores gastronômicos, festivos e boêmios. Restaurantes e bares são dispositivos de encontro e acolhimento, a comida e a bebida são. Investir em espaços abertos bem iluminados que atraiam esses pequenos serviços é fundamental e pode garantir inclusive a presença de turistas e viajantes - que normalmente se interessam pelas diferenciações do território lento.

Além dos setores múltiplos, eventos culturais como exposições, oficinas, visitas guiadas, shows, saraus, piqueniques, feiras de artesanato, campeonatos esportivos podem ser levados e estruturados em diferentes territórios da cidade. São motivos que formulam uma abertura no sistema, movimentando pessoas de diferentes tempos em pequenas viagens. Esses encontros de alteridade em territórios não

habituais podem ser revolucionários. Os eventos pontuais podem usar praças, terrenos baldios e até mesmo a rua, inventando outras formas de aguçar a imagem estagnada de planejamento. O planejamento versátil do movimento requer agenda, estrutura e cuidado. Requer dispositivos móveis, deslocáveis, que permitam essas muitas apropriações.

Aliás, em cidades policentradas, a própria incitação desse centro em outros lugares (como fazem os seres sedentários que durante a semana trabalham no calçadão e durante o fim de semana em parques), pode ser uma ótima saída para a vitalidade urbana. Podemos utilizar os bairros como potência, assim como o centro. Mas precisamos garantir o movimento de pessoas para que esses sistemas funcionem. Se cada vez os objetivos comerciais (ir até o centro comprar um livro, por exemplo) serão substituídos por comprar online, o centro precisará de outros atrativos para que mantenha economicamente viável. O comércio do tempo lento não é suficiente para gerar um movimento permanente de pessoas. Por isso é importante que industriais maiores, como o kalzone em Pelotas, também se instalem. Infelizmente, a brecha está na justaposição. Essa é a essência do centro.

Além das propriedades privadas, bons lugares públicos para estar são grandes atrativos urbanos. Esses lugares movimentam os tempos lentos e vice e versa. Assim, o desenho desses espaços precisa ser também lúdico, maleável, palpável e deslocável. É importante que a paisagem possa ser imaginada como um todo - o uso de texturas e revestimentos contínuos (que inclusive podem constar nos planos e leis públicas) é essencial para esse ponto. Calçamentos acessíveis, ordenados e sinalizados são essenciais para a limpeza visual do espaço. A diferenciação pode ficar a cargo dos próprios agentes e seus dispositivos e pode ser instigada pelo mobiliário bem desenhado.

Um mobiliário que possibilite diferentes posições de corpo como deitar, ficar, observar, dançar, transpassar, vender, jogar, ver, expor, comprar é essencial. Se temos uma série de ações sendo desenvolvidas em nossos espaços, não podemos apenas projetar suportes para caminhar, jogar lixo fora e sentar. Aliás, o desenho do mobiliário pode tangenciar uma não completude, um convite ao repensamento, à modificação, à invenção. Mobiliários que possam ser utilizados em diversos pontos pela cidade, e gerem um sistema de rodízio podem ser uma saída! E se nossos parques, praças, esplanadas, enseadas e calçadas estivessem sempre em movimento, com propostas diferentes de uso? Precisamos parar de conceber a cidade como um cenário que pode estar pronto. O projeto nunca termina - e ele pode se deslocar.

O desenho urbano precisa ser lúdico, não no sentido da representação – da comunicação, mas no sentido da experiência. Precisa ser maleável, palpável. Apropriável. O percurso, a calçada, o mobiliário podem tanger uma não completude, um convite ao repensamento, à modificação, à invenção. A incompletude incomoda, e mais, ela convida. Nesse sentido é necessário um movimento, que não é incitado pelo terminado, duro, precisamos de lugares públicos que ensinem a pensar.

É importante que algumas coisas mudem e despertem. Além de eventos, a instalação de luzes coloridas (como quando estamos perto do natal), de instalações artísticas, e de caixas de som também podem possibilitar o movimento na cidade. Além disso, temos o hábito do encontro pelo fogo, pelo churrasco. Por que não utilizamos isso também como dispositivo de atração para nossos espaços? Qual o melhor lugar para fazer uma festa do que na rua?

Embora seja essencial que algumas coisas se transformem, é ainda mais importante que muitas se mantenham, garantindo

uma espécie de boa expectativa. Trabalhar com a dinamicidade de uma cidade que é contemporânea, e que todo o tempo está em modificação e propor, por isso mesmo um urbanismo que acolha esse movimento é essencial para manter a vivacidade de todos os agentes imbricados nessa aglomeração. Mas como instituição, é inviável que a cidade se modifique o tempo todo. Por isso, ainda assim precisa ter sistemas de espaços fixos muito bem pensados e gerenciados.

É fundamental que nossos espaços públicos tenham paisagismo adequado, interessante, mas organizado, com bancos confortáveis e bem posicionados, mesas de jogos e de piquenique, espaços cobertos e sombreados, pistas de skate, quadras esportivas, pontos de água, sanitários, iluminação, lixeiras, arborização... Essa estrutura- que as vezes pode até flertar com o grande design como da empresa MMCité garantem um território minimamente organizado e confortável para os seres com tempo. São indispensáveis para aumentar o tempo de permanência dos agentes do acolhimento.

Aliás, o planejamento da cidade passa pela necessidade - cada vez maior - de projetarmos espaços abertos de lazer ativo e passivo em todos os bairros da cidade. Esses espaços serão essenciais para que tomemos sol, joguemos carta, pratiquemos exercícios físicos, levemos os animais para passear e encontremos outras pessoas. Serão essenciais para que nossas crianças e idosos se encontrem e convivam. Investir em grandes espaços para brincadeiras e atividades físicas, que permitam que nossos pequenos e mais velhos exercitem o corpo e a imaginação é desenhar a própria prerrogativa de uso do espaço.

Além das crianças, se cada vez mais os seres rápidos trabalharão dentro de suas próprias casas, sua experiência urbana se dará em lugares de lazer programados e não em deslocamentos cotidianos. Sairemos de casa para descansar

e assim como as crianças, quereremos novidades que a prática de cidade poderá proporcionar.

Fico pensando na audácia de procurar pequenas soluções que amparem os seres lentos frente à moeda mundial de troca: o dinheiro. Embora concorde que o acolhimento deveria ocorrer por outros motivos que não o capital, tenho encontrado dificuldades de pensar uma saída transformadora. Penso que enquanto seguirmos em uma estrutura capitalista, temos que garantir que aqueles que perecem tenham o mínimo de dignidade para agenciar o espaço e participar dos circuitos econômicos superiores.

Essa garantia é dada com a manutenção de espaços e fluxos que permitam e acolham sua existência. Sobretudo em tempos de mudanças dos modos de usar e viver as cidades, acelerados principalmente com as novas relações virtuais- não virtuais forçadas pela pandemia, pensar outros modos de usar e projetar os centros a partir de vínculos não estritamente comerciais é elementar para manutenção da vivacidade desses lugares - justamente para permitir que o pequeno comércio continue existindo e sustentando muitas famílias.

A lentidão não é só sobre a temporalidade e o uso do espaço, mas sobre o processo e o saber fazer e agir. Mais do que o produto ela é uma experiência que pode ser provocada.

SOBRE A EXPERIÊNCIA E OS ACONTECIMENTOS

Caminhei nas três cidades e pelas três ruas em cenários intensos e completamente diferentes. Comecei minhas perambulações por Montevideo, no mês de outubro, e lá, pude presenciar cenas de calor, frio, chuva e clima ameno. Embora tenha ficado pela cidade apenas uma semana, parece que pude presenciar as muitas variações que indicam que estamos

em uma geografia do sul. Mais do que o clima, fui convidada a tomar mate, comer tortas frias e bailar tango em plena praça central. Percorri as ruas de Montevideo de dia e de noite, como uma viajante determinada a esgotar a cidade. Entrei em patrimônios, visitei museus, comprei as comidas típicas e conversei com todos os tipos de pessoas, sempre querendo ouvir algo surpreendente. Me entranhei nas feiras e sempre que possível ri em espanhol, de tal modo, que ao final, ainda que brevemente, já me senti uma uruguaia convicta. Tive que voltar, mas queria ficar, mais. Queria me entranhar no tempo e vivenciar os inesgotáveis cenários da cidade organizadamente lenta.

Já em meu segundo destino, em uma ocasião completamente diferente, mas nem por isso menos importante, perambulei pelas ruas de Porto Alegre em dias quentes. Embora saiba e sinta o clima chuvoso e frio e o Sul proporciona, era verão e caminhei de peito aberto, me inclinando a ser uma viajante de fora, quase completamente estrangeira. E nos dias nublados e ensolarados, me perdi. Me perdi no meio de um cenário pandêmico e caótico, e até agora ainda não sei quando voltei a me encontrar. Em Porto Alegre percebi que o sol pode ser tão ríspido quanto a insegurança de usar roupas curtas em um cenário que pede pele. Embora tenha me envolvido com a intensidade que o pôr do sol vermelho proporciona, percebi que se nossas cidades não são feitas para o inverno, tampouco são feitas para o verão.

E assim, voltei para Pelotas, para então ir. E nos poucos dias que percorri a cidade que ousou chamar de minha há quase nove anos entreguei a atenção completa e o corpo vibrante, esperando os perversos e contínuos dias nublados e úmidos. Para minha descrença, Pelotas foi generosa e me proporcionou dias de sol e vida intensa na cidade, me lembrando que no inverno, o sol é o grande protagonista, e há sim, muito para ser feito fora de casa. Nas ruas já conhecidas,

fiz amigos e descobri histórias que os muitos livros que li jamais me contariam. Na rua, o tempo é lento. E tantas coisas só aconteceram, porque estive disposta.

Percebi que a estética do frio é também lenta e acompanha as variações que oportunizam quatro grandes mudanças durante o ciclo de um ano. A estética do frio presencia o verão abafado que joga a vida para a sombra e faz a vida urbana acontecer só em horários de sol ameno. Quando nos acostumamos com os dias longos e coloridos, o acompanhar das árvores que perdem suas folhas se preparando em permitir a passagem do sol nos dias frios incita uma mudança gradual, mas profunda. Os dias vão ficando mais rápidos e curtos, o fogo vai ficando convidativo e quando percebemos, há dias que parecem não amanhecer. Quando o inverno inflexível que encolhe a coluna e resguarda o corpo parece não acabar, o sol volta, e coloca a roupa no varal e o sorriso no rosto. Embora saibamos que vem chuva por aí, os dias mais longos convidam as flores a voltarem a colorir os cenários. Embora a gente saiba que é sempre bom levar um casaco, o corpo volta a ser coletivo outra vez. E o sol, volta a abafar os dias e a iluminar os encontros, que em breve serão vento e chuva e pedirão abrigo outra vez.

Na estética do frio, a translação é imprescindível, e por si só é acontecimento que merece acompanhamento. Mas mais do que isso ela é configurada pelos muitos modos de vivenciar e se encontrar na própria cidade. A translação manda nos encontros e corpos que pluralizam a vida urbana. Ela é o próprio acontecimento da vida urbana. O frio, e também o calor, que fazem cada lugar ser da forma que é.

Não bastasse isso, já imaginando uma grande fronteira de troca, fiz da estética do frio completo aconchego. Nas semelhanças das feiras, anotei as cores e invenções. Nas janelas de peitoril baixo, os acolhimentos, e nas ruas uma forma outra de produzir território. Embora em países e cidades

diferentes, de todos os modos sabia que estava no sul da América Latina, no meu lugar. Meu corpo sabe como caminhar aqui nas quatro estações do ano. Meu corpo sabe que em cada ciclo há diferença e imprevisibilidade.

A CAMINHOGRAFIA E SUAS POSSIBILIDADES

A caminhografia tem se mostrado uma ferramenta muito potente de deslocamento e aproximação pela e na cidade. Enquanto metodologia de experiência ela é essencial para deslocar as certezas e seguranças que temos sobre a cidade e demonstrar camadas não homogêneas que também incidem sobre a prática urbana. Embora não seja um método completo de compreensão e projeto de cidade, a caminhografia tem se mostrado essencial, porque marca o corpo a partir da imersão e conseqüentemente demonstra registros que não podem ser facilmente ignorados ou escanteados. Como uma prática do tempo lento, também pode desvelar os múltiplos agentes e dispositivos que compõem o espaço praticado.

A caminhografia pode ser utilizada em pedagogias da viagem por diferentes territórios e viajantes, e sempre será diferente. Esse processo de diferenciação a torna uma grande ferramenta de encontro com o outro e consigo mesmo. Assim, pode ser praticada e utilizada por projetistas, planejadores, mas também por crianças, turistas ou idosos que queiram vivenciar o cotidiano de maneira aprofundada. Como são poucas as prescrições, a caminhografia e as viagens podem durar algumas horas, dias ou até meses. As intensidades e resultados dependerão da atenção, intenção e disposição de quem as pratica.

Quando combinadas em pesquisas temáticas com dispositivos como cadernos de campo, fotografia ou mapas do acolhimento, por exemplo, indicarão situações contraditórias

complexas e nem sempre agradáveis. Esses dispositivos ajudam as caminhógrafas e caminhógrafos a dar vazão aos inesgotáveis e repetitivos acontecimentos que os rodeiam. As próprias anotações, mapas e fotografias ajudarão a fazer o corpo presente.

O caderno, por sua própria leveza e proximidade, apontará os significantes que a linguagem escrita e o desenho são capazes de argumentar. Por vezes terá limitações, incompreensões e letras borradas, e isso fará parte de seus registros. A fotografia - quando feita com o celular ou câmera digital, permitirá o registro de cenas e fragmentos que aguçam a memória e os sentidos, e ajudam a compor o ambiente de fato experienciado. A fotografia pode ganhar outra dimensão - ainda mais lenta, quando feita com câmeras profissionais ou analógicas, porque essas pedem um cuidado extra na captura dos cenários. Por fim os mapas do acolhimento são essenciais porque ajudam a organizar geograficamente a complexa rede de agentes que atuam na criação de sensações. Eles permitem a conexão clara entre arquitetura e prática do espaço.

Talvez uma boa forma de executar e registrar a caminhografia seja documentá-la em conteúdo audiovisual. Embora seja um processo que demande mais planejamento e tempo (antes e depois da viagem), penso ser uma brilhante forma de comunicar as subjetividades movimentadas durante um processo de pesquisa.

Por fim, é necessário registrar a importância, para um estudo como esse, de agenciar teoria e prática. A teoria possibilita uma visão para além do senso comum, que infere na prática em noções e apontamentos mais profundos e correlacionados. Embora a teoria obviamente não dê conta da complexidade real, ela nos ajuda a compreender as repetições e acontecimentos. Mas ela não é tudo. A teoria é completamente ampliada a partir da experiência e da arte.

A arte utiliza a linguagem disruptiva e significada que provoca o pensar e desloca as certezas. A arte é potente pois emana todos os sentidos e subjetividades que a rotina apressada inviabiliza. Por isso mesmo é necessário que a arte contemporânea que provoca a rapidez da vida encontre na própria passagem um lugar para estar, seja em experiência cotidianas ou em metodologias de pesquisas. A arte precisa estar, se sobrepondo e por vezes praticando conjuntamente a experiência. A arte contemporânea é em si a prerrogativa da experiência e do estar no mundo. Por isso é crítica, e essa crítica é urgente. A arte é um atalho para o bom encontro.

PRÓXIMOS PASSOS

Essa cartografia é um prelúdio. Há muitas outras forças que ainda não estão no mapa. Nas próximas viagens, procurarei intervir efetivamente nos territórios percorridos, estudando ainda mais os dispositivos e acontecimentos que podem acolher os agentes do tempo em diferentes cidades. Além disso, penso que a pesquisa poderá ganhar mais corpo se a metodologia for utilizada por diferentes, em destinos e durações de viagem múltiplos. Uma cartografia coletiva com planejadores, para-formais, estudantes e transeuntes, que permita que muitos corpos experimentem e digam sobre o centro das cidades a partir de uma estética lenta e do frio.

Como proposta extensiva, essas ideias podem virar cartilhas, zines e até lambes, que comuniquem um pouco sobre formas de cuidar das cidades e das pessoas que vivem do centro, ao sul do sul.



REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scritta, 1994.

AGAMBEM, Giorgio. O que é um dispositivo. In: *O que é contemporâneo? - e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009. p. 27–51.

ALLEMAND, Débora Souto.; ROCHA, Eduardo.; PINHO, Rafaela Barros de. Descobrimo a cidade “para-formal “: controvérsias e mediações no espaço público.V!RUS, São Carlos, n. 10, 2014. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus10/?sec=4&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 03 Ago. 2021.

SCHER, François. Las dos formas de compartir la calle. In: BORTHAGARAY, Andrés. (org.). ¡Ganar la calle! Compartir sin dividir. Buenos Aires: Infinito, 2009.

BARROS, Ietícia Maria Renault; BARROS, Maria elizabeth Barros de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. *Fractal, revista de psicologia*, Niteroi, v. 25, p. 373–390, 2013.

BONDÍA, Jorge Larossa, Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: *Revista Brasileira da Educação*, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: a caminhada como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CUNEGATTO, Thais. Etnografia na Rua da Praia: Um estudo antropológico sobre cotidiano, memória e formas de sociabilidade no centro urbano porto-alegrense. Dissertação (mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS. Porto Alegre, 2009.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: Michel Foucault. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155–161.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol. 4. São Paulo: editora 34, 1997 a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.1. 2. ed. São Paulo: editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.5. 1. ed. São Paulo: editora 34, 1997 b.

DERRIDA, Jacques. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, Jacques. Pensar em não ver. In: MICHAUD, Ginette; MASÓ, Joana; BASSAS, Javier; (org.). Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. p. 63–90.

DETONI, Luana Pava, Cidades pequenas: territórios de um devir menor na contemporaneidade. Dissertação (mestrado). Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Pelotas, 2018.

FARMAN, Jason. Mapping the digital empire: Google Earth and

the process of postmodern cartography. New Media & Society, [S. l.], v. 12, n. 6, p. 869–888, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444809350900>. Acesso em: 03 Ago. 2021

FERRAZ, Camila Benezath Rodrigues. Mapas Oficiais e Cartografias do Cotidiano: Tensionamento das Experiências no Espaço. São Paulo: FAU Mackenzie, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/cadernosarquitetura.v17n2p99-112>. Acesso em: 03 Ago. 2021.

FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson; VOGEL, Arno; Quando a rua virra casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 4 ed. ed. Rio de Janeiro: Eduff, 1980.

FERRY, Luc; RENAUT, Alain. Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Editora Ensaio, 1988.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. Viagens e Viajantes. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2010.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 137–162.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FUÃO, Fernando Freitas. A collage como trajetória amorosa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce; FUÃO, Fernando Freitas (org.). Derrida e Arquitetura. 1. ed. Rio de Janeiro: EDURJ, 2014 a.

FUÃO, Fernando Freitas. Esperrância: o lugar da espera e da errância. In: (Fernanda Bernardo, Org.) 2014b, Coimbra. Colóquio Internacional de Pós-Graduação em Desconstrução. Heranças e Promessas da Desconstrução. Coimbra: Fac. de Letras da Universidade de Coimbra, 2014.

FUÃO, Fernando Freitas. A collage como trajetória amorosa e o sentido de hospitalidade/acolhimento em derrida. Ensaios Filosóficos, Rio de Janeiro, v. IX, p. 74–102, 2014 c.

FUÃO, Fernando Freitas. Dois Mitos da hospitalidade. [s. l.], 2020. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2020/04/2-mitos-da-hospitalidade.html>. Acesso em: 20 Maio. 2021

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GOMES, Patrícia Argôllo. Fotografar: capturar a passagem. In: FONSECA, Tania Mara Galli et al. (org.). Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: [s. n.], 2012. p. 115–117.

GORELIK, Adrián. A produção da “cidade latino-americana”. Tempo Social, revista de sociologia da USP, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 111–133, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-20702005000100005>. Acesso em: 03 Ago. 2021

GUATTARI, Felix. Caosmose: um novo paradigma estético. 4º edição ed. São Paulo: editora 34, 1992.

JACOBS, Jane. Morte e vida das grandes cidades. 3 edição ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. ERRÂNCIAS URBANAS : a arte de andar pela cidade. Arqtexto, Porto Alegre, v. 7, p. 16–25, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. Arqtextos ano 08. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.093/165>. Acesso em: 03 Ago. 2021

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32–51.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76–91.

KIRST, Patrícia Beatriz Argôllo Gomes; FONSECA, Tania Mara Galli. A imagem digital como dispositivo de apropriação dos modos de subjetivação contemporâneos. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 2, p. 401–408, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000200019>. Acesso em: 03 Ago. 2021.

KOPPER, Moisés. DE CAMELÔS A LOJISTAS Etnografia da transição do mercado de rua para um shopping popular em Porto Alegre-RS. 196 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012.

KUBASKI, Francielle. As praças centrais de Porto Alegre como Composições Arquitetônicas: sobre o papel da arquitetura na construção dos espaços abertos. Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós

Graduação em Arquitetura da UFRGS. Porto Alegre, 2018.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (org.). *Objetos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Afrontamento, 2007. p. 40–61.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadindade*. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo.

MARASCHIN, Cleci; RANIERE, Édio. Bricolar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci (org.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 39–42.

MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington (org.). *Atlas Ambulante*. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2011.

MITTMANN, Daniel. *O sujeito pixador: tensões acerca da prática da pichação paulista*. 2012. 124 f. Dissertação (mestrado) - Instituto de Biociências de Rio Claro - Universidade Estadual Paulista. Rio Claro. 2012.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado (org.). *Para navegar no século XXI/21: tecnologias do imaginário e cibercultura*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs,

2003. p. 13–36.

NUNES, Brasilmar ferreira. *Notas sobre sociedades metropolitanas na era global*. Cadernos PPGAUFBA, Salvador, p. 1–120, 2007.

OLIC, Maurício Bacic. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate. *CAMPOS - Revista de Antropologia Social*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 75–95, 2014. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/campos/article/view/43208>. Acesso em: 03 Ago. 2021.

PAESE, Celma. *Contramapas de acolhimento*. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Arquitetura – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2016.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17–31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia;; TEDESCO, Silvia Helena (org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 203–237.

PEREC, Georges. *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: G. Gili, 2016.

PETER, ANDRÉ PINHO. *O papel do comércio na produção da centralidade em Pelotas - RS*. Dissertação (mestrado). Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Programa de

pós Graduação em Geografia da FURG. Rio Grande, 2010.

PINHO, Rafaela Barros de. FEIRA DAS PULGAS: Cartografia da cidade na contemporaneidade. Dissertação (mestrado). Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Pelotas, 2017.

RAMIL, Vitor. A estética do frio, conferência de Genebra. 1. ed. Pelotas: Satolep Livros, 2004.

RESENDE, Lorena Maia. Cartografia urbana na linha de fronteira: travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Pelotas, 2019.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Corpo e imagem: alguns enredamentos urbanos. Cadernos PPGAU UFBA, Salvador, v. 5, p. 105–117, 2007.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas: crônicas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. In: Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. p. 21–46.

ROCHA, Eduardo. et al. Cross-Cult: Desenho Urbano/Urban Design – Pelotas/RS e Oxford/UK. 1. ed. Pelotas: UFPel, 2016.

ROCHA, Eduardo.; MACHADO, Valentina. Caminhar em Roma: A experiência de inscrever-se no selvático da cidade. Pelotas: Revista Paralelo 31, v. 13, 2019 p. 08–25.

ROCHA, Eduardo. Cartografias Urbanas. Revista Projectare,

Pelotas, p. 162–173, 2008.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Editora Brasiliense – Série Primeiros Passos, 1988.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação liberdade, 1989.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. A cidade como um jogo de cartas. Niterói: EDUFF, 1988.

SANTOS, Milton. Técnica Espaço Tempo. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. 4 ed. 1 re ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. Elogio da lentidão. São Paulo: Folha de São Paulo, 11 de março de 2001.

SANTOS, Milton. Da totalidade do Lugar. São Paulo: EDUSP, 2005.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edus, 2006.

SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SARLO, Beatriz. A cidade vista: mercadorias e cultura urbana. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SPINOZA, Benedictus. Ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. v. 1.

TREVISAN, Ricardo. Pensar por atlas. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). Nebulosas

do Pensamento Urbanístico: tomo I – Modos de Pensar. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 47–69.

WHITROW, Gerald James. O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias. Editora Za ed. Rio de Janeiro: 1993.

ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze. Rio De Janeiro: Relume Dumará, 2004.

